3.ª edição

CLUBE DUMAS

ARTURO PÉREZ-REVERTE

O LIVRO DO FILME A NONA PORTA
DE ROMAN POLANSKI



DOM QUIXOTE
[FICÇÃO UNIVERSAL]

O CLUBE DUMAS
Arturo Pérez-Reverte

FICÇÃO UNIVERSAL
Obras editadas pelas Publicações Dom Quixote:
A TÁBUA DE FLANDRES
O CLUBE DUMAS

Capa:
Foto do filme A Nona Porta de Roman Polansky

O CLUBE DUMAS

Pode um livro ser investigado policialmente como se se tratasse de um crime, utilizando as suas páginas, papel, gravuras e característica de impressão como pistas, num apaixonante percurso de três séculos?
Lucas Corso, mercenário da bibliografia, caçador de livros por conta de outrem, tem de encontrar resposta para essa pergunta quando recebe uma dupla de clientes seus: autentificar um manuscrito de Os Três Mosqueteiros e decifrar o mistério de um estranho livro, queimado em 1667 juntamente com o homem que o imprimiu. A investigação arrasta Corso - e com ele, irremediavelmente o leitor - para uma perigosa busca que o levará dos arquivos do Santo Ofício aos livros condenados, das poeirentas estantes dos alfarrabistas às mais selectas bibliotecas internacionais.
O Clube Dumas, grande êxito em Espanha entre o público e a crítica, vem confirmar o excepcional talento de Arturo Pérez-Reverte para construir tramas romanescas e consolidar uma brilhante carreira literária.

Arturo Pérez-Reverte (Cartagena, 1951) pertence simultaneamente ao mundo do jornalismo e ao da literatura. Como repórter de imprensa, rádio e televisão viveu a maior parte dos conflitos internacionais das últimas décadas. Como escritor, depois de El húsar (1986) e O Mestre de Esgrima (1988), viu coroada a sua carreira com o romance
A Tábua de Flandres (1990), traduzido e editado em vários países, inclusive pelas Publicações Dom Quixote, e foi adaptado ao cinema por Jim Macbridge. O Clube Dumas editado agora nesta mesma colecção, foi também adaptado ao cinema pelo realizador Roman Polanski.

O CLUBE DUMAS
Arturo Pérez-Reverte

O CLUBE DUMAS
OU A SOMBRA DE RICHELIEU

Tradução de Maria do Carmo Abreu
PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

Biblioteca Nacional - Catalogação na publicação
Pérez-Reverte, Arturo
O Clube Dumas ou a sombra de Richelieu - 2ª ed.
(Ficção universal; 219)
ISBN 972-20-1748-9

CDU821.134.2-31"19"
Publicações Dom Quixote, Lda.
Av. Cintura do Porto
Urbanização da Matinha, Lote A - 2º C
1900-649 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor
© 1993, Arturo Pérez-Reverte
© 2000, Publicações Dom Quixote

Título original: El Club Dumas

A tradução desta obra foi efectuada com o apoio da Dirección General del Libro y Bibliotecas do Ministério da Cultura de Espanha

1ª edição: Abril de 1995
2ª edição: Março de 2000

Depósito legal nº 146687/00

Impressão e acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos
ISBN: 972-20-1748-9

A Cala, que me colocou no campo de batalha

O foco de luz projectou a silhueta do enforcado na parede. Pendia de um candeeiro no centro do salão, imóvel, e a medida que o fotógrafo se movia em seu redor, disparando a máquina, a sombra provocada pelo flash recortava-se sucessivamente sobre quadros, vitrinas com porcelanas, estantes com livros, cortinados abertos de grandes janelas por trás das quais a chuva caía.
O juiz instrutor era jovem. Tinha o cabelo ralo, revolto e ainda molhado, tal como a gabardina que conservava sobre os ombros enquanto ia ditando as diligências ao secretário que escrevia sentado no sofá, com a máquina portátil em cima de uma cadeira. O bater das teclas pontuava a voz monótona do juiz e os comentários em voz baixa dos polícias que andavam de um lado para outro no compartimento:
- ... Em pijama, com um robe por cima. O cordão deste causou a morte por enforcamento. O cadáver tem as mãos atadas a frente do corpo com uma gravata. O pé esquerdo conserva calçada uma chinela e o outro está descalço...
O juiz tocou no pé calçado do morto e o corpo girou um pouco, lentamente, na extremidade do tenso cordão de seda que ligava o seu pescoço ao suporte do candeeiro no tecto. O movimento foi da esquerda para a direita e depois em sentido inverso e com um percurso mais curto até ficar de novo na posição original, como uma agulha magnética que reencontrasse o Norte depois de breve oscilação. Ao afastar-se, o juiz teve de se desviar de um polícia uniformizado que, por baixo do cadáver, procurava impressões digitais. Havia um jarrão partido no chão e um livro aberto com uma página sublinhada a lápis vermelho. O livro era um velho exemplar de O Visconde de Bragelonne, uma edição barata encadernada em pano. Inclinando-se por cima do ombro do agente, o juiz deitou uma vista de olhos ao texto assinalado:
"-Venderam-me - murmurou. - Tudo se sabe!
- Tudo se acaba por saber - replicou Porthos, que nada sabia."
Mandou o secretário tomar nota daquilo, ordenou que o livro fosse incluído no inventário e foi ter com um homem alto que fumava junto ao peitoril de uma janela aberta.
- O que achas? - perguntou ao chegar junto dele.
O homem alto tinha a chapa de polícia presa num bolso do blusão de cabedal. Demorou a responder o tempo necessário para aspirar o fumo da beata que tinha entre os dedos, antes de a atirar pela janela sem olhar para trás.
- Quando é branco e vem engarrafado, costuma ser leite - respondeu finalmente, enigmático mas não o suficiente para não fazer o juiz esboçar um sorriso; ao contrário do polícia, olhava a rua onde a chuva continuava a cair com intensidade. Alguém abriu uma porta do outro lado do compartimento, e a lufada de ar atirou-lhe gotas de água de encontro ao rosto.

- Fechem essa porta - ordenou sem se voltar. Depois falou, dirigindo-se ao polícia:
- Há homicídios que se disfarçam de suicídios.
- E vice-versa - retorquiu tranquilamente o outro. '•"
- O que achas das mãos e da gravata?
- As vezes têm medo de se arrepender à última hora... De outra forma, tê-las-ia atadas atrás.
- Isso não modifica as coisas - replicou o juiz. - O cordão é fino e resistente. Uma vez perdido o apoio, nem com as mãos livres tinha a mínima hipótese.
- Tudo é possível. Saberemos mais alguma coisa com a autópsia. O juiz voltou a lançar outro olhar ao cadáver. O agente das impressões digitais levantava-se com o livro nas mãos.
- Esta página é curiosa.
O polícia alto encolheu os ombros.
- Eu leio pouco - disse - mas o tal Portbos era um desses tais, não é verdade?... Athos, Porthos, Aramis e d'Artagnan - ia contando com o polegar sobre os dedos da mão e, quando acabou, deteve-se, pensativo. - Tem piada. Sempre perguntei a mim mesmo porque lhes chamavam os três mosqueteiros se, na realidade, eram quatro.

I.

O VINHO DE ANJOU

O leitor deve preparar-se para assistir às mais sinistras cenas.
(E. Sue. Os Mistérios de Paris)

Chamo-me Boris Balkan e, há anos, traduzi A Cartuxa de Parma. Além disso, as críticas e recensões que escrevo saem em suplementos e revistas de meia Europa, organizo nas universidades cursos de Verão sobre escritores contemporâneos e tenho alguns livros publicados sobre o romance popular do século XIX. Nada de espectacular, receio bem; sobretudo nestes tempos em que os suicídios se disfarçam de homicídios, os romances são escritos pelo médico de Roger Ackroyd e demasiadas pessoas se empenham em publicar duzentas páginas sobre as apaixonantes vivências que experimentam quando se olham ao espelho.
Mas cinjamo-nos à história.
Conheci Lucas Corso quando me veio visitar com O Vinho de Anjou debaixo do braço. Corso era um mercenário da bibliofilia, um caçador de livros por conta alheia. Isso inclui as mãos sujas e o verbo fácil, bons reflexos, paciência e muita sorte. Também uma memória prodigiosa, capaz de se lembrar em que recanto poeirento de um alfarrabista dorme esse exemplar pelo qual pagam uma fortuna. A sua clientela era selecta e reduzida: uma vintena de livreiros de Milão, Paris,, Londres, Barcelona ou Lausana, daqueles que apenas vendem por catálogo, investem pelo seguro e nunca movimentam mais de meia centena de títulos de cada vez; aristocratas dos incunábulos para quem pergaminho em vez de vitela, ou três centímetros a mais na margem da página representam milhares de dólares. Chacais de Gutenberg, piranhas das feiras de antiguidades, sanguessugas de leilões, são capazes de vender a mãe por uma edição príncipe mas recebem os clientes em salões com sofás de couro e vista sobre o Duomo ou sobre o lago Constança e nunca sujam as mãos nem a consciência. Para isso, lá estão os tipos como Corso.
Tirou do ombro a bolsa de lona e poisou-a no chão, ao lado dos sapatos Oxford mal engraxados, antes de se deter a olhar o retrato emoldurado de Rafael Sabatini que tenho sobre a secretária, junto da caneta que utilizo para corrigir artigos e provas de imprensa. Aquilo agradou-me, pois as visitas costumam dedicar-lhe pouca atenção: tomam-no por qualquer velho parente. Observava a sua reacção e verifiquei que tinha um meio-sorriso ao sentar-se: uma expressão

juvenil, de coelho surgindo ao fundo da rua; uma expressão dessas que conquistam de imediato a benevolência incondicional do público em qualquer filme de desenhos animados. Com o tempo, vim a saber que também era capaz de sorrir como um lobo impiedoso e famélico e que podia arvorar uma expressão ou outra conforme as circunstâncias o exigiam; mas isso foi muito mais tarde. Naquele momento, era convincente e portanto resolvi arriscar um santo-e-senha:
- Nasceu com o dom do riso - citei, apontando o retrato - ... e com a sensação de que o mundo estava louco...
Vi-o mover lentamente a cabeça, com um gesto lento e afirmativo, e senti por ele uma simpatia cúmplice que ainda conservo, apesar de tudo o que depois aconteceu. Retirara não sei de onde, ocultando o maço, um cigarro sem filtro tão enrugado como o seu velho sobretudo e as calças de bombazina. Dava-lhe voltas entre os dedos, observando-me através dos óculos de tortos aros metálicos empoleirados no nariz, com o cabelo, já um pouco encanecido, despenteado sobre a testa. Mantinha a outra mão como se empunhasse uma pistola oculta num dos bolsos: fossos enormes e deformados por livros, catálogos, papéis e - também só mais tarde o soube - um frasco com gin Bois.
- ... E esse foi todo o seu património - completou sem dificuldade a citação, antes de se acomodar na poltrona e sorrir outra vez. - Embora, se quiser ser sincero, prefira O Capitão Blood.
Levantei a caneta para o admoestar, severo.
- Faz mal. Scaramouche é para Sabatini o que Os Três Mosqueteiros é para Dumas. - Fiz um breve gesto de homenagem na direcção do retrato. - Nasceu com o dom do riso... Não há na história dos folhetins de aventuras duas primeiras linhas que se possam comparar a estas.
- Talvez tenha razão - concedeu depois de uma aparente reflexão, e colocou então o manuscrito em cima da mesa, com a sua capa protectora e uma bolsa de plástico por cada folha. - E é uma coincidência que tenha mencionado Dumas.
Empurrou a capa para mim, abrindo-a de forma que eu pudesse ler o seu conteúdo. Todas as folhas estavam escritas em francês apenas de um dos lados e havia duas espécies de papel: um branco, já amarelecido pelo tempo, e outro azul-pálido com um fino quadriculado, também envelhecido pelos anos. A cada cor correspondia uma caligrafia diferente, embora a do papel azul - traçada com tinta preta - aparecesse nas folhas brancas sob a forma de anotações posteriores à redacção original, cuja caligrafia era mais pequena e pontiaguda. Havia quinze folhas no total e onze eram azuis.
- Curioso. - Fitei Corso; observava-me com um olhar tranquilo que saltava de mim para a capa e da capa para mim. - Onde encontrou isto?
Coçou uma sobrancelha, calculando sem dúvida até que ponto a informação que

me ia pedir o obrigava a corresponder com esse tipo de pormenores. O resultado foi uma terceira expressão, desta vez de coelho inocente. Corso era um profissional.
- Por aí. Um cliente de um cliente. , - Compreendo.
Fez uma pequena pausa, cauteloso. Além de precaução e reserva, cautela significa astúcia. E isso sabíamos ambos.
- Claro - acrescentou - que lhe referirei nomes, se mos pedir.
Respondi que não era necessário e isso pareceu tranquilizá-lo. Ajeitou os óculos com um dedo antes de pedir a minha opinião sobre aquilo que tinha nas mãos. Sem responder de imediato, passei as páginas do manuscrito até chegar à primeira. O cabeçalho estava em maiúsculas, com traços mais grossos: O VINHO DE ANJOU.
Li em voz alta as primeiras linhas:
Après de nouvelles presque désespérées du roi, le bruit de sa convalescence commençait a se répandre dans le camp...
Não pude evitar um sorriso. Corso fez uma expressão de aquiescência, convidando-me a pronunciar o meu veredicto.
- Sem sombra de dúvida - afirmei - , isto é de Alexandre Dumas, pai. O Vinho de Anjou: capítulo quarenta e tal, creio recordar, de Os Três Mosqueteiros.
- Quarenta e dois - confirmou Corso. - Capítulo quarenta e dois.
- É o original?... O autêntico manuscrito de Dumas?
- É por isso que aqui estou. Para que mo diga.
Encolhi ligeiramente os ombros a fim de descartar uma responsabilidade que me parecia excessiva.
- Por quê eu?
Era uma pergunta estúpida, daquelas que apenas servem para ganhar tempo. Deve ter parecido a Corso falsa modéstia, pois reprimiu um trejeito de impaciência.
- O senhor é um perito - respondeu, um tanto secamente. - E, além de ser o crítico literário mais influente deste país, sabe tudo sobre o romance popular do século XIX.
- Esquece Stendhal.
- Não esqueço. Li a sua tradução de A Cartuxa de Parma.
- Ora, ora. Lisonjeia-me.
- Está enganado. Prefiro a de Consuelo Berges.
Sorrimos ambos. Continuava a ser-me simpático e começava a perceber o seu estilo.
- Conhece os meus livros? - arrisquei.
- Alguns. Lupin, Raffles, Rocambole, Holmes, por exemplo. Ou os estudos sobre

Valle-Inclán, Baroja e Galdós. Também conheço Dumas: a Marca de Um Gigante. E o seu ensaio sobre O Conde de Monte cristo.
- Leu esses livros todos?
- Não. O facto de trabalhar com livros não significa que seja obrigado a lê-los. :
Mentia. Ou, pelo menos, exagerava o aspecto negativo da questão. Aquele indivíduo pertencia ao género consciencioso: antes de vir ter comigo, dera uma vista de olhos a tudo o que de mim conseguira encontrar. Era um desses leitores compulsivos que devoram papel impresso desde a mais doce infância, isto no caso - pouco provável - de algum momento da infância de Corso merecer a qualificação de doce.
- Compreendo - respondi, para dizer qualquer coisa. Franziu momentaneamente as sobrancelhas, verificando se se esquecia de alguma coisa, e depois tirou os óculos e começou a limpá-los com um lenço muito amarrotado que extraiu de um dos insondáveis bolsos do sobretudo. Sob a falsa aparência de fragilidade que lhe dava aquela vestimenta demasiado grande, com os seus incisivos de roedor e o ar sereno, Corso era sólido como um gatuno obstinado. Tinha umas feições esguias e bem desenhadas, cheias de ângulos, emoldurando uns olhos atentos, sempre dispostos a exprimir uma ingenuidade perigosa para quem se deixasse seduzir por ela. As vezes, principalmente quando estava quieto, dava a impressão de ser mais desajeitado e lento do que era na realidade. Pertencia àquela espécie de tipos desamparados a quem os homens oferecem cigarros, os empregados de bar convidam para um copo extra e as mulheres sentem desejos de adoptar de imediato. Depois, quando se apercebiam do que se estava a passar, era demasiado tarde para lhe deitarem a luva. Galopava à distância, acrescentando mais uma marca na sua navalha.
- Voltemos a Dumas - sugeriu, apontando com os óculos o manuscrito. - Uma pessoa capaz de escrever quinhentas páginas acerca dele deveria reconhecer um ar familiar perante os seus originais... Não acha?
Coloquei uma mão sobre as páginas protegidas com bolsas de plástico com a mesma unção que um sacerdote teria em relação aos apetrechos do seu ofício.
- Temo decepcioná-lo, mas não sinto nada.
Desatámos os dois a rir. Corso tinha um riso peculiar, quase entre dentes: o riso de quem não tem a certeza de que o seu interlocutor e ele riam da mesma coisa; um riso torcido e distante, com algo de insolência pelo meio, desses que ficam a flutuar no ar durante muito tempo até que se desvaneçam. Inclusivamente depois de o seu proprietário já se ter ido embora há um bocado.
- Vamos por partes - precisei. - O manuscrito é seu?
- Já lhe disse que não. Um cliente acaba de adquiri-lo, e surpreende-o que até agora ninguém tenha ouvido falar deste capítulo original e completo de Os Três

Mosqueteiros... Deseja uma autentificação em regra e eu trabalho nisso.
- Admira-me que se ocupe de coisas menores. - Era um facto que eu também tinha ouvido falar de Corso antes. - Afinal de contas, Dumas hoje em dia...
Deixei a frase no ar, sorrindo de forma adequada, com uma amargura cúmplice; mas Corso não aceitou a oferta e manteve-se na defensiva:
- O meu cliente é um amigo - precisou em tom neutro. - Trata-se de um trabalho pessoal.
- Compreendo, mas não sei se lhe vou ser útil. Vi alguns originais e este poderia ser autêntico, mas certificá-lo é outra coisa. Para isso precisa de um bom grafólogo... Conheço um excelente em Paris: Achille Replinger. Tem uma biblioteca especializada em autógrafos e documentos históricos perto de Saint Germain des Près... É um perito em autores franceses do século XIX, homem encantador e um bom amigo meu. - Apontei um dos quadros pendurados na parede. - Essa carta de Balzac vendeu-ma ele há anos. Por acaso, caríssima.
Peguei na agenda para lhe copiar a direcção e juntei um cartão de visita para Corso. Guardou-o numa carteira velha cheia de notas e papéis, antes de extrair do sobretudo um bloco e um lápis dos que têm uma borracha na extremidade. A borracha estava roída como a de um miúdo de escola.
- Posso fazer-lhe umas perguntas?
- Claro que sim.
- Tinha conhecimento da existência de algum capítulo autógrafo completo de Os Três Mosqueteiros?
Neguei com a cabeça antes de responder, enquanto repunha a tampa na Montblanc.
- Não. Essa obra apareceu em fascículos em Le Siècle, entre Março e Julho de 1844... Uma vez composto o texto por um tipógrafo, o original manuscrito ia para o cesto dos papéis. No entanto, ficaram alguns fragmentos; pode consultá-los num apêndice da edição Garnier de 1968.
- Quatro meses é pouco. - Corso mordia a extremidade do lápis, pensativo. - Dumas escreveu rapidamente.
- Nessa época todos o faziam. Stendhal concluiu a sua Cartuxa em sete semanas. Dumas utilizava colaboradores: negros, na gíria do ofício. O de Os Mosqueteiros chamou-se Auguste Maquet... Trabalharam juntos na continuação, Vinte Anos depois, e em O Visconde de Bragelonne, que completa o ciclo. Continuaram em O Conde de Montecristo e outros romances... Com certeza que esses leu.
- Claro. Como toda a gente.
- Como toda a gente noutros tempos, quererá dizer. - Folheei com respeito as páginas do manuscrito. - Longe vai a época em que um original de Dumas multiplicava as tiragens e enriquecia os editores. Quase todos os seus romances

foram publicados, assim, em fascículos, com o continua no próximo número no fundo da página, e o público ficava com a alma suspensa até ao capítulo seguinte... Mas você já sabe isso tudo.
- Não se preocupe. Continue.
- Que mais quer que lhe diga? No folhetim tradicional, a chave do êxito é simples: o herói e a heroína têm características que obrigam o leitor a identificar-se com eles... Se isso sucede hoje com as telenovelas, imagine-se o efeito naquela época, sem rádio nem televisão, sobre uma burguesia ávida de surpresas e entretenimentos, pouco exigente no que diz respeito à qualidade formal ou ao bom gosto... Assim o compreendeu o génio de Dumas e, com sábia alquimia, fabricou um produto de laboratório: umas gotas disto, um pouco daquilo e o seu talento. Resultado: uma droga que criava adeptos. - Apontei para o meu peito, não sem orgulho. - Que ainda os cria.
Corso ia tomando notas. Exigente, despreocupado e letal como uma mamba negra, defini-lo-ia mais tarde um dos seus conhecidos quando o seu nome veio à baila. Tinha uma forma singular de se posicionar em relação às outras pessoas, de olhar através dos óculos torcidos e de concordar lentamente, com uma certa falta de convicção razoável e bem-intencionada, como uma rameira a ouvir, tolerante, um soneto sobre Cupido. Como se desse oportunidade de rectificar algo, antes que tudo aquilo fosse definitivo.
Passados uns momentos, deteve-se e ergueu a cabeça.
- Mas o senhor não limita o seu trabalho ao romance popular. É um crítico conhecido por outras actividades... - pareceu hesitar, .. procurando o termo - ... mais sérias. E o próprio Dumas definia as suas obras como literatura fácil... Isso soa a desdém para com o público.
Aquela finta situava bem o meu interlocutor; era uma das suas assinaturas, como a sota de Rocambole no local da acção. Colocava as coisas de longe, aparentemente sem tomar partido, mas provocando com pequenos golpes de guerrilha. Quem se irrita fala, esgrime argumentos e justificações, o que equivale a mais informação para o adversário. Mesmo assim, ou talvez por isso, por não ter nascido ontem e compreender a táctica de Corso, senti-me irritado:
- Não caia em lugares-comuns - respondi, impaciente. - O folhetim produziu muito papel para deitar fora, mas Dumas estava muito acima disso... Em literatura, o tempo é um naufrágio em que Deus reconhece os seus; desafio-o a que cite heróis de ficção que sobrevivam com a saúde de d'Artagnan e dos seus companheiros, excepto, talvez, o Sherlock Holmes de Conan Doyle... O ciclo de Os Mosqueteiros constitui um romance de capa e espada inegavelmente folhetinesco; nele encontrará todos os pecados próprios da sua classe. Mas é também um folhetim ilustre, muito além dos níveis habituais do género. Uma

história de amizade e aventuras que permanece fresca apesar da modificação dos gostos e do estúpido descrédito em que caiu a acção. Parece que, desde Joyce, temos de resignar-nos a Molly Bloom e renunciar a Nausícaa depois do naufrágio, numa praia... Nunca leu o meu opúsculo Sexta-Feira ou a Agulha de Marear? Se é preciso um Ulisses, fico com o de Homero.
Aumentei um pouco o tom ao chegar a este ponto, observando a reacção de Corso. Esboçava um meio-sorriso sem nada dizer, mas eu recordava a expressão dos seus olhos quando citei Scaramouche e sentia-me no bom caminho.
- Sei ao que se refere - acabou por dizer. - As suas opiniões são conhecidas e polémicas, Senhor Balkan.
- As minhas opiniões são conhecidas porque fiz o possível para que o fossem. E quanto a desprezar o público, como dizia há momentos, talvez não saiba que o autor de Os Três Mosqueteiros se bateu na rua durante as revoluções de 1830 e 1848 e forneceu armas a Garibaldi, pagando-as do seu bolso... Não esqueça que o pai de Dumas era um conhecido general republicano... Aquele homem transpirava amor ao povo e à liberdade.
- Embora o seu respeito pelo rigor dos factos fosse relativo.
- Isso não tem importância de maior. Sabe o que respondia aos que o acusavam de violar a História? "É verdade que a violo, mas faço-lhe lindos filhos".
Poisei a caneta em cima da mesa e ergui-me, aproximando-me das vitrinas cheias de livros que cobrem as paredes do meu escritório. Abri uma para tirar um volume encadernado em pele escura.
- Como todos os grandes efabuladores - acrescentei - , Dumas era um embusteiro... A condessa Dash, que o conheceu bem, diz nas suas memórias que lhe bastava contar uma anedota apócrifa para que essa mentira fosse considerada histórica... Repare no cardeal Richelieu: foi o maior homem do seu tempo, mas depois de passar pelas enganosas mãos de Dumas, a sua imagem chega até nós deformada e sinistra, com o perfil de um vilão... - Voltei-me para Corso com o livro nas mãos. - Conhece isto? Foi escrito por Gatien de Courtilz de Sandras, um mosqueteiro que viveu nos fins do século XVII. São as memórias de Artagnan, o autêntico: Charles de Batz-Castelmore, conde de Artagnan. Um gascão nascido em 1615 que, com efeito, foi mosqueteiro embora não tivesse vivido na época de Richelieu mas sim na de Mazarino. Morreu em 1673 durante o cerco de Maestrich quando, tal como o seu homónimo de ficção, ia receber o bastão de marechal. Como vê, as violações de Alexandre Dumas originaram filhos lindos... O génio do romancista transformou o obscuro gascão de carne e osso, cujo nome a História tinha esquecido, num gigante lendário.
Corso continuava sentado, ouvindo. Passei-lhe o livro para as mãos e folheou-o com interesse e cuidado. Passava lentamente as páginas, mal lhes roçando com a

ponta dos dedos, tocando apenas na orla de cada folha. De vez em quando detinha-se num nome ou num capítulo. Por trás dos vidros dos óculos, os seus olhos funcionavam, seguros e rápidos. Em dado momento deteve-se para anotar dados no bloco: "Memoires de M. d'Artagnan, G. de Courtilz, 1704, P. Rouge, 4 volumes in-12, 4ª edição". Depois fechou o livro para me lançar um longo olhar.
- O senhor o disse: era um embusteiro.
- Sim - concedi, sentando-me de novo. - Mas genial. Onde outros se teriam limitado a plagiar, ele construiu um mundo romanesco que ainda hoje se mantém... "O homem não rouba, conquista", repetia com frequência. "Faz de cada província que toma um anexo do seu império: impõe-lhe as suas leis, povoa-a de temas e de personagens, estende sobre ela o seu espectro..." Que outra coisa é a criação literária? No caso dele, a história de França forneceu o filão. O truque era extraordinário: respeitar a moldura e alterar o quadro, saquear sem escrúpulos o tesouro que se lhe oferecia... Dumas transforma os personagens principais em secundários, os que foram humildes comparsas tornam-se protagonistas, e enche páginas com incidentes que na crónica real ocupam duas linhas. Nunca existiu o pacto de amizade entre d'Artagnan e os seus companheiros, particularmente porque alguns nem sequer se conheceram entre si... Aramis foi Henri de Aramitz, escudeiro, abade laico na senescalia de Oloron, alistado em 1640 nos mosqueteiros comandados pelo seu tio. Acabou retirado nas suas terras, com mulher e quatro filhos. Quanto a Porthos...
- Não me diga que também houve um Porthos.
- Houve. Chamou-se Isaac de Portau e deve ter conhecido Aramis, ou Aramitz, porque entrou para os mosqueteiros três anos depois dele, em 1643. Segundo as crónicas, morreu prematuramente: doença, guerra ou um duelo, como Athos.
Corso tamborilou com os dedos sobre as Memórias de d'Artagnan e abanou um pouco a cabeça. Sorria.
- Daqui a bocado vai dizer-me que também existiu uma Milady...
- Exacto. Mas não se chamava Anne de Brieul nem foi duquesa de Winter. Também não tinha uma flor-de-lis no ombro, embora fosse agente de Richelieu. Chamava-se condessa de Carlille e, com efeito, roubou num baile os pingentes de diamantes ao duque de Buckhingam. Não me olhe com essa cara. La Rochefoucauld conta-o nas suas memórias. E La Rochefoucauld era um homem muito sério.
Corso observava-me fixamente. Não parecia dos que se admiram com facilidade, e muito menos em questões de livros, mas mostrava-se impressionado. Depois, quando o conheci melhor, cheguei a perguntar a mim mesmo se a admiração era sincera ou apenas uma das suas retorcidas argúcias profissionais. Agora, que tudo terminou, creio ter incerteza: eu era uma fonte mais de informações e Corso

ia dando fio ao papagaio.
- Tudo isto é muito interessante - disse.
- Se for a Paris, Replinger poderá contar-lhe muito mais do que eu. - Olhei para o original em cima da mesa. - Embora não saiba se compensará a despesa de uma viagem... Quanto pode valer esse capítulo no mercado?
Mordeu de novo a extremidade do lápis com uma expressão céptica.
- Não muito. Na realidade, vou por causa de outro assunto. Sorri com uma tristeza cúmplice. Entre os meus escassos bens encontra-se um Quijote de Ibarra e um Wolkswagen. Como é óbvio, o automóvel custou-me mais do que o livro.
- Sei a que se refere - disse, em tom solidário.
Corso arvorou uma expressão que podia ser interpretada como de resignação. Os seus incisivos de roedor assomavam num trejeito azedo:
- Até que os Japoneses se fartem de Van Gogh e de Picasso - comentou - e passem a investir tudo em livros raros.
Recostei-me na cadeira, escandalizado.
- Que Deus nos valha quando isso acontecer.
- Fale por si. - Olhava-me com ar indolente através dos óculos torcidos. - Eu penso encher-me, Senhor Balkan.
Guardou o bloco no bolso do sobretudo ao mesmo tempo que se levantava, pendurando ao ombro a bolsa de lona. Não pude deixar de apreciar o seu aspecto equivocamente sereno, com aqueles óculos de aros de metal sempre instáveis sobre o nariz. Mais tarde soube que vivia só, entre livros próprios e alheios, e além de caçador de aluguer era perito em jogos de simulação napoleónicos, capaz de reproduzir de memória, sobre um tabuleiro, a ordem de batalha exacta na véspera de Waterloo: uma história familiar, um tanto estranha, que só muito mais tarde consegui conhecer em pormenor. Devo admitir que, evocado assim, Corso parece desprovido do mínimo atractivo. E, no entanto, mantendo-me fiel ao rigor com que narro esta história, devo admitir que, com a sua desajeitada aparência, precisamente devido aquela lentidão que podia ser - ignoro como o conseguia - cáustica e desamparada, ingénua e agressiva ao mesmo tempo, possuía aquilo que as mulheres chamam um quê e os homens simpatia. Sentimento positivo que se esfuma quando apalpamos o bolso e verificamos que acabam de nos roubar a carteira.
Corso pegou no manuscrito e acompanhei-o até à porta. Parou para me apertar a mão no vestíbulo, onde os retratos de Stendhal, Conrad e Valle-Inclán observam carrancudos a atroz litografia que o conjunto dos vizinhos, com o meu único voto contra, decidiu pendurar há alguns meses no patamar da escada.
Só então tive coragem para lhe fazer a pergunta:
- Confesso que sinto curiosidade em saber onde encontraram isso.

Deteve-se, indeciso, antes de responder. Analisava com certeza os prós e os contras. Mas eu tinha-o recebido amavelmente e estava em dívida para comigo. Como também podia voltar a precisar de mim, não tinha opção.
- Talvez o senhor o conhecesse - acabou por responder. - O manuscrito foi comprado pelo meu cliente a um tal Taillefer.
Esbocei uma expressão de surpresa, sem exagerar.
- Enrique Taillefer?... O editor?
O seu olhar vagueava pelo vestíbulo. Por fim, abanou a cabeça uma vez, para cima e para baixo.
- O próprio.
Ficámos ambos em silêncio. Corso encolheu os ombros e eu sabia muito bem porquê. A causa podia ser encontrada nas páginas de notícias de qualquer jornal: Enrique Taillefer tinha morrido há uma semana. Tinham-no encontrado enforcado no salão de sua casa, com o cordão do robe de seda em volta do pescoço e os pés girando no vácuo sobre um livro aberto e um jarrão de porcelana em bocados.
Algum tempo depois, quando tudo terminou, Corso acedeu a contar-me o resto da história. Posso assim reconstituir agora, com razoável fidelidade, certos factos que não presenciei: o encadeado de circunstâncias que conduziram ao fatal desenlace e à solução do enigma existente em torno de O Clube Dumas. Graças às confidências do caçador de livros, posso fazer de doutor Watson nesta história e contar-lhes que o acto seguinte se iniciou uma hora depois da nossa entrevista, no bar de Makarova. Flavio La Ponte, sacudindo a água, foi instalar-se ao balcão, junto de Corso, e pediu uma imperial enquanto recuperava o fôlego. Depois olhou para a rua, ufano e satisfeito como se tivesse acabado de a atravessar sob o fogo de franco-atiradores. Chovia com uma intensidade bíblica.
- A firma comercial Armengol e Hijos, Libros Antiguos e Curiosidades Bibliográficas está a pensar levar-te a tribunal - disse, com a barba loura e revolta perlada de espuma de cerveja em redor da boca. - - O advogado deles acaba de telefonar.
- De que me acusam? - perguntou Corso.
- De enganar uma velhota e lhe saqueares a biblioteca. Juram que tinham essa operação combinada.
- Tivessem madrugado, como eu fiz.
- Foi o que lhes disse, mas estão furiosos. Quando foram ver o lote, tinham voado o Persiles e o Fuero Real de Castilla. Além disso, fizeste uma avaliação do restante muito acima do seu valor. Agora, a proprietária nega-se a vender e pede o dobro do que lhe oferecem...
- Bebeu um gole de cerveja enquanto, risonho e cúmplice, lhe piscava o olho. -

Essa bonita manobra chama-se encravar uma biblioteca.
- Sei como se chama. - Corso descobria o canino num sorriso maldoso. - E Armengol e Hijos também sabem.
- Uma crueldade desnecessária - precisou La Ponte, objectivo.
- Mas o que mais lhes dói é o Fuero Real. Dizem que tê-lo levado foi um golpe baixo da tua parte.
- Ia mesmo deixá-lo ali: glosa latina de Díaz de Montalvo, sem indicações tipográficas mas impresso em Sevilha, Alonso del Puerto, provavelmente em 1482... - Ajeitou os óculos com o indicador para olhar o amigo. - Que achas?
- Eu acho óptimo, mas eles estão muito nervosos.
- Tomem chá de tília.
Eram horas do aperitivo. Havia poucos lugares livres ao balcão e todos se apertavam ombro com ombro, por entre o fumo dos cigarros e o rumor de conversas, procurando evitar com os cotovelos os charcos de espuma em cima do balcão.
- E pelos vistos - continuou La Ponte - o Persiles é a edição príncipe. Encadernação assinada por Trautz-Bauzonnet.
Corso negou com a cabeça.
- Por Hardy. Em fino marroquim.
- Ainda melhor. De qualquer forma, garanti que não tinha nada a ver com isso. Já sabes que sou alérgico a processos.
- Mas não aos teus trinta por cento.
O outro ergueu uma mão com dignidade.
- Alto aí. Não mistures alhos com bugalhos, Corso. Uma coisa é a belíssima amizade que nos une, e outra, muito diferente, o pão dos meus filhos.
- Tu não tens filhos.
La Ponte fez uma expressão maliciosa.
- Dá-me tempo. Ainda sou muito novo.
Era baixinho, bonito, vaidoso e requintado, com o cabelo a ficar ralo no alto da cabeça. Compô-lo um pouco com a palma da mão, estudando o resultado no espelho do bar. Depois circundou em redor os olhos profissionais, procurando uma eventual presença feminina. Estava sempre tão atento a esse género de coisas como a introduzir frases breves na conversa. O pai, um livreiro muito culto, ensinara-o a escrever ditando-lhe textos de Azorín. Poucos se recordavam já de Azorín, mas La Ponte continuava a construir frases como ele. Com muitos pontos e todas seguidas. Aquilo dava-lhe um certo verniz dialéctico na altura de seduzir as clientes no quarto das traseiras da sua livraria da Calle Mayor, onde guardava os clássicos eróticos.
- Além disso - acrescentou, reatando o fio - , tenho assuntos pendentes com

Armengol e Filhos. Delicados. Rentáveis a curto prazo.
- Também comigo - fez notar Corso por cima da cerveja. - És o único livreiro pobre com quem trabalho. E esses exemplares és tu quem os vai vender.
- Está bem. - La Ponte desculpava-se, imparcial. - Já sabes que sou um tipo prático. Pragmático. Terra-a-terra.
- Eu sei.
- Imagina um filme do Oeste. Quando muito, a título de amigo, apanharia com um tiro no ombro.
- Quando muito - admitiu Corso.
- Seja como for, isso é indiferente. - La Ponte olhava em volta, distraído. - Já tenho comprador para o Persiles.
- Então paga-me outra imperial. Por conta da tua comissão.
Eram velhos amigos. Gostavam da cerveja com muita espuma e do gin Bois em caneca marinheira de barro escuro; mas, acima de tudo, de livros antigos e dos velhos leilões do Madrid castiço. Tinham-se conhecido há já muitos anos, quando Corso farejava livrarias especializadas em autores espanhóis por conta de um cliente, interessado numa Celestina fantasma que alguém citava como anterior à edição conhecida de 1499. La Ponte não tinha esse livro; nem sequer tinha ouvido falar dele. Mas dispunha de uma edição do Diccionario de rarezas e inverosimilitudes bibliográficas de Júlio Ollero, onde se aludia ao tema. Da conversa sobre livros derivou uma certa afinidade, selada quando La Ponte fechou o estabelecimento e juntos esvaziaram tudo o que havia para esvaziar no bar de Makarova, enquanto trocavam cromos de Melville, a bordo de cujo Pequod, e nas fugas a Azorín, La Ponte foi criado desde pequeno. "Chama-me Ismael", disse ao ultrapassar a linha de sombra da terceira Bois de enfiada. E Corso chamou-lhe Ismael, citando além disso, de memória e em sua honra, o episódio da forja do arpão de Achad:
Três cortes foram dados na carne pagã, e o fio para a baleia branca adquiriu a sua têmpera...
Aquilo foi devidamente regado, até que La Ponte deixou de olhar as raparigas que entravam e saíam do bar para jurar a Corso amizade eterna. No fundo, era um fulano um tanto ingénuo - apesar do seu cinismo militante e da bafienta profissão de livreiro alfarrabista que exercia - e ignorava que o seu novo amigo dos óculos tortos executava uma subtil manobra de abordagem: ao folhear os seus alfarrábios tinha localizado alguns títulos com que pensava negociar. Mas a verdade é que La Ponte, com a sua barbicha loura e encaracolada, os olhos doces de marinheiro Billy Budd e os sonhos de frustrado caçador de baleias, conseguiu despertar a simpatia de Corso. Era, inclusivamente, capaz de recitar a lista completa de tripulantes do Pequod - Achab, Stubb, Starbuck, Flask, Perth, Parsi,

Queequeg, Tasthego, Daggoo... - os nomes de todos os barcos citados em Moby Dick - Goney, Town-Ho, Jeroboam, Jungfrau, Bouton de Rose, Soltero, Deleite, Raquel... - e, além disso, prova suprema, sabia perfeitamente o que era o âmbar cinzento. Falaram de livros e de baleias. E assim foi fundada naquela noite a Irmandade de Arpoadores de Nantucket, com Flavio La Ponte secretário-geral, Lucas Corso tesoureiro e os dois os únicos membros sob o apadrinhamento tolerante de Makarova, que se negou a cobrar a última rodada para acabar partilhando com eles uma garrafa extra de gin.

- Vou a Paris - disse Corso, olhando pelo espelho uma mulher gorda que introduzia moedas de quinze em quinze segundos na ranhura da máquina de jogo, como se a musiquinha e o movimento das imagens de cores, frutas e sinos a fossem manter ali, hipnotizada e imóvel, à excepção da mão que accionava os manípulos do jogo, até à consumação dos séculos. - Vou tratar do teu Vinho de Anjou.

Viu o amigo franzir o nariz e observá-lo de través. Paris equivalia a gastos extra, complicações. La Ponte era um livreiro modesto e tacanho.

- Bem sabes que não me posso permitir isso.

Corso esvaziava lentamente o seu copo.

- Claro que podes. - Tirou do bolso umas moedas para pagar a rodada. - Vou tratar de outro assunto.

- Outro assunto - repetiu La Ponte, olhando-o com interesse.

Makarova pôs mais duas cervejas no balcão. Era grande, loura e quarentona, com o cabelo curto e uma argola numa orelha, recordação de quando navegava a bordo de um pesqueiro russo. Usava calças justas e camisa com as mangas arregaçadas até aos ombros, e os bíceps excessivamente fortes não eram a única coisa masculina que se podia farejar nela. Tinha sempre um cigarro aceso ao canto da boca, deixando-o consumir-se lá. Com o seu ar báltico e a forma que tinha de se mover, parecia um operário ajustador numa fábrica de peças metálicas em Leninegrado.

- Li o livro - disse dirigindo-se a Corso e arrastando os erres. Ao falar, a cinza do cigarro caía-lhe sobre a camisa húmida. - Essa fulana, a Bovary, mas que idiota...

- Satisfaz-me que tenhas captado o fundo da questão.

Makarova limpou o balcão com um pano. Do outro extremo da barra, Zizi vigiava-a enquanto fazia tilintar a caixa registadora. Era o pólo oposto de Makarova: muito mais nova, pequenina e muito ciumenta. Às vezes, na hora de fechar, já bêbadas, brigavam com violência diante dos últimos clientes de confiança. Numa ocasião, depois de uma dessas broncas e com um olho negro, Zizi abandonara-a, vingativa e furiosa. Até voltar, três dias mais tarde, as lágrimas de Makarova foram fazendo dup-clup ao caírem dentro dos copos de

cerveja. Naquela noite, fecharam cedo e viram-nas partir abraçadas pela cintura, beijando-se nos portais como duas jovenzinhas apaixonadas.
- Vai a Paris. - La Ponte apontou para Corso com um movimento de cabeça. - Vai tirar ases da manga.
Makarova pegou nos copos vazios enquanto observava Corso através do fumo do seu cigarro.
- Tens sempre qualquer coisa escondida - disse, gutural e desapaixonadamente. - Em qualquer lado.
Colocou depois os copos no lava-loiça e foi atender outros clientes, balançando os ombros quadrados. Corso era o único exemplar masculino que escapava ao seu desdém pelo sexo oposto e costumava proclamá-lo quando se recusava a cobrar-lhe um copo. Até Zizi o olhava com uma certa neutralidade. Numa ocasião em que Makarova foi detida por ter partido a cara a um guarda numa manifestação de gays e lésbicas, Zizi tinha esperado toda a noite sentada num banco da esquadra. Corso fez-lhe companhia com sandes e uma garrafa de gin, depois de recorrer aos seus contactos na polícia para amenizar as coisas. Tudo aquilo punha La Ponte extraordinariamente ciumento.
- Porquê Paris? - perguntou, embora tivesse a atenção presa noutro lado. O seu cotovelo esquerdo acabava de enfiar-se em algo deliciosamente suave. Parecia encantado por descobrir que a sua vizinha de barra era uma jovem loura com umas mamas enormes.
Corso bebeu outro gole de cerveja. > - Também vou a Sintra, em Portugal. - Continuava a olhar a gorda da máquina de jogo. Depenada pela jogatana, dava uma nota a Zizi para que lha trocasse em moedas. - É uma coisa do Varo Borja.
Ouviu o amigo assobiar por entre os dentes: Varo Borja, o mais importante livreiro do país. O seu catálogo era conciso e selecto, além de que possuía uma sólida reputação como bibliófilo que não olhava a gastos. Impressionado, La Ponte pediu mais cerveja e mais pormenores, com aquele seu ar de ave de rapina que lhe surgia automaticamente ao ouvir a palavra livro. O seu carácter, embora fosse um sovina e um cobarde confesso, não incluía a inveja, excepto no tocante à propriedade de mulheres bonitas e disponíveis. No âmbito profissional, à parte a satisfação de adquirir boas peças com poucos riscos, sentia um sincero respeito pelo trabalho e pela clientela do amigo.
- Ouviste falar de As Nove Portas?
O livreiro, que remexia sem pressa nos bolsos para que Corso também pagasse aquela rodada, preparando-se para se voltar e estudar mais pormenorizadamente a sua opulenta vizinha, pareceu esquecer tudo num ápice. Ficou com a boca aberta.
- Não me digas que Varo Borja quer esse livro...

Corso colocou as suas últimas moedas em cima do balcão. Makarova trazia mais duas imperiais.
- Já o tem há algum tempo. E pagou uma fortuna por ele.
- Claro que pagou. Só há três ou quatro exemplares conhecidos.
- Três - precisou Corso. Um estava em Sintra, na colecção Fargas. Outro, na fundação Ungern, em Paris. E o terceiro, procedente do leilão da biblioteca Terral-Coy, de Madrid, era o adquirido por Varo Borja. Interessadíssimo, La Ponte acariciava a barba encaracolada. Era óbvio que tinha ouvido falar de Fargas, o bibliófilo português. Quanto à baronesa Ungern, aquela velha louca tinha-se tornado milionária escrevendo livros sobre ocultismo e demonologia. O seu último êxito, Isis Nua, pulverizava os números de vendas nas grandes livrarias.
- O que não compreendo - disse La Ponte - é o que tens tu a ver com isso.
- Conheces a história do livro?
- Muito por alto - admitiu o outro. Corso molhou um dedo na espuma da cerveja e pôs-se a fazer desenhos no mármore do balcão.
- Época: meados do século XVII. Cenário: Veneza. Protagonista: um impressor chamado Aristide Torchia, que se lembra de editar o chamado Livro das Nove Portas do Reino das Sombras, uma espécie de manual para invocar o Diabo... Os tempos não são para esse tipo de literatura: o Santo Ofício consegue, sem grande esforço, que lhe entreguem Torchia. Acusações: artes diabólicas e os correspondentes anexos, agravados, segundo dizem, pelo facto de ter reproduzido nove gravuras do famoso Delomelanicon, o clássico dos livros negros, que a tradição atribui à mão do próprio Lúcifer...
Makarova tinha-se aproximado, do outro lado do balcão, e ouvia interessada, enxugando as mãos à blusa. La Ponte, quando ia a levantar o copo, estacou com uma instintiva expressão de avidez profissional.
- O que aconteceu à edição?
- É fácil de imaginar: fizeram com ela uma linda fogueira. - Corso arvorou um ar maldoso e cruel; parecia lamentar verdadeiramente não ter assistido ao espectáculo. - Também contam que, quando ardeu, se ouviu o Diabo gritar.
Com os cotovelos apoiados sobre as marcas húmidas junto das torneiras da cerveja de pressão, Makarova emitiu um grunhido céptico. A sua circunspecção loura, nórdica e viril era incompatível com superstições e névoas meridionais. La Ponte, mais sugestionável, enfiou o nariz na cerveja, acometido de repentina sede.
- Quem devem ter ouvido gritar foi o impressor, calculo.
- Claro!
La Ponte estremeceu ao imaginar a cena.

- Torturado - continuou Corso - com esse brio profissional que a Inquisição sempre demonstrava face às artes do Maligno, o impressor acabou por confessar, entre um grito e outro, que ainda havia um livro, um único, escondido a salvo em determinado lugar. Depois fechou a boca e não tornou a abri-la até o queimarem vivo. Mesmo nessa altura, foi só para dizer ai!
Makarova dedicou um sorriso de desprezo à memória do impressor Torchia, ou talvez aos verdugos incapazes de lhe arrancarem o último segredo. La Ponte franzia as sobrancelhas.
- Dizes que apenas se salvou um livro - objectou - mas antes tinhas falado de três exemplares conhecidos.
Corso tinha tirado os óculos e observava-os em contraluz para verificar a limpeza das lentes.
- Ora aí está o problema - disse. - Os livros foram aparecendo e desaparecendo por entre guerras, roubos e incêndios. Ignora-se qual deles é o autêntico.
- Talvez sejam todos falsos - sugeriu o bom senso de Makarova.
- Talvez. E eu tenho de decifrar a incógnita, averiguando se Varo Borja tem o original ou se lhe deram gato por lebre. É por isso que vou a Sintra e a Paris. - Ajeitou os óculos para fitar La Ponte. - De caminho, trato do teu manuscrito.
O livreiro concordou, pensativo, vigiando pelo canto do olho a rapariga das mamas grandes reflectida no espelho do bar.
- Comparado com isso, parece ridículo fazer-te perder tempo com Os Três Mosqueteiros...
- Ridículo? - Makarova abandonava a sua posição neutral para se mostrar agora realmente ofendida. - É o melhor romance que li em toda a minha vida!
Sublinhou a afirmação com uma palmada no balcão, e os músculos retesaram-se-lhe nos antebraços nus. Boris Balkan teria gostado de ouvir isso, pensou Corso. Na lista particular de best-sellers de Makarova, para quem ele funcionava como assessor literário, o romance de Dumas partilhava as honras de estrela com Guerra e Paz, A Colina de Watersbip ou Carol, de Highsmith, por exemplo.
- Tem calma - disse a La Ponte. - Tenciono debitar as despesas a Varo Borja. Embora ache que o teu Vinho de Anjou é autêntico... Quem ia falsificar uma coisa dessas?
- Há gente para tudo - afirmou Makarova, com infinita sabedoria.
La Ponte partilhava a opinião de Corso: naquele caso, uma manipulação era absurda. O defunto Taillefer garantira-lhe a autenticidade: punho e letra de Alexandre Dumas. E Taillefer era de confiança.
- Costumava levar-lhe antigos folhetins; comprava todos. - Bebeu um gole, deixando escapar uma risadinha por sobre a borda do copo. - Um bom pretexto para ver as pernas da mulher dele, uma loura fabulosa, espectacular. Ora uma

vez vi-o abrir uma caixa e colocar O Vinho de Anjou em cima da mesa. "É seu", disse-me à queima-roupa, "se se encarregar de uma peritagem formal e o puser à venda a seguir ..."
Um cliente reclamou a atenção de Makarova pedindo uma cerveja sem álcool, e ela mandou-o passear. Continuava imóvel junto ao balcão, com o cigarro a consumir-se ao canto da boca e os olhos semi-cerrados por causa do fumo, pendente da história.
- É tudo? - perguntou Corso.
La Ponte fez um gesto vago.
- Praticamente tudo. Tentei dissuadi-lo, pois conhecia o seu entusiasmo. Era um desses fulanos capazes de vender a alma por uma raridade. Mas estava decidido. "Se não for o senhor, será outro", afirmou. Aí, claro que me tocou na veia. Refiro-me à veia comercial.
- Explicação desnecessária - precisou Corso. - E a única veia que te conheço.
Em busca de calor humano, La Ponte voltou-se para os olhos cor de chumbo de Makarova, mas desistiu ao primeiro olhar. Havia neles o mesmo calor que num fiorde norueguês às três da madrugada.
- Como é bom sentir-me assim amado - disse por fim, despeitado e mordaz.
Não havia dúvida que o indivíduo apreciador da cerveja sem álcool tinha sede, observou Corso, porque voltou a insistir. Makarova, olhando-o de soslaio e sem mudar de posição, sugeriu que fosse procurar outro bar antes que lhe partissem a cabeça. Depois de meditar um pouco, o fulano pareceu compreender a essência da mensagem e saiu dali.
- Enrique Taillefer era um tipo estranho. - La Ponte alisava uma vez mais o cabelo por sobre a calva incipiente do alto da cabeça, sem nunca perder de vista no espelho a opulenta loura. - Queria que eu vendesse o manuscrito dando publicidade ao caso. - Baixou a voz para evitar inquietar a loura. - "Alguém vai ter uma surpresa", disse-lhe, misterioso, piscando-me o olho como alguém que se propõe pregar uma partida. E quatro dias depois estava morto.
- Morto - repetiu Makarova em tom gutural, saboreando a palavra e cada vez mais interessada.
- Suicídio - esclareceu Corso, mas ela encolheu os ombros, como se entre o suicídio e o assassínio não houvesse grande diferença. Havia um manuscrito duvidoso e um morto seguro: era o suficiente para justificar o enredo.
Ao ouvir falar de suicídio, La Ponte fez um lúgubre gesto afirmativo:
- É o que dizem.
- Não pareces muito convencido.
- E não estou. É tudo muito estranho. - Franziu outra vez a testa, carrancudo, esquecendo o espelho. - Cheira-me mal.

- Taillefer nunca te contou como obtivera o manuscrito?
- A princípio, não lhe perguntei. Depois, já era tarde.
- Falaste com a viúva?
A alusão desanuviou o cenho do livreiro. Agora sorria de orelha a orelha.
- Reservo-te esse episódio. - O seu tom era o de quem recorda um truque estupendo esquecido na cartola. - Assim cobras em géneros, pois não te posso oferecer nem a décima parte do que vais arrancar a Varo Borja pelo seu Livro dos Nove Camelos.
- Faço o mesmo contigo quando descobrires um Audubon e te transformares num livreiro milionário. Limito-me a adiar as cobranças.
La Ponte voltou a mostrar-se magoado. Para um cínico da sua envergadura, observou Corso, parecia muito sensível à hora do aperitivo.
- Julguei que me apoiavas por amizade - protestou. - Bem vês, o Clube dos Arpoadores de Nantucket e tudo isso.
- Amizade. - Corso olhou em volta, esperando que alguém lhe explicasse a palavra. - Os bares e os cemitérios estão cheios de amigos imprescindíveis.
- De que lado estás, malvado?
- Do dele - suspirou Makarova. - -Corso está sempre do lado dele próprio.
Desolado, La Ponte verificou que a loura das mamas grandes saía pelo braço de um fulano elegante, com andar de manequim. Corso continuava a olhar para a gorda da máquina de jogo. Desaparecida a sua última moeda, permanecia junto da máquina, desconcertada e vazia, com as mãos caídas ao longo do corpo. Substituía-a em frente das alavancas e dos botões um indivíduo alto e moreno, com um farto bigode preto e uma cicatriz na cara. O seu aspecto despertou em Corso uma lembrança familiar, fugaz, esfumada, que não chegou a concretizar-se. Para desespero da mulher gorda, a máquina vomitava agora uma ruidosa avalanche de moedas.
Makarova convidou Corso para uma última cerveja. Desta vez, La Ponte teve de pagar a sua.

II.

A MÃO DO MORTO

> Milady sorria, e d'Artagnan sentia que por aquele sorriso se deixaria condenar.
> (A. Dumas. Os Três Mosqueteiros)

Há viúvas inconsoláveis e viúvas a quem qualquer varão adulto ofereceria de boa vontade o consolo oportuno. Liana Taillefer figurava, sem dúvida nenhuma, na segunda categoria. Era alta e loura, de pele branca e movimentos lânguidos. O tipo de mulher que leva uma eternidade entre tirar um cigarro do maço e lançar a primeira baforada de fumo, e o faz fitando o interlocutor masculino nos olhos com a tranquila segurança que proporcionam umas certas parecenças com Kim Novak, umas medidas anatómicas generosas, quase excessivas, e uma conta bancária - herdeira universal do finado Taillefer Editor S. A. - em relação à qual o termo solvente não passa de um tímido eufemismo. É assombrosa a quantidade de dinheiro que se pode amassar, passe o estúpido jogo de palavras, publicando livros de cozinha. As Mil Melhores Receitas Manchegas, por exemplo. Ou as quinze edições, esgotadas, de um clássico: Os Segredos dos Grelhados.
A casa ficava num antigo palácio, o do marquês de Los Alumbres, reconvertido em apartamentos de grande luxo. Quanto à decoração, o gosto dos seus proprietários parecia daqueles que se forjam à base de pouco tempo e muito dinheiro. Só assim se justificava a coexistência de uma porcelana de Lladró - uma menina com um pato, apreciou desapaixonadamente Lucas Corso - na mesma vitrina de uns pastorzinhos de Saxe pelos quais, sem dúvida, algum esperto antiquário devia ter sangrado devidamente o finado Enrique Taillefer ou a esposa. Como é óbvio, havia um secreter Biedermeier e um piano Steinwood próximo de uma tapeçaria oriental caríssima. E também um imenso sofá forrado de pele branca e de aspecto confortável, sobre o qual Liana Taillefer cruzava, naquele momento, duas pernas extraordinariamente bem torneadas que a saia preta, adequada para o luto - um palmo acima dos joelhos quando sentada mas deixando adivinhar voluptuosas linhas por ali acima, até à sombra e ao mistério - , situava e emoldurava de forma adequada, como diria Lucas Corso mais tarde, ao recordar a cena. Convém precisar que não se deve passar por alto o comentário de Corso, porque, aparentemente, era um daqueles fulanos estranhos que facilmente imaginamos vivendo com uma velha mãe que faz malha e aos domingos leva à cama a chávena de chocolate quente que será o pequeno-almoço do filho; um filho que nos filmes se vê muitas vezes seguindo sozinho

atrás de um féretro, debaixo de chuva, com os olhos vermelhos e murmurando mamã com a tristeza de um órfão desamparado. Mas Corso nunca tinha estado desamparado na vida. Também não tinha mãe, E quando conseguíamos conhecê-lo um pouco, acabávamos por perguntar a nós próprios se alguma vez a teria tido.

- Lamento incomodá-la nestas circunstâncias - disse Corso. Estava sentado em frente da viúva, com o sobretudo vestido e a bolsa de lona sobre os joelhos. Mantinha-se rígido na beira da cadeira, enquanto os olhos de Liana Taillefer - azul-aço, grandes e frios - o estudavam de cima a baixo, empenhados em catalogá-lo dentro de alguma espécie conhecida de exemplar masculino. Consciente das dificuldades que aquilo representava, submeteu-se ao exame sem se esforçar por provocar uma impressão determinada. Conhecia o processo e naquele momento as suas acções tinham muito baixa cotação na bolsa de valores de Taillefer S. A., viúva de. Isso limitava a questão a uma espécie de desdenhosa curiosidade, depois de o ter feito esperar dez minutos no salão e da prévia escaramuça com uma criada que, tomando-o por um vendedor, estivera quase a bater-lhe com a porta no nariz. Mas agora a viúva olhava de soslaio a capa que Corso tinha tirado da bolsa e as coisas começavam a modificar-se. Quanto a ele, procurou sustentar através dos óculos tortos o olhar de Liana Taillefer, evitando os perigosos escolhos - Cila e Caríbdis: Corso era de Letras - constituídos pelas pernas, a meridião, e o busto - exuberante, era a palavra, disse-para si mesmo; já há um bocado que andava às voltas para encontrar o termo exacto - que a camisola de angora preto moldava de forma espantosa, a setentrião.

- Seria de grande ajuda - precisou por fim - saber se a senhora conhecia a existência deste documento.

Passou-lhe a capa para as mãos e, ao fazê-lo, roçou de modo involuntário os dedos de longas unhas laçadas de vermelho-sangue. Ou talvez fossem os dedos que o roçassem a ele. De uma forma ou de outra, o levíssimo contacto indicou que as acções Corso estavam em alta; portanto, fingiu o embaraço adequado, endireitando o cabelo na testa com a falta de à-vontade exacta para que ela verificasse que incomodar viúvas formosas não era a sua especialidade. Agora os olhos azul-aço não olhavam para a capa e sim para ele, e faziam-no com um lampejo de interesse.

- Porque havia de conhecer? - perguntou a viúva. Tinha uma voz grave, um pouco rouca. Eco de uma noite mal dormida. Ainda não tinha aberto a capa de plástico e continuava atenta a Corso, como se esperasse mais alguma coisa antes de satisfazer a sua curiosidade, abrindo-a. Este ajeitou os óculos na cana do nariz e arvorou uma expressão grave, de circunstância. Estavam na fase protocolar e portanto reservou o seu eficaz sorriso de coelho honesto para o momento

oportuno.
- Até há pouco tempo pertencia ao seu marido - hesitou um segundo antes de completar a frase - que em paz descanse.
Ela assentiu lentamente, como se isso explicasse tudo, e abriu a capa. Por cima do seu ombro, Corso olhava para a parede. Lá, entre um Tapies aceitável e outro óleo de assinatura ilegível, estava emoldurado um trabalho infantil com florzinhas de cores, nome e data: Liana Lasauca. Curso 1970-71. Corso teria qualificado aquilo como enternecedor se as flores, os passarinhos bordados e as meninas com soquetes e tranças louras lhe provocassem sensíveis humidades, fossem de que género fossem. Mas não era o seu caso. Portanto, desviou o olhar para outra moldura, mais pequena e de prata, onde o extinto Enrique Taillefer Editor S. A., com uma caneca de provador de vinho ao pescoço e um avental que lhe dava um ar vagamente maçónico, sorria para a câmara no momento em que se dispunha, com um dos seus êxitos editoriais aberto na mão direita, a saborear um leitãozinho à segoviana com um prato levantado na mão esquerda. Tinha um ar plácido, gorducho e barrigudo, feliz ante a perspectiva do animalzinho estendido na travessa, e Corso disse para si mesmo que, pelo menos, a sua prematura saída de cena lhe devia ter poupado inúmeros problemas de colesterol e de ácido úrico. Também se interrogou, com fria curiosidade técnica, sobre como se arranjaria Liana Taillefer em vida do esposo quando tinha necessidade de um orgasmo. Apenas com esse pensamento lançou outro breve olhar para o busto e as pernas da viúva, antes de tirar as suas próprias conclusões. Parecia mulher de mais para se resignar ao leitãozinho.
- Isto é o do Dumas - disse ela, e Corso soergueu-se um pouco, lúcido e alerta. Liana Taillefer batia com uma das suas unhas vermelhas nas bolsas de plástico que protegiam as páginas. - O famoso capítulo. Claro que o conheço. - Ao inclinar o rosto, o cabelo tinha-lhe deslizado para a cara; por trás da loura cortina, observava desconfiadamente o seu visitante. - Porque está em seu poder?
- O seu marido vendeu-o. Estou a tentar autentificá-lo. A viúva encolheu os ombros.
- Que eu saiba, é autêntico. - - Suspirou profundamente, devolvendo a capa. - Diz que foi vendido?... Estranho! - Pareceu reflectir. - Enrique tinha estes papéis em grande apreço.
- Talvez se lembre onde possa tê-los adquirido.
- Não lhe sei dizer. Creio que alguém lhos ofereceu.
- Era coleccionador de documentos autógrafos?
- Esse foi o único que lhe conheci.
- Nunca comentou a sua intenção de o vender?

- Não. O senhor é que me está a dar a novidade. Quem é o comprador?
- Um livreiro meu cliente. Levá-lo-á a leilão quando eu lhe entregar o relatório.
Liana Taillefer decidiu conceder-lhe mais algum interesse; as acções Corso experimentavam uma nova subida, embora moderada, na bolsa local. Tirou os óculos para os limpar com o lenço amarrotado. Sem eles tinha um aspecto mais vulnerável e sabia disso muito bem. Toda a gente sentia a necessidade de o ajudar a atravessar a rua quando semicerrava os olhos como um coelhinho míope.
- É esse o seu trabalho? - perguntou ela. - Autenticar manuscritos?
Fez um vago gesto afirmativo. A viúva estava um tanto desfocada aos seus olhos, insolitamente mais próxima.
- Às vezes. Também procuro livros raros, gravuras e coisas do género. Cobro por isso.
- Quanto cobra?
- Depende. - Pôs os óculos, e os contornos da mulher surgiram novamente nítidos na sua retina. - Às vezes muito, outras pouco; o mercado tem os seus altos e baixos.
- Uma espécie de detective, não é? - lançou ela, em tom divertido. - Um detective de livros.
Era o momento de sorrir. Fê-lo, mostrando os incisivos, com uma modéstia calculada ao milímetro. Adoptem-me já, dizia o seu sorriso.
- Sim. Admito que possamos chamar-lhe assim.
- E vem visitar-me a pedido do seu cliente...
- Precisamente. - Já podia permitir-se aparentar maior segurança e bateu no manuscrito com os nós dos dedos. - Afinal, isto veio daqui. Da sua casa.
Ela concordou lentamente, observando a capa. Parecia reflectir.
- É estranho - disse passados alguns momentos. - Não imagino o Enrique a vender esse original de Dumas. Embora nos últimos dias andasse a portar-se de forma estranha... Como disse que se chamava o livreiro? O novo proprietário.
- Não disse.
Olhou-o de cima a baixo com tranquila surpresa. Não parecia habituada a conceder aos homens mais do que três segundos antes de que satisfizessem os seus desejos.
- Então diga-me.
Corso demorou um pouco, o necessário para que as unhas de Liana Taillefer iniciassem um tamborilar impaciente no braço do sofá. < Chama-se La Ponte - declarou por fim. Era outro dos seus truques: fazer com que os outros atribuíssem a si próprios triunfos que, na realidade, não passavam de concessões triviais da sua parte. - Conhece-o?

- Claro que conheço; era fornecedor do meu marido. - Franziu a testa com desagrado. - Vinha cá de vez em quando para trazer esses estúpidos folhetins. Suponho que terá um recibo... Queria uma cópia, se não se importa.
Corso concordou vagamente, enquanto se inclinava um pouco para ela. - O seu marido era grande admirador de Alexandre Dumas?
- De Dumas, diz? - Liana Taillefer sorriu. Tinha atirado o cabelo para trás e agora os olhos brilhavam-lhe, trocistas. - Venha comigo.
Ergueu-se com um daqueles gestos em que demorava uma eternidade e alisou a saia, olhando em redor como se de repente tivesse esquecido o objectivo do seu movimento. Era bastante mais alta do que Corso, apesar de usar saltos baixos. Precedeu-o até um gabinete contíguo. Enquanto a seguia, ele observou-lhe as costas largas como as de uma nadadora e a cintura apertada até ao limite possível. Calculou-lhe trinta anos. Parecia com predisposição para se transformar numa daquelas matronas nórdicas, com ancas onde o sol nunca se põe, feitas para parir sem esforço louros Eriks e Sigfridos.
- Oxalá fosse só Dumas - disse ela, indicando o interior do gabinete. - Olhe para isto.
Corso obedeceu. As paredes estavam cobertas de estantes de madeira que se curvavam sob o peso de grossos volumes encadernados. Sentiu que as suas glândulas segregavam saliva, por reflexo profissional. Deu uns passos na direcção das estantes enquanto ageitava os óculos: A condessa de Charny, A. Dumas, oito volumes, edições La Novela Ilustrada, director literátio Vicente Blasco Ibáfiez. La dos Dianas, A. Dumas, três volumes. Los Mosqueteros, A. Dumas, edições Miguel Guijarro, gravuras de Ortega, quatro volumes. El conde de Montecristo, A. Dumas, quatro volumes de Juan Ros editor, gravuras de A. Gil... E ainda quarenta volumes de Rocambole, por Ponson du Terrail. Os Pardellanes de Zevaco, completos. E mais Dumas, junto de nove volumes de Vic-tor Hugo e outros tantos de Paul Feval, cujo Jorobado surgia em encadernação de luxo, de marroquim vermelho com cantos dourados. E o Pickwick de Dickens, em tradução de Benito Pérez Galdós, ladeado por diversos Barbey d'Aurevilly e por Los mistérios de Paris, de Eugênio Sue. Ainda mais Dumas - Los Quarenta y Cinco, El colar de La reina, los companeros de Jehú - e Venganza corsa, de Merimée. Quinze volumes de Sabatini, vários de Ortega y Frias, Conan Doyle, Manuel Fernández y González, Mayne Reid, Patricio de La Escosura...
- Impressionante - comentou Corso. - Quantos títulos há aqui?
- Não sei. Dois mil e tal. Três mil. Quase todos folhetins em primeiras edições, tal como foram encadernados depois de terem sido publicados em fascículos... Outros são volumes ilustrados. O meu marido coleccionava-os com frenesim,

pagando o que lhe pedissem por eles.
- Um verdadeiro entusiasta, pelo que vejo.
- Entusiasta? - Liana Taillefer esboçou um sorriso indefinível. - Nele foi autêntica paixão.
- Pensava que a gastronomia...
- Os livros de cozinha eram a sua forma de ganhar dinheiro. Enrique tinha qualquer coisa de rei Midas: qualquer receituário barato se transformava em êxito editorial nas suas mãos. Mas seu, seu era isto. Gostava de se fechar aqui e manusear estes velhos folhetins. Costumam ser impressos em mau papel, e a sua obsessão era conservá-los. Está a ver o termómetro e o indicador de humidade?... Podia recitar páginas inteiras das suas obras favoritas. Inclusivamente escapavam-lhe exclamações como que chatice!, dianho e coisas do género. Passou os últimos meses escrevendo.
- Um romance histórico?
- Um folhetim. Respeitando todos os lugares-comuns do género, como é óbvio. - Dirigiu-se a uma estante e pegou num pesado manuscrito com folhas cosidas à mão. Estavam escritas com letra redonda e grande, apenas de um dos lados. - Que acha do título?
- A Mão do Morto ou O Pajem de Ana de Áustria - leu Corso em voz alta. - Não há dúvida que é bom... - Passou um dedo pelo arco da sobrancelha, procurando o termo adequado às circunstâncias. - Sugestivo.
- E pesado - acrescentou ela, devolvendo o manuscrito ao seu lugar. - E cheio de anacronismos. E absolutamente estúpido, garanto-lhe. Acredite que sei do que estou a falar: no fim de cada sessão de escrita, lia-me folha por folha, do princípio ao fim. - Deu umas pancadinhas rancorosas sobre o título, caligrafado com maiúsculas. - Meu Deus! Garanto-lhe que cheguei a odiar esse pajem e a cadela da sua rainha.
- Tinha intenção de o publicar?
- Claro que sim. E com pseudónimo. Suponho que teria escolhido Tristán de Longueville, Paulo Florentini ou qualquer coisa do género. Era muito próprio dele fazer uma coisa dessas.
- E enforcar-se? Também era próprio dele?
Com o olhar fixo nas paredes cobertas de livros, Liana Taillefer manteve-se em silêncio. Um silêncio incómodo, pensou Corso; talvez um tanto forçado, com o ar absorto como recurso. Como uma actriz à espera de prosseguir o seu diálogo de modo convincente.
- Nunca saberei o que se passou - respondeu por fim, e readquirira sua serenidade perfeita. - Na última semana andou carrancudo e deprimido e mal saía do seu gabinete. Depois, uma tarde, atirou com a porta e foi para a rua.

Regressou de madrugada; estava na cama e ouvi-o entrar. De manhã acordei com os gritos da criada: Enrique tinha-se enforcado no candeeiro.
Fitava agora Corso, atenta ao efeito provocado. Não parecia excessivamente pesarosa, pensou o caçador de livros, recordando a foto com a caneca e o leitãozinho. A dado momento surpreendeu-lhe nos olhos um pestanejar, como se evitassem verter uma lágrima, mas mantiveram-se irrepreensivelmente secos. Aquilo não significava nada. Gerações de maquilhagem vulnerável às emoções ensinaram as mulheres a controlar os seus sentimentos. E a maquilhagem de Liana Taillefer, uma sombra clara que lhe acentuava o tom dos olhos, era perfeita.
- Deixou alguma carta? - perguntou Corso. - Os suicidas costumam fazer isso.
- Resolveu poupar o trabalho. Nem uma explicação nem umas letras. Nada. Essa desconsideração custou-me muitas perguntas de um juiz e alguns polícias. Muito desagradável, garanto-lhe.
- Imagino.
- Suponho que seja fácil imaginar.
Liana Taillefer tinha dado por terminada a entrevista. Dirigiram-se para a porta e estendeu-lhe a mão. Com a capa debaixo do braço e a bolsa ao ombro, Corso estendeu-lhe a sua, sentindo" entre os dedos e a palma aquele contacto firme. Dava-lhe intimamente uma boa classificação. Nem viúva alegre, nem desfeita pela dor, nem frieza do tipo desapareceu um imbecil ou por fim sós ou já podes sair do armário, querido. Que dentro do armário havia alguém, isso era provável, mas Corso não tinha nada a ver com o caso. Nem com o suicídio de Enrique Taillefer S. A., por estranho - e era muito, caramba, com o pajem da rainha pelo meio e o manuscrito voador - que parecesse. Mas, tal como a formosa viúva, isso não eram assuntos que lhe dissessem respeito. De momento.
Fitou Liana Taillefer. Adorava saber quem te anda a comer, pensou com tranquila curiosidade técnica. Mentalmente traçou um retrato-robot: maduro, elegante, culto, com dinheiro. Oitenta e cinco por cento de probabilidades de que fosse amigo do finado. Perguntou a si mesmo se o suicídio do editor teria algo a ver com aquilo, antes de se deter, aborrecido. Deformação profissional ou fosse o que fosse, abandonava-se por vezes ao absurdo costume de raciocinar como um polícia. O pensamento fê-lo estremecer até à medula. Uma pessoa nunca sabe que tenebrosos poços de perversidade ou de estupidez esconde no fundo da sua alma.
- Quero agradecer-lhe - disse, enquanto extraía do seu reportório o mais enternecedor sorriso de coelho simpático que foi capaz de arvorar - o tempo que me dedicou.
O sorriso perdeu-se no vazio; ela fitava o manuscrito de Dumas.

- Não tem nada que agradecer. Tenho um lógico interesse por ver em que vai terminar tudo isto.
- Mantê-la-ei ao corrente... Outra coisa: tem intenção de conservar a colecção do seu marido, ou pensa desfazer-se dela?
Fitou-o, desconcertada. Corso sabia por experiência própria que, após o falecimento de um bibliófilo, vinte e quatro horas depois de sair o féretro, saía a biblioteca pela mesma porta. Estranhava que não tivesse ainda poisado por ali nenhum dos corvos da concorrência. Afinal, Liana Taillefer, segundo confissão própria, não partilhava os gostos literários do marido.
- A verdade é que ainda não tive tempo de pensar nisso... Quer dizer que aqueles folhetins lhe interessam?
- É possível.
Ela hesitou um momento. Talvez mais uns segundos do que seria necessário.
- É tudo demasiado recente - disse por fim, com um suspiro adequado. - Talvez daqui a alguns dias.
Corso apoiou a mão no corrimão e começou a descer a escada. Arrastava os pés, demorando-se nos primeiros degraus com uma certa hesitação, tal como quando alguém abandona o lugar onde esquece qualquer coisa sem saber muito bem do que se trata. Mas ele tinha a certeza de não esquecer nada. Quando chegou ao primeiro patamar ergueu os olhos e viu que Liana Taillefer ainda estava no umbral, observando-o. Tinha, pelo menos assim lhe pareceu, um ar entre preocupado e curioso. Corso desceu mais uns degraus e, como num lento plano cinematográfico, o rectângulo de visão deslocou-se para baixo. Depois de perder de vista o olhar inquisitivo dos olhos azul-aço, a sua última imagem deslizou pelo corpo de Liana Taillefer, busto e ancas, até às pernas firmes e brancas que apoiava um pouco afastadas, sugestivas e fortes como as colunas de um templo.
Corso ainda dava voltas à cabeça quando passou a porta e saiu para a rua. Imaginava pelo menos cinco perguntas que exigiam resposta e tornava-se necessário ordená-las por nível de importância. Parou no passeio, em frente do portão do Retiro, e olhou casualmente para a esquerda, esperando um táxi. Estava um enorme Jaguar estacionado a poucos metros. O motorista, de uniforme cinzento-escuro, quase preto, lia um jornal apoiado no carro. Ergueu nesse preciso momento os olhos e encontrou o olhar de Corso. Foi apenas um segundo em que os olhares se cruzaram e o motorista voltou à leitura. Era moreno, com bigode e uma pálida cicatriz que lhe atravessava uma face de cima a baixo. O seu aspecto produziu em Corso uma sensação familiar: era parecido com alguém. Talvez, lembrou-se, o homem alto que jogava na máquina do bar de Makarova. Mas havia mais qualquer coisa. O seu aspecto despertava em Corso uma recordação remota, imprecisa. Antes porém que tivesse tempo para

analisar o caso surgiu um táxi livre, ao qual um indivíduo com sobretudo de loden e pasta de executivo fazia sinais do outro lado da rua. Aproveitou o facto de o taxista olhar na sua direcção, desceu do passeio com rapidez e enfiou-se no carro mesmo debaixo do nariz do outro.

Pediu ao condutor que baixasse o volume do rádio enquanto se instalava no assento traseiro, olhando sem ver o trânsito em seu redor. Agradava-lhe a paz que sentia de cada vez que fechava a porta de um táxi. Era o que mais se parecia com uma trégua com o mundo exterior: durante o trajecto, ficava tudo em suspenso do outro lado do vidro. Apoiou a cabeça no encosto, encantado com a perspectiva.

Chegara a hora de pensar em coisas sérias, como o Livro das Nove Portas e a viagem a Portugal, primeira etapa do trabalho. Mas Corso não se conseguia concentrar. A entrevista com a viúva de Enrique Taillefer deixava demasiadas questões no ar e isso provocava-lhe uma estranha inquietação. Algo lhe escapava de tudo aquilo, como se estivesse a contemplar uma paisagem da perspectiva errada. Mais ainda: demorou vários semáforos vermelhos a aperceber-se que a imagem do motorista do Jaguar se interpunha nas suas reflexões, o que o fez sentir-se mal. Tinha a certeza de nunca na vida o ter visto antes do bar de Makarova, mas uma recordação irracional palpitava no seu íntimo. Conheço-te, disse para si mesmo. Certa vez, há já muito tempo, tropecei com um fulano como tu. E sei que estás aí, algures. No lado escuro da minha memória.

Grouchy não apareceu em lugar nenhum, mas aquilo tinha deixado de ter importância. Os prussianos de Bulow batiam em retirada das elevações de Chapelle St. Lambert com a cavalaria ligeira de Sumont e Subervie colada às botas. No flanco esquerdo não havia problema: as formações vermelhas da infantaria escocesa tinham sido ultrapassadas e desbaratadas com a carga dos soldados de cavalaria franceses protegidos por couraças. No centro, a divisão Jerome tinha acabado por tomar Hougoumont, e a norte do Mont St. Jean os batalhões azuis formados em quadrado da boa e velha Guarda agrupavam-se lenta mas ímplaca-velmente, com Wellington retirando em absoluta desordem para a povoação de Waterloo. Só faltava desferir o golpe de misericórdia.

Lucas Corso observou o terreno. Obviamente, a solução era Ney. O valente entre os valentes. Colocou-o à frente, com Erlon e a divisão Jerome, ou o que dela restava, e fê-los avançar au pas de charge pela estrada de Bruxelas. Quando estabeleceram contacto com as formações britânicas, Corso recostou-se um pouco na cadeira e susteve a respiração, certo das implicações do seu acto: acabava de decidir, naquele meio minuto, da vida ou da morte de 22 000 homens. Saboreando aquela sensação, deliciou-se com as compactas filas azuis e vermelhas, com o verde suave do bosque de Soignes, com as manchas pardas

das colinas. Era, na realidade, uma batalha belíssima.
O embate foi duro, pobres diabos. O corpo do exército de Erlon desfez-se como a casa de palha do porquinho perguiçoso, mas Ney e os homens de Jerome mantiveram a sua linha. A Velha Guarda avançava, varrendo tudo ao passar, e as formações inglesas desapareceram do mapa umas atrás das outras. Wellington não tinha outra opção a não ser a retirada, e Corso cortou-lhe a fuga para Bruxelas com a reserva da cavalaria francesa. Depois, lenta e deliberadamente, desferiu o golpe final. Segurando Ney entre o polegar e o indicador, fê-lo avançar três hexágonos. Somou factores de potência, consultando as tabelas: a relação era de 8 para 3. Wellington estava acabado. Havia apenas um pormenor ínfimo deixado à sorte. Consultou de novo a tabela de equivalências, verificando que bastaria um 3. Teve no entanto um sobressalto de inquietação enquanto recorria aos dados para decidir o pequeno factor de sorte correspondente. Mesmo com a batalha ganha, perder Ney no último minuto era de amador. O caso é que obteve um factor cinco. Sorria com o canto da boca ao dar uma afectuosa pancadinha com a unha sobre a ficha azul de Napoleão. Imagino como te sentes, companheiro. Wellington e os seus últimos cinco mil infelizes estavam mortos ou prisioneiros, e o imperador acabava de ganhar a batalha de Waterloo. Alonsanfãs. Todos os livros de História podiam ir para o Diabo.
Abandonou-se a um longo bocejo. Sobre a mesa, em cima do tabuleiro que representava à escala 1:5000 o campo de batalha, por entre livros de consulta, gráficos, uma chávena de café e o cinzeiro cheio de beatas, o relógio de pulso marcava as três da manhã. Ao lado, sobre o móvel-bar, na etiqueta vermelha, Johnnie Walker, com uma casaca britânica, tinha uma expressão maliciosa acompanhando a larga passada. Rubicundo sem vergonha, pensou Corso. Não se ralava nada que vários milhares de compatriotas acabassem de morrer no pó da Flandres.
Voltou as costas ao inglês para dedicar a sua atenção a uma garrafa intacta de Bois, encaixada numa estante da parede entre o Memorial de Santa Helena em dois volumes e uma edição francesa de O Vermelho e o Negro. Encetou a garrafa com este último aberto em cima da mesa, folheando-o ao acaso enquanto deitava gin num copo:
...As Confissões de Rousseau era o único livro através do qual a sua imaginação representava o mundo. A compilação de boletins da Grande Armée e o Memorial de Santa Helena completavam o seu Alcorão. Ter-se-ia deixado matar por esses três livros. Nunca acreditou em nenhum outro.
Bebeu de pé, em pequenos goles, ao mesmo tempo que distendia as articulações anquilosadas. Deitou ainda uma última vista de olhos para o campo de batalha onde, após a carnificina, cessava o ruído das armas. Engoliu o resto do gin,

sentindo-se como o sonho de um deus ébrio que manejasse vidas como se fossem soldadinhos de chumbo. Imaginou Lord Arthur Wellesley, duque de Wellington, ao entregar a sua espada a Ney. Havia jovens mortos na lama, cavalos sem ginete e um oficial dos Escoceses Cinzentos agonizante sob a carreta destroçada de um canhão, com um medalhão de ouro - retrato de mulher e madeixa de cabelo louro - entre os dedos ensanguentados. No outro extremo das sombras em que mergulhava ressoavam os compassos da última valsa. E a bailarina contemplava-o da prateleira, com a sua lantejoula na testa reflectindo as chamas da lareira e disposta a cair nas mãos do duende da caixa de rapé ou do merceeiro da esquina.

Waterloo. Podiam descansar em paz os ossos do velho granadeiro, seu tetravô. Imaginou-o no interior de qualquer dos pequenos quadrados azuis do tabuleiro, na linha cinzenta que representava a estrada para Bruxelas, o rosto tisnado, o bigode chamuscado pelas explosões de pólvora. Avançava com uma respiração ruidosa e febril depois de três dias de luta à baioneta. Tinha o olhar ausente que Corso imaginou mil vezes em todos os homens, em todas as guerras. E erguia, exausto, a sua esburacada barretina de pele de urso na ponta do fuzil, tal como os seus camaradas. Viva o Imperador! O solitário, rechonchudo e canceroso fantasma de Bonaparte estava vingado. Descanse em paz./Hip, hip, hurra!

Encheu outro copo de Bois e fez um silencioso brinde na direcção do sabre pendurado na parede, à saúde da sombra fiel do granadeiro Jean-Pax Corso, 1770-1851, Legião de Honra, Cavaleiro da Ordem de Santa Helena, bonapartista ferrenho até à morte, cônsul de França na mesma cidade mediterrânica onde, um século mais tarde, nasceria o seu tetraneto. E com o sabor do gin na boca, recitou entre dentes o único património transmitido de um para outro através daquele século e dos Corsos que agora desapareciam com ele:

... E o Imperador, a frente do seu exército impaciente cavalgará no meio do clamor.

E armado sairei da terra, e uma vez mais irei para a guerra seguindo o Imperador.

Ria-se sozinho quando levantou o auscultador do telefone, marcando o número de La Ponte. O ruído do disco ao girar ressoava no silêncio do quarto. Havia livros nas paredes e telhados húmidos de chuva do lado de lá da vidraça escura. A vista dali não era grande coisa, excepto nos entardeceres de Inverno, quando o sol poente se filtrava por entre o fumo dos aquecimentos e da poluição da rua e o ar parecia inflamar-se com vermelhos e ocres como se fosse uma densa cortina. A mesa de trabalho, o computador e o tabuleiro de Waterloo estavam situados em frente desse panorama, junto da janela envidraçada, sobre a qual, naquela noite, escorriam gotas de chuva. Nas paredes não havia recordações, quadros

nem fotos. Apenas o antigo sabre; da Velha Guarda na sua bainha de latão e couro. Quando recebia visitas, estas estranhavam não encontrar ali, excepto os livros e o sabre, nenhum rasto de vida pessoal, nenhum desses elos de ligação que qualquer ser humano estabelece, por instinto, com a sua memória ou com o seu passado. Tal como os objectos ausentes daquela casa, o mundo do qual provinha Lucas Corso há já muito tempo que se extinguira. Nenhum dos rostos graves que por vezes lhe surgiam na memória o teria reconhecido se voltasse à vida; e talvez fosse melhor assim. Era ; como se o dono daquele compartimento nunca tivesse tido ou deixado nada para trás. Como se sempre se tivesse bastado a si mesmo, no seu posto, como um vagabundo erudito e urbano que transportasse todos os seus haveres nos bolsos do sobretudo. E, no entanto, os raros privilegiados que o viram num desses rubros entardeceres, sentado à janela, com os olhos deslumbrados e turvados pelo gin holandês, fitando o poente, dizem que a sua expressão de pobre coelho desamparado parecia sincera.
A voz sonolenta de La Ponte soou no telefone.
- Acabo de massacrar Wellington - informou Corso.
Após um silêncio perplexo, La Ponte respondeu que se alegrava muito. A pérfida Albion, o empadão de rins e o aquecimento a moedas nos hotéis miseráveis. Aquele cipaio, o Kipling, e toda essa corja de Balaclava, Trafalgar e Malvinas. Quanto a Corso, lembrava-lhe que eram - o telefone ficou silencioso enquanto La Ponte procurava o relógio às apalpadelas - três da madrugada. Depois resmungou mais qualquer coisa incoerente, onde apenas se distinguiram com clareza as palavras maldito e cabrão, por esta ordem.
Corso ainda ria sozinho quando poisou o auscultador. Uma vez telefonou a La Ponte de um leilão em Buenos Aires, a pagar no destinatário, apenas para lhe contar uma anedota: a puta tão feia que morreu virgem. Ah, ah, ah. Muito engraçado! Mas hei-de fazer-te engolir a factura do telefone quando voltares, maldito imbecil. E daquela vez, anos atrás, no dia em que amanheceu abraçado a Nikon, o seu primeiro gesto foi levantar o telefone para dizer a La Ponte que tinha conhecido uma mulher linda e que tudo aquilo se parecia muito com estar apaixonado. Sempre que desejava, Corso era capaz de fechar os olhos e ver Nikon acordar lentamente, com o cabelo a transbordar da almofada. Com o auscultador encostado à orelha, tinha-a descrito a La Ponte, sentindo uma estranha emoção, uma ternura inexplicável e desconhecida enquanto falava ao telefone e ela ouvia, olhando-o em silêncio; e sabia que a voz que soava do outro lado da linha - ainda bem, Corso, amigo, bendito sejas, já não era sem tempo, alegro-me por ti - era sincera ao partilhar o seu despertar, o seu triunfo, a sua felicidade. Nessa amou tanto La Ponte como a ela. Ou talvez a ela tanto como a La Ponte.

Desde então tinha passado muito tempo. Corso apagou a luz. A chuva continuava a cair lá fora, na noite. No quarto de dormir, sentado na beira da cama vazia, imóvel na penumbra, acendeu um último cigarro, procurando ouvir entre os lençóis o som da respiração ausente. Depois, estendeu uma mão para afagar o cabelo que já ali não estava sobre a almofada. Nikon era o seu único tormento. Agora a chuva lá fora tornava-se mais forte e, na janela, as gotas de água decompunham em mil reflexos a fraca luz exterior, crivando os lençóis de pontos móveis, regatos negros, sombras minúsculas que se despenhavam sem rumo, como farrapos de uma vida.

- Lucas.

Pronunciou o seu próprio nome em voz alta, tal como ela costumava fazer, a única que sempre o chamou assim. Essas cinco letras eram um símbolo da destroçada pátria comum que, noutro tempo, ambos desejaram partilhar. Corso concentrou a atenção na brasa do cigarro, vermelha na escuridão. Outrora julgara amar muito Nikon. Quando a achava bela e inteligente, infalível como uma encíclica pontifícia, tão apaixonada como as suas fotografias a preto e branco: crianças de olhos imensos, velhos, cães de olhar fiel. Quando a via defender a liberdade dos povos e assinar manifestos a favor dos intelectuais encarcerados, das etnias oprimidas e coisas do género. Das focas, também. Uma vez tinha conseguido que ele assinasse uma coisa qualquer sobre as focas.

Ergueu-se lentamente da cama para não despertar o fantasma que dormia a seu lado, aguçando o ouvido para o ritmo de uma respiração que às vezes imaginava ouvir realmente. Estás morto como os teus livros. Nunca amaste ninguém, Corso. Foi essa a primeira e a última vez que ela pronunciou apenas o seu apelido; a primeira e a última vez que lhe negou o seu corpo, antes de partir para sempre em busca daquele filho que ele nunca quis ter.

Abriu a janela, sentindo o frio húmido da noite ao mesmo tempo que as gotas de água lhe molhavam o rosto. Aspirou o cigarro pela última vez e depois deixou-o cair, ponto vermelho extinguindo-se na escuridão, arco de trajectória interrompida ou invisível em direcção às sombras.

Nessa noite choveria também sobre outras paisagens. Sobre os últimos vestígios de Nikon. Sobre os campos de Waterloo, o tetravô Corso e os seus camaradas. Sobre o túmulo vermelho e negro de Julien Sorel, guilhotinado por julgar que, uma vez desaparecido Bonaparte, as estátuas de bronze agonizavam nos velhos caminhos esquecidos. Estúpido erro. Lucas Corso sabia melhor do que ninguém que ainda era possível escolher o campo de batalha e cobrar o soldo como soldado perdido e lúcido, ficando de guarda entre fantasmas de papel e couro, no meio da ressaca de milhares de naufrágios.

III.

GENTE DE TOGA E GENTE DE ESPADA

- Os que estão no túmulo não falam.
- Falam quando Deus quer - replicou Lagardère.
(P. Feval. O Corcunda)

O bater dos tacões da secretária repicava no solo de madeira envernizada. Lucas Corso seguiu-a pelo longo corredor - paredes de um tom creme suave, luzes indirectas, música ambiente - até chegar a uma pesada porta de carvalho. Obedeceu à indicação de aguardar um instante e, depois, quando a secretária se afastou para o lado dedicando-lhe um sorriso breve e impessoal, entrou no compartimento. Varo Borja estava sentado numa poltrona reclinável de cabedal preto, entre meia tonelada de acaju e a janela com uma esplêndida vista panorâmica de Toledo: velhos telhados ocres, a agulha gótica da catedral recortada no límpido céu azul e, ao fundo, a mole cinzenta do Alcázar.
- Sente-se, Corso. Como vai?
- Bem.
- Teve de esperar.
Não era uma desculpa, mas sim a constatação de um facto. Corso fez um trejeito ambíguo.
- Não tem importância. Desta vez foram apenas quarenta e cinco minutos.
Varo Borja nem se deu ao trabalho de esboçar um sorriso enquanto Corso ocupava um cadeirão destinado aos visitantes. Não havia nada sobre a secretária a não ser um complicado sistema de telefone e interfone de linhas modernas colocado sobre a superfície onde se reflectia, invertida, a imagem do livreiro com a paisagem da janela como decoração de fundo. Varo Borja rondava os cinquenta anos, tinha uma calva bronzeada pelos raios ultravioletas e um ar respeitável que estava muito longe de corresponder à verdade. Os olhos eram pequenos, móveis e astutos; dissimulava a barriga proeminente com assertoados coletes de fantasia sob casacos feitos por medida, e era marquês de qualquer coisa, com um passado juvenil tumultuoso e estróina que incluía cadastro policial, um escândalo por fraude e quatro prudentes anos de auto-exílio no Brasil e no Paraguai.
- Vou mostrar-lhe uma coisa.
Tinha modos bruscos, raiando com frequência uma grosseria calculada que cultivava com esmero. Corso viu-o levantar-se e dirigir-se a uma pequena vitrina

que abriu com uma chavinha tirada do bolso e presa à extremidade de uma corrente de ouro. Sem estabelecimento comercial aberto ao público - excepto um expositor reservado nas mais importantes feiras internacionais - o catálogo de Varo Borja nunca incluía mais de meia centena de títulos escolhidos. Seguia a pista de livros raros em qualquer canto do mundo, lutando com dureza e expedientes para ficar com eles; depois, especulava seguindo as oscilações do mercado. A sua lista eventual incluía coleccionadores, restauradores, gravadores, impressores e fornecedores como Lucas Corso.

- O que acha?

Corso estendeu as mãos para receber o livro com o mesmo cuidado que qualquer pessoa teria ao receber nos braços uma criança de poucos meses. Estava encadernado em pele castanha com ornamentos dourados, de época, e o seu estado de conservação era excelente.

- La Hypnerotomachia di Poliphilo, de Colonna - exclamou. - Conseguiu-o finalmente.

- Há três dias. Veneza, 1545. In casa di figlivoli di Aldo. Cento e setenta gravuras em madeira... O suíço de que me falou ainda continua interessado?

- Suponho que sim. Está completo?

- Claro. Todas as xilografias desta edição, excepto quatro, são reimpressões das de 1499.

- O meu cliente teria preferido uma primeira edição, mas tentarei convencê-lo com a segunda... Há cinco anos escapou-lhe um exemplar no leilão de Mónaco.

- A opção é sua.

- Dê-me umas semanas para me pôr em contacto com ele.

- Prefiro tratar directamente. - Varo Borja sorria como um tubarão à cata de banhista. - Respeitando, claro, a sua comissão com a percentagem habitual.

- De maneira nenhuma. O suíço é meu cliente. ;

O outro sorriu, irónico.

- Não confia em ninguém, não é verdade?... Imagino-o em pequeno, analisando o leite da sua mãe antes de começar a mamar.

- O senhor seria capaz de revender o da sua, calculo.

Varo Borja observou fixamente o caçador de livros que agora não tinha nada de coelho nem de simpático; fazia lembrar antes um lobo que arreganhasse os dentes.

- Sabe o que me agrada no seu carácter, Corso? A naturalidade com que assume o papel de sicário assalariado, no meio de tantos demagogos e aldrabões que andam por aí... Parece um desses indivíduos dúbios e perigosos que Júlio César receava... Dorme bem?

- A sono solto.

- Tenho a certeza que não. Apostaria um ou dois originais góticos que é dos que passam muito tempo com os olhos abertos no escuro... Quer que lhe diga uma coisa? Desconfio por instinto dos homens dúbios, voluntariosos e entusiastas. Só me sirvo deles quando se trata de mercenários bem pagos, pessoas desenraizadas e sem ligações. Desconfio daqueles que alardeiam uma pátria, uma família ou uma causa.
O livreiro meteu de novo o Poliphilo na vitrina. Soltou depois uma risada seca, sem humor.
- Tem amigos, Corso?... Às vezes pergunto a mim mesmo se uma pessoa como você os pode ter.
- Vá à merda.
A sugestão fora proferida com uma frieza implacável. Varo Borja sorriu lenta e deliberadamente. Não parecia ofendido.
- Tem razão. A sua amizade não me interessa nada, pois o que lhe compro é lealdade mercenária, sólida e duradoura. Não é verdade?... É brio profissional de quem cumpre o seu contrato, mesmo que o rei que o empregou tenha fugido, que a batalha esteja perdida e que não haja salvação possível...
Fitava Corso com ar de gozo, provocador, atento à sua reacção. Mas este limitou-se a uma expressão de impaciência, tocando, sem o olhar, no relógio que usava no pulso esquerdo.
- Pode escrever-me o resto - disse. - Por carta. Não cobro para rir das suas piadas.
Varo Borja pareceu meditar naquilo. Depois concordou, embora trocista.
- Tem outra vez razão, Corso. Voltemos aos negócios... - Olhou em volta antes de se concentrar no tema. - Lembra-se do Tratado da Arte da Esgrima, de Astarloa?
- Perfeitamente. Uma edição de 1870, muito rara. Arranjei-lhe um exemplar há alguns meses.
- O mesmo cliente quer agora Académie de Vespée. Conhece?
- Não sei se se refere ao cliente ou ao livro... A sua maneira de falar faz-me às vezes ficar baralhado.
O olhar carrancudo de Varo Borja revelou pouco agrado pelo comentário.
- Nem todos possuem a sua prosa clara e límpida, Corso. Estava a falar do livro.
- É um Elzevir do século XVII. Um grande in-fólio com gravuras. E considerado o mais belo tratado de esgrima. E o mais caro.
- O comprador está disposto a pagar seja o que for.
- Então, há que encontrá-lo.
Varo Borja tinha-se instalado de novo na sua poltrona em frente da janela que emoldurava a panorâmica da cidade antiga e cruzava as pernas, satisfeito,

enfiando os polegares nos bolsos do colete. Era óbvio que os negócios lhe corriam bem. Só muito poucos, de entre os seus mais qualificados colegas europeus, se podiam permitir aquela vista por trás da secretária. Mas Corso não estava impressionado. Os fulanos assim dependiam de gente como ele, e isso era algo que ninguém precisava explicar a nenhum dos dois. >;
Ajeitou os óculos tortos e fitou o livreiro.
- O que fazemos com o Poliphilo ? >;. Varo Borja hesitava entre a antipatia e o interesse, lançando olhares ora para a vitrina ora para ele.
- Muito bem - disse entredentes. - Negoceie com o suíço.
Corso assentiu sem revelar satisfação pela pequena vitória. O suíço ´não existia, mas isso era um problema seu. Não faltavam compradores para um livro como aquele.
- Falemos das suas Nove Portas - propôs, e viu a expressão do livreiro animar-se.
- Muito bem, falemos. Aceita o trabalho?
Corso mordia a pele de um polegar junto à unha. Cuspiu-a suavemente para cima da impecável secretária.
- Imagine por um momento que o seu exemplar é falso e que o autêntico é um dos outros dois. Ou nenhum.
Varo Borja, incomodado, parecia procurar com o olhar a minúscula pele do polegar de Corso. Por fim, renunciou à busca.
- Nesse caso - disse - tomará conhecimento do facto e seguirá as minhas instruções.
- Quais são?
- Cada coisa a seu tempo.
- Insisto. Quais são? - Verificou que o livreiro hesitava um momento. No recanto do cérebro onde estava sediado o seu instinto de caçador algo começou a palpitar fora do sítio. Tic, tac. O som quase imperceptível de uma máquina desafinada.
- Isso - acabou por responder o outro - decidiremos de acordo com o correr das coisas.
- E o que temos de decidir? - Corso começava a mostrar-se irritado. - Um dos livros encontra-se numa colecção privada e o outro numa fundação pública; nenhum deles está à venda. Isso significa que acaba tudo aí: as minhas diligências e as suas pretensões. Eu digo-lhe: este ou aquele são falsos ou não. Em qualquer dos casos, quando terminar recebo e adeus.
Simples de mais, dizia o meio sorriso do livreiro.
- Isso depende.
- Era o que eu receava... Tem alguma ideia na cabeça, não é verdade?
Varo Borja ergueu ligeiramente uma das mãos, observando o seu reflexo na superfície polida da secretária. Depois, fê-la descer lentamente até unir a mão ao

reflexo. Corso olhou aquela mão larga e peluda, com um enorme brasão de ouro no dedo mindinho. Conhecia-a demasiado bem. Tinha-a visto assinar cheques sobre contas inexistentes, apoiar falsificações inequívocas, apertar mãos que ia atraiçoar. Continuava a ouvir o tiquetaque suspeito. Sentia subitamente uma estranha fadiga. Já não tinha a certeza de desejar o trabalho.

- Não tenho a certeza - disse em voz alta - de querer este trabalho.

Varo Borja deve ter captado o tom da sua voz, pois mudou de atitude. Entrelaçava agora os dedos por baixo do queixo, imóvel, com a luz da janela fazendo brilhar a calva bronzeada e perfeita. Parecia reflectir e os seus olhos não se afastavam de Corso.

- Nunca lhe contei por que me tornei livreiro?

- Não. E não me interessa nada.

O outro deu uma gargalhada teatral. Aquilo anunciava a sua disposição benevolente para admitir as atitudes do outro. O mau humor de Corso podia manifestar-se sem consequências, até nova ordem.

- Pago-lhe para que oiça o que me apetecer.

- Desta vez ainda não pagou.

O outro abriu uma caixa, extraiu dela um livro de cheques e colocou-o em cima da mesa, enquanto Corso olhava em redor com resignado abandono. Era o momento de dizer adeus e passe bem ou de permanecer no cadeirão, esperando. Também era o momento de lhe oferecerem um gole de qualquer coisa, mas o seu interlocutor não era desse género de anfitriões. Portanto, encolheu os ombros, tocando com um cotovelo no frasco de gin que fazia volume num dos seus bolsos. Era absurdo. Sabia perfeitamente que não se ia embora, gostasse ou não daquilo que lhe iam propor. E Varo Borja também sabia. Escreveu um montante, assinou e destacou o cheque do talonário, empurrando-o para o seu interlocutor.

Sem lhe tocar, Corso deitou uma vista de olhos.

- Acaba de me convencer - suspirou. - Sou todo ouvidos.

O livreiro nem sequer precisava de se permitir uma expressão de triunfo. Apenas um breve sinal de assentimento seguro e frio, como se tivesse acabado de resolver um pormenor sem importância.

- Entrei nisto por acaso - começou a contar. - Um dia, vi-me sem um centavo no bolso e com a biblioteca de um tio-avô falecido como única herança... Dois mil títulos, pouco mais ou menos, dos quais apenas uns cem valiam a pena. Mas entre eles havia uma primeira edição do Quijote, uns saltérios do século XIII e um dos quatro únicos exemplares conhecidos do Champfleury de Geoffroy Tory... O que lhe parece?

- Que teve uma sorte dos diabos.

- Foi isso mesmo - concordou Varo Borja, neutro e seguro. Contava as coisas

sem a autocomplacência que costumam evidenciar muitos triunfadores quando falam de si mesmos. - Naquela época eu ignorava tudo acerca dos coleccionadores de livros raros, mas captei o essencial: eram gente disposta a pagar muito dinheiro por produtos pouco abundantes. E eu possuía alguns desses produtos... Assim, aprendi palavras de que não fazia a menor ideia, como cólofon, dente-de-cão, proporção áurea ou encadernação em leque... E enquanto me ia afeiçoando ao negócio, descobri uma coisa: há livros para vender e livros para guardar. No que se refere a estes últimos, ingressa-se na bibliofilia como numa religião: para toda a vida.
- Muito comovente. E agora diga-me o que temos eu e As Nove Portas a ver com os seus votos perpétuos.
- Perguntou antes o que aconteceria se descobrisse que o meu exemplar é falso... Posso esclarecê-lo imediatamente: é falso.
- Como sabe?
- Sei com absoluta certeza.
Corso contraiu a boca. A expressão traduzia a sua opinião sobre as certezas absolutas em bibliofilia.
- Na Bibliografia Universal de Mateu e no catálogo Terral-Coy figura como autêntico...
- É verdade - concordou Varo Borja. - Embora o Mateu contenha um pequeno erro: cita oito estampas em vez das nove que o exemplar tem... Mas a sua autenticidade formal não significa grande coisa. De acordo com as bibliografias, os exemplares Fargas e Ungern também são bons.
- Talvez todos três o sejam.
O livreiro fez um gesto negativo.
- Isso é impossível. As actas do processo do impressor Torchia não deixam lugar a dúvidas: apenas se salvou um exemplar. - Esboçou um meio sorriso misterioso.
- Além disso, tenho outros elementos de avaliação.
- Por exemplo?
- Isso não lhe diz respeito.
- Então para que precisa de mim?
Varo Borja puxou a cadeira para trás e levantou-se.
- Venha comigo.
- Já lhe disse - Corso abanava a cabeça - que esta história não desperta a minha curiosidade.
- É mentira. Está morto por saber e nesta altura até já trabalharia de graça.
Segurou no cheque entre os dedos polegar e indicador e meteu-o no bolso do colete. Depois, conduziu Corso por uma escada de caracol até ao andar de cima. O livreiro tinha o escritório na parte de trás da sua vivenda, um casarão medieval

na parte antiga da cidade, por cuja aquisição e reforma tinha pago uma fortuna. Por um corredor que comunicava com o vestíbulo e a entrada principal, guiou Corso até uma porta que se abria por meio de um moderno teclado de segurança. O compartimento era grande, com chão de mármore negro, vigas no tecto e janelas protegidas por gelosias antigas. Havia também uma mesa de trabalho, sofás de couro e uma grande chaminé de pedra. Todas as paredes estavam cobertas por vitrinas com livros e gravuras lindamente emolduradas: Holbein e Dúrer, reparou Corso.

- Bonito lugar - reconheceu, pois nunca ali tinha estado antes.

- Mas sempre julguei que guardasse os seus livros na arrecadação da cave...

Varo Borja parou a seu lado.

- Estes são os meus; nenhum deles está à venda. Há quem coleccione romances de cavalaria ou novelas galantes, quem procure Qui-xotes ou livros intonsos... Todos os que vê aqui têm um protagonista: o Diabo.

- Posso dar uma vista de olhos?

- Foi para isso que o trouxe cá.

Corso deu uns passos. Os volumes tinham encadernações antigas, desde a pele sobre madeira dos incunábulos até ao marroquim decorado com placas e florões. O chão de mármore chiava sob a sola dos seus sapatos mal engraxados quando se deteve deante de uma das vitrinas, inclinando-se para observar o seu conteúdo: De spectris et appari-tionibus, de Juan Rivio; Summa diabólica, de Benedicto Casiano; La haixrt & Satan, de Pierre Crespet; a Steganografía do abade Tritemio; De Consurrimatione saeculi, de Pontiano... Títulos valiosos e raríssimos que, na sua maior parte, Corso conhecia apenas por referências bibliográficas.

- Não há nada mais belo, não acha? - disse Varo Borja, que lhe seguia atentamente os movimentos. - Nada como esse brilho suave: os dourados sobre couro, por trás do vidro... Para não falar dos tesouros que encerram: séculos de estudos, de sabedoria. De respostas aos segredos do universo e do coração do homem. - Ergueu um pouco os braços para logo os deixar cair, renunciando a exprimir com palavras o seu orgulho de proprietário. - Conheço pessoas capazes de matar por uma colecção destas.

Corso assentia, sem afastar os olhos dos livros.

- O senhor, por exemplo - afirmou. - Embora não pessoalmente. Arranjaria maneira de outros matarem em seu lugar.

Fez-se ouvir o riso de desprezo de Varo Borja.

- Essa é uma das vantagens do dinheiro: permite contratar esbirros para os trabalhos sujos, enquanto podemos manter-nos impolutos.

Corso fitou o livreiro.

- É um ponto de vista - concordou, depois de permanecer uns segundos absorto; parecia realmente estar a meditar sobre o caso. - Mas eu desprezo mais aqueles que não sujam as mãos. Os impolutos.
- Não me interessa o que o senhor despreza e portanto tratemos de coisas sérias.
Varo Borja deu uns passos em frente das vitrinas. Havia uma centena de volumes em cada uma.
- Ars Diavoli... - Abriu a mais próxima para passar os dedos pela lombada dos livros, quase numa carícia. - Nunca os verá reunidos em nenhum outro sítio. São os mais raros, os mais escolhidos. Demorei anos a reunir esta colecção, mas faltava a peça principal.
Retirou um dos volumes, in-fólio encadernado em pele negra, à veneziana, sem título exterior mas com cinco nervuras na lombada e Um pentáculo dourada na capa anterior. Corso pegou-lhe, abrindo-o com muito cuidado. A primeira página impressa, a portada original, estava en latim: DE UMBRARUM REGNI NOVEM PORTIS: Livro das nove portas do reino das sombras. Seguiam-se a marca do impressor, o lugar, o nome e a data: Venetiae, apud Aristidem Torchiam. M.DC.LX.VI. Cum superiorum privilegio veniaque. Com privilégio e autorização dos superiores.
Varo Borja observava o efeito com interesse.
- Reconhece-se um bibliófilo - disse - pela forma de tocar num livro.
- Eu não sou um bibliófilo.
- Tem razão. Embora às vezes seja possível perdoar-lhe os seus hábitos de lansquenete a soldo... E quando se trata de livros, certos gestos dão tranquilidade. Há contactos de mãos que são criminosos.
Corso passou mais páginas. Todo o texto estava em latim, impresso em belos caracteres tipográficos sobre papel grosso, de grande qualidade, que resistira bem ao passar dos anos. Havia nove esplêndidas gravuras de página inteira com cenas de aparência medieval. Parou numa delas, ao acaso. Estava numerada com um V latino, acompanhado por uma letra ou numeral hebreu e outro grego. Ao lado, uma palavra incompleta ou em código: FR.ST.A. Em frente de uma porta fechada, um indivíduo com aspecto de mercador contava um saco de ouro, ignorando o esqueleto que, atrás dele, segurava numa das mãos uma ampulheta e na outra uma forquilha de camponês.
- Qual é a sua opinião? - perguntou o livreiro.
- Disse que é falso, mas não parece. Estudou-o bem?
- Com lupa e até à última vírgula. Tive tempo desde que o adquiri, há seis meses, quando os herdeiros de Gualterio Terral decidiram vender a sua biblioteca.
O caçador de livros passou mais páginas. As gravuras eram belíssimas, de uma elegância simples e enigmática. Noutra, uma jovem estava prestes a ser

decapitada por um carrasco vestido com armadura e de espada erguida.
- Duvido que os herdeiros pusessem à venda uma falsificação - concluiu Corso ao terminar o seu exame. - Têm dinheiro de mais e os livros são-lhes indiferentes. Inclusivamente, o catálogo da biblioteca teve de ser feito pela casa de leilões Claymore... Além disso, eu conheci o velho Terral. Nunca teria admitido um livro falso ou manipulado.
- Estou de acordo - admitiu Varo Borja. - Além disso, Terral herdou As Nove Portas do sogro, D. Lisardo Coy, bibliófilo impecável.
- Que, por sua vez - Corso poisou o livro sobre a mesa e tirou o bloco-notas do bolso do sobretudo - o comprou ao italiano Dome-nico Chiara, cuja família, segundo o catálogo Weiss, o tinha em seu poder desde 1817...
O livreiro concordou, satisfeito.
- Vejo que estudou o tema a fundo.
- Claro que estudei. - Corso olhou-o como se acabasse de ouvir uma estupidez. - É o meu trabalho.
Varo Borja fez um gesto conciliador.
- Não duvido da boa-fé de Terral nem dos seus herdeiros - esclareceu. - Também não afirmei que esse exemplar não fosse antigo.
- Disse que era falso.
- Talvez falso não seja a palavra adequada.
- Então explique-se. Tudo corresponde à época. - Corso pegou novamente no livro, prendeu a borda das folhas com o polegar e fê-las passar, aguçando o ouvido, atento ao som que produziam. - Até o papel soa como deve.
- Há algo nele que não soa como deve, e não me refiro ao papel.
- Talvez as xilografias.
- Que têm elas?
- Destoam. Seriam de esperar gravuras em cobre. Em 1666 ninguém utilizava já a gravura em madeira.
- Não se esqueça que se trata de uma edição especial. As estampas reproduzem outras mais antigas, supostamente descobertas ou vistas pelo impressor.
- O Delomelanicon... Acredita realmente nisso?
- A si não lhe interessa o que eu acredito ou não. Mas as nove estampas originais do livro não são atribuídas à mão de um qualquer... Segundo a lenda, Lúcifer, depois da sua derrota e expulsão do Céu, compôs um formulário mágico para uso dos seus adeptos: o receituário mestre das sombras. O terrível livro guardado em segredo, queimado diversas vezes, vendido a preço de ouro pelos escassos privilegiados que o possuíram... Essas ilustrações são, na realidade, hieróglifos infernais. Interpretadas com o auxílio do texto e dos conhecimentos adequados, permitiriam convocar o príncipe das trevas.

Corso concordou com exagerada gravidade.
- Conheço formas melhores de vender a alma.
- Não brinque, porque é mais sério do que parece... Sabe o que significa Delomelanicon ?
- Suponho que sim. Vem do grego: Delo, convocar; e Melas, negro, escuro.
Varo Borja emitiu uma risadinha chilreante de humorística aprovação.
- Esquecia-me que é um mercenário culto. E tem razão: convocar as trevas, ou iluminá-las... O profeta Daniel, Hipócrates, Flávio Josefo, Alberto Magno e Leão III aludiram a esse livro maravilhoso. Embora os homens só escrevam há seis mil anos, ao Delomelanicon é atribuída três vezes essa antiguidade... A primeira menção directa consta no papiro de Turis, escrito há trinta e três séculos. Depois, entre o século I antes de Cristo e o II da nossa era, aparece citado várias vezes no Corpus Hermeticum. De acordo com o Asclemandres, esse livro permite olhar a Luz cara a cara... E num inventário parcial da biblioteca de Alexandria, antes da sua terceira e definitiva destruição no ano de 646, figura com referência expressa aos nove enigmas mágicos que encerra... Ignora-se se houve um ou vários exemplares e se algum sobreviveu ao incêndio da biblioteca... Desde então, a sua pista aparece e desaparece na História, entre incêndios, guerras e catástrofes.
Corso exibiu os incisivos numa expressão incrédula.
- Como sempre. Todos os livros maravilhosos têm a mesma lenda, desde Thot a Nicolás Flamel... Uma vez, um cliente que se dedicava à química encomendou-me a bibliografia citada por Fulcanelli e pelos seus adeptos. Não houve maneira de o convencer de que metade desses títulos nunca tinham sido escritos.
- Mas este foi escrito. E alguma certeza haveria da sua existência quando o Santo Ofício o incluiu no Index... O que acha?
- A minha opinião não lhe interessa. Há advogados que não acreditam na inocência daqueles que defendem e que, no entanto, conseguem a sua absolvição.
- É isso mesmo. Eu não alugo a sua fé mas sim a sua eficácia.
Corso passou mais algumas páginas do livro. Outra gravura, a número I, tinha uma cidade rodeada de muralhas no cimo de uma colina. Cavalgava na sua direcção um estranho cavaleiro sem armas, com o dedo sobre os lábios exigindo cumplicidade ou silêncio. A legenda que acompanhava a gravura era: NEM. PERV.T QUI N.N LEG. CERT.RIT.
- Está em código abreviado mas decifrável - esclareceu Varo Borja, atento às suas expressões. - Nemo pervenit qui non legitime certaverit...
- Não o consegue quem não tiver combatido segundo as regras... ?
- Pouco mais ou menos. De momento, é a única das nove legendas que podemos estabelecer com certeza. Surge quase idêntica nas obras de Roger Bacon,

especialista em demonologia, criptografia e magia... Bacon afirmava possuir um Delomelanicon que tinha pertencido ao rei Salomão, com a chave de terríveis mistérios. Esse livro, composto por rolos de pergaminho com ilustrações, foi queimado em 1350 por ordem pessoal do papa Inocêncio VI que declarou: "Contém um método para invocar os demónios"... Três séculos mais tarde, Aristide Torchia decidiu imprimi-lo em Veneza com as ilustrações originais.
- Demasiado perfeitas - objectou Corso. - Não podem ser as originais: o estilo seria mais arcaico.
- Estamos de acordo. Não há dúvida que Torchia actualizou o tema.
Noutra gravura, numerada com o III, uma ponte guarnecida por portas fortificadas atravessava um rio. Ao erguer o olhar, Corso observou que Varo Borja sorria de forma enigmática, tal como um alquimista certo do que existe no seu cadinho.
Há mais uma ligação - disse o livreiro: - Giordano Bruno, mártir do racionalismo, matemático e paladino da rotação da Terra em redor do Sol... - Fez um gesto desdenhoso com a mão, como se tudo aquilo fosse secundário. - Mas essa é apenas uma parte da sua obra, composta por sessenta e um livros nos quais a magia ocupa um lugar importante. E repare: Bruno faz uma referência expressa ao Delomelanicon utilizando, inclusivamente, as palavras gregas Delo e Melas, e acrescenta: "No caminho dos homens que querem saber há nove portas secretas", antes de se referir aos métodos para fazer com que a Luz brilhe de novo... "Sic luceat Lux", escreve; por acaso, é o mesmo lema - mostrou a Corso a marca do impressor do livro: uma árvore com um ramo rachado por um raio, uma serpente e uma divisa - que Aristide Torchia utiliza no frontispício de As Nove Portas... O que acha?
- Acho bem. Mas isso e nada vem a dar no mesmo. É fácil fazer com que um texto diga qualquer coisa, sobretudo se é antigo e está escrito com ambiguidade.
- Ou com certas precauções. Embora Giordano Bruno tenha esquecido a regra de ouro da sobrevivência: Scire, tacere. Saber e calar. Pelos vistos, soube como devia mas falou mais do que a conta. E continuamos com as coincidências: Giordano Bruno é preso em Veneza, declaram-no herege reincidente e queimam-no vivo em Roma, no Campi del Fiori, em Fevereiro de 1600. O mesmo itinerário, os mesmos lugares e as mesmas datas que, sessenta e sete anos depois, escalonarão a execução do impressor Aristide Torchia: preso em Veneza, torturado em Roma, queimado no Campi del Fiori em Fevereiro de 1667. Nessa altura já se queimava pouca gente e, no entanto, este foi queimado.
- Estou impressionado - disse Corso, que não o estava de maneira nenhuma.
Varo Borja emitiu um ruído de desaprovação.
- Às vezes pergunto a mim mesmo se você é capaz de acreditar em qualquer

coisa.
Corso fez um ar de quem, por momentos, estava a reflectir, e depois encolheu os ombros.
- Há muito tempo acreditava em coisas... Mas nessa altura era jovem e cruel. Agora tenho quarenta e cinco anos: sou velho e cruel.
- Também eu. Mas há coisas em que acredito. Coisas que me aceleram o pulso.
- Como o dinheiro?
- Não troce. O dinheiro é a chave que abre a porta obscura dos homens. Que o compra a si, por exemplo. Ou que me proporciona a única coisa que respeito no mundo: os livros. - Deu uns passos pelo quarto, junto das vitrinas cheias. - São espelhos à imagem e semelhança daqueles que escreveram as suas páginas. Reflectem preocupações, mistérios, desejos, vidas, mortes... São matéria viva: é necessário saber dar-lhes alimento, protecção...
- E utilizá-los.
- Às vezes.
- E este não funciona.
- Não funciona.
- Já o tentou.
Corso fez uma afirmação, não uma pergunta. Varo Borja dirigiu-lhe Um olhar hostil.
- Não seja estúpido. Digamos que tenho a certeza de que é falso e basta. É por isso que o quero comparar com os outros exemplares.
- Insisto em que não vejo por que razão há-de ser falso. Embora pertencendo à mesma edição, muitos livros são diferentes... Na realidade, não há dois iguais, porque o próprio nascimento os distingue em certos pormenores. Depois, cada volume vive uma vida diferente: faltam-lhe páginas, aumentam-se ou substituem-se outras, encaderna-se... Ao fim de alguns anos, dois livros que foram impressos na mesma prensa podem não se parecer em quase nada. Pode ter acontecido isso com este.
- Averigue isso. Investigue As Nove Portas como se de um crime se tratasse. Siga pistas, verifique cada página, cada gravura, o papel, a encadernação... Leve até bem atrás essa pesquisa para descobrir de onde vem o meu exemplar. Depois, em Sintra e em Paris, faça o mesmo com os outros dois.
- Ajudar-me-ia muito saber como averiguou que o seu é falso.
- Não lho posso revelar. Confie na minha intuição.
- A sua intuição vai custar-lhe muito dinheiro.
- Limite-se a gastá-lo.
Tirou o cheque do bolso e colocou-o nas mãos de Corso. Este deu-lhe voltas entre os dedos, indeciso.

- Porque me paga adiantado?... Nunca tinha feito isso antes.
- Vai ter de cobrir muitos gastos. Isto é para começar a movimentar-se. - Entregou-lhe um grosso dossier encadernado. - Tem tudo o que averiguei sobre o livro; pode vir a ser-lhe útil.
Corso continuava a olhar para o cheque.
- É demasiado para um adiantamento.
- Talvez tenha de enfrentar certas complicações...
- Não me diga!
Depois do sarcasmo, ouviu o livreiro pigarrear para limpar a garganta. Chegavam finalmente ao cerne da questão.
- Se os três exemplares são falsos ou estão incompletos - continuou Varo Borja - , terá terminado o seu trabalho e liquidaremos a questão... - Fez uma pausa para passar uma mão pela careca bronzeada e sorriu a Corso, pouco à vontade. - Mas pode suceder que um dos livros seja autêntico e então terá mais dinheiro à sua disposição. É que, nesse caso, quero tê-lo seja como for, sem olhar a meios nem a despesas.
- Está a brincar, não é verdade?
- Não tenho jeito para brincadeiras, Corso.
- Isso é ilegal.
- Você já fez coisas ilegais antes.
- Não a esse ponto.
- Ninguém lhe pagou o que eu vou pagar.
- Qual é a sua garantia?
- Deixo-o levar o livro, pois precisa do original para o seu trabalho... Acha pouca garantia?
Corso, que conservava As Nove Portas nas mãos, colocou o cheque entre as páginas como uma marca e soprou do livro um pó imaginário antes de o devolver a Varo Borja.
- Há bocado disse que o dinheiro compra tudo e portanto pode verificá-lo pessoalmente. Vá visitar os proprietários e meta-se ao barulho.
Deu meia volta, encaminhando-se para a porta enquanto perguntava intimamente quantos passos daria antes de ouvir a voz do livreiro. Foram três.
- Isto não é assunto para gente de toga - disse Varo Borja - mas sim para gente de espada.
O tom tinha mudado. Já não se sentia o arrogante aprumo nem o desdém pelo mercenário cujos serviços estava a contratar. Um anjo - xilografado por Dúrer - bateu as asas com suavidade por trás do vidro de uma moldura na parede, enquanto os sapatos de Corso giravam lentamente sobre o mármore negro do chão. Junto das vitrinas cheias de livros e da janela gradeada com a catedral em

fundo, junto de tudo o que podia comprar com dinheiro, Varo Borja pestanejava, desconcertado. Mantinha ainda a expressão de arrogância e até uma das mãos continuava a tamborilar com mecânico desdém na capa do livro. Mas muito antes daquele glorioso momento, já Lucas Corso tinha aprendido a ler a derrota nos olhos dos homens. E o medo também.

Batia-lhe o pulso com tranquila satisfação quando, sem dizer palavra, refez o caminho na direcção de Varo Borja. Ao chegar à frente dele, tirou o cheque que assomava entre as páginas de As Nove Portas e, depois de o dobrar cuidadosamente, meteu-o no bolso. A seguir, pegou no dossier e no livro.

- Terá notícias minhas.

Teve a certeza que tinha lançado o dado; que avançava a primeira casa num perigoso jogo da glória e que era tarde para recuar. Mas apetecia-lhe jogar. Desceu as escadas, deixando para trás o eco do seu próprio riso seco, entredentes. Varo Borja estava equivocado. Há certas coisas que não se podem pagar com dinheiro.

A escada da porta principal dava para um pátio interior, com um poço rodeado por um parapeito e dois leões venezianos de mármore, separado da rua por um gradeamento. Subia do Tejo uma humidade desagradável que fez com que Corso se detivesse sob o arco de estilo árabe da entrada para levantar a gola do sobretudo. Avançou pelas vielas estreitas e silenciosas de empedrado irregular, até chegar a uma pequena praça onde havia um bar com mesas de ferro e alguns castanheiros de ramos despidos junto ao campanário de uma igreja. Escolheu um rectângulo de tépido sol e instalou-se na esplanada enquanto os seus membros, enregelados, recuperavam um pouco de calor. Dois copos de gin de enfiada, sem gelo, contribuíram para normalizar a situação. Só então abriu o dossier sobre As Nove Portas e lhe dedicou o primeiro olhar sério.

Havia um relatório de quarenta e duas páginas batidas à máquina,
com todos os antecedentes históricos do livro, tanto na suposta versão original, o Delomelanicon ou Evocação das Trevas, como na de Torchia, As Nove Portas do Reino das Sombras, impressa em Veneza em 1666. Vários apêndices forneciam bibliografia, fotocópias de citações em textos clássicos e dados sobre os outros dois exemplares conhecidos: proprietários, restauros, datas de aquisição, actuais localizações. Era também incluída uma transcrição das actas do processo de Aristide Torchia, com o relato de uma testemunha ocular, um tal Gennaro Galeazzo, dos últimos momentos do infeliz impressor:

... Subiu ao cadafalso sem aceitar reconciliar-se com Deus e mantinha-se num silêncio obstinado. Quando pegaram fogo, o fumo começou a sufocá-lo. Esbugalhou os olhos com um grito terrível, encomendando-se ao Pai. Muitos presentes se benzeram porque pedia clemência a Deus na morte. Outros dizem

que gritou para o chão, ou seja, para as entranhas da terra...
Um carro passou do outro lado da praça, desaparecendo numa das esquinas que davam para a catedral. O motor fez-se ouvir ainda um pouco a seguir à esquina, como se o condutor tivesse parado um momento antes de se afastar pela rua abaixo. Corso mal lhe prestou atenção, ocupado como estava com as páginas do livro. A primeira continha o frontispício e a segunda estava em branco. A terceira, iniciada com um belo N capitular, era a primeira do texto propriamente dito e começava com uma introdução críptica:
Nos p.tens L.f.r, juv.te Stn. Blz.b, Lvtn, Elm, atq Ast.rot. ali.q, h.die ha.ems ace.t pct fo.de.is c.mt. qui no.st; et h.ic pol.icem am.rem mui. fio.em virg.num de.us mon. hon v.lup et op. for.icab tr.d.o, eb.iet i.li era er. No.is of.ret se.el in ano sag. sig-s.b ped. cocul.ab sa Ecl.e et no.s r.gat i.sius er.t; p.ct v.v.t an v.q fe.ix in t.a bom. et ven.os.ta int. nos ma.et D: Fa.t in inf int co.s daem.
Satanás. Belzebub, Lcfr, Ehmi, Leviathan, Astaroth Siq pos mag. diab. et daem. pri.cp dom.
Depois da introdução, cuja suposta autoria era evidente, começava o texto. Corso leu as primeiras linhas:
D.mine mag.que L.fr, te D.um m. et.pr ag.sco. et pol.c.or t ser.ire. a.ob.re quam.d p. vvre; et rn.io al.rum d. et js.ch.st et a.s sn.ts tq.e s.ctas e. ec.les. apstl. et rom. et om. i sc.am. et o.nia / ips. s.cramen. et o.nes .atio et r.g. q.ib fid. pos.nt int.rcdp.o me;
! et t.bi po.lceor q. fac. qu.tqu.t m.lum pot., et atra. ad mala p.
omn. Et ab.rncio chrsm. et b.ptm et omn...
Ergueu o olhar para o pórtico da igreja cujas arquivoltas eram ocupadas por imagens do Juízo Final gastas pela chuva e pelas intempéries. Por baixo destas, dividindo a porta a meio, um nicho sobre uma coluna albergava um pantocrator de aspecto irado cuja mão direita, erguida, sugeria mais castigo do que clemência. Segurava na esquerda um livro aberto, e Corso não pôde fugir à inevitável associação de ideias. Observou em redor a torre da igreja e os edifícios circundantes; as fachadas conservavam escudos e armas episcopais e disse para consigo que também aquela praça, noutros tempos, viu arder fogueiras da Inquisição. Afinal, aquilo era Toledo, crisol de cultos subterrâneos, de mistérios iniciáticos, de falsos convertidos. E de herejes.
Bebeu um longo gole de gin antes de voltar ao livro. O texto, latim em código abreviado, prosseguia ao longo de mais cento e cinquenta e sete páginas, com a última em branco. As nove restantes eram as famosas estampas inspiradas, segundo a lenda, pelo próprio Lúcifer. Cada xilografia era encabeçada por um número latino, hebreu e grego, incluindo uma frase em latim, abreviada de forma críptica como o resto. Corso pediu um terceiro gin enquanto as passava em

revista. Lembravam as figuras do Tarot ou as velhas gravuras medievais: o rei e o mendigo, o eremita, o enforcado, a morte, o carrasco. Na última estampa havia um dragão cavalgado por uma formosa mulher. Demasiado formosa, apreciou, para a moral eclesiástica da época.

Encontrou uma ilustração idêntica numa página fotocopiada da grafia Universal de Mateu, embora na realidade não fosse a mesma. Corso tinha nas mãos o exemplar Terral-Coy, enquanto que a gravura reproduzida pertencia, segundo o velho erudito maiorquino referiu em 1929, a outro dos livros.

di Torchia (Aristide). De Umbrarum Regni Novem Portis. Vene-tiae, apud Aristidem Torchiam. MLCLXVI. In-fólio. 160 págs. incl. frontispício. 9 estampas de madeira fora do texto. De excepcional raridade. Apenas 3 exempls. conhecidos. Biblioteca Fargas, Sintra, port. (ver ilustração). Biblioteca Coy, Madrid, esp. (falta da estampa 9). Biblioteca Morei, Paris. fr.

Falta da estampa 9. Aquilo era incorrecto, verificou Corso. A xilografia número nove estava intacta no exemplar que tinha entre mãos, antes pertencente à Biblioteca Coy, depois à Terral-Coy, e agora propriedade de Varo Borja. Tratava-se certamente de um erro de tipografia ou do próprio Mateu. Em 1929, quando foi editada a Bibliografia Universal, as técnicas de impressão e de difusão não estavam tão espalhadas; boa parte dos eruditos mencionavam livros que apenas conheciam por intermédio de terceiros. Talvez o exemplar com a falta fosse um dos outros. Corso fez uma anotação à margem. Era preciso verificar.

Um relógio deu três badaladas, e as pombas levantaram voo da torre e dos telhados. Corso teve um ligeiro sobressalto como se voltasse lentamente a si. Apalpou o sobretudo, tirou uma nota do bolso e pôs-se em pé deixando-a em cima da mesa. O gin dava-lhe uma agradável sensação de distanciamento, almofadava sons e imagens do exterior. Meteu o livro e o dossier na bolsa de lona, pendurou-a ao ombro e ficou por instantes olhando o irado pantocrator do pórtico. Não tinha pressa e precisava de se aliviar, de forma que decidiu ir até à estação dos caminhos-de-ferro.

Ao chegar à catedral, seguiu pelo claustro para encurtar caminho. Passou junto do quiosque de recordações para turistas, fechado, e entre-teve-se por um momento observando os andaimes vazios em frente das pinturas murais que estavam a ser restauradas. O local estava deserto, e os seus passos ressoavam sob a abóbada. A dado momento julgou ouvir qualquer coisa atrás de si. Algum padre que chegava tarde ao confessionário.

Saiu pelo portão gradeado de ferro que dava para a rua estreita e escura, de paredes esboroadas pelo raspar dos veículos. Ao virar para a direita, ouviu um motor em andamento fora do seu campo de visão, do lado contrário. Havia um sinal de trânsito, um triângulo que indicava o estreitamento da rua, e quando aí

chegou verificou-se uma inesperada aceleração do motor. A seguir, o som aproximou-se dele pelas costas. Demasiado rápido, pensou, ao mesmo tempo que iniciava o gesto de voltar a cara. Apenas o conseguiu fazer parcialmente, a tempo de ver uma massa escura que avançava sobre ele. Tinha os reflexos embotados pelo gin mas, por acaso, a sua atenção ainda estava fixa no sinal de trânsito. O instinto impeliu-o para ele, procurando a estreita protecção entre o poste metálico e a parede. Enfiou o corpo nos escassos centímetros daquele improvisado burladero, de forma que o automóvel, ao passar, apenas lhe bateu numa mão. O impacte foi seco e doloroso, fazendo-o dobrar os joelhos. Caiu sobre o empedrado irregular e conseguiu ver que o automóvel se perdia rua abaixo, no meio de um chiar de pneus.

Esfregando a mão magoada, Corso seguiu a caminho da estação. Mas agora voltava-se de vez em quando para olhar para trás, e a bolsa com As Nove Portas queimava-lhe o ombro. Tinham sido três segundos de visão fugaz, embora suficiente: desta vez não guiava um Jaguar e sim um Mercedes preto, mas quem estivera prestes a atropelá-lo fora um indivíduo moreno, com bigode e uma cicatriz na cara. O fulano do bar de Makarova. O mesmo que tinha visto, com uniforme de motorista, lendo o jornal em frente da casa de Liana Taillefer.

IV.

O HOMEM DA CICATRIZ

> De onde vem, não sei. Mas para onde vai, isso posso dizer-lhes: vai para o Inferno.
> (A. Dumas. O Conde de Montecristo)

Caía a noite quando Corso chegou a casa, sentindo o doloroso latejar da mão magoada no bolso do sobretudo. Foi ao quarto de banho, apanhou do chão o pijama amarrotado e uma toalha e manteve durante cinco minutos a mão sob um jacto de água fria. Depois, abriu umas latas de conserva para jantar em pé, na cozinha.

Tinha sido um dia estranho e perigoso. Reflectia sobre tudo aquilo, perturbado com a sucessão de acontecimentos, embora com mais curiosidade do que inquietação. Há já algum tempo que a sua atitude perante o inesperado se resumia ao desapaixonado fatalismo de quem espera que a vida dê o passo seguinte. Essa ausência de compromisso, essa neutralidade perante os acontecimentos, excluía qualquer protagonismo. Até àquela manhã na viela de Toledo, o seu papel tinha sido sempre de executor. As vítimas eram os outros. De cada vez que aldrabava ou negociava com alguém, o facto verificava-se de forma objectiva, sem qualquer ligação moral com as pessoas ou coisas que eram apenas material do seu trabalho. Lucas Corso ficava à margem, mercenário não comprometido a não ser com o seu lucro final: terceiro homem indiferente, talvez essa atitude lhe tivesse permitido sentir-se sempre a salvo, da Mestria forma que, quando tirava os óculos, as pessoas e os objectos distantes se diluíam em contornos imprecisos, desfocados, cuja existência podia ignorar quando os privava do seu envólucro formal. Agora, no entanto, a dor concreta na mão magoada, a sensação de ameaça pronta lrromper na sua vida com uma violência específica de que ele, e não outros, era objecto, sugeriam inquietantes modificações no panorama.

Lucas Corso, que tantas vezes actuou como carrasco, não estava habituado a considerar-se vítima de ninguém, e isso desconcertava-o.

Além da dor na mão, sentia os músculos crispados pela tensão e a boca seca. Abriu uma garrafa de Bois e procurou aspirinas na sua bolsa de lona. Trazia sempre consigo uma boa provisão, juntamente com os livros, lápis e esferográficas, caderninhos de apontamentos semipreen-chidos, navalha suíça de utilidades múltiplas, passaporte e dinheiro, uma grossa agenda telefónica e livros

próprios e alheios. Assim, podia desaparecer a qualquer momento sem deixar nada para trás, tal como um caracol com a sua concha. Aquela bolsa ajudava-o a improvisar uma casa, um local de residência em qualquer sítio onde o acaso ou os seus clientes o conduzissem: aeroportos, estações de caminho-de-ferro, poeirentas bibliotecas europeias, quartos de hotel, tudo se fundia na sua memória como se fosse um único compartimento de limites variáveis, com despertares desprovidos de referências, sobressaltado no escuro, procurando o interruptor da luz para tropeçar no telefone, desorientado e confuso. Momentos em branco arrancados à vida e à consciência. Ao abrir os olhos, durante os primeiros trinta segundos, quando o corpo acordava com mais rapidez do que o pensamento ou a memória, nunca estava muito seguro de nada, nem sequer de si mesmo.

Instalou-se em frente do computador, colocando a seu lado, em cima da mesa, à esquerda, os cadernos de apontamentos e diversos livros de consulta. A direita pôs As Nove Portas e o dossier de Varo Borja. Depois, inclinou-se para trás na cadeira, com um cigarro que deixou consumir entre os dedos durante cinco minutos sem sequer o levar aos lábios. Durante esse tempo não fez mais nada senão beber em pequenos goles o resto do gin, olhando o ecrã vazio do computador e o pentáculo que decorava a capa do livro. Pareceu despertar finalmente. Esmagou a beata num cinzeiro e, ajeitando no nariz os óculos tortos, começou a trabalhar. O dossier de Varo Borja coincidia com a Enciclopédia de Impressores e Livros Raros e Curiosos, de Crozet:

TORCHIA, Anstide. Impressor, gravador e encadernador veneziano (1620-1667). Marca tipográfica: uma serpente e uma árvore rachada por um raio. Formou-se como aprendiz em Leyden m (Holanda), na oficina dos Elzevir. Ao regressar a Veneza, realizou uma série de obras de tema filosófico e hermético de pequeno formato (in-12, in-16) que foram muito apreciadas. São de destacar Os Segredos da Sabedoria, de Nicolas Tamisso (3 vols., in-12, Veneza, 1650) e uma curiosa Chave dos Pensamentos Cativos (1 vol, 132 x 75 mm, Veneza, 1653), Os Três Livros da Arte, de Paolo d'Este (6 vols., in-8, Veneza, 1658), Curiosa explicação V de arcanos e figuras hieroglíficas (1 vol, in-8, Veneza, 1659), uma reimpressão de A Palavra Perdida, de Bernardo Trevisano (1 vol, in-8, Veneza, 1661) e As Nove Portas do Reino das Sombras (1 vol., in-fólio, Veneza, 1666). A impressão deste último custou-lhe cair nas mãos da Inquisição. A sua oficina foi destruída com todo o material impresso e por imprimir que lá se encontrava. Torchia teve a mesma sorte que a sua obra. Condenado por magia e bruxaria, morreu na fogueira a 17 de Fevereiro de 1667.

Deixou o computador para estudar a primeira página do volume que custara a vida ao veneziano. DE UMBRARUM REGNI NOVEM PORTIS era o título. Por baixo tinha a marca tipográfica, o selo que, simples monograma ou

complicada ilustração, representava a assinatura do impressor. No caso de Aristide Torchia, como citava Crozet, a marca consistia numa árvore com um ramo rachado por um raio. Uma serpente enroscava-se no tronco, devorando a sua própria cauda. A gravura era acompanhada pela divisa Sic luceat Lux: Assim brilhe a Luz. Em pé de página, local, nome e data: Venetiae, apud Aristidem Torchiam. Impresso em Veneza, na oficina de Aristide Torchia. Por baixo, separado por um espaço: M.DC.LX.VI. Cum superiorum privilegio veniaque. Com autorização e privilégio dos superiores.
Corso teclou novamente:
Exemplar sem ex-líbris nem anotações manuscritas. Completo segundo catálogo leilão colecção Terral-Coy (Claymore, Madrid). Erro em Mateu (8 em vez de 9 estampas para este exemplar). In-fólio. 299 x 215 mm. 2 folhas de guarda em branco, 160 páginas e 9 xilografias fora de texto, numeradas de I a VIIII. Páginas: 1 de título com marca de impressor, 157 de texto. Ultima branca, sem cólofon. Estampas a direito na folha, todas em página inteira. Verso em branco.

DE VMBRARVM REGNI
NOVEM PORTIS

NEM. PERV.T QVI N.N LEG. CERT.FUT

CLAVS. PAT.T

VERB. D.SVM C.S.T ARCAN.

FOR. N.N OMN. A.QVE

FR.ST.A

DIT.SCO M.R.

DIS.S P.TI.R M.

VIC. I.T VIR.

N.NC SCO TEN.BR. LVX

Estudou as ilustrações uma a uma. Segundo Varo Borja, a lenda atribuía o desenho original à mão do próprio Lúcifer. Cada xilografia era acompanhada por

um ordinal romano, o seu equivalemte hebreu e grego e uma frase latina em código abreviado. Voltou a escrever:
/. NEM. PERV.T QUI N.N LEG. CERT.RIT: Um cavaleiro cavalga na direcção de uma cidade rodeada de muralhas. Um dedo poisado na boca aconselha prudência ou silêncio.
II. CLAUS. PAT.T: Um eremita em frente de uma porta fechada. Uma lanterna no solo e duas chaves na mão. Acompanha-o um cão. A seu lado, um desenho parecido com a letra hebraica Teth.
III. VERB. D.SUM C.S.T ARCAN.: Um vagabundo, ou um peregrino, dirige-se para a ponte sobre um rio. Em cada extremidade, fortificada, uma porta impede o acesso. Sobre uma nuvem, um arqueiro faz pontaria para o caminho que conduz à ponte.
IIII. (O numeral latino figura assim e não na sua forma habitual IV). FOR. N.N O MN. A. QUE: Um bobo em frente de um labirinto de pedra. A entrada é também uma porta fechada. Três dados no chão mostram cada um três das suas faces, correspondendo aos números 1, 2 e 3.
V. FR.ST.A.: Um avarento, ou um mercador, conta um saco de ouro. Atrás dele, a morte segura numa mão uma ampulheta e na outra uma forquilha de camponês.
VI. DIT.SCO M.R.: Um enforcado como o do Tarot, suspenso por um pé e com as mãos atadas atrás das costas. Pende da ameia de um castelo, junto de uma poterna fechada. Por uma seteira assoma uma mão enluvada que empunha uma espada ardente.
VII. DIS.S P.TI.R MAG.: Um rei e um mendigo jogam xadrez num tabuleiro de casas todas brancas. Através da janela vê-se (a Lua. Por baixo da janela e junto de uma porta fechada brigam dois cães.
VIII. VIC. I.T VIR.: Junto da muralha de uma cidade, uma mulher ajoelhada no chão oferece o pescoço nu ao carrasco. Ao fundo há uma roda da sorte com três figuras humanas: uma em cima, outra subindo e outra descendo.
VIIII. (Também aparece assim, em vez do numeral vulgar IX). N.NC SCO TEN.EBR. LUX: Um dragão de sete cabeças sobre o qual cavalga uma mulher nua. Segura um livro aberto e uma meia-lua oculta-lhe o sexo. Ao fundo, sobre uma colina, um castelo em chamas cuja porta, como nas outras oito estampas, está fechada.
Parou de bater as teclas, esticando os músculos entorpecidos, e bocejou. Fora do cone de luz do candeeiro de trabalho e do ecrã do computador, o quarto estava mergulhado em sombras; pelas janelas da varanda entrava a claridade fraca dos candeeiros da rua. Foi até lá espreitar para o exterior sem ter a certeza do que esperava encontrar. Talvez um carro parado no passeio, com as luzes apagadas e um vulto escuro dentro. Mas nada lhe chamou a atenção. Apenas, por momentos,

a sereia de uma ambulância afastando-se por entre as moles sombrias dos prédios. Olhou o relógio da torre da igreja mais próxima: passavam cinco minutos da meia-noite.
Tornou a sentar-se em frente do computador e do livro. Entreteve- se com a primeira ilustração, a marca do impressor na página do título, com a serpente urobora que Aristide Torchia tinha escolhido como símbolo para as suas obras. Sic Luceat Lux. Serpentes e diabos, invocações e significados ocultos. Ergueu o copo num sarcástico brinde em memória do impressor; tinha de ter sido um homem muito corajoso
ou muito estúpido. Aquele género de coisas pagavam-se caras na Itália do século XVII, embora impressas cum superiorum privilegio Veniaque.
Foi nesse momento que Corso estacou, lançando uma imprecação dirigida contra si mesmo. Praguejou em voz alta, olhando os cantos escuros do quarto, por não ter sido capaz de se aperceber antes. Com privilégio e autorização dos superiores. Aquilo era impossível.
Sem desviar os olhos da página, recostou-se para trás no assento, ao mesmo tempo que acendia outro dos seus amachucados cigarros, com as espirais de fumo subindo à frente da luz da lâmpada como uma cortina translúcida e cinzenta por trás da qual ondulavam as linhas impressas.
O Cum superiorum privilegio veniaque era absurdo. Ou magistralmente subtil. Era impossível que essa referência ao imprimatur se referisse a uma autoridade convencional. A Igreja Católica nunca poderia ter autorizado aquele livro em 1666 porque o seu directo antecessor, o Delomelanicon, já figurava no índice de títulos proibidos há cinquenta e cinco anos. Portanto, Aristide Torchia não se referia à autorização dos censores eclesiásticos para imprimir. Também não era ao poder civil, o governo da república de Veneza. Com certeza que os seus superiores eram outros.
O som do telefone interrompeu Corso. Flávio La Ponte ligava para lhe relatar a compra, juntamente com um certo lote de livros - conjunto obrigatório, tudo ou nada - de uma colecção de bilhetes de eléctrico europeus. 5775, para ser exacto. Todos capicuas, classificados por países em caixas de sapatos. Estava a falar a sério. O coleccionador tinha morrido há pouco e a família pretendia livrar-se daquilo. Talvez Corso conhecesse alguém interessado. Assim, com toda a naturalidade. O livreiro sabia que, para além de reunir 5775 bilhetes capicuas, esforço tão denodado como patológico, aquilo não servia para nada. Quem iria comprar semelhante estupidez? Sim, talvez fosse boa ideia: o Museu dos Transportes de Londres. Aqueles ingleses e as suas perversões... Corso podia encarregar-se do caso?
Quanto ao capítulo de Dumas, também La Ponte estava inquieto. Tinha recebido

duas chamadas telefónicas, homem e mulher não identificados, interessando-se por O Vinho de Anjou. E era estranho porque, enquanto esperava pelo relatório do amigo, não tinha comentado o assunto com ninguém. Corso referiu-lhe a conversa tida com Liana Tailifer, a quem ele próprio tinha revelado a identidade do novo proprietário.
- L- Já te conhecia, das tuas visitas ao defunto. E com certeza - lembrou-se - vai querer uma cópia do recibo.
O livreiro gargalhou do outro lado do fio telefónico. Qual recibo, qual o quê?! Taillefer tinha-lho vendido, e ponto final. Embora se a viúva quisesse discutir a questão - acrescentou com uma risadinha lúbrica - , ele não via o menor inconveniente. Corso referiu a possibilidade de, antes de morrer, o editor ter confiado a alguém a questão do manuscrito, mas La Ponte manteve-se céptico. Taillefer insistia muito para que guardasse o segredo até que ele próprio desse o sinal. Afinal, não deu sinal nenhum, excepto se se interpretasse dessa maneira o ter-se pendurado do candeeiro.
- É um sinal tão bom como outro qualquer - comentou Corso.
La Ponte concordou com outra risadinha cínica e, em seguida, indagou pormenores da visita de Corso a Liana Taillefer. Depois de mais uns tantos comentários picantes, o livreiro despediu-se sem que Corso lhe fizesse qualquer referência à escaramuça de Toledo. Ficaram de se encontrar no dia seguinte.
Depois de desligar o telefone, o caçador de livros continuou com As Nove Portas. Mas outras imagens lhe ocupavam o pensamento, desviando a sua atenção para o manuscrito Dumas. Por fim, foi procurar a pasta com as folhas azuis e brancas, esfregou a mão magoada e teclou os ficheiros DUMAS. O ecrã do computador começou a piscar. Deteve-se no ficheiro BIO:
Dumas y Davy de Ia Pailleterie, Alexandre. Nasceu a 24-7-1802. Morreu a 5-12-1870. Filho de Tomás Alexandre Dumas, general da República. Autor de 257 fascículos de romances, memórias e outros relatos. 25 volumes de peças teatrais. Mulato por herança paterna. Esse sangue negro conferiu-lhe feições algo exóticas. Retrato físico: elevada estatura, pescoço forte, cabelo frisado, lábios carnudos, longas pernas, força física. Carácter: fura-vidas, volúvel, dominador, embusteiro, pouco cumpridor, popular. Teve 27 amantes conhecidas, dois filhos legítimos e quatro ilegítimos. Ganhou fortunas e delapidou-as em paródias, viagens, vinhos caros e ramos de flores A medida que ganhava dinheiro com a sua produção literária, foi-se arruinando pela sua liberalidade com amantes, amigos e parasitas que assediavam o seu castelo-residência de Montecristo. Quando se viu forçado a fugir de Paris, não foi por motivos políticos, como o seu amigo Victor Hugo, mas por causa dos credores. Amigos: Hugo, Lamartine, Michelet, Gerard de Nerval, Nodier, George Sand, Berlioz, Teófilo Gautier,

Alfred de Vigny e outros. Inimigos: Balzac, Badere e outros.
Aquilo não levava a lado nenhum. Tinha a sensação de avançar às apalpadelas, por entre inúmeras pistas falsas ou inúteis. E, no entanto, existia uma relação em qualquer parte. Com a mão sã teclou DUMAS.ROM:
Romances de Alexandre Dumas saídos em folhetim: 1831: Cenas Históricas (Revue des Deux Mondes). 1834: Jacques le facques II (Journal des Enfants. 1835: Isabel da Baviera (Dumont). 1836: Murat (La Presse). 1837: Pascal Bruno (La Presse). História de Um Tenor (Gazette Musicale). 1838: O Conde Horácio (La Presse). Uma Noite de Nero (La Presse). A Sala de Armas (Dumont). O Capitão Paulo (Le Siècle). 1839: Jacques Ortis (Dumont). Vida e Aventuras de John Davis (Revue de Paris). O Capitão Pânfilo (Dumont). 1840: Memórias de Um Mestre de Armas (Revue de Paris). 1841: O Cavaleiro de Harmental (Le Siècle).1843: Sylvandire (La Presse). O Vestido de Noiva (La Mode). Albine (Revue de Paris). Ascanio (Le Siècle). Fernanda (Revue de Paris). Amaury (La Presse)." 1844: Os Três Mosqueteiros (Le Siècle). Gabriel Lambert (La Chronique). Uma Filha do Regente (Le Commercê). Os Irmãos Corsos (Democratie Pacifique). O Conde de Montecristo (Journal des Débats). A Condessa Berta (Hetzel). História de Um Quebra-Nozes (Hetzel). A Rainha Margot (La Presse). 1845: Nanon de Lartigues (La Patrie). Vinte Anos depois (Le Siècle). O Cavaleiro da Casa Vermelha (Democratie Pacifique). A Dama de Montsoreau (Le Constitutionnel). Madame de Conde (La Patrie). 1846: A Viscondessa de Cambes (La Patrie). O Bastardo de Mauléon (Le Commerce). José Bálsamo (La Presse). A Abadia de Pessac (La Patrie). 1847: Os Quarenta e Cinco (Le Constitutionnel). O Visconde de Bragelonne (Le Siècle). 1848: O Colar da Rainha (La Presse). 1849: As Bodas do Padre Olifus (Le Constitutionnel). 1850: Deus Dispõe (Evenement). A Túlipa Negra (Le Siècle). A Pomba (Le Siècle). Angel Pitou (La Presse). 1851: Olympe de Clèves (Le Siècle). 1852: Deus e Diabo (Le Pays). A Condessa de Charny (Cadot). Isaac Laquedem (Le Constitutionnel). 1853: O Pastor de Ashbourn (Le Pays). Catalina Blum (Le Pays). 1854: Vida e Aventuras de Catalina-Carlota (Le Mousquetaire). O Salteador (Le Mousquetaire). Os Moicanos de Paris (Le Mousquetaire). O Capitão Richard (Le Siècle). O Pagem do Duque de Sabóia (Le Constitutionnel). 1856: Os Companheiros de Jesus (Journal pour tous). 1857: O Último Rei Saxão (Le Monte-Cristo). O Condutor de Lobos (Le Siècle). O Caçador de Aves (Cadot). Black (Le Constitutionnel). 1858: As Lobas de Machecoul (Journal pour tous). Memórias de Um "Policeman" (Le Siècle). A Casa de Gelo (Le Monte-Cristo). 1859: A Fragata (Le Monte-Cristo). Ammalat-Beg (Moniteur Universel). História de Um Cárcere e Uma Casinha (Revue Européenne). Uma Aventura de Amor (Le Monte-Cristo). 1860: Memórias de Horácio (Le Siècle).

O Padre La Ruine (Le Siècle). A Marquesa de Escoman (le Constitutionnel). O Médico de Java (Le Siècle). Jane (Le Siècle). 1861: Uma Noite em Florença (Levy-Hetzel). 1862: O Voluntário do 92 (Le Monte-Cristo). 1863: A San Felice (La Presse). 1864: As Duas Dianas (Levy). Ivanhoe (Pub. du Siècle). 1865: Memórias de Uma Favorita (Avenir National). O Conde de Moret (Les Nouvelles). 1866: Um Caso de Consciência (Le Soleil). Parisienses e Provincianos (La Presse). O Conde de Mazarra (Le Mousquetaire). 1867: Os Brancos e os Azuis (Le Mousquetaire). O Terror Prussiano (La Situation). 1869: Hector de Sainte-Hermine (Moniteur Universel). O Doutor Misterioso (Le Siècle). A Filha do Marquês (Le Siècle).

Sorriu intimamente, perguntando a si mesmo quanto não teria pago o extinto Enrique Taillefer para reunir todos aqueles títulos. Os óculos estavam embaciados e tirou-os, limpando as lentes com cuidado. As linhas do computador ficavam agora desfocadas perante os seus olhos, tal como outras estranhas imagens que não conseguia identificar. Uma vez limpas, as lentes devolveram nitidez ao ecrã mas as imagens continuavam a flutuar à deriva, imprecisas, sem uma chave que lhes conferisse sentido. E, no entanto, Corso julgava estar no bom caminho. O computador piscava de novo:

Baudry, editor de Le Siècle. Publica Os Três Mosqueteiros entre 14 de Março e 11 de Julho de 1844.

Lançou uma vista de olhos aos outros ficheiros. Segundo os dados, Dumas tinha tido, em vários momentos da sua produção literária, cinquenta e dois colaboradores. Com boa parte deles, as suas relações tinham terminado de maneira tempestuosa. Mas apenas um nome interessava Corso:

Maquet, Auguste-Jules. 1813-1888. Colabora com Alexandre Dumas em diversas obras teatrais e em 19 romances, entre eles os mais conhecidos (O Conde de Montecristo, O Cavaleiro da Casa Vermelha, A Túlipa Negra, O Colar da Rainha) e, sobretudo, o ciclo de Os Mosqueteiros. A sua colaboração com Dumas torna-o famoso e próspero. Enquanto Dumas morre na ruína, ele vem a falecer rico no seu castelo de Sainte-Mesme. Nenhuma das suas obras pessoais, escritas sem Dumas, lhe sobrevive.

Foi consultar as notas biográficas. Havia uns parágrafos extraídos das Memórias de Dumas:

"Nós fomos os inventores, Hugo, Balzac, Soulié, De Musset e eu, da literatura fácil. E conseguimos, melhor ou pior, criar uma /"reputação com esse tipo de literatura, mesmo sendo fácil..."

"...A minha imaginação, confrontada com a realidade, parece a um homem que, visitando as ruínas de um monumento destruído, tem de passar pelos escombros, seguir pelos passadiços, baixar-se nas poternas, para poder reconstruir

aproximadamente o aspecto original do edifício na época em que estava cheio de vida, quando a alegria o povoava de cantos e de risos ou quando a dor era um eco para os soluços".
Corso abandonou o ecrã, exasperado. A sensação abandonava-o, perdendo-se nos recantos da sua memória sem que a conseguisse identificar. Pôs-se em pé e deu uns passos pelo quarto mergulhado nas sombras. Depois orientou a luz de forma a que iluminasse uma pilha de livros que estava no chão, encostada à parede. Baixou-se para pegar em dois grossos volumes, uma edição moderna das Memórias de Alexandre Dumas, pai. Foi até à mesa e começou a folheá-los, até que três fotografias atraíram a sua atenção. Numa delas, sentado, com as gotas de sangue africano patentes no cabelo crespo e no ar mulato, Dumas olhava com expressão sorridente para Isabel Constant que - leu Corso no rodapé da fotografia - tinha quinze anos quando se tornou amante do romancista. A segunda foto mostrava Dumas já maduro, posando com a filha Marie. Em pleno êxito, o patriarca do folhetim apresentava-se perante o fotógrafo com bonomia e placidez. A terceira foto era com certeza a mais divertida e significativa, considerou Corso. Um Dumas de sessenta e cinco anos, com o cabelo já embranquecido mas ainda alto e forte, com a sobrecasaca aberta sobre uma barriga proeminente, abraçava Adah Menken, uma das suas últimas amantes que, Segundo o texto, "depois das sessões de espiritismo e de magia negra, que tanto apreciava, gostava de se deixar fotografar, ligeira de roupa, com os grandes homens da sua vida"... As pernas, os braços e o colo de Menken surgiam descobertos na foto, o que era um escândalo para a época, e a jovem, mais atenta à câmara do que ao objecto do seu braço, encostava a cabeça no forte ombro direito do idoso cavalheiro. Quanto a este, o seu rosto reflectia os vestígios de uma longa vida de deboche, prazer e paródias. A boca, entre as bochechas gorduchas de bon vivant, tinha uma expressão satisfeita e irónica. Os olhos fitavam o fotógrafo discretamente trocistas, procurando cumplicidade: o velho gordo com a jovem impudica e ardente que o exibia como um trofeu raro a ele, com cujos personagens e aventuras tantas mulheres sonharam. Era como se o velho Dumas pedisse compreensão por ceder à caprichosa mania de fotos da pequena, por sinal jovem e bonita, de pele suave e boca ardente, que a vida ainda lhe reservava na última curva do caminho, apenas a três anos da sua morte. Velho sem-vergonha!
Corso fechou o livro com um bocejo. O seu relógio de pulso, um antigo cronómetro a que muitas vezes se esquecia de dar corda, estava parado nas doze e quinze. Dirigiu-se para a varanda e abriu uma das portas de correr, respirando o ar frio da noite. A rua continuava aparentemente deserta.
Era tudo muito estranho, disse para si mesmo enquanto regressava à mesa para

desligar o computador. Os olhos pousaram-lhe na capa do manuscrito. Abriu-a maquinalmente, observando de novo as quinze folhas com dois tipos diferentes de escrita: onze azuis e quatro brancas. "Après de nouvelles presque désespérées du roi..." Depois das notícias quase desesperadas do rei... Foi ao monte de livros procurar um enorme volume vermelho, uma edição anastática - J. C. Lattes 1988 - que incluía todo o ciclo de Os Mosqueteiros e Montecristo na edição Le Vasseur com gravuras, quase contemporânea de Dumas. Encontrou o capítulo intitulado O Vinho de Anjou na página 144 e começou a ler, comparando-o com o original manuscrito. Salvo alguma pequena errata, os dois textos eram idênticos. No livro, o capítulo era ilustrado por dois desenhos de Maurice Leloir, gravados por Huyot. O rei Luís XIII comparece no sítio de La Rochelle com dez mil homens, figurando na frente da escolta quatro ginetes a cavalo, de mosquetes na mão, com o chambergo e a casaca da companhia de Treville: com certeza três deles são Athos, Porthos e Aramis. Daí a momentos reunir-se-ão com o seu amigo d'Artagnan, que continua a ser simples cadete na companhia de guardas do Senhor Des Essarts. Naquele momento, o gascão ignora que as garrafas de vinho de Anjou são um presente envenenado da sua mortal inimiga Milady, que pretende vingar o ultraje inflingido por d'Artagnan quando, ultrapassando o conde de Wardes, se introduziu na cama da agente de Richelieu, gozando a noite de amor que pertencia ao outro. Além disso, para agravar as coisas, d'Artagnan descobriu, por acaso, o terrível segredo de Milady: a flor-de-lis num dos ombros, marca infamante gravada pelo ferro do carrasco. Com esses preliminares e tendo em conta o carácter de Milady, o conteúdo da segunda ilustração torna-se óbvio: ante o estupor de d'Artagnan e dos seus companheiros, o criado Fourreau expira no meio de atroz sofrimento por beber o vinho destinado ao seu amo. Sensível à magia do texto, que não voltara a ler há mais de vinte anos, Corso chegou à passagem em que os mosqueteiros e d'Artagnan falam de Milady:

...-Ora bem! - disse d'Artagnan para Porthos. - Como vedes, caro amigo, é uma guerra de morte. Athos abanou a cabeça.

- Sim, sim - respondeu. - Estou a ver. Mas acreditais que tenha sido ela?

- Tenho a certeza.

- No entanto, confesso-vos que ainda duvido.

- E aquela flor-de-lis no ombro?

- É uma inglesa que deve ter cometido qualquer felonia em França e que terá sido marcada por causa do seu crime.

- Athos, ela é a vossa mulher, garanto-vos - repetiu d'Artagnan. - Não vos lembrais como as duas marcas são idênticas?

- Mas eu juraria que a outra estava morta. Enforquei-a muito bem.

Foi dArtagnan quem abanou a cabeça desta vez.

- Afinal, que fazemos?
- A verdade é que não podemos estar assim, com uma espada eternamente suspensa sobre a cabeça - disse Athos. - Temos de sair desta situação.
- Mas como?
- Ouvi, procurai encontrar-vos com ela e ter uma explicação; dizei-lhe: "A paz ou a guerra! Palavra de cavalheiro que nunca direi nem farei nada contra vós. Da vossa parte, juramento solene de permanecer neutral a meu respeito. Caso contrário, vou a procura do chanceler, do rei, do carrasco, amotino a corte contra vós, denuncio-vos como marcada, faço-vos ir a julgamento e, se vos absolverem, então, palavra de cavalheiro, mato-vos em qualquer esquina, como mataria um cão raivoso.
- Esse processo agrada-me - disse d'Artagnan...
Recordações arrastam recordações. Repentinamente, Corso quis reter uma imagem fugaz, familiar, que acaba de aflorar-lhe o pensamento. Conseguiu fixá-la antes que se desvanecesse e era outra vez o indivíduo do fato preto, o motorista do Jaguar em frente da casa de Liana Taillefer, ao volante do Mercedes em Toledo... O homem da cicatriz. E fora Milady que agitara a sua memória.
Ficou a pensar naquilo, desconcertado. E, de repente, a imagem surgiu com perfeita nitidez. Milady, naturalmente. Milady de Winter, como d'Artagnan a viu pela primeira vez: debruçada da porta da sua carruagem no primeiro capítulo do romance, em frente da pousada de Meung. Milady conversando com um desconhecido... Corso desfolhou as páginas com rapidez, procurando essa passagem. Encontrou-a sem dificuldade:
... Um homem de quarenta a quarenta e cinco anos, de olhos negros e penetrantes, tez pálida, nariz bastante pronunciado, bigode negro e perfeitamente recortado...
Rochefort. O sinistro agente do cardeal, o inimigo de d'Artagnan; o que o mandou espancar no primeiro capítulo, roubou a carta de recomendação para o Senhor de Treville e foi o responsável indirecto por o gascão ter estado quase a bater-se em duelo com Athos, Porthos e Aramis... Depois daquela pirueta da sua memória, com a insólita assolação de ideias e de personagens, Corso coçou a cabeça, perplexo. O que ligava o companheiro de Milady com o motorista que o quis atropelar em Toledo?... E havia a cicatriz. No parágrafo não havia referência a qualquer cicatriz; e, no entanto - lembrava-se muito bem disso - ; Rochefort sempre teve uma marca na cara. Foi passando páginas até encontrar a confirmação no terceiro capítulo, com d'Artagnan narrando a sua aventura a Treville:
- Dizei-me - perguntou. - Não tinha esse gentil-homem uma ligeira cicatriz na fonte?

- Tinha, como se tivesse sido provocada pelo roçar de uma bala...
Uma ligeira cicatriz na fonte. A confirmação estava ali, mas Corso lembrava-se daquela cicatriz maior, e não na fonte mas sim na face, como a do motorista vestido de preto. Pôs-se a analisar aquilo até que por fim deu uma gargalhada. Agora a cena estava completa e a cores: Lana Turner em Os Três Mosqueteiros, à janela da sua carruagem, junto a um Rochefort adequadamente sinistro: não de tez pálida como no texto de Dumas, mas moreno, com um chambergo emplumado e uma grande cicatriz - desta vez sim - sulcando-lhe de cima a baixo a face direita. A recordação, portanto, era mais cinematográfica do que literária e isso provocou em Corso uma exasperação entre divertida e irritada. Maldito Hollywood!
Celulóide à parte, reinava finalmente uma certa ordem naquilo; um cânone comum, embora secreto, numa melodia de notas dispersas e enigmáticas. A vaga inquietação que Corso sentia desde a sua visita à viúva Taillefer começava a adquirir limites, rostos, um ambiente e uns personagens entre a carne e a ficção, com estranhos e ainda confusos vínculos entre si. Dumas e um livro do século XVII, o Diabo e Os Três Mosqueteiros, Milady e as fogueiras da Inquisição... Embora tudo aquilo fosse mais absurdo do que concreto, mais romanesco do que real.
Apagou a luz e foi dormir. Mas demorou algum tempo até conciliar o sono, porque havia uma imagem que não lhe saía da mente; com os olhos abertos, via-a flutuar à sua frente na escuridão. Era uma paisagem distante, das suas leituras juvenis, povoada por sombras que regressavam vinte anos depois, materializando-se em fantasmas próximos e quase tangíveis. A cicatriz. Rochefort. O homem de Meung. O sicário de Sua Eminência.

V.
REMEMBER

Continuava sentado tal como o deixara, no seu cadeirão em frente da lareira.
(A. Christie.
O Assassinato de R. Ackroyd)

É aqui que entro em cena pela segunda vez, pois foi então que Corso recorreu a mim de novo. Creio recordar que o fez uns dias antes de ir para Portugal. Segundo me confirmou mais tarde, nessa altura já suspeitava que o manuscrito Dumas e As Nove Portas de Varo Borja eram apenas pontas de um iceberg e que para a sua compreensão era necessário conhecer antes as outras histórias que se atavam umas às outras da mesma forma que aquela gravata nas mãos de Enrique Taillefer. Isso não era fácil, cheguei a dizer-lhe, pois em literatura nunca há limites nítidos; tudo se apoia em algo, as coisas sobrepõem-se umas às outras e acabam por ser um complicado jogo intertextual à base de espelhos e de bonecas russas, onde estabelecer um facto exacto, uma paternidade concreta, implica riscos que apenas certos colegas muito estúpidos ou muito seguros de si mesmos se atrevem a correr. É o mesmo que dizer que se pode relacionar o Quo Vadis com Robert Graves, mas não com Suetónio ou Apolónio de Rodes. Quanto a mim, apenas sei que não sei nada. E quando quero saber, procuro nos livros, a quem a memória nunca falha.
- O conde de Rochefort é um dos mais importantes personagens secundários de Os Três Mosqueteiros - expliquei a Corso, quando me veio procurar outra vez. - É agente do cardeal, amigo de Milady e o Primeiro inimigo que d'Artagnan arranja. Posso até dizer a data precisa: a primeira segunda-feira de Abril de 1625, em Meungsur-Loire... refiro-me ao Rochefort de ficção, como é óbvio, embora tenha existido um personagem similar que Gatien de Courtilz, nas supostas Memórias do verdadeiro d'Artagnan, descreve sob o nome de Rosnas... Mas o Rochefort da cicatriz não teve existência real. Dumas foi buscar esse personagem a um outro livro, as Memoires de MLCDR (Monsieur le comte de Rochefort), possivelmente apócrifas e atribuídas também a Courtilz... Há quem diga que poderiam referir-se a Henri Louis de Aloigny, marquês de Rochefort, nascido cerca de 1625; mas isso já é querer ir longe de mais.
Olhei as luzes do tráfico vespertino que fluía nas avenidas, do outro lado da montra do café onde tenho a minha tertúlia. Acompanhavam-nos alguns amigos em redor da mesa coberta por jornais, copos e cinzeiros fumegantes: dois escritores, um pintor na fossa, uma jornalista na berra, um actor de teatro e

quatro ou cinco estudantes dos que se sentam num canto e mantêm a boca fechada durante todo o tempo, olhando-nos como quem olha para Deus. Entre eles, com o sobretudo vestido e o ombro apoiado ao vidro da montra, Corso bebia gin e tomava notas de vez em quando.
- A verdade - acrescentei - é que o leitor passa os sessenta e sete capítulos de Os Três Mosqueteiros esperando o duelo que confronte Rochefort com d'Artagnan e acaba decepcionado. Dumas despacha a questão em três linhas e escamoteia a ocorrência ou as ocorrências; é que, quando reencontramos o personagem em Vinte Anos depois, d'Artagnan e ele já se bateram três vezes e Rochefort tem no corpo outras tantas cicatrizes de estocadas. No entanto, já não existe entre eles ódio mas apenas aquele estranho respeito que só é possível entre dois velhos inimigos. De novo os acasos da aventura fazem com que ambos militem em campos diferentes, mas com a cumplicidade amistosa de dois gentis-homens que se conhecem há já vinte anos. Rochefort cai em desgraça perante Mazarino, foge da Bastilha, participa na evasão do duque de Beaufort, conspira na Fronda e morre nos braços de d'Artagnan, que, numa desordem, o atravessa com a sua espada sem o reconhecer... "Era o meu destino", diz ao gascão, mais ou menos por estas palavras. "Curei-me de três estocadas vossas, mas não me curarei da quarta". E morre. "Acabo de matar um antigo amigo", contará d'Artagnan a Porthos. É este o único epitáfio pelo velho agente de Richelieu.
Aquilo despoletou uma animada discussão em vários quadrantes. O actor, um velho galã que interpretou Montecristo numa série televisiva e que nessa tarde não tirava os olhos da jornalista, lançou-se na brilhante exposição das suas recordações sobre os personagens, incitado pelo pintor e pelos dois escritores. Assim, passámos de Dumas a Zevaco e a Paul Féval e> acabámos estabelecendo uma vez mais a indiscutível superioridade de Sabatini em relação a Salgari. Lembro-me que alguém mencionou timidamente Júlio Verne, mas foi alvo dos assobios gerais. Naquele apaixonado contexto de capa e espada, Verne e os seus heróis frios, desprovidos de alma, não tinham aceitação.
Quanto à jornalista, uma dessas raparigas modernas com coluna no suplemento dominical de um jornal importante, a sua memória literária começava em Milan Kundera. Assim, manteve-se durante quase todo o tempo numa prudente expectativa, participando com alívio de cada vez que algum título, enredo ou personagem - o Cisne Negro, Yánez, a estocada de Nevers - lhe despertava a recordação de um filme visto na televisão. Entretanto, Corso, paciente como o caçador sereno que era, não tirava os olhos do seu copo de gin, atento à ocasião para voltar outra vez ao tema. Foi o que fez, com efeito, aproveitando o silêncio embaraçoso que se instalou em torno da mesa quando a jornalista declarou que a verdade é que considerava os relatos de aventuras demasiado ligeiros.

Superficiais, não sei se me compreendem. Isto é...
Corso mordiscava a borracha do seu lápis Faber:
- Senhor Balkan, como interpreta o papel de Rochefort na história?
Olharam-me todos, especialmente os estudantes, dos quais duas eram raparigas. Não sei por que razão, em determinados meios consideram-me uma espécie de bonzo das letras e sempre que abro a boca as pessoas ficam suspensas, prontas para ouvir dogmas de fé. Inclusivamente, um artigo meu na revista literária própria pode consagrar ou deitar por terra um escritor que começa. Absurdo, absolutamente de acordo, mas é a vida. Reparem, por exemplo, no último Prémio Nobel, o autor de Eu, Onán, em busca de Mim Mesmo e do arquifamoso Oui, c'est moi.
Foi a minha assinatura que o pôs em circulação há quinze anos, com coluna e meia no Le Monde, no dia dos Santos Inocentes. Nunca me Perdoarei isso, mas é assim que estas coisas funcionam.
A princípio, Rochefort é o inimigo - expliquei. - Simboliza as forças ocultas, a negra rede... É o agente da conspiração diabólica em torno de d'Artagnan e dos seus amigos; a teia do cardeal que se tece na sombra, pondo em xeque as suas vidas...
Vi uma das estudantes sorrir, mas não consegui adivinhar se a sua expressão, absorta e um tanto trocista, era consequência das minhas palavras ou de secretas reflexões alheias à tertúlia. Fiquei surpreendido, pois já disse que os estudantes costumam ouvir-me com o respeito que mostraria um redator do Osservatore Romano ao receber em exclusivo o texto de uma encíclica pontifícia. Aquilo fez com que reparasse nela com interesse; a verdade é que desde o início, quando se nos juntou com uma canadiana azul e um monte de livros debaixo do braço, já me chamara a atenção por causa dos seus inquietantes olhos verdes e do cabelo castanho muito curto, como o de um rapazinho. Agora mantinha-se sentada um pouco à parte, sem se integrar no grupo. Há sempre jovens em torno da nossa mesa, alunos de Literatura que costumo convidar para tomar café; mas aquela jovenzinha nunca ali estivera antes. Seria impossível esquecer os seus olhos, cuja tonalidade muito clara, quase transparente, contrastava com o rosto moreno e queimado de quem passa muito tempo ao sol e ao ar livre. Era uma dessas raparigas esguias e flexíveis, com pernas longas que também se adivinhavam morenas sob os jeans. Ainda fixei outro pormenor dela: não usava anéis, relógio ou brincos; os lóbulos das orelhas estavam intactos, sem ser furados.
- Rochefort também é o homem entrevisto mas nunca alcançado - prossegui, não sem sentir uma certa dificuldade em reatar a linha do raciocínio. - A máscara do mistério marcada com a sua cicatriz. Resume o paradoxo, a impotência de d'Artagnan, que o persegue mas não o alcança, que o quer matar e não consegue

senão vinte anos depois, por engano, quando já não é um adversário mas sim um amigo.
- O teu d'Artagnan, de certa maneira, é um bluff - apreciou um dos participantes da tertúlia, o escritor mais idoso. Tinha vendido quinhentos exemplares do seu último romance, mas ganhava um dinheirão publicando histórias policiais sob o perverso pseudónimo de Emilia Forster. Olhei-o com reconhecimento, grato pela oportunidade do comentário.
- Não tenham dúvidas. O amor da sua vida é envenenado. Apesar das suas façanhas e dos serviços que presta à Coroa de França, passa vinte anos como obscuro tenente de mosqueteiros. E quando, nas últimas linhas de O Visconde de Bragelonne, consegue o bastão de marechal, que demorou quatro volumes e quatrocentos e vinte e cinco capítulos a conseguir, é morto por uma bala holandesa.
- Como o autêntico d'Artagnan - disse o actor, que tinha conseguido poisar uma mão na perna da prestigiada jornalista.
Bebi um gole de café antes de concordar. Corso não desviava os olhos de mim.
- Temos três d'Artagnans - esclareci. - Do primeiro, Charles de
Batz Castlemore, sabemos, porque foi publicado na devida altura pela Gazeta de França, que morreu a 23 de Junho de 1673 com uma bala na garganta, durante o cerco de Maestrich. Metade dos seus homens caiu com ele... Para além desse pormenor póstumo, foi na vida apenas um pouco mais feliz do que o seu homónimo de ficção.
- Também era gascão?
- Era, de Lupiac. Essa povoação ainda existe e tem uma lápide que o recorda: "Aqui nasceu em 1615 d'Artagnan, cujo verdadeiro nome foi Charles de Batz, morto no cerco de Maestrich em 1673."
- Há um desfasamento histórico - referiu Corso, consultando as suas notas. - Segundo Dumas, d'Artagnan tinha dezoito anos ao começar o romance, em 1625; mas nesse momento o verdadeiro d'Artagnan apenas tinha dez. - Sorriu como um coelho educado e céptico. - Demasiado jovem para manejar a espada.
- É verdade - concordei. - Dumas fez isso para que pudesse viver a aventura dos pingentes de diamantes com Richelieu e Luís XIII. Charles de Batz deve ter chegado a Paris muito jovem: em 1640, o seu nome figura como guarda na companhia do Senhor Des Essarts, em documentos relativos ao cerco de Arras, e dois anos mais tarde na campanha do Rossilhão... Mas nunca serviu como mosqueteiro com Richelieu, pois entrou nesse corpo de elite quando já Luís XIII tinha morrido. O seu verdadeiro protector foi o cardeal Júlio Mazarino. Existe, com efeito, esse salto de dez ou quinze anos entre os dois d'Artagnans; embora Dumas, que depois do êxito de Os Três Mosqueteiros ampliou a acção a

abranger quase quarenta anos da história de França, tenha ajustado mais a ficção romanesca aos factos reais nos volumes seguintes.
- Quais são os factos comprovados? Refiro-me às actuações históricas do autêntico d'Artagnan.
- Bastantes. O seu nome aparece na correspondência de Mazarino e na do Ministério da Guerra. Tal como o herói de ficção, actuou como agente do cardeal durante a insurreição da Fronda e teve cargos de confiança na corte de Luís XIV. Encarregaram-no, inclusivamente, da delicada detenção e escolta do Ministro das Finanças, Fouquet, facto confirmado pela correspondência de Madame de Sevigné. E pôde conhecer o nosso pintor Velázquez na ilha dos Faisões, quando acompanhou Luís XIV ao encontro da sua noiva Maria Teresa de Áustria.
- Um cortesão perfeito, pelo que vejo. Muito diferente do espadachim de Dumas.
Ergui a mão, em defesa do rigor do tema.
- Não deixe que as aparências o enganem. Charles de Batz, ou d'Artagnan, continuou a combater até à sua morte. Esteve sob as ordens de Turenne na Flandres e, em 1657, foi nomeado tenente dos mosqueteiros cinzentos, grau que equivalia a chefe efectivo dessa unidade. Dez anos mais tarde ascendeu a capitão de mosqueteiros e combateu na Flandres com esse posto, comparável a general de cavalaria.
Corso semicerrava os olhos por trás das lentes dos óculos.
- Perdão. - Inclinou-se para mim por sobre o mármore da mesa com o lápis no ar, a meio de escrever uma palavra ou uma data. - Em que ano aconteceu isso?
- A passagem a general? 1667. Por que lhe chamou a atenção esse facto?
Mostrou os incisivos, mordendo o lábio inferior por um instante.
- Por nada. - Quando falou, o seu rosto tinha recuperado a expressão impassível.
- Nesse mesmo ano queimaram em Roma um determinado indivíduo. Uma curiosa coincidência... - Agora fitava-me, neutro. - O nome de Aristide Torchia diz-lhe alguma coisa?
Tentei lembrar-me. Não fazia a mínima ideia.
- Absolutamente nada - respondi. - Tem alguma relação com Dumas ?
Hesitou um instante.
- Não - disse por fim, embora parecesse longe de estar convencido. - Creio que não. Mas continue. Falava do autêntico d'Artagnan na Flandres.
- Morreu em Maestrich, como disse, à frente dos seus homens.
Uma morte heróica: a praça estava cercada por ingleses e franceses, era necessário atravessar uma passagem perigosa e d'Artagnan quis ir à frente por cortesia para com os seus aliados. Uma bala de mosquete despedaçou-lhe a jugular.
- Então, nunca foi marechal?

- Não. É mérito exclusivo de Alexandre Dumas conceder ao d'Artagnan fictício o que o tacanho Luís XIV negou ao seu antecessor de carne e osso. Conheço alguns livros interessantes sobre esse assunto; se quiser, tome nota dos títulos. Um é de Charles Samaran: D'Artag-nan, capitaine des mousquetaires du roi, Histoire veridique d'un héros de roman, publicado em 1912. O outro é Le vrai d'Artagnan. Foi escrito pelo duque de Montesquieu-Fezensac, descendente directo do d'Artagnan autêntico. Publicado em 1963, creio eu.
Nenhum desses pormenores tinha aparente relação directa com o manuscrito Dumas, mas Corso tomava nota deles como se disso dependesse a sua vida. De vez em quando, erguia a vista do bloco e dirigia-me olhares inquisitivos através das lentes tortas. Outras vezes, inclinava a cabeça como se deixasse de ouvir e parecia absorto em secretas meditações. Naquela altura, embora eu próprio estivesse ao corrente de todos os pormenores sobre O Vinho de Anjou, incluindo certas pistas desconhecidas do caçador de livros, encontrava-me, em contrapartida, longe de imaginar as complexas implicações que o tema de As Nove Portas ia ter na história. Mas Corso, com a sua mente habituada aos exercícios de lógica, começava já a estabelecer sinistras relações entre os factos de cuja informação dispunha e, por assim dizer, o carácter literário em que esses factos se baseavam. Tudo isto pode parecer um tanto confuso, mas devemos ter em conta que, para Corso, nessa altura, a situação o era realmente. E embora o momento temporal deste relato seja, sem dúvida, posterior ao desenlace dos graves acontecimentos que ocorreram mais tarde, uma característica circular - lembrem-se dos quadros de Escher, u do humorista Bach - obriga-nos a voltar constantemente ao início, cingindo-nos aos apertados limites da mente de Corso. Saber e calar é a regra. Mesmo quando se faz batota, sem regras não haveria jogo.
- De acordo - disse o caçador de livros, depois de anotar os títulos recomendados. - Esse é o primeiro d'Artagnan, o autêntico. E o terceiro é o fictício de Dumas. Imagino que a ligação entre ambos seja aquele livro de Gatien de Courtilz que me mostrou no outro dia: as Memoires de M. d'Artagnan.
- Exacto. É o que podemos chamar o elo perdido, o menos famoso dos três. Um gascão intermédio, literário e real ao mesmo tempo; precisamente o que Dumas utiliza para criar o seu personagem... Gatien de Courtilz de Sandras era um escritor contemporâneo de d'Artagnan que compreendeu o lado romanesco do personagem e se decidiu a escrever. Um século e meio mais tarde, Dumas tomou conhecimento da existência do livro durante uma viagem a Marselha. O dono da casa em que se hospedava tinha um irmão encarregado da biblioteca municipal. Segundo parece, o irmão mostrou-lhe o livro, editado em Colónia em 1700. Dumas compreendeu o partido que podia tirar dele, pediu-lho emprestado e

nunca o devolveu.
- O que sabemos desse antecessor de Dumas, Gatien de Courtilz?
- Bastante. Particularmente porque tinha uma volumosa ficha policial. Nasceu em 1644 ou 1647 e foi mosqueteiro, clarim no Royal-Étranger, uma espécie de legião estrangeira da época, e capitão do regimento de cavalaria de Beaupré-Choiseul. Quando terminou a guerra da Holanda, a mesma em que d'Artagnan morreu, Courtilz ficou lá para trocar a espada pela pena, escrevendo biografias, temas históricos, memórias mais ou menos apócrifas, intrigas e histórias escabrosas da corte francesa. Isso trouxe-lhe problemas. As memórias de M. d'Artagnan tiveram um êxito assombroso: cinco edições em dez anos. Mas desagradaram a Luís XIV, pouco satisfeito com a irreverência com que eram narrados alguns pormenores da família real e seus próximos. Isso custou a Courtilz ser preso no seu regresso a França e alojar-se na Bastilha por conta do Estado até pouco antes da sua morte.
Sem que viesse a propósito, o actor aproveitou a minha pausa para meter uma frase de Na Flandres pôs-se o Sol, de Marquina: "Comandava-nos - recitou - / um capitão que vinha / muito ferido no afã / da sua última agonia. / Senhores, que capitão / o capitão daquele dia..." Ou qualquer coisa mais ou menos assim. Tratava-se de uma descarada tentativa para se exibir perante a jornalista, em cuja perna já apoiava a mão com modos de proprietário. Os outros, em especial romancista que assinava Emilia Forster, dirigiram-lhe olhares de inveja ou mal dissimulado rancor.
Depois de um silêncio cortês, Corso decidiu devolver-me o controlo da situação.
- Quanto deve a Courtilz o d'Artagnan de Dumas?
- Deve-lhe muito. Embora em Vinte Anos depois e no Bragelonne existam outras fontes, a história de Os Três Mosqueteiros já está basicamente em Courtilz. Dumas projecta sobre ela o seu génio e confere-lhe envergadura, embora tudo estivesse esboçado: a bênção do pai de d'Artagnan, a carta de Treville, o desafio com os mosqueteiros, que no primeiro texto são irmãos... Milady também aparece. E d'Artagnan assemelha-se a d'Artagnan como duas gotas de água. Um tanto mais cínico o de Courtilz, mais avarento e menos digno de confiança, mas é ele.
Corso inclinou-se ligeiramente sobre a mesa.
- Antes tinha dito que Rochefort simboliza a negra teia em torno de d'Artagnan e dos amigos... Mas Rochefort não passa de um esbirro.
- É verdade. A soldo de Sua Eminência Armand Juan du Plessis, cardeal de Richelieu...
- O malvado - disse Corso.
- O malvado Carabel - acrescentou o actor, decidido a continuar a meter a

colherada. Impressionados com a incursão folhetinesca daquela tarde, os estudantes tomavam notas ou escutavam boquiabertos. Apenas a rapariga dos olhos verdes se mantinha imperturbável, um pouco à margem, como se estivesse ali só de passagem, por acaso.
- Para Dumas - continuei, retomando o tema - pelo menos na primeira parte do ciclo de Os Mosqueteiros, Richelieu encarna o personagem imprescindível em todo o folhetim romântico de aventuras e mistério: um inimigo poderoso na sombra, a encarnação do Mal. Para a história de França, Richelieu foi um grande homem; mas em Os Mosqueteiros só é reabilitado vinte anos depois. Assim, o astuto Dumas reconciliou-se com a realidade sem prejudicar o interesse do seu romance; já tinha encontrado outro vilão: Mazarino. Essa rectificação, colocada inclusivamente na boca de d'Artagnan e dos seus companheiros quando elogiam, a título póstumo, a grandeza do seu antigo inimigo, não tem grande mérito moral. Para Dumas, era um cómodo acto de contrição... No entanto, durante o primeiro volume do ciclo, quando o cardeal planeia o assassínio de Buckhingam, a perdição de Ana de Áustria, ou dá carta branca à sinistra Milady, Richelieu encarna na perfeição o papel de malvado. Sua Eminência é para d'Artagnan o que o príncipe Gonzaga é para Lagardère, ou o professor Moriarty para Sherlock Holmes: a presença oculta e diabólica...
Corso fez um gesto para me interromper. Era estranho, pois começava a conhecer a sua maneira de ser e parecia-me mais próprio dele não intervir até que o seu interlocutor esgotasse os argumentos, fornecesse o último resquício de informação.
- Utilizou duas vezes a palavra diabólico - disse, olhando as notas que tirara. - E ambas referindo-se a Richelieu... O cardeal interessava-se pelas ciências ocultas?
Aquelas palavras provocaram uma reacção peculiar. A jovem voltara-se para olhar Corso com curiosidade. Ele olhava-me a mim e eu à rapariga. Alheio ao estranho triângulo, o caçador de livros aguardava a minha resposta.
- Richelieu interessava-se por muitas coisas - expliquei. - Além de transformar a França numa grande potência, teve tempo para coleccionar quadros, tapetes, porcelanas e estátuas. Foi também um bibliófilo importante. Encadernava os seus livros em pele de bezerro e marroquim vermelho...
- ...Com as suas armas a prata e três cantos de goles. - Corso fez um gesto impaciente; aqueles pormenores eram secundários e não precisava de mim para lhe dizer isso. - Há um catálogo Richelieu muito conhecido.
- Esse catálogo é parcial, porque a colecção não se manteve intacta: parte conserva-se hoje na Biblioteca Nacional de França, na Mazarino e na Sorbona, enquanto outros livros foram parar a mãos de particulares. Possuía manuscritos hebreus e siríacos, obras notáveis de matemática, medicina, teologia, direito e

história. E você acertou. O que mais surpreendeu os estudiosos foi encontrar ali muitos textos antigos sobre ciências ocultas, desde a Cabala à magia negra.
Corso engoliu em seco sem afastar os olhos dos meus. Parecia tenso: a corda de um arco prestes a fazer tump.
- Algum título concreto?
Neguei com a cabeça antes de responder. A sua insistência intrigava-me. A rapariga continuava pendente das nossas palavras, mas era evidente que agora não era eu que absorvia a sua atenção.
- Os meus conhecimentos de Richelieu como personagem de folhetim - desculpei-me - não chegam a tanto.
- E Dumas? Também se interessava por artes ocultas?
Nesse ponto fui taxativo:
- Não. Dumas era um bon vivant que fazia tudo à luz do dia, para divertimento e escândalo dos seus conhecidos. Era também um tanto supersticioso: acreditava no mau-olhado, usava um amuleto na corrente do relógio e mandava ler a sina a Madame Desbarolles, mas não o imagino fazendo magia negra às escondidas. Nem sequer foi maçon, como ele próprio confessa em O Século de Luís XV... Tinha dívidas e os editores e os credores acossavam-no demasiado para andar a perder tempo. Talvez em qualquer altura, ao documentar-se para os seus personagens, tenha estudado esses assuntos, mas nunca a fundo. Pelas minhas conclusões, todas as práticas maçónicas que descreve em José Bálsamo e em Os Moicanos de Paris foram directamente extraídas da História Pitoresca da Franco-Maçonaria de Clavel.
- E Adah Menken?
Fitei Corso com sincero respeito. Aquela pergunta era de especialista.
- Isso foi diferente. Adah-Isaacs Menken, a sua última amante, era uma actriz norte-americana. Durante a Exposição de 1867, quando assistia a uma representação de Os Piratas da Savana, Dumas reparou numa linda jovem que, em cena, era arrebatada por um cavalo a galope. Ao sair do teatro, a actriz abraçou o romancista e disse-lhe à queima-roupa que lera todos os seus livros e que estava disposta a ir com ele Para a cama de imediato. O velho Dumas precisava de bem menos do que isso para se entusiasmar por uma mulher e, portanto, aceitou a homenagem. Passava por ter sido esposa de um milionário, amante de um rei, generala de uma república... Na realidade, era uma judia portuguesa nascida na América e amante de um fulano estranho, misto de chulo e de pugilista. Dumas e ela tiveram uma relação escandalosa, porque a Menken gostava de tirar fotografias com muito pouca roupa e frequentava o 107 da Rua Malesherbes, a última casa de Dumas em Paris... Morreu de pentonite, aos trinta e um anos, em consequência de uma queda do cavalo.

- Interessava-se pela magia negra?
- Dizem que sim. Gostava das cerimónias estranhas, de se vestir com uma túnica, de queimar incenso e oferecer coisas ao Senhor das Trevas... Às vezes afirmava-se possessa de Satanás, com uma variada série de conotações que hoje qualificaríamos como pornográficas. Tenho a certeza que o velho Dumas nunca acreditou numa palavra, mas deve ter-se divertido muito com a encenação. Creio que quando a Menken estava possessa do Diabo era muito ardente na cama.
Ressoaram gargalhadas em redor da mesa. Permiti-me inclusivamente um discreto sorriso por conta da piada, mas a rapariga e Corso permaneceram sérios. Ela parecia reflectir, com os olhos claros absortos nele, enquanto o caçador de livros concordava com a cabeça, lentamente, embora agora tivesse um ar distraído, distante. Olhava pela montra para as avenidas e parecia procurar na noite, na passagem silenciosa dos faróis dos automóveis que se reflectiam nas suas lentes, a chave que transformaria numa só todas as histórias que flutuavam, como folhas secas e mortas, nas águas negras do tempo.
Tenho de passar de novo para segundo plano, como narrador quase omnisciente das andanças de Lucas Corso. Assim, de acordo com ulteriores confidências do caçador de livros, será possível ordenar a lista de trágicos acontecimentos que se verificaram depois. Chegamos portanto ao momento em que, de volta a casa, verificou que o porteiro acabava de varrer o vestíbulo e se preparava para fechar o seu cubículo. Cruzou-se com ele quando trazia da cave os baldes do lixo.
- Esta tarde vieram reparar o seu televisor.
Corso tinha lido e visto cinema suficiente para saber o que aquilo significava, de forma que não conseguiu evitar uma gargalhada perante o porteiro estupefacto.
- Há muito tempo que não tenho televisor...
Seguiu-se uma confusa torrente de desculpas a que mal prestou atenção. Tudo começava a ser deliciosamente previsível. Visto que de livros se tratava, tinha de colocar o problema mais como leitor, lúcido e crítico do que como o protagonista de consumo barato em que alguém e empenhava em transformá-lo. Aliás, não tinha outra opção. Afinal, ele era de natureza céptica e tensão arterial baixa, seria difícil que o suor lhe perlasse a fronte ou a palavra fatalidade brotasse dos seus lábios.
- Terei feito mal, Senhor Corso?
- De maneira nenhuma. O técnico era moreno, não é verdade?
Com bigode e uma cicatriz na cara.
- Exactamente.
- Acalme-se. É um amigo meu, um brincalhão.
O porteiro suspirou, aliviado:
- Tira-me um peso de cima.

Corso não estava inquieto por causa de As Nove Portas ou do manuscrito Dumas; quando não os trazia consigo, dentro da bolsa de lona, deixava-os em depósito no bar de Makarova. Tratando-se de objectos relacionados com ele, era o lugar mais seguro do mundo. Subiu portanto calmamente a escada, enquanto tentava imaginar a cena seguinte. Nessa altura tinha-se transformado já no que alguns denominam leitor de segundo nível, e um arquétipo excessivamente primitivo tê-lo-ia decepcionado. Mas tranquilizou-se ao abrir a porta. Não havia papéis no chão nem gavetas revolvidas nem sequer cadeirões estripados à navalhada. Estava tudo em ordem, tal como deixara ao sair às primeiras horas da tarde.
Dirigiu-se para a mesa de trabalho. As caixas das disquetes estavam no seu lugar, os papéis e documentos nos seus tabuleiros tal como se lembrava de os ter deixado. O homem da cicatriz, Rochefort ou quem diabo fosse, era um tipo eficiente; mas tudo tinha um limite. Quando ligou o computador, Corso esboçou um sorriso de triunfo.

DAGMAR PC 555 K (S1) ELECTRONIC PLC
UTILIZADO PELA ÚLTIMA VEZ ÀS 19,35/THU/3/21
A > ECHO OFF
A >

Utilizado às 19,35 daquele mesmo dia, informava o ecrã. Mas ele não tinha tocado no computador nas últimas vinte e quatro horas. Às 19,35 estava com os outros na tertúlia do café, enquanto o homem da cicatriz mentia ao porteiro.
Encontrou ainda mais uma coisa, que lhe passara desapercebida a princípio mas que agora descobria junto do telefone. Aquilo não era acaso nem imprevidência da parte do misterioso visitante. Num cinzeiro, entre as beatas do próprio Corso, encontrou uma recente que não era sua. Pertencia a um havano quase consumido, com a cinta intacta. Agarrou na ponta do charuto e segurou-a entre os dedos, inicialmente a princípio, até que pouco a pouco, à medida que compreendia o seu significado, começou a rir, mostrando os caninos como um lobo malicioso e divertido.
A marca era Montecristo. Naturalmente.
Flavio La Ponte também tinha tido visitas. No seu caso, o canalizador.
- Não tem graça nenhuma, porra! - disse à laia de cumprimento. Esperou que Makarova servisse os gins e esvaziou o conteúdo de um saquito de celofane em cima do balcão. A beata de charuto era idêntica e também tinha a cinta intacta.
- Edmundo Dantes ataca de novo - declarou Corso.
La Ponte só partilhava parcialmente o espírito romanesco do caso:

- Fuma charutos caros, o danado. - Tremia-lhe o pulso; derramou umas gotas de gin nos caracóis da barba loura. - Encontrei-o na minha mesa-de-cabeceira.
Corso divertia-se descaradamente:
- Devias considerar as coisas com mais calma, Flavio. Como um fulano duro. - Poisou-lhe a mão no ombro. - Lembra-te do Clube de Arpoadores de Nantucket.
O livreiro sacudiu-lhe a mão, carrancudo.
- Fui um fulano duro. Exactamente até aos oito anos, quando compreendi as vantagens da sobrevivência. A partir daí abrandei um pouco.
Corso citou Shakespeare entre dois goles. O cobarde morre mil vezes e o valente etcétera. Mas La Ponte não era dos que se consolam com citações. Pelo menos com aquele género de citações.
- Na realidade, não tenho medo - disse, pensativo e cabisbaixo. - O que me preocupa é perder coisas... O dinheiro. A minha enorme potência sexual. A vida.
Eram argumentos de peso, e Corso teve de admitir que, como probabilidades, - não eram agradáveis. Além disso, acrescentou o livreiro, havia outros indícios: clientes estranhos que desejavam o manuscrito Dumas por qualquer preço, misteriosos telefonemas nocturnos...
Corso arrebitou a orelha, interessado.
- Telefonam a meio da noite?
- Sim, mas não dizem nada. Ficam assim um bocado e depois desligam.
Enquanto La Ponte contava as suas desgraças, o caçador de livros tocou na bolsa de lona recuperada momentos antes. Makarova tivera-a ali o dia todo, por baixo do balcão, entre caixas de garrafas e barris de cerveja.
- Não sei o que hei-de fazer - concluiu La Ponte, trágico.
- Vende o manuscrito e acaba com o caso. As coisas estão a sair dos eixos.
O livreiro abanou a cabeça enquanto pedia outro gin. Duplo.
- Prometi a Enrique Taillefer que esse manuscrito iria para venda pública.
- Taillefer está morto. E tu nunca cumpriste uma promessa na tua vida.
La Ponte assentiu, fúnebre, como se não houvesse necessidade de alguém recordar aquilo. Mas, de repente, algo lhe desanuviou um pouco o cenho franzido; por entre a barba adivinhava-se uma expressão apalermada. Com boa vontade, podia mesmo considerar-se um sorriso.
- Pois é. Adivinha quem telefonou.
- Milady.
- Quase acertaste: Liana Taillefer.
Corso observou o amigo com um infinito cansaço. Depois, agarrou no copo de gin e esvaziou-o de um trago, sem respirar.
Sabes, Flavio? - disse por fim, limpando a boca com as costas da mão. - As vezes tenho a sensação de que já li este romance antes. La Ponte franzia outra

vez a testa.
Quer recuperar O Vinho de Anjou - explicou. - Tal como está, sem autentificação nem nada... - Molhou os lábios na bebida antes de sorrir a Corso, inseguro. - Estranho, esse repentino interesse, não achas?
- O que lhe disseste?
O livreiro ergueu as sobrancelhas.
- Que a coisa escapava ao meu controlo. Que tu é que tens o manuscrito e que assinei um contrato contigo.
- É mentira. Não assinámos nada.
- Claro que é mentira. Mas assim passo-te a batata quente, se as coisas se complicarem. Isso não me impede de receber ofertas: a viúva e o aqui presente vão cear juntos uma destas noites. Negócios. Para discutir o caso. Sou o audaz arpoador.
- Tu não és arpoador nem és nada. És um porco bastardo e traidor.
- Pois é. A Inglaterra fez-me assim, como diria esse hipócrita do Graham Greene. No colégio apelidavam-me do Não Fui Eu... Nunca te contei como passei a Matemática? - Arqueou outra vez as sobrancelhas, evocador, com uma ternura nostálgica. - Fui sempre um delator nato.
- Tem cuidado com Liana Taillefer.
- Porquê? - La Ponte olhava-se no espelho do bar. Arvorou uma expressão lúbrica. - Desde que comecei a levar os folhetins ao marido que essa gaja me agrada. Tem muita classe.
- Tem - concordou Corso. - Muita classe média.
- Olha lá, não sei porque te irritas tanto com isto. É perfeitamente claro.
- Tem gato escondido.
- Adoro gatos. Sobretudo se as suas donas são louras e bonitas.
Corso dava pancadinhas com o dedo no nó da gravata.
- Ouve, idiota. Nas histórias de mistério, morre sempre o amigo. Percebes o silogismo? Esta é uma história de mistério e tu és meu amigo. - Fez-lhe uma careta carregada de lógica esmagadora. - Portanto, tens as cartas todas.
Obcecado com a recordação da viúva, La Ponte não se deixava intimidar.
- Pois que seja! Nunca fiz um bingo na minha vida. Além disso, já te indiquei onde me calhava bem o tiro: no ombro.
- Estou a falar a sério. Taillefer está morto.
- Suicidou-se.
- Veremos. E pode morrer mais gente.
- Pois então morre tu! Desmancha-prazeres. Cabrão.
O resto da noite passou-se em variações sobre o mesmo tema. Despediram-se cinco ou seis copos mais tarde, combinando telefonar-se quando Corso estivesse

em Portugal. La Ponte abalou com passo inseguro e sem pagar, mas ofereceu-lhe a beata de Rochefort. Assim, disse, já ficas com o par.

VI.

SOBRE APÓCRIFOS E INFILTRADOS

> Acaso? Permiti que me ria, pardeus! Essa é uma explicação que só satisfaz os imbecis.
> (M. Zevaco. Les Pardaillans)

CENIZA IRMÃOS.
ENCADERNAÇÃO E RESTAURO DE LIVROS.
A tabuleta de madeira pendia de uma janela com vidros embaciados pelo pó. Era um letreiro rachado, cheio de fendas, encardido pelo tempo e pela humidade. A oficina dos irmãos Ceniza ficava na sobreloja de um edifício antigo de quatro andares, escorado pela parte de trás, numa rua sombria do Madrid antigo.
Lucas Corso tocou duas vezes à campainha sem obter resposta. Olhou o relógio e, encostando-se à parede, dispôs-se a esperar. Conhecia bem os hábitos de Pedro e Pablo Ceniza; naquele momento, deviam estar a algumas ruas de distância, junto do balcão de mármore do bar La Taurina, emborcando meio litro de vinho à laia de pequeno-almoço, enquanto discutiam sobre livros e touros. Solteiros, bêbados, resmungões e inseparáveis.
Viu-os chegar passados dez minutos, um ao lado do outro, com os guarda-pós cinzentos que esvoaçavam como sudários sobre os seus frágeis esqueletos; curvados por uma vida sobre a prensa ou os ferros de gravar, cosendo cadernos e dourando couros finos. Nenhum dos dois tinha ainda completado os cinquenta, mas era fácil dar-lhes dez anos mais, ao olhar as faces encovadas, as mãos e os olhos cansados pelo minucioso trabalho de artesanato, a pele descorada como se o pergaminho com que trabalhavam lhes tivesse transmitido uma consistência pálida e fria. A parecença física dos irmãos era extraordinária: o mesmo nariz grande, idênticas orelhas pegadas aos crânios de cabelo ralo penteado para trás, sem risca. As únicas diferenças notáveis residiam na estatura e na loquacidade: Pablo, o mais novo, era mais alto e mais silencioso do que Pedro. Este tossia frequentemente com um resfolegar rouco, de fumador inveterado, e as mãos com que acendia um cigarro atrás do outro tremiam constantemente.
- Há quanto tempo, Senhor Corso! Muito nos alegra a sua visita. Precederam-no na escada com degraus de madeira gastos pelo uso.
A porta chiou ao abrir-se e o interruptor da luz iluminou a desarrumada oficina presidida por uma antiga prensa de livros junto de uma mesa de zinco cheia de

ferramentas, cadernos meio cosidos ou já alçados, guilhotinas de papel, peles tingidas, frascos de cola, ferros ornamentais e outros utensílios do ofício. Havia livros por todos os lados: grandes pilhas de encadernações em marroquim, granitado ou pele de vitela, pacotes prontos para serem enviados ou trabalhos por terminar, sem capas ou com as coberturas ainda em bruto. Sobre bancos e estantes, volumes antigos deteriorados pela traça ou pela humidade esperavam para ser restaurados. Cheirava a papel, a cola de encadernar, a pele nova. Corso dilatou as asas do nariz, satisfeito. Depois, tirou o livro da bolsa e colocou-o sobre a mesa.

- Quero saber a vossa opinião acerca disto.

Não era a primeira vez. Pedro e Pablo Ceniza aproximaram-se lentamente, quase com cautela. Como de costume, foi o irmão mais velho quem primeiro tomou a palavra:

- As Nove Portas... - Tocava no livro sem o tirar do mesmo sítio; os seus dedos ossudos, amarelados pela nicotina, pareciam acariciar uma pele viva. - Belo livro. E muito raro.

Tinha olhos cinzentos, de rato. Guarda-pó cinzento, cabelo cinzento, olhos cinzentos tal como o seu apelido[1] (1). A boca contraía-se-lhe num esgar de cobiça.

- Já o tinham visto antes?

- Já. Há menos de um ano, quando Claymore nos encarregou de limpar vinte livros da biblioteca de D. Gualterio Terral.

- Em que estado chegou às vossas mãos?

- Excelente. O Senhor Terral sabia tratar dos livros. Quase todos vieram bem, excepto um Teixeira que nos deu algum trabalho. O restantes, incluindo este, só tivemos de os limpar um pouco.

- É falso - disse Corso à queima-roupa. - Ou pelo menos é o que consta.

Os dois irmãos entreolharam-se.

- Falso, falso... - murmurou o mais velho, carrancudo. - Toda a gente fala de livros falsos com demasiada leviandade.

- Demasiada leviandade - repetiu o outro, como um eco.

- Até o senhor, Senhor Corso. E isso surpreende-nos. Falsificar um livro não é rentável: dá mais trabalho do que lucro. Refiro-me a uma verdadeira falsificação, não ao fac-símile para enganar pategos incautos.

Corso fez um gesto, pedindo indulgência.

- Não disse que todo o livro seja falso, mas que há algo nele que o é. Certos exemplares a que falta uma folha ou várias, podem ser completados com cópias tiradas de outros que estejam completos...

- Naturalmente, isso é o a-bê-cê do ofício. Mas não é a mesma coisa acrescentar

uma fotocópia, ou fac-similar, que completar um livro com uma falta, de acordo... - Voltou-se um pouco para o irmão, sem afastar os olhos de Corso. - Diz tu, Pablo.
- ...De acordo com todas as regras da arte - completou o mais novo dos Ceniza.
Corso esboçou uma expressão cúmplice: um coelho partilhando meia cenoura.
- Podia ser o caso deste exemplar.
- E quem diz isso?
- O seu proprietário. Que não é, de maneira nenhuma, um patego incauto.
Pedro Ceniza encolheu os estreitos ombros enquanto acendia um cigarro com a brasa do anterior. Ao aspirar a primeira baforada, foi sacudido por uma tosse seca mas continuou a fumar, imperturbável.
- Teve acesso a um exemplar autêntico para os comparar?
- Não, embora em breve o possa fazer. É por isso que peço antes a vossa opinião.
- É um livro valioso e nós não praticamos uma ciência exacta. - Voltou-se outra vez para o irmão. - Não é verdade, Pablo?
- Praticamos uma arte - insistiu o outro.
- E como está a ouvir. Seria muito aborrecido decepcioná-lo, Senhor Corso.
- Não me decepcionarão. Alguém como os senhores, capaz de falsificar um Speculum Vitae a partir do único exemplar conhecido e fazê-lo aparecer como autêntico num dos melhores catálogos da Europa, sabe aquilo que tem entre mãos.
Sorriram acidamente ao mesmo tempo, sincronizados. Si e Am, pensou Corso. Os gatos matreiros depois de receberem uma carícia.
- Nunca foi provada a nossa autoria - disse por fim Pedro Ceniza. Esfregava as mãos, mirando o livro de través.
- Nunca - repetiu o irmão com um toque melancólico. Parecia que lamentavam não terem ido parar à prisão em troca do reconhecimento público.
- É verdade - admitiu Corso. - Também não houve provas no caso do Chaucer, supostamente encadernado em mosaico por Marius Michel, que figura no catálogo da colecção Manoukian. Nem com aquela Bíblia Poliglota do barão Bielke, cujas três folhas em falta foram pelos senhores repostas de forma tão perfeita que nem sequer os peritos se atrevem hoje a discutir a sua autenticidade...
Pedro Ceniza ergueu uma mão amarelada, de unhas demasiado compridas.
- Devíamos acertar algumas coisas, Senhor Corso. Uma coisa é falsificar livros com intenção de lucro e outra, muito diferente, trabalhar por amor à arte, criar pela satisfação que proporciona esse acto de criação ou, na maioria dos casos, de recriação... - O encadernador pestanejou ligeiramente antes de sorrir com malícia. Os seus olhitos de rato brilharam quando poisaram de novo em As Nove

Portas. - Embora não me lembre, e tenho a certeza que o meu irmão também não, de ter tido qualquer coisa a ver com esses trabalhos que o senhor acaba de classificar como admiráveis.
- Disse perfeitos.
- Foi isso que disse?... É a mesma coisa. - Levou o cigarro à boca, encovando as faces numa longa aspiração. - Mas, seja quem for o autor, ou autores, pode ter a certeza que o acto terá representado para ele, ou para eles, um divertimento pessoal; uma satisfação moral que não se paga com dinheiro...
- Sine pecunia - sublinhou o irmão.
Pedro Ceniza deixava escapar o fumo do cigarro pelo nariz e a boca entreaberta, pensativo.
- Tomemos como exemplo esse Speculum que a Sorbonne adquiriu como autêntico. Só o papel, tipografia, impressão e encadernação devem ter custado, com certeza, cinco vezes mais do que o lucro obtido por aqueles que o senhor chama falsificadores. Há quem não compreenda isso... O que dará mais satisfação a um pintor que tenha o talento de Velázquez e seja capaz de imitar a sua obra? Ganhar dinheiro ou ver o seu quadro no Prado, entre As Meninas e A Forja de Vulcano?
Corso não teve dificuldade em concordar. Durante oito anos, o Speculum dos irmãos Ceniza figurara entre os mais preciosos volumes da Universidade de Paris. A descoberta da falsificação não ficou a dever-se a peritos mas sim ao acaso: um intermediário de língua comprida.
- A polícia ainda vos incomoda?
- Quase nada. Há que ter em conta que o assunto da Sorbonne estoirou em França entre o comprador e os intermediários. É verdade que o nosso nome era falado, mas nunca se provou nada. - Pedro Ceniza sorria de novo atravessadamente, lamentando essa ausência de provas. - Mantemos boas relações com a polícia; até nos vêm consultar quando precisam de identificar livros roubados. - Apontou o irmão com o cigarro fumegante. - Ninguém como Pablo para apagar marcas de carimbos de bibliotecas, eliminar ex-líbris ou marcas de origem. As vezes pedem-lhe que reconstrua o trabalho em sentido inverso. Bem vê: vive e deixa viver.
- Qual é a vossa opinião sobre As Nove Portas?
O mais velho dos irmãos olhou para o outro, depois para o livro e abanou a cabeça.
Não houve nada que nos chamasse a atenção quando nos ocu-Pamos dele. O papel e a tinta são o que devem ser. Embora a observação fosse superficial, essas coisas notam-se.
Nós notamos - precisou o outro.

- E agora?
Pedro Ceniza chupou o que sobrava do cigarro, reduzido a uma minúscula beata que segurava com as unhas, deixando-a depois cair no chão, entre os sapatos, onde acabou de se consumir. O linóleo estava cheio de queimaduras como aquela.
- Encadernação veneziana do século XVII, em bom estado... - Os irmãos curvaram-se sobre o livro, embora apenas o mais velho tocasse nas páginas com as mãos frias e pálidas; pareciam dois taxidermistas estudando o processo de empalhar um cadáver. - A pele é marroquim negro, com florões dourados imitando decoração vegetal...
- Um tanto sóbrio para Veneza - comentou Pablo Ceniza.
O irmão mais velho demonstrou a sua concordância com um novo ataque de tosse.
- O artista controlou-se, sem dúvida por causa da natureza do tema... - Olhou para Corso. - Verificou a alma das capas? As encadernações dos séculos XVI ou XVII proporcionam surpresas quando se trata de pele ou couro. O enchimento interior era feito com folhas soltas, coladas com grude e prensadas. Às vezes usavam provas do próprio livro ou coisas impressas mais antigas. Alguns achados são hoje mais valiosos do que os exemplares que encadernam. - Apontou uns papéis em cima da mesa. - Aí tem um exemplo. Conta-lhe, Pablo.
- Bulas da Santa Cruzada, de 1483. - O irmão sorria, malicioso, como se em vez de papéis mortos falasse de excitante material pornográfico. - Nas capas de uns memoriais sem valor do século XVI...
Pedro Ceniza continuava atento a As Nove Portas.
- A encadernação parece em ordem - disse. - Tudo combina. Livro curioso, não é verdade? Com as suas cinco nervuras na lombada, sem título e com o misterioso pentáculo na capa... Torchia, Veneza, 1666. Talvez ele próprio o encadernasse. Um belo trabalho.
- Que me diz do papel?
- Estou a reconhecê-lo, Senhor Corso; boa pergunta. - O encadernador passou a língua pelos lábios, como se tentasse transmitir-lhes um pouco de calor. Depois fez soar as folhas, deixando-as correr com o polegar sobre a margem do livro, mantendo o ouvido atento como Corso fizera em casa de Varo Borja. - Excelente papel. Não tem nada que ver com as celuloses de hoje em dia... Sabe o tempo médio de vida para um livro dos que se imprimem agora? Diz-lhe, Pablo.
- Setenta anos - informou o outro com rancor, como se o culpado fosse Corso. - Setenta miseráveis anos.
O irmão mais velho procurava no meio das ferramentas da mesa. por fim) pegou numa lente especial de grande ampliação e aproximou-a do livro.

- Daqui a um século - murmurou, ao mesmo tempo que levantava uma folha e a estudava a contraluz, fechando um olho - quase tudo o que hoje está nas livrarias terá desaparecido, mas estes volumes impressos há duzentos ou quinhentos anos continuarão intactos... Temos os livros, tal como o mundo, que merecemos... Não é verdade, Pablo?
- Livros de merda em papel de merda.
Pedro Ceniza abanava a cabeça, aprovador, sem deixar de estudar o livro com a lente.
- Oiça o que ele diz. O papel de celulose fica amarelo e quebradiço como uma hóstia e fragmenta-se irremediavelmente. Envelhece e morre.
- Não é o caso deste - comentou Corso, apontando o livro. O encadernador continuava a estudar as folhas a contraluz.
- Papel de fio, como Deus manda. Bom papel, feito com trapos, resistente ao tempo e à estupidez humana. Não, minto. É linho. Autêntico papel de linho. - Afastou o olho da lente e olhou para o irmão. - Que estranho, não se trata de papel veneziano. Grosso, esponjoso, fibroso... Será espanhol?
- Valenciano - disse o outro. - Linho de Játiva.
- É isso. Um dos melhores da Europa, na época. Talvez o impressor tivesse arranjado um lote de importação... Aquele homem estava disposto a fazer bem as coisas.
Fê-las com consciência - concordou Corso. - E isso custou-lhe a vida.
Eram os riscos do ofício. - Pedro Ceniza aceitou o cigarro amarrotado que Corso lhe oferecia e acendeu-o de imediato, tossindo com indiferença. - Quanto ao papel, o senhor sabe que com isso é difícil enganar-nos. A resma utilizada teria de ser branca, da mesma época, e mesmo assim havíamos de encontrar diferenças: as folhas ficam acastanhadas, as tintas oxidam-se, alteram-se com o tempo... É claro que os acrescentos se podem tingir, lavá-los com água de chá para os escurecer... Um bom restauro, ou adição de folhas que faltam, de maneira a parecerem originais, deve deixar o livro uniforme. Os pormenores são básicos. Não é verdade, Pablo? Sempre os malditos pormenores.
- Qual é o diagnóstico?
- Ressalvando as distâncias entre o impossível, o provável e o convincente, estabelecemos que a encadernação do livro pode ser do século XVII. Isso não significa que as folhas que estão dentro correspondam a esta encadernação e não a outra; mas admitamo-lo. Quanto ao papel, tem características semelhantes a outros cuja origem está provada; portanto, também parece ser da época.
- Muito bem. Encadernação e papel são autênticos. Vejamos o texto e as ilustrações.
- Isso é mais complexo. Quanto ao aspecto tipográfico, há dois possíveis pontos

de partida. Primeiro: o livro é autêntico, mas o seu proprietário, que, segundo o senhor, tem poderosos motivos para o saber, nega-o. Possível, então, mas pouco provável. Vamos ao segundo ponto, o de ser falso, que nos permite calcular duas possibilidades. Primeira: o texto é todo falso, inventado, impresso em papel da época e aproveitando umas capas anteriores. Isso, embora possível, é bastante improvável. Ou, para sermos mais precisos, pouco convincente. O custo do livro seria desproporcionado... Há uma segunda alternativa razoável para a falsificação: ter sido realizada numa época muito próxima da primeira edição do livro. Falamos de uma reimpressão com modificações, camuflada como se fosse a primeira, feita dez ou vinte anos depois desse 1666 que figura no frontispício. Mas com que objectivo?

- Tratava-se de um livro condenado - referiu Pablo Ceniza.

- É possível - concordou Corso. - Alguém com acesso ao material usado por Aristide Torchia, chapas e tipos de impressão, pode tê-lo imprimido de novo...

O mais velho dos irmãos tinha agarrado num lápis e garatujava nas costas de uma folha impressa.

- Podia ser uma explicação. Mas as outras alternativas, ou hipóteses, parecem mais plausíveis. Imagine, por exemplo, que a maior parte das páginas do livro é autêntica, mas que se trata de um exemplar com faltas, com folhas arrancadas ou perdidas... E que alguém completou as referidas faltas utilizando papel da época, uma boa técnica de impressão e muita paciência. Nesse caso, teremos duas subpossibilidades: uma é que as páginas acrescentadas sejam reproduzidas de um outro exemplar completo; a segunda hipótese é que, à falta de páginas originais para reproduzir ou copiar, o conteúdo daquelas seja inventado. - Nesse momento, o encadernador mostrou a Corso o que tinha estado a desenhar. - Aí, já teríamos um caso de autêntica falsificação, segundo este esquema:

LIVRO AUTÊNTICO
ENCADERNAÇÃO (Da época)
PAPEL (Da época)
TIPOGRAFIA
LIVRO FALSO
FALSIFICAÇÃO COMPLETA (Reimpressão idêntica)
(Reimpressão modificada)
(Edição apócrifa)
FALSIFICAÇÃO PARCIAL (Páginas infiltradas)
FALSIFICAÇÃO
ACTUAL (Improvável)
FALSIFICAÇÃO
DA ÉPOCA (Possível)

INFILTRAÇÃO ACTUAL (Provável)
INFILTRAÇÃO DA ÉPOCA (Possível)
ALGUMAS PÁGINAS
REPRODUZIDAS DO ORIGINAL (Autênticas)
ALGUMAS PÁGINAS INVENTADAS (Apócrifas)

Enquanto Corso e o irmão mais novo olhavam para o papel, Pedro folheou de novo As Nove Portas.

- Inclino-me a pensar - acrescentou passados uns momentos, quando voltaram a prestar-lhe atenção - que, se houve infiltração de algumas páginas, esta foi ou coetânea da impressão autêntica, ou muito bem feita agora, nos nossos dias. Pomos de parte a época intermédia porque reproduzir com tanta perfeição uma peça antiga não foi possível até há muito pouco tempo.

Corso devolveu-lhe o esquema.

- Imaginem que defrontam essa possibilidade: um volume com faltas. E desejam completá-lo com técnicas modernas. Que fariam?

Os irmãos Ceniza suspiraram em uníssono, profunda e profissionalmente, deliciando-se com a perspectiva. Ambos tinham agora o olhar fixo em As Nove Portas.

- Suponhamos - decidiu o mais velho - que temos este livro de 168 páginas e que lhe falta a 100... A 100 e a 99, claro, pois trata-se de uma folha com duas faces, ou páginas. E queremos completá-lo. O truque consiste em localizar um gémeo.

- Um gémeo?

- É calão de ofício - explicou Pablo Ceniza: - outro exemplar completo.

- Ou que, pelo menos, tenha intactas essas duas páginas que precisamos de copiar. Se possível, convém também comparar o gémeo com o nosso exemplar incompleto para ver se há impressões diferentes ou se os tipos estão mais gastos num do que no outro... O senhor sabe isso perfeitamente: numa época em que os tipos eram móveis e se desgastavam e alteravam com facilidade na impressão manual, o primeiro e o último exemplar de uma mesma tiragem podiam ser muito diferentes, com letras torcidas, partidas, diferentes tons de tinta e coisas do género. Esse estudo permitiria depois, na folha infiltrada, acrescentar ou tirar imperfeições que a igualassem ao resto... Depois, recorreríamos à reprodução fotomecânica: um fotolito plástico. E daí tiraríamos um polímero ou um zinco.

- Uma chapa em relevo - disse Corso - feita de resina ou de metal.

- Isso mesmo. Por muito perfeita que seja a actual técnica de reprodução, nunca nos daria o relevo, a marca no papel característica da antiga impressão com madeira ou chumbo com tinta. Portanto, temos de obter a página inteira reproduzida em material moldável, resina ou metal, muito parecidos para efeitos técnicos com a página composta com os tipos de chumbo móveis usados em

1666. Depois, colocamos essa chapa na prensa para executarmos a impressão manual como há quatro séculos. Claro que em papel da época, prévia e posteriormente tratado com métodos de envelhecimento artificial... Também tinta, cuja composição estudaríamos a fundo, precisa de ser tratada com agentes químicos para ficar igual à das restantes páginas. E está perpetrado o delito.
- Mas imagine que a folha original não existe. Que não há referência da qual copiar essas duas páginas em falta.
Os irmãos Ceniza sorriram ao mesmo tempo, seguros de si.
- Então - disse o mais velho - é que o trabalho se torna mais atraente.
- Documentação e imaginação - acrescentou o outro.
- E, claro, audácia, Senhor Corso. Suponha que Pablo e eu temos esse exemplar incompleto de As Nove Portas. Nesse caso, também dis-poremos, nas restantes 166 páginas, de um catálogo completo de letras e símbolos utilizados pelo impressor. Portanto, tiraríamos amostras até obtermos um alfabeto inteiro. Desse alfabeto obtém-se uma reprodução em papel fotográfico, mais fácil de manejar, multiplicando cada letra as vezes necessárias para compor a página toda... O ideal, o toque artístico, consistiria em reproduzir os tipos em chumbo fundido à maneira dos antigos impressores... Mas, infelizmente, isso é demasiado complexo e caro. Adaptar-nos-íamos portanto a técnicas actuais. Separando com uma faca as letras em tipos soltos, Pablo, que tem mais pulso para o trabalho, comporia num molde, à mão, as duas páginas linha a linha, tal como um compositor do século XVII. Daí tiraríamos outra prova em papel para eliminar ligações de letras ou imperfeições, ou para acrescentar defeitos semelhantes aos que haja noutras letras, linhas e páginas do texto original... Depois, só falta fazer um negativo e daí uma reprodução em relevo: a chapa para imprimir.
- E se as páginas em falta corresponderem a ilustrações?
- É a mesma coisa. Se temos acesso à gravura original, o sistema de reprodução ainda é mais fácil. Neste caso, o facto de se tratar de Xilografias, com linhas mais claras do que a gravura em cobre ou ponte Seca, facilita a limpeza do trabalho.
- Imaginem que já não existe a gravura original.
- Também não é problema. Se a conhecemos por referências, imita-se. Se não, inventamos. Com um prévio estudo, claro, da técnica das outras gravuras conhecidas. Qualquer bom desenhador pode fazer isso.
- E a impressão?
- O senhor sabe muito bem que a xilografia é apenas uma gravura em relevo: uma placa de madeira cortada no sentido da fibra, coberta com um fundo branco sobre o qual se desenha a composição. Depois, é preciso talhá-la e aplicar a tinta nas cristas ou arestas, de modo a que seja transferida para o papel. Quando

reproduzimos xilografias, há duas possibilidades: uma é a cópia do desenho, desta vez de preferência em resina. Embora a alternativa, se se dispõe de um bom artista gravador, seja fazer outra xilografia autêntica, em madeira, com a mesma técnica dos originais da época, e utilizá-la directamente na impressão... No meu caso, dispondo de um bom gravador como o meu irmão, recorreria à impressão artesanal em madeira. Sempre que possível, a arte deve imitar a arte.
- E é mais limpo - acrescentou Pablo. Corso brindou-o com a sua expressão cúmplice.
- Como no Speculum da Sorbonne.
- Talvez. É possível que o seu autor, ou autores, pensassem da mesma maneira... Não achas, Pablo?
- Eram com certeza uns românticos - concordou o outro, com um sorriso que mal se chegava a esboçar.
- Com certeza. - Corso apontava para o livro. - E agora, pronunciem-se.
- Eu diria que é autêntico - respondeu Pedro Ceniza sem hesitar. - Nós mesmos seríamos incapazes de conseguir uma coisa tão perfeita. Repare: qualidade do papel, manchas de página, tons idênticos, alterações de tinta, tipografia... Não é impossível que tenha páginas infiltradas, mas considero isso muito pouco provável. Se se trata de uma falsificação, a única explicação é que também seja da mesma época-Quantos exemplares são conhecidos? Três? Suponho que considerou a possibilidade de serem os três falsos.
- Considerei. Que me diz das xilografias?
- Que são estranhas, para já. Com todos esses símbolos... Mas também são da época. O grau de pressão das chapas é idêntico, bem como a tinta, os tons do papel... Talvez a chave não esteja em como nem quando foram impressos, mas sim no que têm dentro.
- Lamentais não poder chegar mais longe.
- Engana-se. - Corso preparou-se para fechar o livro. - Na realidade, fomos muito longe.
Pedro Ceniza interrompeu-o com um gesto.
- Mais uma coisa... Embora suponha que tenha reparado nisso: as marcas do gravador.
Corso fitou-o, confuso.
- Não sei a que se refere.
- As assinaturas microscópicas que há na base de cada ilustração... Mostra-lhas, Pablo.
O irmão mais novo fez menção de esfregar as mãos no guarda-pó para secar um suor inexistente. Depois, aproximando-se de As Nove Portas, mostrou a Corso algumas páginas através da lupa.

- Cada gravura - explicou - tem as abreviaturas habituais: Inv. por invenit, com a assinatura do artista original, e Sculp. por sculpsit, o gravador. Observe. Em sete das nove xilografias figura a abreviatura A.TORCH. como sculp. e como inv. É evidente que o próprio impressor desenhou e gravou sete ilustrações. Mas nas outras duas apenas aparece como sculp. Isso quer dizer que se limitou a gravá-las. E que o criador do desenho original, o inv., foi outro: alguém que correspondia às iniciais L.F.
Pedro Ceniza, que seguira a explicação do irmão com breves movimentos de cabeça, aprovando as suas palavras, acendeu o enésimo cigarro.
- Nada mal, não acha? - Começou a tossir por causa do fumo, com um brilhozinho maligno nos olhitos de rato astuto, pendente da expressão de Corso.
- Embora o tenham queimado, esse impressor não estava só.
- Não - reforçou o irmão, dando uma risada lúgubre. - Alguém ajudou a acender a fogueira por baixo dos pés.
Naquela mesma tarde, Corso recebeu a visita de Liana Taillefer. A viúva apresentou-se em sua casa sem avisar, naquela hora incerta em junto da varanda que dá para poente, vestido com uma camisa de algodão desbotada e umas velhas calças de bombazina, o caçador de livros via arder em vermelhos e ocres os telhados da cidade. É provável que não fosse o momento mais adequado e muitas das coisas que aconteceram mais tarde poderiam talvez ter-se evitado se ela tivesse vindo a outra hora do dia. Mas isso nunca se saberá. Os factos que podemos estabelecer são estes: Corso estava em frente da varanda, o seu olhar começava a turvar-se à medida que o conteúdo do copo de gin descia de nível e nesse momento tocou a campainha da porta, e Liana Taillefer - loura, altíssima, impressionante com uma gabardina inglesa sobre um saia-casaco e meias pretas - surgiu no umbral. Tinha o cabelo preso num rolo por baixo do chapéu Borsalino de aba larga, cor de tabaco, que usava um pouco de lado, com uma elegância que lhe ficava muito bem, dando-lhe um ar de mulher bela, segura disso e disposta a que todos o notassem.
- A que devo a honra? - perguntou Corso. Era uma frase estúpida, embora àquela hora e com a Bois de permeio, também não fosse justo exigir um diálogo brilhante. Liana Taillefer avançava já uns passos pelo compartimento, detendo-se junto da mesa de trabalho, onde estava a capa do manuscrito Dumas, ao lado do computador e das caixas com disquetes.
- Continua a trabalhar nisto? U - Claro.
Desviou o olhar de O Vinho de Anjou para lançar uma serena vista de olhos em redor, aos livros que cobriam as paredes e se amontoavam por todos os lados. Corso compreendeu que procurava fotos, recordações, indícios que permitissem avaliar o dono da casa. Erguia uma sobrancelha, aborrecida e arrogante por não

conseguir o seu objectivo. Acabou por deter-se no sabre da Velha Guarda.
- Colecciona espadas?
Inferência lógica, poderia chamar-se a esta conclusão. De tipo indutivo. Pelo menos, pensou Corso com alívio, a habilidade de Liana Taillefer para normalizar situações embaraçosas não estava à altura da sua aparência. Salvo se estivesse a divertir-se à sua custa. Portanto, sorriu ligeiramente, distante e cauteloso.
- Colecciono essa. Chama-se sabre.
A mulher assentiu, inexpressiva. Impossível saber se era parva ou boa actriz.
- Herança de família?
- Aquisição - mentiu Corso. - Pensei que ficaria bonito na rede. tantos livros tornam-se monótonos.
- Porque não tem quadros nem fotografias?
- Não há ninguém que me apeteça recordar. - Pensou na foto com moldura de prata, o defunto Taillefer de avental, trinchando o leitãozinho. - Claro que o seu caso é diferente.
Observou-o fixamente, talvez para tentar descobrir o grau de insolência das suas palavras; havia um brilho de aço nos olhos azuis, tão gelados que provocavam frio. Deambulou um pouco mais pelo compartimento, detendo-se em frente de alguns livros, da paisagem da varanda e, outra vez, da mesa de trabalho. Fez deslizar um dedo com a unha laçada de vermelho-sangue sobre a capa do manuscrito Dumas. Talvez esperasse algum comentário da parte de Corso, mas este não disse nada; limitou-se a esperar, paciente. Se ela pretendia algo, e saltava à vista que sim, deixá-la-ia fazer o seu próprio trabalho sujo. Não estava disposto a facilitar as coisas.
- Posso sentar-me?
Aquela voz um pouco rouca. Eco de uma noite mal dormida, recordava Corso. Ele continuou de pé, a meio do quarto, com as mãos nos bolsos das calças, expectante. Liana Taillefer tirou o chapéu e a gabardina e depois de olhar em redor com um daqueles movimentos lentos e intermináveis, escolheu um velho sofá. Dirigiu-se lentamente até lá para se sentar - a saia ficava extremamente curta naquela posição - cruzando as pernas de uma forma que qualquer um, inclusivamente o caçador de livros com metade do gin a menos no corpo, teria definido como demolidor.
- Venho falar de negócios.
Era evidente. Toda aquela exibição não era de maneira nenhuma desinteressada. Corso possuía tanta auto-estima como qualquer outro, mas não tinha nada de parvo.
Pois falemos - disse. - Já jantou com o Flavio La Ponte? Não houve qualquer reacção. Continuou a olhá-lo durante mais uns Segundos, imperturbável, com o

mesmo ar de desdenhosa segurança. Ainda não - respondeu por fim sem se alterar. - Primeiro queria vê-lo a si.
Pois aqui me tem.
Liana Taillefer recostou-se um pouco mais no sofá. Uma das suas mãos estava poisada sobre um rasgão do deteriorado forro de cabedal por onde se via o enchimento de crina.
- O senhor trabalha por dinheiro - disse.
- Com efeito.
- Vende-se à melhor proposta.
- As vezes. - Corso mostrou um canino no canto da boca; estava no seu território e podia deixar de parte a expressão de coelho simpático. - Em geral, o que faço é alugar-me. Como Humphrey Bogart nos filmes. Ou como as putas.
Para uma viúva que em menina fazia bordadinhos no colégio, Liana Taillefer não pareceu escandalizada com a linguagem.
- Quero oferecer-lhe trabalho.
- Óptimo. Ultimamente todos me oferecem trabalho.
- Pagar-lhe-ei muito dinheiro.
- Estupendo. Também toda a gente me paga muito dinheiro nestes últimos dias.
Ela tinha puxado um fio de crina dos que apareciam no braço rasgado do sofá. Enrolava-o distraidamente em torno do indicador.
- Quanto cobra ao seu amigo La Ponte?
- Ao Flavio?... Nada. A esse não há quem lhe arranque um centavo.
- Então por que trabalha para ele?
- Foi a própria a dizê-lo: é meu amigo.
Ouviu-a repetir a palavra, pensativa.
- Soa estranhamente na sua boca - acabou por dizer; esboçava um sorriso quase imperceptível de curioso desdém. - Também tem amigas?
Corso admirou-lhe as pernas sem pressa, desde os tornozelos até às coxas, descaradamente.
- Tenho recordações. A sua pode ser-me útil esta noite.
Suportou a grosseria estoicamente. Ou talvez, hesitou Corso, não tivesse captado a delicada referência que fora feita.
- Diga um valor - propôs com frieza. - Quero o manuscrito do meu marido.
O negócio começava a tomar bom aspecto. Corso foi sentar-se numa poltrona em frente de Liana Taillefer. Dali, a panorâmica das suas pernas envoltas em meias negras era melhor: tirara os sapatos e apoiava os pés descalços na alcatifa.
- Da outra vez pareceu-me pouco interessada.
- Pensei melhor. Esse manuscrito tem um carácter...
- Sentimental? - sugeriu Corso, trocista.

- Mais ou menos. - A voz soava agora desafiadora. - Mas não no sentido que supõe.
- E o que está decidida a fazer por ele?
- Já disse: pagar-lhe.
Corso exibiu um sorriso descarado.
- Ofende-me. Eu sou um profissional.
- O senhor é um mercenário profissional, e esses mudam de facção. Também leio livros.
- Tenho o dinheiro de que preciso.
- Não estou a falar de dinheiro agora.
Tinha-se recostado no sofá e um dos seus pés descalços acariciava o peito do pé do outro. Corso adivinhou os dedos com unhas pintadas de vermelho por baixo da malha escura das meias. Ao mover-se, a saia subiu mostrando um pouco de carne muito branca ao fundo, acima das ligas pretas, no ponto em que todos os enigmas se reduziam a um só, velho como o Tempo. O caçador de livros ergueu o olhar com dificuldade. Os olhos azuis-aços continuavam fixos nele.
Tirou os óculos antes de se pôr de pé, aproximando-se do sofá. A mulher seguiu-lhe os movimentos com os olhos, impassível; inclusivamente quando parou na sua frente, tão próximo que os joelhos se tocavam. Então Liana Taillefer ergueu uma mão e colocou os dedos de unhas laçadas de vermelho exactamente sobre a braguilha das calças de Dombazina. Sorria de novo de forma quase imperceptível, desdenhosa e segura de si, quando por fim Corso se inclinou por cima dela e lhe levantou a saia até à cintura.
Mais do que um intercâmbio, foi um assalto mútuo. Um ajuste de contas sobre o sofá: exercício cru e duro entre adultos, com os gemidos adequados no momento oportuno, algumas imprecações entredentes e as unhas da mulher cravadas sem piedade nos rins de Corso. Aconteceu assim, num palmo de terreno, sem tirarem a roupa, a saia dela nas ancas largas e poderosas que ele segurava com as mãos crispadas, as presilhas do cinto de ligas cravando-se-lhe nas virilhas. Nem sequer chegou a ver-lhe as mamas, embora por vezes as tivesse agarrado: carne dura, quente e abundante sob o soutien, a blusa de seda e o casaco do saia-casaco que, no frenesim do combate, Liana Taillefer não teve tempo de tirar. E agora ali estavam os dois, ainda embrulhados um no outro por entre roupas amarrotadas, sem fôlego, como dois lutadores exaustos. E Corso a perguntar a si mesmo como ia safar-se daquela embrulhada.
- Quem é Rochefort? - perguntou, disposto a precipitar a crise. Liana Taillefer olhou-o da distância de dez centímetros. A luz do poente iluminava-lhe o rosto com tons avermelhados; tinham saltado os ganchos que prendiam o cabelo loiro e este cobria agora, em desordem, o couro do sofá. Pela primeira vez parecia

descontraída.
- Ninguém que interesse - respondeu - agora que recupero o manuscrito.
Corso beijou o desabotoado decote da mulher, despedindo-se do seu conteúdo. Pressentia que ia demorar muito até o beijar de novo.
- Que manuscrito? - disse, para dizer qualquer coisa, e de imediato verificou que o olhar dela endurecia; o corpo, sob o seu, tornou-se rígido.
- O Vinho de Anjou. - Tinha, pela primeira vez, um tom de ansiedade na voz. - Vai devolver-mo, não vai?
Corso não gostou da maneira como lhe soou aquele regresso ao tratamento por você. Lembrava-se vagamente que se tinham tratado por tu durante a refrega.
- Não disse nada disso.
- Eu julgava...
- Julgou mal.
O aço brilhou com um relâmpago de cólera. Erguia-se agora, furiosa, afastando-o com um movimento brusco das ancas.
- Canalha!
Corso, que estava prestes a desatar a rir, safando-se da situação com duas ou três piadas cínicas, sentiu-se empurrado para trás com violência, caindo no chão de joelhos. Enquanto se levantava, apertando o cinto, verificou que Liana Taillefer estava já de pé, pálida e terrível e, sem se preocupar com o desarranjo da roupa, as magníficas coxas ainda à vista, lhe pregava uma bofetada tão forte que o seu tímpano esquerdo ressoou como a pele de um tambor.
- Miserável!
O caçador de livros cambaleou; a pancada não fora para menos. Atordoado, olhou em redor, como o boxeur em busca de uma referência para não se ir abaixo, à lona. Liana Taillefer atravessou o seu campo visual sem que conseguisse prestar-lhe muita atenção: o ouvido doía-lhe de forma horrível. Olhava estupidamente o sabre de Waterloo quando ouviu o som de vidro a partir-se. Então ela surgiu de novo no contra-luz avermelhado da janela. Tinha puxado a saia para baixo, segurava a capa do manuscrito numa das mãos e, na outra, o gargalo da garrafa partida. O corte do vidro estava dirigido à garganta de Corso.
Ergueu um braço, como simples reflexo, enquanto dava um passo atrás. O perigo devolvia-lhe lucidez e adrenalina em força; afastou a mão armada da mulher e deu-lhe um murro no pescoço que a deixou sem fôlego, fazendo-a estacar. A cena seguinte foi um tanto mais calma: Corso apanhava do chão o manuscrito e a garrafa partida, e Liana Taillefer estava outra vez sentada no sofá, agora com o cabelo despenteado caindo-lhe para a cara e as mãos no pescoço dorido, respirando com dificuldade por entre soluços de raiva.
- Hão-de matá-lo por causa disto, Corso - ouviu-a dizer, por fim. O Sol tinha-se

posto definitivamente do outro lado da cidade e os cantos da casa enchiam-se de sombras. Envergonhado, acendeu a luz e estendeu à mulher a gabardina e o chapéu antes de agarrar no telefone para chamar um táxi. Durante todo o tempo evitou olhá-la nos olhos. Depois, quando ouviu desvanecerem-se os seus passos na escada, ficou por momentos imóvel à janela, observando as sombras dos telhados que se recortavam na claridade da lua erguendo-se lentamente.

"Hão-de matá-lo por causa disto, Corso."

Serviu-se de um copo de gin bem cheio. Não conseguia afastar da cabeça a expressão de Liana Taillefer quando se soube enganada. Olhos mortais como uma adaga, ricto de fúria vingativa. E não estava a brincar; quisera realmente matá-lo. Uma vez mais as recordações surgiram lentamente, invadindo-o pouco a pouco, embora desta vez, para as reviver não fosse necessário qualquer esforço de memória. Era uma imagem nítida como o lugar exacto de onde provinha. Sobre a mesa de trabalho estava a edição fac-similada de Os Três Mosqueteiros. Abriu-a procurando a cena: página 129. Ali, por entre móveis em desordem, saltando da cama com o punhal na mão como um demónio, Milady atira-se a d'Artagnan que retrocede, aterrado, em camisa, mantendo-a afastada com a ponta da espada.

VII.

O NÚMERO UM E O NÚMERO DOIS

> Acontece que o Diabo é muito astuto. Acontece que nem sempre é tão feio como dizem.
> (J. Cazotte. O Diabo Apaixonado)

Faltavam poucos minutos para a saída do expresso com destino a Lisboa quando viu a rapariga. Corso estava no cais, junto dos degraus do seu vagão - Companhia Internacional de Carruagens-Camas - , e cruzou-se com ela no meio de um grupo de viajantes que se dirigiam para as carruagens de primeira classe. Levava uma pequena mochila e vestia a mesma canadiana azul, mas não a reconheceu a princípio. Apenas foi capaz de detectar algo de familiar nos olhos verdes, tão claros que pareciam transparentes, e no cabelo muito curto. Isso fez com que a seguisse com a vista durante um momento, até desaparecer duas carruagens mais à frente. Soou o apito da locomotiva e, enquanto subia para a plataforma e o funcionário fechava a porta nas suas costas, Corso reconstituiu a cena: ela sentada num extremo da mesa do café, na tertúlia de Boris Balkan.

Avançou pelo corredor a caminho do seu compartimento. As luzes da estação desfilavam cada vez mais rápidas do outro lado das janelas, enquanto o matraquear do comboio marcava o compasso do andamento. Movendo-se com dificuldade no estreito habitáculo, pendurou o sobretudo e o casaco antes de se sentar na cama, ao lado da bolsa de lona. Dentro, com As Nove Portas e a capa do manuscrito Dumas, tinha um livro, o Memorial de Santa Helena, de Les Cases:

Sexta-feira, 14 de Julho de 1816. O Imperador esteve doente toda a noite.

Acendeu um cigarro. De vez em quando, ao passar o comboio junto de locais iluminados que lhe recortavam o rosto com a rápida intermitência de uma luz estroboscópica, Corso lançava um olhar pela janela antes de mergulhar de novo nos pormenores da lenta agonia de Napo-leão e dos sofismas do seu carcereiro inglês, Sir Hudson Lowe. Lia com a testa franzida, ajustando os óculos no nariz. Às vezes detinha-se um momento a contemplar o seu próprio reflexo na janela e fazia uma careta trocista dedicada a si mesmo. Naquela altura e com o seu currículo, ainda era capaz de sentir indignação pelo miserável fim que os vencedores deram ao titã caído, preso à sua rocha no meio do Atlântico. Curiosa experiência rever aquilo - os factos históricos e os seus próprios sentimentos a esse respeito - com a lucidez actual. Quão longe estava já o outro Lucas Corso

que admirava com reverência o sabre do veterano de Waterloo; a criança que assumia os mitos familiares com belicoso entusiasmo, bonapartista precoce, ávido devorador de livros ilustrados com gravuras de campanhas gloriosas, nomes que soavam como toques à carga: Wagram, Jena, Smolensko, Marengo. Olhos desmesuradamente abertos e desaparecidos há já muito tempo, fantasma impreciso que por vezes se perfilava na sua memória, entre as páginas de um livro, num odor ou num som, no vidro escuro de uma janela quando a chuva vinda do País Que Já Não Existe caía lá fora, na noite.

O empregado passou junto da porta agitando uma campainha. Meia hora para o encerramento do vagão-restaurante. Corso fechou o livro, vestiu o casaco e, depois de pendurar ao ombro a bolsa de lona, saiu do compartimento. Na extremidade do corredor, a seguir à porta de vaivém, uma fria corrente de ar atravessava a passagem em fole que ligava a carruagem-cama à seguinte. Passou, ouvindo o ruído dos amortecedores por baixo dos seus pés, para ir ter à zona da primeira classe. No corredor, ao desviar-se de dois passageiros, reparou no interior do compartimento mais próximo, apenas semiocupado. A rapariga estava ali, junto da porta, vestindo uma camisola e jeans, com os pés descalços poisados no assento da frente. Quando Corso ia a passar, levantou o olhar do livro que estava a ler, e os seus olhos encontraram-se. Nos da jovem não houve qualquer sinal de reconhecimento, e ele interrompeu, ainda mal o iniciara, o breve gesto de saudação que se preparava para lhe dirigir de forma instintiva. Ela deve ter-se apercebido do facto, porque o olhou com curiosidade, mas o caçador de livros continuava já pelo corredor adiante.

Ceou embalado pelo baloiçar do vagão e teve ainda tempo para beber um café e um copo de gin antes de encerrarem o serviço. A Lua despontava com tons de seda crua nos confins da noite, e os postes telefónicos, fugazes, deslocavam-se nela, demarcando, em contraluz, fotografias de um projector mal focado sobre a planície mergulhada na sombra.

Regressava ao seu vagão quando deparou com a rapariga no corredor da primeira classe. Tinha feito girar a manivela da vidraça e apoiava-se no parapeito, recebendo na cara o ar frio do exterior. Ao chegar junto dela, Corso virou-se de costas no estreito corredor para a evitar. Mas a jovem voltou-se para ele.

- Eu conheço-o - disse.

Vistos de perto, os seus olhos ainda eram mais verdes e mais claros, como cristal líquido. O efeito era luminoso pelo contraste com a pele queimada do sol; no fim de Março e com aquele cabelo de risca ao lado, como o de um rapaz, dava-lhe um aspecto singular, desportivo, deliciosamente equívoco. Era alta, esguia e flexível. E muito jovem.

- Tem razão - confirmou Corso, detendo-se por momentos. - Há alguns dias, no café.
Ela sorriu. Novo contraste no seu rosto: dentes brancos em pele tisnada. A boca era grande, bem desenhada. Bela rapariga, teria dito Flavio La Ponte, acariciando os caracóis da barba.
- O senhor era o que estava a fazer perguntas sobre d'Artagnan.
O ar frio da janela aberta agitava-lhe o cabelo curto. Continuava descalça; os sapatos de ténis brancos estavam no chão, junto do assento vazio. Deitou uma vista de olhos instintiva ao título do livro ali abandonado: Aventuras de Sherlock Holmes. Uma edição barata, observou. Brochada. O vulgar da Editorial Porrúa.
- Vai apanhar uma constipação - disse ele.
A jovem negou com a cabeça, continuando a sorrir, mas fez girar a Manivela e subiu o vidro. Corso, que se dispunha a seguir o seu caminho, demorou-se a tirar um cigarro. Fê-lo como sempre, directamente do bolso aos lábios, e viu que ela observava o gesto.
- Fuma? - perguntou, hesitante, estacando com a mão a meio caminho.
- Às vezes.
Pôs o cigarro da boca e tirou outro. Era negro, sem filtro, tão amachucado como todos os maços que costumava trazer consigo. A jovem segurou-o entre os dedos, observando a marca antes de se inclinar para que Corso lho acendesse, depois do seu, com o último fósforo da caixa.
- É forte - disse ela ao expelir a primeira baforada de fumo, embora não fizesse nenhum dos espaventos que Corso esperava. Segurava no cigarro de maneira insólita: entre o polegar e o indicador, com a brasa para fora. - Viaja neste vagão?
- Não. No seguinte.
- Tem sorte ir em carruagem-cama. - Apalpou o bolso traseiro dos jeans, indicando uma carteira inexistente. - Quem me dera poder. Ainda bem que este compartimento vai meio vazio.
- É estudante?
- Mais ou menos.
O comboio vibrou ruidosamente ao entrar num túnel. A rapariga voltou-se então, como se as trevas exteriores lhe atraíssem a atenção. Inclinava-se sobre o vidro de encontro ao seu próprio reflexo, tensa e alerta, parecendo tentar distinguir qualquer coisa no estrépito de ar comprimido entre as paredes da estreita passagem. Depois, quando o vagão saiu para terreno aberto e pequenas luzes voltaram a pontilhar a noite à laia de breves traços quando passava o comboio, sorriu de novo, absorta. . .;
- Gosto de comboios - disse.

- Eu também. (
A jovem continuava voltada para a janela. Uma das mãos tocava no vidro com as pontas dos dedos.
- Imagina?... - comentou. O seu sorriso tornara-se evocador, como se a assaltassem íntimas recordações. - Deixar Paris de noite para acordar em frente da laguna de Veneza, a caminho de Istambul.
Corso fez um esgar. Que idade teria? Talvez dezoito, vinte quando muito.
- Jogar póquer - sugeriu - ... entre Calais e Brindisi.
A rapariga fitou-o com mais atenção.
- Nada mal. - Meditou um instante. - Que acha de tomar o pequeno-almòço com champanhe entre Viena e Nice?
- Interessante. É como espiar Basil Zaharoff.
- Ou embebedar-se com Nijinsky.
- Roubar as pérolas de Coco Chanel.
- Flirtar com Paul Morand... Ou com Mister Barnabooth.
Desataram ambos a rir. Corso, divertido, por entre dentes. Ela, abertamente, apoiando a testa no vidro frio da janela. Tinha um riso sonoro e franco, de rapaz, condizente com o corte de cabelo e os luminosos olhos verdes.
- Já não há comboios assim.
- Eu sei.
As luzes de um poste de sinalização passaram como relâmpagos. Depois foi um cais mal iluminado, deserto, com um letreiro ilegível por causa da velocidade. A lua ia subindo recortando brutalmente, a intervalos, confusas silhuetas de árvores e telhados. Parecia voar paralela ao comboio, empenhada em fazer com ele uma corrida louca e sem objectivo.
- Como se chama?
- Corso. E você?
- Irene Adler.
Olhou-a de cima a baixo, e ela suportou o exame, impassível.
- Isso não é um nome.
- Corso também não é.
- Engana-se. Sou Corso. O homem que corre.
- Não parece ser um homem que corra. Antes pelo contrário, parece bem tranquilo.
Inclinou um pouco a cabeça sem responder, observando os pés nus da rapariga sobre a alcatifa do corredor. Adivinhava o olhar fixo nele, estudando a sua aparência, e - facto singular, tratando-se de Corso - isso fez-lhe sentir uma certa perturbação. Demasiado jovem, disse para si mesmo. Demasiado atraente. Maquinalmente, ajeitou os óculos toros enquanto se preparava para seguir o seu

caminho. " Boa viagem. Obrigada, uns passos, sabendo que ela o via afastar-se.
- Talvez nos encontremos por aí - ouviu-a dizer atrás de si.
- Talvez.
Impossível. Era outro Corso de regresso a casa, perturbado, com a Grande Armada prestes a fundir-se na neve; o incêndio de Moscovo crepitava nas pegadas das suas botas. Não ia afastar-se assim e portanto deteve-se e girou sobre os calcanhares. Ao fazê-lo, sorria como um lobo magro.
- Irene Adler - repetiu, fingindo tentar recordar-se. - Estudo em Escarlate ?
- Não - respondeu ela calmamente. - Um Escândalo na Boémia... - Agora sorria também, e o seu olhar era um fulgor esmeralda na penumbra do corredor. - A Mulher, querido Watson.
Corso fez menção de dar uma palmada na testa, como se acabasse de cair em si.
- Elementar - disse. E teve a certeza de que se encontrariam de novo.

Corso esteve em Lisboa menos de cinquenta minutos; o tempo necessário para ir da Estação de Santa Apolónia à do Rossio. Hora e meia mais tarde pisava o cais de Sintra sob um céu de nuvens baixas que esbatiam, serra acima, as melancólicas torres cinzentas do Castelo da Pena. Não havia táxis à vista e teve de subir a pé até ao pequeno hotel situado em frente às duas grandes chaminés do Palácio Nacional. Eram dez da manhã de uma quarta-feira, e a esplanada estava livre de turistas e autocarros; não teve problema em arranjar um quarto com vista para a paisagem acidentada, densa e verde, onde emergiam telhados e torres das velhas quintas, por entre jardins centenários cobertos de hera.
Depois de um duche e de um café, perguntou pela Quinta da Solidão, e a empregada do hotel indicou-lhe o caminho pela estrada acima. Também não havia táxis na esplanada, mas apenas duas charretes puxadas a cavalos. Corso combinou o preço e, minutos depois, passava sob os rendilhados de pedra neomanuelinos da Torre da Regaleira. Os cascos do cavalo ressoavam nas cavidades dos muros sombrios, nos riachos e fontes por onde corria a água e entre a hera espessa cobrindo paredes, taludes, troncos de árvore, escadas de pedra atapetadas de musgo e azulejos antigos das quintas abandonadas.
A Quinta da Solidão era um edifício rectangular do século XVIII, com quatro chaminés e uma fachada cujo reboco ocre estava desbotado com manchas e escorridos. Corso desceu do carro e ficou durante um momento a observar o local antes de abrir o portão de ferro. De um lado e outro, rematando o muro sobre colunas de granito, havia duas estátuas de pedra verde-cinza cobertas de bolor. Uma representava um busto de mulher; a outra parecia idêntica, mas as feições estavam ocultas sob a hera que trepava até ela, inquietante parasita que se apossara do rosto, fundindo-se com os traços modelados por baixo.

Ao avançar em direcção à casa, ouviu o som dos seus passos sobre as folhas mortas. Era um caminho ladeado por estátuas de mármore, quase todas caídas e quebradas junto dos pedestais vazios. O jardim estava em completo abandono, invadido pela vegetação que subia pelos bancos e miradouros, cujos ferros forjados escorriam ferrugem sobre a pedra coberta de musgo. A esquerda, junto de um lago cheio de plantas aquáticas, uma fonte de azulejos quebrados albergava um anjinho bochechudo, de olhos vazios e mãos mutiladas, que dormia com a cabeça sobre um livro e de cuja boca entreaberta brotava um fiozinho de água. Havia impressa em tudo aquilo uma infinita tristeza a que Corso não conseguiu escapar. Quinta da Solidão, repetiu. O nome era adequado.
Subiu por uma escada de pedra até à porta, levantando os olhos. Entre a sua cabeça e o céu cinzento, um antigo relógio de sol não marcava qualquer hora nos seus números romanos. Encimava-o uma legenda: Omnes vulnerant, póstuma necat.
Todas ferem, leu. A última mata.
- Chega a tempo para a cerimónia - disse Fargas.
Corso apertou-lhe a mão um pouco desconcertado. Victor Fargas era alto e magro como um gentil-homem de Greco, parecendo mover-se dentro da larga camisola de lã grossa como Uma tartaruga na sua concha. Usava um bigode recortado com exactidão geométrica, as calças formavam bolsas nos joelhos, e os sapatos eram brilhantes, de um modelo antigo e muito gastos pelo uso. Foi o que Corso conseguiu ver num primeiro relance, antes de a sua atenção se desviar para a enorme casa vazia, para as paredes nuas, para as pinturas dos tectos espalhadas em lagunas bolorentas, consumidas pelo gesso e pela humidade. Fargas olhou o recém-chegado de cima a baixo.
- Suponho que aceitará, um conhaque - disse por fim, à maneira de conclusão após íntimo raciocínio, e, coxeando ligeiramente, começou a andar pelo corredor sem se preocupar em verificar se Corso o seguia ou não. Passaram junto de outros compartimentos também vazios, ou com restos de móveis fora de uso atirados para um canto. Dos tectos, na extremidade de fios eléctricos, pendiam casquilhos nus ou lâmpadas poeirentas.
As únicas divisões com aspecto de estar em uso eram dois salões que comunicavam por uma porta de correr, com escudos de armas esmerilados no vidro, cuja abertura revelava um panorama de paredes nuas com as marcas dos objectos que outrora as adornaram impressas no velho papel: desenhos rectangulares de quadros desaparecidos, contornos de móveis, pregos enferrujados, saídas de corrente para lâmpadas inexistentes. Sobre aquela triste paisagem gravitava um tecto pintado imitando uma abóbada de nuvens com a representação, ao centro, do sacrifício de Abraão: um velho patriarca de tintas

estaladas cuja mão, armada com um punhal e prestes a abater-se sobre um loiro rapazinho, era detida por um anjo com asas enormes. Sob a falsa abóbada abria-se uma porta-janela, suja e com alguns vidros substituídos por pedaços de cartão, que dava para a varanda e para a parte de trás do jardim.
- Doce lar - disse Fargas.
Era uma ironia formulada sem grande convicção. Parecia que o dono a tinha utilizado já demasiadas vezes e nem ele próprio confiava muito no seu efeito. Falava castelhano com forte e distinto sotaque português e movia-se sempre muito lentamente, talvez por causa da sua perna inválida, como aquelas pessoas que têm uma eternidade à sua frente.
- Conhaque - repetiu, concentrado, como se não se lembrasse bem o que os tinha levado até ali.
Corso fez um vago gesto afirmativo que Fargas não viu. O amplo salão terminava no extremo oposto num grande fogão de sala apagado, com uma pequena pilha de troncos. Havia dois cadeirões desemparelhados, uma mesa e um aparador, um candeeiro de petróleo, dois candelabros com velas, um violino no seu estojo e pouco mais. Mas no chão, sobre antigas carpetes desfiadas ou tapetes desbotados pelo tempo, mais longe possível das janelas e da luz plúmbea que estas deixavam entrar, alinhavam-se em perfeita ordem muitos livros; quinhentos ou mais, calculou Corso. Talvez quase um milhar. Entre eles, numerosos códices e incunábulos. Bons e velhos livros de pele ou pergaminho, antigos volumes com tachas nas capas, in-fólios, elzevires, encadernações com gofrados, bulhões, florões, fechos, lombadas e cantos com letras douradas ou caligrafados nos scriptorios de mosteiros medievais. Observou também, nos cantos, uma dúzia de ratoeiras enferrujadas, a maior parte delas sem queijo.
Fargas, que remexia no aparador, voltou-se com um copo e uma garrafa de Remy Martin, observando-a em contraluz para verificar o seu conteúdo.
- Dourado sangue de Deus - exclamou, triunfal. - Ou do Diabo. Sorria apenas com a boca, retorcido o bigode à maneira dos velhos galãs de cinema; mas os olhos continuavam fixos e inexpressivos, cercados de papos provocados por uma insónia que estivesse a durar demasiado. Corso observou as suas mãos finas, de boa linhagem, ao receber delas o copo de conhaque, cujo fino cristal vibrava suavemente ao levá-lo aos lábios.
- Belo copo - elogiou, para dizer qualquer coisa.
O bibliófilo estava de acordo e fez um gesto a meio caminho entre a resignação e a troça de si mesmo, sugerindo uma segunda leitura de tudo aquilo: o copo, os três dedos de conhaque da garrafa, a casa despojada. A sua própria presença ali: elegante, pálido e deteriorado fantasma.
- Só tenho outro igual - respondeu com tranquila objectividade, a laia de

confidência. - Por isso os conservo.
Corso anuiu com um movimento de cabeça. O seu olhar percorreu Por um momento as paredes vazias para voltar a concentrar-se nos livros.
- Deve ter sido uma quinta muito bonita - comentou. O outro encolheu os ombros sob a camisola.
Foi, é verdade. Mas com as velhas famílias passa-se o mesmo que com as civilizações: um dia esgotam-se e morrem. - Olhou em redor sem ver; os seus olhos pareciam reflectir os objectos ausentes.
- A princípio, recorremos aos bárbaros para que vigiem o limes do Danúbio, depois enriquecemo-los e acabamos por transformá-los em credores... Até que um dia se revoltam e nos invadem, e nos saqueiam.
- Observou o seu interlocutor com repentina desconfiança. - Espero que saiba do que estou a falar.
Corso assentiu. Naquela altura já deixava flutuar entre ambos o seu melhor sorriso de coelho cúmplice.
- Sei perfeitamente - confirmou. - Botas ferradas pisando porcelana de Saxe. Referia-se a isso? Criadas com traje de noite. Operários arrivistas que limpam o cu a manuscritos com iluminuras.
Fargas fez um movimento de aprovação. Sorria, satisfeito. Coxeou até ao aparador para ir buscar o outro copo.
- Creio que também vou tomar um conhaque - disse. Brindaram em silêncio fitando-se nos olhos, como membros de uma secreta confraria depois de trocarem os sinais de reconhecimento. No fim, o bibliófilo indicou os livros e fez um gesto com a mão que segurava o copo, como se, ultrapassada a prova de iniciação, convidasse Corso a franquear uma barreira invisível, aproximando-se deles.
- Aí os tem. Oitocentos e trinta e quatro volumes, dos quais já só menos de metade vale a pena. - Bebeu um gole antes de passar o indicador pelo bigode húmido, olhando em redor. - É uma pena que não os tenha conhecido em melhores tempos, arrumados nas suas estantes de madeira de cedro... Cheguei a reunir cinco mil. Estes são os sobreviventes.
Corso, que tinha poisado a bolsa de lona no chão, aproximou-se dos livros. Sentia um formigueiro na ponta dos dedos por puro reflexo. O panorama era magnífico. Ajeitou os óculos para detectar, à primeira vista, um Vasari em in-quarto de 1588, primeira edição, e um Tractatus de Berengario de Carpi, com encadernação de pergaminho, do século XVI.
- Nunca teria imaginado que a colecção Fargas, que figura em todas as bibliografias, estivesse assim. Livros empilhados no chão, sem móveis, encostados à parede, numa casa vazia...

- É a vida, meu amigo. Mas devo precisar, em minha defesa, que se encontram todos em impecável estado... Eu mesmo os limpo e revisto, procuro arejá-los e mantê-los a salvo de insectos e de roedores da luz, do calor e da humidade. De facto, não faço mais nada durante todo o dia.
- O que aconteceu ao resto?
O bibliófilo olhou pela janela, franzindo as sobrancelhas e fazendo também a mesma pergunta a si mesmo.
- É fácil de imaginar - respondeu, parecendo um homem muito infeliz quando os seus olhos voltaram a encontrar os de Corso. - Salvo a quinta, alguns móveis e a biblioteca do meu pai, não herdei senão dívidas. Sempre que consegui dinheiro investi-o em livros e quando o meu crédito tocou no fundo, liquidei tudo o que restava: quadros, móveis e baixela. Creio que sabe o que significa ser um bibliófilo apaixonado; mas eu sou bibliopata. Era um atroz sofrimento imaginar dispersa a minha biblioteca.
- Conheci pessoas assim.
- Realmente?... - Fargas olhou-o com curiosidade. - Apesar disso, duvido que faça uma ideia exacta. Levantava-me de noite para vaguear como uma alma penada em frente dos meus livros. Falava com eles, acariciava-lhes as lombadas entre juramentos de lealdade... Foi tudo inútil. Um dia tive de tomar a decisão: sacrificar a maior parte, conservando os exemplares mais queridos e valiosos... Nem o senhor nem ninguém compreenderá nunca o que aquilo representou: os meus livros pasto dos abutres.
- Imagino - disse Corso, que não se teria importado nada oficiar em semelhantes funerais.
- Imagina? Não, nem que vivesse um século conseguiria. Separar uns dos outros custou-me dois meses de trabalho. Sessenta e um dias de agonia e também um acesso de febre que quase me matou. Levaram-nos por fim e julguei enlouquecer... Lembro-me como se fosse ontem, embora tenham passado doze anos.
- E agora?
O bibliófilo mostrou o copo vazio, como se aquilo simbolizasse qualquer coisa.
- De há algum tempo para cá vejo-me obrigado a recorrer outra Vez aos meus livros. Não preciso de muito: vêm um dia por semana fazer limpeza e trazem-me a comida da vila... O dinheiro vai-se quase todo nos impostos que pago ao Estado para conservar a quinta.
Disse Estado como poderia ter dito roedores ou caruncho. Corso fez uma expressão compreensiva, lançando outra vista de olhos às paredes despidas da casa.
- Pode vendê-la...

- É verdade. - Fargas concordou com indiferença. - Mas há coisas que o senhor não compreende.
Corso tinha-se inclinado para agarrar num infólio encadernado em pergaminho e folheava-o com interesse. De Symmetria de Dúrer, Paris, 1557, reimpressão da primeira edição latina de Nuremberga. Em bom estado e com margens largas. Aquilo poria Flavio La Ponte louco. Poria louca qualquer pessoa.
- De quanto em quanto tempo vende livros?
- Bastam-me dois ou três por ano. Depois de dar muitas voltas, escolho um volume e vendo-o. Era a essa cerimónia que me referia há bocado, quando abri a porta. Tenho um comprador, compatriota seu, que vem cá algumas vezes por ano.
- Conheço-o? - aventurou Corso.
- Não sei se conhece - foi a resposta do bibliófilo, sem referir qualquer nome. - Precisamente, espero a visita dele de um dia para outro e quando o senhor chegou preparava-me para escolher a vítima... - Moveu uma das suas esguias mãos no ar, imitando o movimento da guilhotina enquanto sorria, desiludido. - O que deve morrer para que os outros continuem juntos.
Corso levantou os olhos para o tecto, em busca da inevitável analogia: Abraão, com uma profunda racha atravessando-lhe o rosto, fazia visíveis esforços para libertar a mão direita, armada com um punhal, que o anjo segurava com pulso firme enquanto com a outra mão dirigia uma severa admoestação ao patriarca. Sob o gume, com a cabeça poisada sobre uma pedra, Isaac esperava resignado o seu destino. Era louro e rosado como um efebo dos que nunca dizem não. Mais adiante estava pintada uma espécie de ovelha presa numa sarça, e Corso votou mentalmente o indulto do animal.
- Imagino que não há outra solução - disse, fitando o bibliófilo.
- Tê-la-ia descoberto... - Fargas sorriu com evidente rancor. - Mas o leão exige a sua parte, os tubarões farejam o sangue e a carniça. Infelizmente, já não há pessoas como o conde de Artois, que foi rei de França - Conhece a história?... O velho marquês de Paulmy tinha sessenta mil volumes e estava arruinado. Para escapar aos credores, vendeu a sua biblioteca ao conde de Artois, mas este exigiu que o ancião conservasse até à sua morte. Assim, com o dinheiro adquirido, Paulmy pôde comprar novos exemplares, enriquecendo uma colecção que já não era sua...
Meteu as mãos nos bolsos das calças e passeou junto dos livros, oscilando sobre a perna inválida, olhando-os um a um. Parecia um magro e desastrado Montgomery que passasse revista às suas tropas em El Alamein.
- Às vezes nem lhes toco nem os abro. - Detivera-se, inclinando- Se para reajustar um volume na sua fila, sobre a velha alcatifa. - Limito-me a limpar-lhes

o pó e a contemplá-los durante horas. Conheço em pormenor o que há sob cada encadernação... Repare neste: De revolutionis celestium, Nicolau Copérnico. Segunda edição, Basileia, 1566. Uma bagatela, não é verdade? Como a Vulgata Clementina que tem à. sua direita, entre os seis volumes da Poliglota do seu compatriota Cisneros, e o Cronicarum de Nuremberga. Aí desse lado, observe aquele curioso in-fólio: Praxis criminis persequendi de Simon de Colines, 1541. Ou essa encadernação monástica com quatro nervos e bulhões para que está a olhar. Sabe o que há lá dentro? A Lenda Áurea de Jacobo de La Vorágine, Basileia, 1493, impressa por Nicolas Kesler.

Corso folheou o livro. Era um exemplar magnífico, também, com margens muito largas. Devolveu-o ao seu lugar com cuidado antes de se erguer, limpando os óculos com o lenço. Aquilo era capaz de provocar suores ao mais frio.

- O senhor não está bom da cabeça. Se vendesse isto tudo, não teria problemas económicos.

- Eu sei. - Fargas inclinou-se para rectificar imperceptivelmente a posição do livro. - Mas se vendesse tudo isto, já não teria razão Para continuar a viver e portanto ser-me-ia indiferente deixar de ter Problemas.

Corso apontou para uma fila de livros muito deteriorados. Havia Vanos incunábulos e manuscritos, e nenhum era, pela sua encadernação posterior ao século XVII.

Tem muitas edições antigas de cavalaria...

- Tenho. Herdadas do meu pai. A sua obsessão era reunir os noventa e cinco livros da biblioteca de D. Quixote, em especial os citados na expurgação do padre... Dele recebi também esse curioso Quijote que vê junto da primeira edição de Os Lusíadas: um Ibarra de 1780 em quatro volumes. Além das estampas correspondentes, vem enriquecido com outras de impressão inglesa da primeira metade do século XVIII, seis aguarelas originais e a certidão de nascimento de Cervantes fac-similada e impressa em vitela... Cada um tem as suas obsessões. A do meu pai, que foi diplomata e viveu muitos anos em Espanha, era Cervantes. Noutros casos, trata-se de manias. Há quem não tolere um restauro, embora seja invisível, ou nunca compre exemplares numerados acima do 50... A minha, como já deve ter dado conta, são os intonsos. Percorria leilões e livrarias com uma régua na mão, e tremiam-me as pernas se ao abrir o volume o descobria virgem ou por aparar. Leu o conto burlesco de Nodier sobre o bibliófilo? Acontecia-me o mesmo. Apunhalaria de bom gosto os encadernadores de guilhotina fácil. Descobrir um exemplar com dois milímetros a mais de branco da página do que o descrito nas bibliografias canónicas era o cúmulo da minha felicidade.

- Também da minha.

- Parabéns, então. Saúdo-o como a um irmão de culto.
- Não se precipite. O meu interesse não é estético mas sim lucrativo.
- Tanto faz. Gosto de si. Sou dos que acreditam que, em questão de livros, a moralidade convencional não existe. - Estava no outro extremo do compartimento, mas inclinou-se um pouco para Corso com um ar confidencial. - Sabe uma coisa?... Tal como nessa lenda que vocês têm, a do livreiro assassino de Barcelona, eu também seria capaz de matar por um livro.
- Não lho aconselho. Começa-se por isso, que parece uma coisa de nada, e no fim acaba-se mentindo, votando nas legislativas e coisas do género.
- Inclusivamente, vendendo os próprios livros.
- Inclusivamente.
Fargas abanava tristemente a cabeça. Depois, ficou imóvel por um momento, com as sobrancelhas franzidas em secretas reflexões. Quando voltou a si, olhou Corso demoradamente, durante um longo momento.
- O que acaba por nos levar - disse por fim - à questão que me preocupava quando o senhor bateu à porta. Cada vez que encaro o problema sinto a mesma coisa que um padre renegando a sua fé... surpreende-o que use a palavra sacrilégio?
- De maneira nenhuma. Considero que se trata exactamente disso.
Fargas torcia as mãos com expressão atormentada. O seu olhar deslizou em redor pelo compartimento despido e pelos livros no chão até se deter outra vez em Corso. O sorriso parecia uma expressão postiça que alguém lhe tivesse pintado na cara.
- Pois é. O sacrilégio só se justifica na fé... Um crente é o único capaz de o cometer e sentir, ao mesmo tempo que nele incorre, a dimensão terrível do seu acto. Nós nunca sentiríamos qualquer horror profanando uma religião que nos fosse indiferente: seria blasfemar sem ter um deus que se considerasse ofendido. Absurdo.
Corso não teve qualquer dificuldade em mostrar-se de acordo.
- Sei bem a que se refere. É o Venceste-me, Galileu de Juliano, o Apóstata.
- Desconheço essa citação.
- É apócrifa. Certo irmão marista costumava contá-la quando eu andava no colégio, alertando-nos para os perigos de nos pormos à margem: acabamos crivados de flechas no campo de batalha, cuspindo sangue para um céu sem deus.
O bibliófilo concordou, como se tudo aquilo lhe fosse extraordinariamente familiar. Havia qualquer coisa de singular no estranho ricto da boca e na obcecada fixidez dos olhos.
- É assim que eu me sinto agora - disse. - Levanto-me, incapaz de dormir, e

venho para aqui, decidido a cometer uma nova profanação. - Enquanto falava tinha-se aproximado de Corso, a tal ponto que este se viu obrigado a retroceder um passo. - A pecar contra mim mesmo e contra eles... Toco num livro, arrependo-me, escolho outro e acabo por devolvê-lo ao seu lugar... Sacrificar um para que os outros continuem juntos, tirar um ramo do tronco e continuar a gozar do resto... - Mostrou a mão direita. - Preferia cortar um destes dedosAo fazer aquele gesto tremia-lhe a mão. Corso abanou a cabeça, ia ouvir; isso fazia parte do seu ofício. Inclusivamente, podia compreender. Mas não estava disposto a entrar no jogo; aquela não era a sua guerra. Como teria dito Varo Borja, ele era um lansquenete a soldo e estava de visita. Aquilo de que Fargas precisava era de um confessor ou de um psiquiatra.

- Ninguém dará um escudo - disse, em tom ligeiro - por uma falange de bibliófilo.

A brincadeira perdeu-se no vazio imenso que inundava os olhos do seu interlocutor, olhando através de Corso sem o ver. Nas suas pupilas dilatadas e ausentes apenas havia livros.

- Qual escolher, então? - continuou Fargas. Corso tinha metido a mão no sobretudo para tirar um cigarro que naquele momento lhe oferecia, mas o outro ignorou o gesto, absorto, obcecado, sem ouvir nada para além do seu próprio discurso, alheio a tudo menos às alucinações da sua consciência em suplício. - Depois de muitas voltas, seleccionei dois candidatos. - Pegou em dois livros do chão e colocou-os em cima da mesa. - Diga o que lhe parecem.

Corso inclinou-se para os volumes e abriu um deles. Fê-lo por uma página com gravura, uma xilografia com três homens e uma mulher trabalhando numa mina. Era a segunda edição latina do De re metallica de Jorge Agrícola, feita por Froben e Episcopius em Basileia cinco anos apenas depois da primeira impressão de 1556. Deu um resmungo de aprovação enquanto acendia o cigarro.

- Bem vê que não é fácil escolher. - Notava-se que Fargas estava pendente dos gestos de Corso. Olhava-o inquieto, com avidez, enquanto este ia passando páginas mal lhes roçando com a ponta dos dedos. - Tenho de vender um único livro de cada vez e não pode ser um qualquer. O sacrificado deve pôr os outros a salvo por mais seis meses... É o meu tributo ao Minotauro. - Passou a mão pela testa. - Todos temos um no centro do labirinto. Cria-o a nossa razão e ele impõe o seu próprio horror.

- Porque não vende vários livros menos valiosos de uma só vez? Talvez consiga a soma de que precisa, conservando os mais raros ou os seus favoritos.

- Desprezar uns em benefício dos outros? - O bibliófilo estremeceu. - Isso é impossível. Todos possuem a mesma alma imortal, gozam de idênticos direitos para mim. Posso ter os meus preferidos, sem dúvida. Como evitá-lo?... Mas

nunca os distingo com um gesto, ou uma palavra que os enalteça face aos seus companheiros menos favorecidos. Pelo contrário. Lembre-se que o próprio Deus escolheu o seu filho para o sacrifício, para a redenção dos homens. E Abraão... - Pareceu referir-se à pintura do tecto, porque sorriu tristemente para o vácuo, erguendo os olhos e deixando a frase por concluir. Corso tinha aberto o segundo volume, um infólio do século XVIII com encadernação italiana de pergaminho. Era um belíssimo Virgílio, a edição veneziana de Giunta, impressa em 1544. Aquilo fez voltar a si o bibliófilo.
- Lindo, não é verdade? - Adiantou-se para lho arrancar das mãos com impaciência. - Olhe a página do título, a bordadura arquitectónica que a rodeia... Cento e treze xilografias perfeitas, excepto a da página 345, que tem um pequeno restauro antigo, quase imperceptível, no canto inferior. Por acaso, até é a minha preferida, imagine: Eneias nos Infernos, ao lado da Sibila. Onde viu uma coisa assim? Observe as chamas por trás do triplo muro, a caldeira dos condenados, a ave que devora as entranhas... - Parecia quase poder-se distinguir o sangue do bibliófilo batendo nos pulsos e nas têmporas. A voz tornava-se mais grave e aproximava o volume dos olhos para ler melhor. Tinha uma expressão radiante. - "Moenia lata videt, triplici circundata muro, quae rapidus flammis ambit torrentibus amnis..." - Deteve-se, extasiado. - O gravador tinha uma belíssima, violenta e medieval concepção do Hades virgiliano.
- Magnífico exemplar - confirmou o caçador de livros, aspirando o fumo do cigarro.
- Mais do que isso. Toque no papel. Esemplare buono e genuíno con le figure assai ben impresse, garantem os velhos catálogos... - Depois daquele acesso febril, a expressão de Fargas voltava a mergulhar no vazio; estava de novo absorto, perdido nos cantos escuros do Seu pesadelo. - Creio que vou vender este.
Corso expeliu o fumo com impaciência.
"Não o compreendo. Salta à vista que é um dos seus favoritos. E o Agrícola também. Até as mãos lhe tremem quando lhes toca.
As mãos?... Diga antes que a alma me arde com os tormentos do inferno. Julguei que lho tinha explicado... O livro a sacrificar não
Pode nunca ser-me indiferente. O que significaria este doloroso acto, de outra maneira? Uma sórdida transacção de acordo com as leis do mercado, vários baratos em troca de um caro... - Abanou a cabeça com violência, com desprezo. Olhava raivosamente em redor, procurando em quem descarregar o seu desdém.
- São os mais amados, os que brilharam no meio dos outros pela sua beleza, pelo amor que souberam inspirar, aqueles em que pego e acompanho até ao próprio umbral do sacrifício... A vida pode despojar-me, é verdade, mas não me

transformará num miserável.
Deu uns passos ao acaso pelo compartimento. O triste cenário, o seu coxear, a camisola de lã e as calças velhas acentuavam-lhe o aspecto fatigado e frágil.
- É por isso que permaneço nesta casa - prosseguiu. - Entre as suas paredes vagueiam as sombras dos meus livros perdidos. - Tinha parado em frente do fogão de sala, olhando a miserável lenha empilhada na lareira. - Às vezes sinto que vêm exigir reparação à minha consciência... Então, para os aplacar, agarro nesse violino que aí vê e ponho-me a tocar durante horas, passeando às escuras pela casa, como um condenado... - Voltara-se para olhar Corso, recortado em contraluz no vidro sujo da janela. - O bibliófilo errante.
Dirigiu-se lentamente para a mesa e colocou uma mão em cima de cada livro, como se até então tivesse adiado o momento de tomar uma decisão. Agora sorria, inquiridor.
- Se estivesse no meu caso, qual escolheria?
Corso mexeu-se, pouco à vontade.
- Deixe-me de parte. Tenho a sorte de não estar no seu caso.
- Disse bem: a sorte. Correcta apreciação. Suponho que um estúpido me invejaria. Todo este tesouro em casa... Mas não me disse qual hei-de vender, qual o filho que irá para o sacrifício. - Modificou-se-lhe subitamente a expressão, angustiado; era como se algo lhe doesse intimamente, na carne e na consciência.
- Que o seu sangue caia sobre mim - acrescentou em voz muito baixa e crispada - até à sétima geração.
Tornou a colocar o Agrícola no seu lugar sobre a carpete e acariciou o pergaminho do Virgílio enquanto murmurava "o seu sangue" entredentes. Tinha os olhos húmidos e o tremor das mãos parecia incontrolável.
- Creio que venderei este - insistiu.
Se Fargas não estava ainda louco, em breve ficaria. Corso olhou as paredes nuas, as marcas dos quadros no papel de parede com manchas de humidade. Preocupava-o pouco a improvável sétima geração. Tal como no seu próprio caso, o de Lucas Corso, os Fargas acabariam ali. Ou descansariam, finalmente. O fumo do cigarro subia na direcção das deterioradas pinturas do tecto, a direito como o fumo de um sacrifício num amanhecer sereno. Olhou pela janela para o jardim invadido por ervas daninhas, procurando a alternativa de um cordeiro preso nas sarças, mas apenas havia livros. O anjo soltou a mão que segurava a faca e afastou-se chorando. Com a música por outro lado, pobre doido. Corso acabou o cigarro e atirou-o para a lareira. Estava cansado e sentia frio apesar do sobretudo. Tinha ouvido demasiadas palavras entre aquelas paredes despidas e alegrou-se por não haver espelhos que reflectissem a expressão do seu rosto. Olhou o relógio mecanicamente, sem reparar nas horas. Com uma fortuna presa

sobre as velhas carpetes e tapetes, Victor Fargas tinha cobrado com juros o seu estranho preço em piedade. No que dizia respeito a Corso, já era tempo de falar de negócios.
- E As Nove Portas?
- O que há com esse?
- É o que me traz cá. Suponho que recebeu a minha carta.
- A sua carta? Ah, sim, claro. Já me lembro. Só que, com tudo isto... Desculpe. As Nove Portas, claro.
Olhou em torno, aturdido, como um sonâmbulo que acabasse de ser arrancado ao sono. Parecia de súbito infinitamente fatigado, depois de um longo esforço. Ergueu um dedo, solicitando um momento para reflectir antes de se dirigir, coxeando, para um dos cantos do salão. Ali, sobre um desbotado tapete francês estendido no chão e em cujos restos Corso reconheceu a vitória de Alexandre sobre Dario, estava alinhada uma meia centena de volumes.
- Sabia - perguntou Fargas apontando a cena representada no Gobelin - que Alexandre destinou o cofre dos tesouros do seu rival Para guardar os livros de Homero? - Abanou a cabeça satisfeito, observando o desfiado perfil do macedónio. - Irmão bibliófilo. Bom rapaz.
Corso estava-se marimbando para os interesses literários de Alexandre Magno. Tinha-se posto de cócoras e olhava os títulos impressos em algumas lombadas e cantos. Eram todos antigos tratados de magia, alquimia e demonologia: Les trois livres de L'Art, Destructor omnium rerum, Disertazioni sopra le apparizioni de' spiriti e diavoli De origine, moribus et rebus gestis Satanae...
- O que acha? - perguntou Fargas.
- Nada mal.
O riso triste do bibliófilo fez-se ouvir. Ajoelhara-se no tapete, ao lado de Corso, e tocava nos livros com gestos mecânicos, certificando-se que nenhum deles se deslocara um milímetro desde a última vez que lhes passara revista.
- Nada mal, tem razão. Pelo menos dez são exemplares raríssimos... Toda esta parte da biblioteca foi herdada do meu avô, dedicado às artes herméticas, astrólogo amador e maçon... Olhe. Este é um clássico, o Dicionário Infernal de Collin de Plancy, na primeira edição de 1842. E esta é a impressão de 1571 do Compendi dei secreti, de Leonardo Fioravanti... Aquele dozavo tão curioso é a segunda edição do Livro dos Prodígios. - Abriu outro, mostrando uma gravura a Corso. - Repare em Isis... Sabe qual é este?
- Claro. O Oedipus Aegiptiacus de Atanasius Kircher.
- Exacto. A edição romana de 1652. - Fargas devolveu o livro ao seu lugar e pegou noutro cuja encadernação veneziana era bem conhecida por Corso: pele preta, cinco nervuras, sem título e com um pentáculo na capa. - E aqui está o que

anda à procura: De Umbrarum Regni Novem Portis... As nove portas do reino das sombras.
Involuntariamente, Corso estremeceu. Pelo menos no aspecto exterior, aquele volume era idêntico ao que trazia na bolsa de lona. Fargas colocou-lhe o livro nas mãos e ele levantou-se, enquanto o desfolhava. Iguais como duas gotas de água, ou quase. Este tinha a pele da capa posterior um pouco deteriorada e na lombada a antiga marca de uma etiqueta que fora posta e depois arrancada. Quanto ao resto, era tão impecável como o exemplar de Varo Borja, incluindo a gravura número VIIII, que estava intacta.
- Completo e em bom estado - disse Fargas, interpretando correctamente os gestos de Corso. - Há três séculos e meio que anda às voltas pelo mundo e quando se abre parece tão fresco como se tivesse saído da prensa... Dir-se-ia que o impressor fez um pacto com o Diabo.
- Talvez tenha feito - sugeriu Corso.
- Não me calhava nada mal conhecer a fórmula. - O bibliófilo abarcou com um gesto o desolado salão e as fileiras de livros no chão.
- A minha alma em troca de conservar isto tudo.
- Pode tentar. - Corso apontou As Nove Portas. - Dizem que a fórmula está aí.
- Nunca acreditei nessas parvoíces. Mas talvez seja o momento de começar, não acha?... Vocês têm um provérbio em Espanha: os perdidos ao rio.
- O exemplar está perfeito?... Notou qualquer coisa estranha nele?
- Nada. Não tem falta de folhas e as gravuras continuam no respectivo lugar: nove, e a página de título, tal como o adquiriu o meu avô nos princípios do século. Coincide com os catálogos e com os outros dois exemplares: o Ungern de Paris e o Terral-Coy.
- Já não é Terral-Coy. Agora pertence à colecção Varo Borja, de Toledo.
O olhar do bibliófilo tornou-se desconfiado. Corso notou que ficava atento.
- Varo Borja, diz?... - Esteve quase a acrescentar qualquer coisa, mas arrependeu-se no último instante. - Uma colecção notável. E conhecida. - Deu mais uns passos sem direcção definida, antes de olhar os livros alinhados no tapete. - Varo Borja... - repetiu pensativo. - Especialista em demonologia, não é verdade? Um livreiro muito rico. Anda há anos atrás dessas Nove Portas que você tem nas mãos, sempre disposto a pagar qualquer preço... Ignorava que tivesse conseguido outro exemplar. E o senhor trabalha para ele.
- Ocasionalmente - admitiu Corso.
O outro abanou a cabeça, perplexo, antes de fixar de novo a sua atenção nos livros poisados no chão.
É estranho que o mande a si. Afinal...
Interrompeu-se, deixando a frase no ar. Olhava para a bolsa de Corso.

Trouxe o livro?... Permite-me vê-lo?
Dirigiram-se para a mesa e Corso colocou o seu exemplar ao lado do de Fargas. Ao fazê-lo, ouviu a sua respiração excitada. O êxtase regressava ao rosto do bibliófilo:
- Olhe-os bem. - Falava em voz baixa, como se receasse despertar algo adormecido entre aquelas páginas. - São perfeitos, belos e idênticos... Dois dos três únicos exemplares que escaparam ao fogo reunidos pela primeira vez desde a sua dispersão, há trezentos e cinquenta anos... - Regressara o tremor às suas mãos; esfregava os pulsos para acalmar o violento fluxo de sangue que neles palpitava. - Observe a errata da página 72. O s partido aqui, na quarta linha da 87... O mesmo papel, idêntica impressão... Não é maravilhoso?
- É. - Corso aclarou a garganta, tossicando. - E gostaria de demorar-me um pouco para os estudar a fundo.
Fargas fitava-o, penetrante. Parecia hesitar.
- Como quiser - disse por fim. - Mas se o seu exemplar é o Terral-Coy, a autenticidade está fora de questão. - Dirigiu um olhar curioso a Corso, tentando ler-lhe os pensamentos. - Varo Borja deve saber isso.
- Suponho que sabe. - Corso exibia o seu melhor sorriso neutro. - Mas pagam-me para o comprovar. - Manteve um pouco mais o sorriso; chegavam a um dos aspectos difíceis da questão. - Claro. Falando de pagar, estou autorizado a fazer-lhe uma oferta.
A curiosidade do bibliófilo transformou-se em desconfiança.
- Que tipo de oferta?
- Económica. Substancial. - Corso poisou a mão sobre o segundo exemplar. - Pode resolver os seus problemas durante algum tempo.
- E Varo Borja que paga?
- Poderia ser ele.
Fargas esfregava o queixo com os dedos.
- Já tem um livro - concluiu. - Acaso pretende reunir os três? Talvez aquele fulano estivesse um pouco passado, mas não era parvo.
Corso fez uma expressão vaga, sem se comprometer demasiado. Talvez. Coisas de coleccionadores. Mas, se se dispusesse a vender, Fargas poderia conservar o Virgílio.
- O senhor não compreende - afirmou o bibliófilo, embora Corso compreendesse demasiado bem. Ali não havia nada a fazer.
- Esqueça - disse. - Era apenas uma ideia.
Eu não vendo ao acaso. Escolho os meus livros. Julguei que lhe tinha explicado bem isso.
Engrossavam as veias no dorso das mãos crispadas. Começava a irritar-se. Corso

passou cinco minutos emitindo sinais de apaziguamento. a oferta era secundária, puro trâmite. O que na realidade pretendia, oncluiu, era o estudo comparativo dos dois exemplares. Finalmente, para seu alívio, Fargas fez um gesto afirmativo.
- Não vejo inconveniente nisso - declarou. A desconfiança começava a fraquejar. Era óbvio que simpatizava com Corso e que as coisas teriam sido diferentes se assim não fosse. - Mas não posso oferecer-lhe grandes comodidades...
Guiou-o pelo corredor despido até outro compartimento pequeno que tinha um piano todo partido num canto. Havia uma mesa com um velho candelabro de bronze coberto de pingos de cera e duas cadeiras desirmanadas.
- Pelo menos, é um lugar tranquilo - disse Fargas. - E os vidros da janela estão intactos.
Fez estalar os dedos como se se tivesse esquecido de qualquer coisa, desaparecendo um momento para regressar com o resto da garrafa de conhaque na mão.
- Então Varo Borja conseguiu-o por fim... - repetiu, e parecia sorrir intimamente, divertido com uma perspectiva que, sem sombra de dúvida, lhe causava profunda satisfação. Depois, poisou a garrafa e o copo no chão, longe dos exemplares de As Nove Portas, olhou em volta como o faria um atento anfitrião para verificar se estava tudo em ordem e fez um último e irónico cumprimento antes de se ir embora:
- Considere-se em sua casa.
Corso deitou o resto de conhaque no copo, pegou nas suas notas e começou a trabalhar. Numa folha de papel dobrada tinha feito a tinta três colunas, cada uma delas encabeçada por um número e um nome:

EXEMPLAR UM (VARO BORJA) Toledo.
EXEMPLAR DOIS (FARGAS) Sintra.
EXEMPLAR TRÊS (VON UNGERN) Paris.

Página a página, começou a anotar qualquer diferença existente entre o Um e o Dois, por menor que fosse: uma mancha no papel, um tom de tinta mais forte num exemplar do que no outro. Quando chegou à primeira gravura - NEM. PERV.T QUI N.N LEG. CERT.RIT, o cavaleiro que aconselhava silêncio ao leitor - , tirou da bolsa uma lupa de ampliar sete vezes e estudou as duas xilografias gémeas linha por linha. Eram idênticas. Observou, inclusivamente, que a pressão das gravuras sobre o papel, como a do resto da tipografia, era a mesma. Não se notavam linhas nem caracteres gastos, partidos ou torcidos, excepto os que eram comuns aos dois exemplares. Isso significava que o Um e o

Dois tinham sido impressos consecutivamente, ou quase, na mesma prensa. Na gíria dos irmãos Ceniza, Corso estava perante um par de gémeos.
Continuou a tomar notas. Uma imperfeição na sexta linha da página 19 do Dois fê-lo deter-se um pouco, até verificar que se tratava de um simples sinal de tinta. Passou mais páginas. Ambos os exemplares tinham a mesma estrutura: duas folhas de guarda e 160 páginas cosidas em vinte cadernos de 8. As nove estampas do Dois, tal como as do Um, ficavam fora do texto, impressas à parte, com o verso em branco, no mesmo papel e incorporadas no exemplar durante a encadernação. A posição era idêntica nos dois livros:

I. Entre pág. 16 e 17
II. 32-33
III. 48-49
IIII. 64-65
V. 80-81
VI. 96-97
VII. 112-113
VIII. 128-129
VIIII. 144-145

Ou Varo Borja delirava, ou tinha-lhe dado um estranho encargo. Não havia nenhuma hipótese de aquilo ser falso. Quando muito, podia tratar-se de uma edição apócrifa, mas da época e pertencendo os dois exemplares à mesma. O Um e o Dois eram a viva imagem da honradez em papel impresso.

NEM. PERV.T QVI N.N LEG. CERT.FUT

CLAVS. PAT.T

VERB. D.SVM C.S.T ARCAN.

FOR. N.N OMN. A.QVE

FR.ST.A

DIT.SCO M.R.

DIS.S P.TI.R M.

VIC. I.T VIR.

N.NC SCO TEN.BR. LVX

Bebeu o resto do conhaque antes de aplicar a lupa à gravura // - CLAUS. PAT. T. - : o eremita barbudo, a porta fechada, uma lanterna no solo e as duas chaves na mão. Com as estampas lado a lado, sentiu-se repentinamente infantil, como quando brincava a detectar os sete erros. Realmente - fez um trejeito - era mesmo isso. A vida como um jogo. E os livros como espelho da vida.

Então viu-o. Foi de repente, da mesma forma que nos colocamos numa perspectiva correcta e qualquer coisa sem aparente sentido se revela de súbito ordenada e exacta. Corso expulsou o ar dos pulmões como se fosse rir, atónito, mas apenas emitiu um som seco, semelhante a uma risada incrédula, sem humor. Aquilo não podia ser. Não se brincava com este tipo de coisas, portanto sacudiu a cabeça, confuso. O que estava perante os seus olhos não era um livro de passatempos adquirido num quiosque de caminho-de-ferro, mas sim um, dois volumes feitos há três séculos e meio. Tinham custado a vida ao seu impressor, figuraram no índice de livros proibidos pela Inquisição e eram citados nas bibliografias sérias: Estampa II. Legenda latina. Velho com duas chaves e uma luz em frente de uma porta fechada... Mas ninguém, até àquele momento, comparara lado a lado dois dos três exemplares conhecidos. Não era fácil reuni-los, nem necessário. Velho com duas chaves. Isso bastava.

Corso ergueu-se da mesa e foi até à janela. Permaneceu ali um bocado, olhando através do vidro embaciado pelo seu próprio bafo. Afinal, Varo Borja tinha razão. Aristide Torchia deve ter-se rido muito sozinho, sobre a sua pira em Campi del Fiori, antes de o fogo lhe roubar para sempre a vontade de o fazer. Como partida póstuma, era genial.

VIII.

POSTUMA NECAT

- Ninguém responde?
- Não.
- Tanto pior. Então é porque está morto.
(M. Leblanc. Arsène Lupin)

Corso conhecia melhor do que ninguém um dos grandes inconvenientes do seu ofício: as bibliografias são redigidas por eruditos que nunca viram os livros que citam e costumam basear-se em relatórios em segunda mão, aceitando como válidas as características referidas por outros. Desta forma, um erro ou uma resenha incompleta podem circular durante gerações sem que ninguém repare nisso, até que, por acaso, alguém o descubra. Era o caso de As Nove Portas. A parte a sua menção obrigatória nas bibliografias canónicas, as referências mais precisas incluíram sempre descrições sumárias das nove gravuras, sem grandes pormenores. Sobre a segunda estampa do livro, todos os textos conhecidos mencionavam um ancião com aspecto de sábio ou eremita, parado em frente de uma porta com duas chaves na mão; mas ninguém se preocupou nunca referir em que mão segurava as chaves. Agora Corso tinha a resposta: na esquerda na gravura do Um, e na direita na gravura do Dois.

Faltava saber o que se passava com o número Três, mas isso era impossível verificar por enquanto. Corso esteve na Quinta da Solidão até ao anoitecer. Trabalhou muito à luz do candelabro, tomando incessantemente notas e verificando diversas vezes os dois exemplares. Estudou as estampas uma a uma até confirmar a sua hipótese. E apareceram novas provas. Por fim observou na folha de papel o resultado do Seu trabalho sob a forma de notas, quadros e diagramas com estranhas relações entre uns e outros. Cinco estampas dos exemplares Um e Dois não eram idênticas. Além da mão com que o ancião segurava as chaves na II, o labirinto da IIII não tinha ou tinha saída, conforme se tratava de um exemplar ou do outro. Na estampa V, a morte mostrava uma ampulheta com a areia em baixo, no Um, ou com a areia na parte superior, no Dois. Quanto ao tabuleiro de xadrez da VII, as casas eram brancas no exemplar de Varo Borja e pretas no de Fargas. E na numerada com VIII, o carrasco prestes a decapitar uma jovem era transformado, graças a uma aura em redor da cabeça, em arcanjo vingador.

E ainda encontrou mais coisas, porque o minucioso estudo à lupa acabou por dar

resultados inesperados. As marcas do gravador dissimuladas nas xilografias continham outra pista subtil: em ambos os exemplares, A. T., Aristide Torchia, figurava como sculptor na estampa do ancião, mas como inventor apenas no livro número Dois. A assinatura no Um era L. E, para cuja existência Corso fora alertado pelos irmãos Ceniza. O mesmo se verificava em mais quatro estampas. Isso podia significar que todas as xilografias foram talhadas em madeira pelo próprio impressor, mas que os desenhos originais de onde copiou algumas das suas gravuras pertenciam a outra pessoa. Consequentemente, não se tratava de falsificação da época nem de reedições apócrifas. Foi o próprio impressor Torchia, com privilégio e autorização dos seus superiores, que alterou a sua própria obra tendo em vista um plano estabelecido: assinando os modificados por ele para respeitar a autoria L. F. dos outros. Só restava um exemplar, confessou aos seus carrascos. Mas, na realidade, deixava três, e uma chave de decifração que talvez os transformasse num só. O resto do segredo, levara-o para a fogueira.
Recorreu a um velho sistema de cotejo: as tábuas comparativas usadas por Umberto Eco no estudo sobre a Hanau. Depois de ordenadas no papel as estampas que continham diferenças, resultava o seguinte esquema:

UM
I -
II mão esq.
III -
IIII sem saída
V areia baixo
VI -
VII tab branco
VIII sem aura
VIIII -

DOIS
I -
II mão dir.
III -
IIII com saída
V areia cima
VI -
VII tab preto
VIII com aura

VIIII -

Quanto às marcas de gravador, as variações nas assinaturas A. T. (impressor Torchia) e L. F. (desconhecido? Lúcifer?) correspondentes ao sculptor cão" inventor ficavam assim:
I 7 II III IIII V VI VII VIII VIIII
UM
I AT(s) AT(i)
II AT(s) LF(i)
III AT(s) AT(i)
IIII AT(s) AT(i)
V AT(s) LF(i)
VI AT(s) AT(i)
VII AT(s) AT(i)
VIII AT(s) AT(i)
VIIII AT(s) AT(i)

DOIS
I AT(s) AT(i)
II AT(s) AT(i)
III AT(s) AT(i)
IIII AT(s) LF(i)
V AT(s) LF(i)
VI AT(s) AT(i)
VII AT(s) LF(i)
VIII AT(s) LF(i)
VIIII AT(s) AT(i)

Estranha cabala. Mas Corso tinha por fim algo de concreto: a existência de determinada chave encerrando um significado. Ergueu-se lentamente, como se receasse que todas aquelas correspondências se esfumassem perante os seus olhos, mas também com a calma do caçador seguro de que no fim de uma pista, por muito confusa que seja, há sempre uma peça a alcançar.
Mão. Saída. Areia. Tabuleiro. Aura.
Olhou pela janela. Do outro lado dos vidros sujos, recortando a ramagem de uma árvore, um resto de claridade avermelhada resistia a desaparecer na noite.
Exemplares Um e Dois. Diferenças nos números 2, 4, 5, 7 e 8.
Tinha de ir a Paris. Estava lá o número Três e talvez a resposta ao enigma. Mas preocupava-o outro assunto, uma coisa que devia resolver com urgência. Varo

Borja tinha sido bem claro: posta de parte a possibilidade de conseguir o número Dois por métodos convencionais, era tempo de ir pensando num plano heterodoxo de aquisição. Com o mínimo de prejuízo e de perigo possível para Fargas ou para o próprio Corso, naturalmente. Qualquer coisa suave e discreta. Tirou a agenda do bolso do sobretudo em busca do número de telefone apropriado. Era um trabalho perfeito para Amílcar Pinto.

Uma das velas, consumida, apagou-se numa curta espiral de fumo. Algures na casa soava um violino, e Corso riu outra vez entredentes, Um riso breve e seco, enquanto a chama do candelabro fazia dançar luzes e sombras sobre o seu rosto, ao inclinar-se para acender um cigarro. Depois endireitou-se, escutando. A música soava como um lamento que deslizasse pelos compartimentos vazios, escuros, sobre os restos de móveis carcomidos e poeirentos, sob os tectos pintados, por entre teias de aranha e sombras que apenas ocultavam marcas nas paredes, ecos de passos, vozes mortas há muito. Lá fora, sobre o gradeamento enferrujado, os dois rostos de mulher, um com os olhos abertos na noite, o outro coberto pela máscara de hera, ouviam, imóveis com a serenidade do tempo suspenso no vácuo, a música que Victor Fargas arrancava do violino para esconjurar os espectros dos seus livros perdidos.

Regressou à vila a pé, com as mãos nos bolsos do sobretudo e a gola subida até as orelhas: vinte minutos pela berma esquerda da estrada deserta. A Lua não tinha nascido, e Corso mergulhava em extensas manchas de sombra ao passar por baixo das árvores que cobriam o caminho como uma abóbada negra. O silêncio era quase absoluto, unicamente quebrado pelo estalar dos sapatos na gravilha da valeta, ou o correr dos fios de água pela encosta abaixo, entre as estevas e a hera, invisíveis na escuridão.

Aproximou-se um carro por trás, ultrapassando-o, e Corso viu a sua própria silhueta, de contornos agigantados e fantasmagóricos, deslizar ondulante por sobre os troncos das árvores próximas e as profundezas do bosque. Só quando ficou de novo envolto nas sombras expulsou o ar e sentiu relaxarem-se os músculos tensos. Não pertencia ao tipo de indivíduos que vêem fantasmas nas esquinas; pelo contrário, encarava todas as coisas, incluindo as extraordinárias, com um fatalismo meridional semelhante ao dos velhos soldados, com certeza herança genética do tetravô Corso: por muito que se esporeie o cavalo em direcção contrária, o inevitável espera-nos sempre na porta da Samarcanda mais próxima, limpando as unhas com uma adaga veneziana ou com uma baioneta escocesa. Mas mesmo assim, desde o incidente na viela de Toledo, o caçador de livros sentia uma justificável apreensão de cada vez que ouvia um motor aproximar-se pelas costas.

Talvez por isso, quando os faróis de outro automóvel se detiveram a seu lado,

Corso voltou-se, atento, ao mesmo tempo que mudava a sacola de lona do ombro direito para o esquerdo e procurava o seu jogo de chaves no bolso do sobretudo, arma improvisada capaz de furar um olho a quem se aproximasse demasiado. No entanto, o quadro parecia tranquilizador: uma silhueta metálica grande e escura, tipo carrinha, e lá dentro, apenas iluminado pela luz do tablier, um perfil masculino de onde brotava uma voz amável, educada:
- Boa-noite... - A pronúncia era imprecisa, nem português nem espanhol. - Tem lume?
Podia estar tudo bem ou ser apenas um mau pretexto; não era possível descobrir isso. Também não era caso para desatar a correr ou esgrimir com a mais pontiaguda das suas chaves apenas porque lhe pediam lume para um cigarro; portanto, Corso largou o chaveiro, tirou do bolso uma caixa de fósforos e acendeu um, protegendo a chama com o côncavo da mão.
- Obrigado.
Lá estava a cicatriz, claro. Era antiga, grande, vertical, desde a têmpora até meio da face esquerda. Pôde observá-la bem quando o outro se inclinou para acender o charuto Montecristo e manteve a luz erguida o tempo suficiente para ver o bigode preto, forte, e os olhos escuros que o olhavam fixamente na penumbra. Depois, o fósforo consumiu-se entre os dedos de Corso e foi como se uma máscara negra se abatesse sobre as feições do desconhecido. Transformou-se de novo numa sombra, silhueta apenas delineada pela luminosidade do painel de comandos.
- Quem raio é o senhor? '
Não foi um comentário sereno nem brilhante. Fosse como fosse, era demasiado tarde; a pergunta perdeu-se no barulho do motor a acelerar. Os dois pontos vermelhos das luzes do automóvel afastavam-se já pela rua abaixo, deixando um rasto fugaz sobre a fita escura do asfalto. Ainda brilhou um momento com mais intensidade ao travar na primeira curva e depois desapareceu como se nunca ali tivesse estado.
O caçador de livros continuava imóvel na valeta, tentando situar aquilo no seu enquadramento: Madrid, porta da viúva Taillefer; Toledo,
Visita a Varo Borja; e Sintra, depois de uma tarde em casa de Victor Fargas. E ainda folhetins de Dumas, um editor enforcado no seu escritório, um impressor queimado com o seu estranho manual... E por entre uns e outros, colado aos calcanhares de Corso como se fosse a sua sombra, Rochefort: um espadachim fictício do século XVII reen-carnado em motorista de uniforme, condutor de automóveis de luxo Responsável por uma tentativa de atropelamento e algumas invasões de domicílio. E fumador de charutos Montecristo. Fumador sem isqueiro. Praguejou suavemente em voz baixa. Teria dado um incunábulo raro

em bom estado, para poder partir a cara ao responsável por aquele guião absurdo.
Logo que chegou ao hotel fez diversas chamadas telefónicas. A primeira foi para o número de Lisboa que tinha na agenda. Teve sorte, porque Amílcar Pinto estava em casa: ficou a sabê-lo depois de ter falado com a sua mal-humorada mulher, tendo em fundo o som de um televisor com o volume no máximo, choro agudo de crianças e violenta discussão entre vozes adultas que chegavam através do auscultador de baquelite preta. Por fim, conseguiu que Pinto viesse ao telefone. Ficaram de se encontrar daí a hora e meia, o tempo que o português demoraria a despachar-se e percorrer os trinta quilómetros que o separavam de Sintra. Resolvido isso, Corso olhou para o relógio enquanto discava o indicativo internacional para falar com Varo Borja; mas o livreiro não estava na sua casa de Toledo. Deixou uma mensagem no atendedor automático e discou o número de Madrid, o de Flavio La Ponte. Também não obteve resposta e portanto escondeu a bolsa de lona em cima do guarda-vestidos e foi comer qualquer coisa.
A primeira coisa que viu ao empurrar a porta do pequeno salãozinho do hotel foi a rapariga. Não havia engano possível: o cabelo muito curto, o ar de rapazinho, a pele bronzeada como se estivéssemos em pleno mês de Agosto. Lia, sentada num sofá junto do cone de luz de um candeeiro, com as pernas estendidas e cruzadas em cima do assento da frente, os pés descalços, jeans, T-shirt branca de algodão e a camisola de lã cinzenta sobre os ombros. E Corso ficou imóvel com a mão na maçaneta da porta e uma absurda sensação martelando-lhe na mente. Coincidência ou facto deliberado, aquilo já era de mais.
Por fim, ainda incrédulo, aproximou-se da jovem. Estava quase a seu lado quando ela ergueu a vista do livro fixando nele os olhos verdes, claridade líquida e profunda que recordava perfeitamente do seu encontro no comboio. Parou sem saber o que dizer; com a estranha sensação de que podia cair dentro desses olhos.
- Não me disse que vinha a Sintra - murmurou.
- O senhor também não.
A resposta era acompanhada por um sorriso sereno, sem qualquer perturbação ou surpresa. Parecia sinceramente satisfeita por o encontrar.
- Que faz aqui? - perguntou Corso.
Ela retirou os pés do sofá, oferecendo-lho com um gesto, mas o caçador de livros continuou em pé.
- Viajo - disse a jovem, e mostrou-lhe o livro; não era o mesmo do comboio: Melmoth, o Homem Errante, de Charles Maturin. - Leio. E tenho encontros inesperados.
- Inesperados - repetiu Corso como um eco.

Fossem ou não, eram demasiados encontros para uma única noite. E deu por si a estabelecer ligações entre a sua presença no hotel e o aparecimento de Rochefort na estrada. Tinha que haver um ponto de vista do qual as coisas encaixassem umas nas outras, embora ele estivesse muito longe de o alcançar. Nem sequer sabia para onde havia de se voltar.
- Não se senta?
Fê-lo, vagamente inquieto. A jovem fechara o livro e observava-o com curiosidade.
- Não parece um turista - disse ela.
- Não sou.
- Trabalha?
- Sim.
- Qualquer trabalho em Sintra deve ser interessante.
Só faltava isso, pensou Corso, ajeitando os óculos com o indicador. Sofrer um interrogatório naquela altura, mesmo que o inquisidor fosse uma rapariga bela e muito jovem. Talvez fosse esse o problema: demasiado jovem para representar uma ameaça. Ou talvez aí residisse o Perigo. Pegou no livro que a rapariga tinha poisado em cima da mesa e folheou algumas páginas. Era uma edição inglesa, moderna, e alguns parágrafos estavam sublinhados a lápis. Deteve-se num deles:
Os seus olhos continuavam fixos na luz que declinava e na crescente obscuridade. Essa escuridão sobrenatural que parece dizer à mais luminosa e sublime obra de Deus: "Dá-me lugar; cessa de brilhar".
- Gosta de ler romances góticos?
- Gosto de ler. - Inclinara um pouco a cabeça, e a luz desenhava-lhe em escorço o pescoço nu. - De tocar nos livros. Viajo sempre com vários na mochila.
- Viaja muito?
- Muito. Há séculos.
Corso contraiu a boca ao ouvir a resposta. Ela pronunciara-a muito séria, franzindo um pouco a testa com o ar de uma garotinha que se refere a assuntos graves.
- Julguei que era estudante.
- Às vezes.
Corso poisou o Melmoth sobre a mesa.
- Você é uma jovem misteriosa. Que idade tem? Dezoito, dezanove?... Às vezes muda de expressão como se tivesse muito mais idade.
- Talvez tenha. Cada um possui as expressões do que viveu e do que leu. Repare em si.
- Que se passa comigo?
- Nunca se viu sorrir? Parece um soldado velho. Remexeu-se ligeiramente no

assento, pouco à vontade.
- Não sei como sorri um soldado velho.
- Mas eu sei. - Os olhos da rapariga tornaram-se opacos, vagueando interiormente, na sua própria memória. - Uma vez conheci dez mil homens que procuravam o mar.
Corso ergueu uma sobrancelha com exagerado interesse.
- Não me diga... Isso pertence ao lido ou ao vivido?
- Adivinhe. - Ficou-se a olhá-lo fixamente, antes de acrescentar: - Você parece um fulano esperto, Senhor Corso.
Agora estava em pé e pegava no livro da mesa e nas sapatilhas brancas do chão. Os seus olhos pareciam readquirir vida, e o caçador de livros viu agitarem-se neles reflexos familiares. Havia algo de conhecido, de já visto naquele olhar.
- Talvez nos vejamos - disse ela antes de se afastar. - Por aí.
Corso não teve a menor dúvida de que assim seria. E não estava muito seguro "se o desejava ou não. Fosse como fosse, a sua reflexão demorou poucos segundos: ao sair, a rapariga cruzou-se na porta com Amílcar Pinto.
O recém-chegado era baixo e ensebado. Tinha uma pele escura, reluzente como se tivesse sido envernizada, além de um bigode forte e espesso acertado às tesouradas. Poderia ter sido um polícia honrado, até mesmo um bom polícia, se não se visse na necessidade de alimentar cinco filhos, uma mulher e um pai reformado que lhe fumava o tabaco às escondidas. Trouxe a mulher, uma mulata que vinte anos atrás fora muito bonita, de Moçambique, com a independência, quando Maputo se chamava Lourenço Marques e ele era um sargento de pára-quedistas condecorado, pequeno e valente. Corso tinha-a entrevisto no decurso das combinações que de vez em quando fazia com o marido: olhos marcados pela fadiga, peitos grandes e flácidos, chinelas velhas e o cabelo preso num lenço vermelho, no vestíbulo da casa que cheirava a crianças sujas e a verdura cozida.
O polícia entrou directamente no salãozinho, olhou de soslaio a rapariga ao cruzar-se com ela e veio deixar-se cair no sofá em frente do caçador de livros. Resfolegava como se tivesse vindo a pé de Lisboa.
- Quem é a pequena?
- Ninguém que interesse - respondeu Corso. - Uma rapariguinha espanhola. Turista.
Pinto aceitou, tranquilizado, enxugando nas pernas das calças as palmas das mãos húmidas. Era um gesto que repetia com frequência. Suava muito e a gola das suas camisas tinha sempre uma fina orla escura exactamente onde estava em contacto com a pele.
- Tenho um problema - disse Corso.

O sorriso do português tornou-se mais aberto. Não há problema insolúvel, insinuava a expressão. Pelo menos enquanto tu e eu continuarmos a entender-nos bem.
Tenho a certeza - respondeu - que juntos o poderemos resolver.
foi a vez de Corso sorrir. Há quatro anos que conhecia Amílcar Pinto, por causa de um feio caso de livros roubados que apareceu nos tabuleiros da Feira da Ladra. Corso esteve em Lisboa para os identificar, Pinto fez algumas detenções e no caminho de regresso para o proprietário alguns exemplares valiosos desapareceram para todo o sempre. A fim de celebrarem o início daquela frutífera amizade, tinham-se embebedado juntos nas casas de fado do Bairro Alto, enquanto o ex-sargento pára-quedista ruminava nostalgias coloniais, contando a Corso a forma como estiveram quase a voar-lhe os tomates na batalha da Gorongosa. Acabaram cantando Grândola, Vila Morena em altos gritos no Miradouro de Santa Luzia, tendo aos pés o bairro de Alfama iluminado pela Lua, e o Tejo mais abaixo, largo e reluzente como um lençol de prata sobre o qual deslizavam, muito lentamente, as silhuetas escuras dos barcos rumo à Torre de Belém e ao Atlântico.
O empregado trouxe a Pinto o café que este pedira. Corso esperou que se afastasse para continuar:
- Há um livro.
O polícia inclinava-se sobre a mesita baixa, deitando açúcar no café.
- Há sempre um livro - concordou, circunspecto.
- Este é especial.
- Qual não é?
Corso sorriu de novo. Um sorriso metálico, afiado.
- O dono não quer vender.
- Isso é mau. - Pinto levou a chávena aos lábios, saboreando o café com prazer. - O comércio é bom. Os objectos vão e vêm, movimentam-se. Geram riqueza, fazem com que os intermediários ganhem dinheiro... - Poisou a chávena para limpar as mãos nas calças. - Os produtos devem circular. São as leis do mercado, as leis da vida. Não vender devia ser proibido: é quase um crime.
- Estou de acordo - confirmou Corso. - Devias fazer qualquer coisa a esse respeito.
Pinto chegou-se para trás na cadeira, à espera, e fitou o seu interlocutor, seguro e calmo. Uma vez, durante uma emboscada no mato moçambicano, tinha carregado aos ombros um tenente moribundo, caminhando toda a noite com ele através de dez quilómetros de selva-Ao amanhecer, sentiu o tenente morrer, mas não o quis abandonar no terreno e continuou com o cadáver às costas até chegar à base. O tenente era muito novo, e Pinto pensou que a mãe gostaria de enterrá-

lo em Portugal. Deram-lhe uma medalha por aquilo. Agora, os filhos de Pinto brincavam pela casa com as suas velhas medalhas oxidadas.
- Talvez conheças o fulano: Victor Fargas.
O polícia fez um gesto afirmativo.
- A família Fargas é muito ilustre - declarou. - Muito antiga. Noutros tempos foram influentes, mas agora já não são.
Corso estendeu-lhe um envelope fechado.
- Aí tens todos os dados de que precisas: proprietário, livro e lugar.
- Conheço a quinta. - Pinto passava a ponta da língua pelo lábio superior, humedecendo o bigode. - Muito imprudente, guardar ali livros valiosos. Qualquer tipo sem escrúpulos pode entrar. - Olhou Corso com ar lamentoso, como se na realidade se sentisse penalizado pela imprevidência de Victor Fargas.
- Lembro-me de um, por exemplo: um larápio do Chiado que me deve favores.
Corso sacudiu da roupa uma invisível mancha de pó. Não era assunto que lhe dissesse respeito. Pelo menos, não na fase operacional.
- Quero estar longe quando isso acontecer.
- Está descansado. Terás o livro e o Senhor Fargas será incomodado o mínimo possível. Um vidro partido, quando muito: trabalho limpo. Quanto aos honorários...
Corso apontou para o envelope que o outro tinha nas mãos, sem abrir.
- É um adiantamento correspondente à quarta parte do total. O resto, na entrega.
- Não há problemas. Quando partes?
- Amanhã cedo. Entrarei em contacto contigo de Paris. - Pinto fez menção de se levantar, mas Corso deteve-o com um gesto. - Mais uma coisa. Quero identificar um fulano alto, mais ou menos um metro e oitenta, com bigode e uma cicatriz na cara. Cabelo preto, olhos escuros, magro. Não é espanhol nem português. E esta noite anda por aqui a rondar.
- Perigoso?
- Não sei. Segue-me desde Madrid.
O polícia tomava notas na parte de trás do envelope.
- Alguma relação com o nosso negócio?
Suponho que sim, mas não tenho mais dados nenhuns.
- Vou fazer o que puder. Tenho amigos aqui, na esquadra de Sintra. E dou uma vista de olhos aos nossos arquivos da central, em Lisboa.
Tinha-se posto em pé, guardando o envelope no bolso interior do casaco. Corso teve a visão fugaz de uma culatra de revólver na sovaqueira, por baixo da axila esquerda.
- Não ficas para beber um copo? Pinto suspirou, negando com a cabeça.
- Bem gostava, mas tenho três dos meus moreninhos com sarampo. Os marotos

pegam uns aos outros.
Disse aquilo sorrindo, com ar cansado. No mundo de Corso, todos os heróis estavam cansados.
Foram juntos até à porta do hotel, onde Pinto tinha estacionado um velho Citroen 2 CV. Quando apertaram a mão, Corso voltou ao assunto de Victor Fargas.
- Insisto em que os incómodos se reduzam ao mínimo... Trata-se de um simples roubo.
O polícia pôs o motor em funcionamento e acendeu as luzes, dirigindo-lhe um olhar de censura através da janela aberta. Parecia ofendido.
- Por favor! Esses comentários não são precisos entre profissionais.
Depois de Pinto ir embora, o caçador de livros subiu ao quarto para pôr em ordem as suas notas e ficou a trabalhar até muito tarde, com a cama cheia de papéis e As Nove Portas aberto sobre a almofada. Sentia uma grande fadiga e pensou que um duche quente o ajudaria a descansar. Dirigia-se para o quarto de banho quando ouviu o telefone. Era Varo Borja, querendo saber do assunto Fargas. Pô-lo ao corrente em linhas gerais, incluindo as diferenças que encontrara em cinco das nove gravuras.
- Como é óbvio - acrescentou - o nosso amigo não vende.
Houve um silêncio do outro lado da linha telefónica; o livreiro parecia reflectir, embora fosse difícil saber se sobre o caso das estampas se sobre a negativa de Fargas. Quando voltou a falar, o seu tom era extremamente cauteloso:
- Era previsível - disse. E também desta vez Corso não pôde ter a certeza a" que se referia. - Há alguma forma de ultrapassar a dificuldade?
- Pode haver.
O auscultador ficou de novo em silêncio. Cinco segundos, contou Corso no mostrador do relógio.
- Fica nas suas mãos.
Depois já não disseram grande coisa. Corso omitiu a conversa com pinto e o outro não demonstrou curiosidade pela forma como pensava o caçador de livros concretizar o eufemismo de "ultrapassar a dificuldade". Varo Borja limitou-se a perguntar se era preciso mais dinheiro e a resposta foi negativa. Ficaram de se falar de Paris.
Corso discou depois o número de La Ponte, mas também agora não obteve resposta. As folhas azuis do manuscrito Dumas continuavam na sua capa quando reuniu as notas e o volume de pele negra com o pentáculo por cima. Tornou a meter tudo na bolsa de lona e colocou esta debaixo da cama, atando a alça a um dos pés. Assim, por muito profundamente que estivesse a dormir, ninguém que entrasse no quarto poderia tirá-la dali sem o acordar. Incómoda bagagem, murmurou enquanto se dirigia ao quarto de banho para abrir a torneira da água

quente. E, por qualquer razão que desconhecia, perigosa.
Depois de escovar os dentes, despiu-se para se meter no duche. Semiembaciado pelo vapor, o espelho reflectiu a sua imagem, magro e rijo como um lobo descarnado, quando deixou cair a roupa aos pés. A pontada de angústia surgiu outra vez vinda de muito longe, do passado, para mergulhar a sua consciência numa onda remota, dolorosa, como uma corda que vibrasse entre a carne e a memória. Nikon. Continuava a lembrar-se dela de cada vez que desapertava o cinturão, que ela sempre teimava em abrir com as suas próprias mãos, como se de um estranho ritual se tratasse. Fechou os olhos e viu-a outra vez à sua frente, sentada na borda da cama, fazendo-lhe deslizar pelas ancas as calças e depois o slip, lentamente, muito lentamente, saboreando o momento com um sorriso cúmplice e terno. Descontrai-te, Lucas Corso. Uma vez tinha-o fotografado disfarçadamente, adormecido de barriga para baixo, com uma ruga vertical na testa e as faces escurecidas pela barba que lhe tornava o rosto mais magro, acentuando o ricto amargo e tenso nas comissuras da boca entreaberta. Parecia um lobo exausto, receoso e atormentado na deserta planície de neve da almofada branca, e ele não gostou dessa foto quando a descobriu por acaso na bacia de fixador do quarto de banho, que Nikon utilizava como laboratório. Rasgara-a em bocadinhos, juntamente com o negativo, e ela nunca disse nada.
A água quente queimou a pele de Corso quando se meteu debaixo do duche, deixando-a correr pelo rosto, ardendo-lhe nas pálpebras enquanto suportava a dor com as mandíbulas cerradas e os músculos crispados, reprimindo a ânsia de soltar, no meio do calor húmido que o asfixiava, o uivo da sua solidão. Durante quatro anos, um mês e doze dias, depois de fazerem amor, Nikon metia-se atrás dele no duche para lhe ensaboar as costas lenta, interminavelmente. E muitas vezes acabava abraçada a ele, como uma criança perdida debaixo da chuva. Um dia partirei sem nunca te ter conhecido. Recordarás então os meus olhos grandes, escuros; as minhas censuras silenciosas; os meus gemidos de angústia durante o sono; os meus pesadelos que és incapaz de esconjurar. Recordarás tudo isso quando eu tiver partido.
Apoiou a cabeça nos azulejos brancos, gotejantes de vapor naquele húmido deserto que tanto lhe fazia lembrar uma forma de inferno. Nunca ninguém lhe ensaboara as costas antes nem depois de Nikon. Nunca. Ninguém. Jamais.
Saiu do duche e foi meter-se na cama com o Memorial de Santa Helena, mas apenas leu duas ou três linhas:
Voltando a guerra, o imperador prosseguiu: "Os espanhóis no seu todo conduziram-se como um homem de honra"...
Fez uma careta ao ler o elogio napoleóníco já com dois séculos. Lembrava-se de umas palavras ouvidas em criança, talvez a um dos seus avós ou ao pai: "Há

apenas uma coisa que nós, Espanhóis, fazemos como ninguém: figurar nos quadros de Goya"... Homens de honra, dissera Bonaparte. Corso pensou em Varo Borja e no seu livro de cheques, em Flavio La Ponte e nas bibliotecas das viúvas espoliadas por meia dúzia de tostões. No fantasma de Nikon vagueando na solidão de um deserto branco. Nele próprio, lebréu de caça para o melhor licitador. Eram outros tempos.
Sorria ainda, desesperado e amargo, quando adormeceu.

Ao acordar, a primeira coisa que viu foi a luz cinzenta do amanhecer na janela. Cedo de mais. Mexia-se, confuso, tacteando em busca do relógio sobre a mesa de cabeceira, quando compreendeu que o telefone estava a tocar. O auscultador caiu duas vezes no chão antes de conseguir encaixá-lo entre a orelha e a almofada.
- Está?
- Sou a sua amiga de ontem à noite, lembra-se?... Irene Adler. Estou no vestíbulo do hotel e temos de falar. Já!
- Que raio...?
Mas ela já tinha desligado. Praguejando, Corso procurou os óculos, afastou os lençóis e vestiu as calças, sonolento e desconcertado. De repente, com uma súbita sensação de pânico, olhou para debaixo da cama; a bolsa continuava ali, intacta. Conseguiu focar com esforço os objectos em seu redor. Estava tudo em ordem dentro do quarto; era lá fora que aconteciam coisas. Teve ainda tempo de ir ao quarto de banho e passar água na cara antes de baterem à porta.
- Sabe que raio de horas são?
A jovem estava no umbral, com a sua canadiana azul e a mochila ao ombro. Os olhos eram ainda mais verdes do que o que Corso recordava.
- São seis e meia da manhã - declarou ela com calma. - E tem de vestir-se a toda a velocidade.
- Enlouqueceu?
- Não. - Tinha entrado no quarto sem que ele a convidasse e olhava em volta com ar crítico. - Temos pouquíssimo tempo.
- Temos?
Você e eu. As coisas complicaram-se muito.
Corso bufou, irritado.
- Não são horas para brincar com as pessoas.
- Não seja estúpido. - Franzia o nariz com uma expressão grave. Apesar do seu aspecto de rapazinho e da sua juventude, parecia diferente, mais madura e decidida. - Estou a falar a sério.
Poisara a mochila em cima da cama desfeita. Corso agarrou nela e devolveu-lha,

apontando a porta.
- Vá para o diabo que a carregue!
Ela não se moveu, limitando-se a olhá-lo com atenção.
- Oiça. - Os olhos claros estavam muito próximos; pareciam gelo líquido, assim luminosos na pele queimada do seu rosto. - Sabe quem é Victor Fargas?
Por sobre o ombro da jovem, no espelho pendurado acima da cómoda, Corso viu a sua própria cara: boquiaberto como um perfeito imbecil.
- Claro que sei - articulou por fim.
Demorara vários segundos a reagir e ainda pestanejou, confuso. Ela esperava, sem se mostrar satisfeita com o efeito obtido. Era evidente que os seus pensamentos estavam noutro lado.
- Morreu - disse.
Fê-lo em tom neutro, com a mesma tranquilidade que poderia ter utilizado para dizer que tomou café ao pequeno-almoço ou foi ao dentista. Corso respirou fundo, tentando digerir aquilo.
- Impossível. Estive com ele ontem à noite e estava bem.
- Agora já não está bem. Não está de maneira nenhuma.
- Como sabe?
- Sei.
Corso abanou a cabeça, desconfiado, antes de ir procurar um cigarro. A meio do caminho estava a garrafa de Bois e aproveitou para enfiar um gole no corpo; o gin a caminho do estômago vazio arrepiou-lhe a pele. Depois, fez tempo forçando-se a não olhar para a jovem até à primeira baforada de fumo. Não estava nada satisfeito com o papel que lhe coubera naquela manhã. E precisava de assimilar tudo lentamente.
- O café de Madrid, o comboio, ontem à noite e esta manhã aqui, em Sintra... - Com o cigarro na boca, semicerrando os olhos por causa do fumo, contava com o indicador sobre os dedos da mão esquerda. - Quatro coincidências são muito, não acha?
Ela abanou a cabeça, impaciente.
- Julgava-o mais esperto. Quem está a falar de coincidências?
- Porque me segue?
- Gosto de si.
Corso não tinha vontade de rir; limitou-se a contrair um pouco a boca. I .-Isso é ridículo.
Fitou o longamente, pensativa.
- Imagino que sim - foi a conclusão. - Não parece nada fascinante, sempre com esse velho sobretudo. Ah, e os óculos.
- Então?

- Procure outra resposta; uma qualquer pode servir. Mas agora despache-se a vestir-se. Temos de ir a casa de Victor Fargas.
- Temos?
- Você e eu. Antes que a polícia chegue.
As folhas mortas estalavam sob os seus pés quando empurraram o portão de ferro, seguindo pelo carreiro ladeado de estátuas partidas e pedestais vazios. Ao cimo da escadaria de pedra, o relógio de sol, desprovido de sombra sob a luz cinzenta da manhã, continuava sem marcar nenhuma hora. Póstuma necat. A última mata, leu Corso de novo. A rapariga seguira a direcção do seu olhar.
- Rigorosamente certo - disse com frieza, e empurrou a porta. Estava fechada.
- Por trás - sugeriu Corso.
Deram a volta à casa, passando perto da fonte de azulejos onde o anjinho de pedra, olhos vazios e mãos mutiladas, continuava a verter um fiozinho de água no lago. A jovem, Irene Adler ou fosse lá como fosse o seu nome, avançava à frente de Corso, com a sua pequena mochila pendurada nas costas da canadiana azul. Movia-se com um surpreendente à-vontade, tranquila e flexível, com as longas pernas enfiadas nos jeans e a cabeça teimosa inclinada para a frente com o ar decidido de quem sabe muito bem para onde vai. Não era esse o estado de espírito de Corso. Recobrara o controle da sua própria incerteza e deixava-se guiar pela jovem, adiando as perguntas. Tendo saído depois de um rápido duche, com tudo o que lhe interessava ter consigo na bolsa de lona pendurada ao ombro, apenas As Nove Portas, o exemplar Número Dois de Victor Fargas, ocupava agora o seu Pensamento.
Entraram sem dificuldade pela porta envidraçada através da qual o jardim comunicava com o salão. No tecto, com o punhal ao alto Abraão continuava a velar sobre os livros alinhados no solo. A casa parecia deserta.
- Onde está Fargas? - perguntou Corso. < A rapariga encolheu os ombros.
- Não faço a menor ideia. :!
- Mas disse que estava morto.
- E está. - Pegou no violino do aparador para o observar com curiosidade, depois de dar uma vista de olhos em redor, às paredes vazias e aos livros. - O que não sei é onde.
- Está a brincar comigo.
Ela encaixara o instrumento debaixo do queixo e fez vibrar as cordas antes de o devolver ao estojo, pouco satisfeita com o som. Então olhou para Corso.
- Homem de pouca fé.
Sorria ligeiramente outra vez, com um ar ausente, e o caçador de livros teve a certeza que havia uma desproporcionada maturidade naquele à-vontade, simultaneamente profundo e frívolo. Aquela joven-zinha funcionava com

códigos singulares, movida por estímulos e pensamentos mais complexos do que seria de supor com a sua idade e aparência.
De repente, varreu-se tudo da cabeça de Corso: a rapariga, a estranha aventura, inclusivamente o suposto cadáver de Victor Fargas. Sobre o desfiado tapete da Batalha de Arbelas, entre os livros de ocultismo e artes diabólicas, havia uma falha. As Nove Portas já ali não estava.
- Merda! - exclamou.
Repetiu-o entre dentes enquanto se inclinava sobre a fila de livros até ficar de cócoras junto deles. O seu olhar de perito, habituado a distinguir o volume procurado ao primeiro golpe de vista, vagueou de um lado para outro completamente órfão. Marroquim negro, cinco nervuras, sem título exterior, um pentáculo na capa. Umbrarum regni, etce-tera. Não havia engano possível. Um terço do mistério, exactamente 33,33 por cento - dízima periódica pura - tinha voado.
- Maldita sorte!
Cedo de mais para ter sido Pinto, reflectiu de imediato; o português não podia ter tido tempo para organizar aquilo. A jovem observava-o como se esperasse qualquer tipo de reacção que lhe interessava observar. Corso levantou-se. - Quem és?
Era a segunda vez em menos de doze horas que fazia a mesma pergunta, mas a duas pessoas diferentes. Estava tudo a complicar-se com demasiada rapidez. Por seu lado, a jovem suportou a pergunta e o olhar sem se perturbar. Passado um momento, desviou os olhos para o lado de Corso, para o vazio. Ou talvez para os livros alinhados no solo.
- Isso não interessa - respondeu por fim. - Pergunte antes onde terá ido parar esse livro.
- Que livro?
Olhou-o de novo sem responder, enquanto ele se sentia terrivelmente estúpido.
- Sabes demasiadas coisas - disse à rapariga. - Inclusivamente, mais do que eu.
Viu-a encolher outra vez os ombros. Observava o relógio no pulso de Corso como se pudesse ler as horas nele.
- Não tem muito tempo.
- Estou-me marimbando para o tempo que possa ter.
- É consigo. Mas há um voo Lisboa-Paris dentro de cinco horas, do Aeroporto da Portela. Temos o tempo exacto para lá chegar.
Santo Deus! Corso estremeceu dentro do sobretudo, horrorizado. Parecia uma secretária eficaz, de agenda na mão, enumerando ao seu chefe os compromissos do dia. Abriu a boca para protestar. Maldita bruxa, mesmo jovem e tudo, com aqueles olhos inquietantes!

- Porque havia de ir-me embora?
- Porque a polícia pode chegar.
- Não tenho nada a ocultar.
A jovem sorriu de modo indefinível; parecia que tinha acabado de ouvir uma piada engraçada mas já velha. Ajeitou a mochila nas costas e fez um gesto de despedida a Corso, erguendo uma mão com a palma aberta para lhe dizer adeus.
- Levar-lhe-ei tabaco à prisão, embora em Portugal não vendam a Sua marca.
Saiu para o jardim sem lançar sequer um último olhar à sala. Corso estava disposto a ir atrás dela para a deter quando viu o que estava no fogão de sala.
Passado o primeiro momento de estupefacção, aproximou-se devagar; talvez pretendesse dar aos acontecimentos uma oportunidade de seguirem vias razoáveis. Mas quando chegou à lareira pôde verificar apoiado na mísula, que alguns desses acontecimentos eram irreversíveis. Por exemplo: no breve lapso que ia da noite anterior àquela manhã período ínfimo em comparação com os seus conteúdos centenários, as bibliografias sobre livros raros acabavam de ficar desactualizadas. De As Nove Portas já não havia três exemplares conhecidos mas apenas dois. O terceiro, ou melhor, o que dele restava, fumegava ainda entre as cinzas.
Ajoelhou-se, procurando não tocar em nada. As capas, com certeza devido à pele da encadernação, estavam menos consumidas do que as páginas. Duas das cinco nervuras da lombada continuavam intactas e o pentáculo estava apenas meio queimado. As páginas tinham ardido quase por completo; restavam só alguns bocados chamuscados com fragmentos de escrita. Corso aproximou a mão dos restos ainda quentes.
Tirou um cigarro e meteu-o na boca sem o acender. Conhecia a disposição da lenha na lareira por tê-la visto na tarde anterior. Pela posição das cinzas - as da lenha queimada estavam por baixo das do livro, sem que ninguém tivesse remexido o rescaldo - deduziu que o fogo ardera até se apagar com o livro em cima. Lembrava-se da lenha ali disposta para umas quatro ou cinco horas, e o calor conservado revelava um fogo extinto há mais ou menos o mesmo tempo. Isso somava entre oito a dez horas: alguém o devia ter aceso entre as dez e a meia-noite, antes de lhe pôr o livro em cima. E quem o fizera não se preocupara depois em remexer as brasas.
Corso embrulhou nuns jornais velhos os restos que pôde recuperar da lareira. Os pedaços das folhas estavam rígidos e quebradiços e portanto a operação demorou-lhe bastante tempo. Ao fazê-lo, observou que páginas e capas tinham ardido separadamente; quem as pôs no fogão separou umas das outras para facilitar a sua combustão.
Concluída a recuperação dos restos, entreteve-se a dar uma vista de olhos pelo

salão. O Virgílio e o Agrícola continuavam onde Fargas os pusera: o De re metálica no seu lugar, alinhado com outros sobre a carpete: o Virgílio em cima da mesa, tal como o deixara o bibliófilo, quando, sacerdote preparado para consumar o sacrifício, pronunciara a fórmula sacramental: "Creio que venderei este"... Viu um papel entre as páginas, logo que abriu o livro. Era um recibo manuscrito inacabado:

Victor Coutinho Fargas, Bilhete de Identidade no 3554712, morador na Quinta da Solidão, estrada de Colares, km 4, Sintra.

Recebi a quantia de 800 000 escudos pela venda da obra de minha propriedade " Virgílio. Opera nunc recens accuratissime castigata... Venezia, Giunta, 1544", (Essling 61. Sander 7671). In-fólio, 10, 587, 1 c, 113 xilografias. Completa e em bom estado.

O comprador...

Não encontrou nome nem assinatura; o recibo não chegara a ser completado. Corso deixou o papel onde estava. Depois, fechou o livro e dirigiu-se ao compartimento onde trabalhara na tarde anterior para se assegurar que não deixara vestígios, papéis com a sua letra ou qualquer coisa do género. Retirou também as beatas do cinzeiro, guardando-as no bolso embrulhadas noutra folha de jornal. Ainda bisbilhotou um pouco; os seus passos ressoavam na casa vazia. Nem sombra do proprietário.

Ao passar outra vez junto dos livros alinhados no chão, deteve-se sob o impulso da tentação. Era demasiado fácil: um par de raros elzevires de pequeno formato, fáceis de esconder, atraíam muito a sua atenção; mas Corso era um tipo sensato. Se as coisas dessem para o torto, aquilo só serviria para complicar tudo. Portanto, com um íntimo suspiro, despediu-se da colecção Fargas.

Saiu para o jardim pela porta envidraçada em busca da rapariga, arrastando os pés sobre as folhas do chão. Encontrou-a sentada numa Pequena escada que dava para o lago, rodeada pelo rumor da água que o anjinho bochechudo vertia na superfície esverdeada, coberta de plantas flutuantes. Olhava em frente com ar absorto e apenas o som dos passos a arrancou à sua contemplação, fazendo-a voltar a cabeça.

Corso poisou a bolsa de lona no degrau inferior da escada, sentando-se a seu lado. Depois, acendeu o cigarro que trazia na boca há já um bocado. Aspirou o fumo com a cabeça inclinada, enquanto atirava fora o fósforo. Só então se voltou para a jovem.

- Agora conta-me tudo.

Sem deixar de fitar o lago, ela fez um leve gesto negativo com a cabeça. Nem brusco nem desagradável. Pelo contrário, o movimento da cabeça, o queixo e as comissuras dos lábios pareciam doces e melancólicos, como se a presença de

Corso, o triste e mal cuidado jardim e o ruído da água a comovessem de forma especial. Com a canadiana e a mochila ainda pendurada nas costas, parecia incrivelmente jovem, quase indefesa. E muito cansada.
- Temos de ir embora - disse em voz tão baixa que Corso mal a ouviu. - Para Paris.
- Antes diz-me o que tens a ver com Fargas e com tudo isto. Abanou de novo a cabeça em silêncio. Corso expelia o fumo do cigarro. Havia tanta humidade no ar que este ficou a flutuar à sua frente, condensado, antes de se ir desvanecendo pouco a pouco. Olhou a rapariga.
- Conheces Rochefort?
- Rochefort?
- Ou lá como é o nome dele. Um indivíduo moreno, com uma cicatriz. Esteve ontem à noite rondando por aqui. - A medida que falava, Corso tinha consciência de como tudo aquilo era estúpido. Terminou com uma expressão incrédula, duvidando das suas próprias recordações. - Inclusivamente falei com ele.
A jovem tornou a negar com a cabeça, sem afastar os olhos do lago.
- Não o conheço.
- Então, o que fazes aqui?
- Olho por si.
Corso fitou as biqueiras dos sapatos, esfregando as mãos enregeladas. O cantarolar da água no lago começava a irritá-lo. Levou os dedos à boca para dar uma última chupada no cigarro, cuja beata estava quase a queimar-lhe os lábios. O sabor era amargo.
- Estás louca, pequena.
Atirou fora o resto do cigarro, observando o fumo que se dissipava ante os seus olhos.
- Louca como uma cabra - acrescentou.
Ela continuava em silêncio. Passado um momento, Corso extraiu do bolso o frasco de gin e bebeu um longo gole sem lhe oferecer. Depois, olhou-a de novo.
- Onde está Fargas?
Demorou um pouco a responder; o seu olhar continuava absorto, perdido. Por fim, fez um gesto com o queixo.
- Ali.
Corso seguiu a direcção do seu olhar. No lago, sob o fio de água que saía da boca do anjinho mutilado de olhos vazios, a silhueta imprecisa de um corpo humano flutuava de barriga para baixo entre as plantas aquáticas e as folhas mortas.

IX.

O LIVREIRO DA RUA BONAPARTE

> - Meu amigo - disse Athos gravemente. - Lembra-te que os mortos são os únicos com quem não nos arriscamos a tropeçar de novo à superfície da terra.
> (A. Dumas. Os Três Mosqueteiros)

Lucas Corso pediu um segundo gin recostando-se comodamente na cadeira de vime. Estava-se bem na esplanada, ao sol, dentro do rectângulo de luz que emoldurava as mesas do Café Atlas, na Rua De Buci. Era uma dessas manhãs luminosas e frias, com a margem esquerda do Sena enxameada de samurais desorientados, anglo-saxões com sapatilhas desportivas e bilhetes de metro entre as páginas de um livro de Hemingway, damas com cestas cheias de baguettes e alfaces, e esbeltas caixeirinhas de nariz arrebitado rumo ao café da sua pausa laborai. Uma jovem muito atraente olhava a montra da charcutaria de luxo dando o braço a um cavalheiro maduro e elegante, com ar de antiquário ou rufia; ou talvez fosse as duas coisas simultaneamente. Havia também uma Harley Davidson com os cromados reluzentes, um foxterrier de mau humor preso à porta de uma loja de bebidas caras e um jovem com tranças de hussardo tocando flauta-doce à porta de uma boutique. E, na mesa contígua à de Corso, um par de africanos muito bem vestidos que se beijavam na boca sem pressas, como se tivessem todo o tempo do mundo, e o descontrole nuclear, a Sida, a camada de ozono fossem anedotas sem importância naquela manhã de sol parisiense.
Viu-a surgir no extremo da Rua Mazarin, virando a esquina para o Caié onde ele a esperava, com o seu ar de rapazinho, a canadiana aberta sobre os jeans, os olhos como dois sinais luminosos no rosto bronzeado, visíveis à distância, no meio das pessoas, sob o esplendor do sol inundava a rua. Diabolicamente bonita, teria sem dúvida dito Flavio La Ponte, pigarreando enquanto expunha o seu melhor perfil, aquele em que a barba era um pouco mais espessa e encaracolada. Mas Corso não era La Ponte e portanto não disse nem pensou nada. Limitou-se a olhar com hostilidade o empregado que naquele momento poisava o copo de gin sobre a sua mesa - pas de Bois, m 'sieu - e a colocar-lhe na mão o preço exacto que marcava o ticket - serviço compris, rapaz - antes de continuar a observar a aproximação da rapariga. No que a esse género de coisas se referia, Nikon tinha-lhe deixado no estômago um buraco do tamanho de um tiro de pederneira. Era suficiente. Aliás, Corso também não tinha a certeza de ter um perfil melhor do que o outro ou de o ter tido alguma vez. E raios partam se isso lhe interessava.

Tirou os óculos para os limpar com o lenço. O seu gesto transformou a rua numa sucessão de contornos difusos, de silhuetas com rosto impreciso. Uma delas continuava a destacar-se no meio das outras e, à medida que se aproximava, ia-se definindo cada vez melhor, embora sem chegar à nitidez: cabelo curto, pernas longas, sapatilhas de ténis brancas adquiriram contornos próprios numa difícil e imperfeita focagem quando chegou junto dele, sentando-se na cadeira livre.
- Vi a loja. Fica a meia dúzia de passos daqui.
Colocou os óculos e olhou-a, sem responder. Tinham viajado juntos desde Lisboa. O velho Dumas teria escrito a todo o galope para descrever o modo como abandonaram Sintra a caminho do aeroporto. De lá, vinte minutos antes da saída do avião, Corso telefonou a Amílcar Pinto para lhe contar o ponto final nos tormentos bibliográficos de Victor Fargas e o cancelamento do plano previsto. Quanto ao dinheiro combinado, Pinto receberia na mesma, pelos incómodos. Apesar da surpresa - a chamada telefónica acabava de arrancá-lo da cama - o português reagiu bastante bem, em termos de não sei que jogo é o teu, Corso, tu e eu não nos vimos ontem à noite em Sintra, nem ontem a noite nem nunca. Apesar de tudo, prometeu fazer discretas averiguações sobre a morte de Victor Fargas, quando fosse informado do caso oficialmente; de momento, não se dava por informado de absolutamente nada nem tinha nenhuma vontade disso. Quanto à autópsia do bibliófilo, bem podia Corso rezar para que os médicos legistas decidissem pelo suicídio. Por causa das coisas, e quanto ao fulaninho da cicatriz, a insinuar nos serviços competentes a sua descrição como suspeito. Continuariam em contacto pelo telefone e recomendava-lhe encarecidamente que não visitasse Portugal nos tempos mais próximos. Ah, e uma última coisa - acrescentou Pinto quando os altifalantes já anunciavam a saída do voo para Paris. - Da próxima vez, antes de implicar um amigo em eventuais homicídios, Corso podia recorrer à puta que o pariu. O telefone engolia a última moeda e o caçador de livros formulou um apressado protesto de inocência. Claro que sim, admitiu o polícia. É o que todos dizem.
A rapariga esperava na sala de embarque. Para surpresa do aturdido Corso, cuja capacidade para estabelecer ligações estava naquele dia muito abaixo do número de fios soltos que surgiam de todos os lados, desdobrara-se numa eficiente actividade que os instalara a ambos, sem contratempos, a bordo do avião. "Recebi uma herança", foi a sua resposta quando, ao vê-la pagar outro bilhete para o mesmo avião, Corso fez algumas rancorosas reflexões sobre a escassez de recursos que até àquele momento lhe atribuíra. Depois, durante as duas horas que demorou o trajecto Lisboa-Paris, negou-se a responder a quantas perguntas ele foi capaz de formular. Cada coisa a seu tempo, limitava-se a dizer, olhando Corso de soslaio, quase disfarçadamente, antes de se embrenhar na

contemplação das nuvens que o avião deixava,para trás, abaixo do rasto de condensação do ar frio nas asas. Depois tinha adormecido, ou fingido, com a cabeça no seu ombro. Pelo ritmo da respiração, Corso compreendeu que continuava acordada; o sono aparente era apenas um recurso de circunstância para fugir a perguntas a que não estava disposta, ou autorizada, a responder.
Qualquer outro, no seu lugar, teria partido a loiça com o espalhafato e a rudeza adequados, mas ele era um lobo paciente, bem treinado, com reflexos e instinto de caçador. Afinal, residia na rapariga a sua única ligação concreta, movendo-se como estava num enredo romanesco, incompreensível, irreal. Além disso, naquela altura do guião tinha assumido por completo o papel de leitor qualificado e protagonista que alguém, que atava os nós do outro lado do tapete, pelo avesso da trama, parecia propor-lhe com um piscar de olho que - isso não estava bem claro - podia ser depreciativo ou cúmplice.
- Alguém me está a tramar - dissera Corso em voz alta, a nove mil metros de altitude sobre o golfo da Biscaia. Olhou a rapariga de soslaio, aguardando uma reacção ou uma resposta, mas ela permanecia imóvel, com a respiração pausada, dormindo realmente ou sem ouvir o comentário. Aborrecido com o seu silêncio, afastou o ombro; a cabeça vacilou um instante no vazio. Depois, viu-a suspirar e acomodar-se de novo, desta vez encostada à janela.
- Claro que te estão a tramar - disse ela por fim, sonolenta e desdenhosa, ainda com os olhos fechados. - Qualquer parvo perceberia isso.
- O que aconteceu a Fargas?
Não respondeu logo. Pelo rabo do olho, verificou que pestanejava, com o olhar absorto nas costas da cadeira da frente.
- Bem viste - disse, passados uns momentos. - Afogou-se.
- Quem fez aquilo?
Moveu a cabeça lentamente de um lado para outro, ficando a olhar o exterior. A sua mão esquerda, esguia e morena, com as unhas curtas e sem verniz, deslizava lentamente pelo braço do assento. O gesto deteve-se por fim, como se os dedos tivessem tocado num objecto invisível.
- Isso não interessa.
Corso contraiu os lábios; parecia que ia rir, mas não o fez. Limitou-se a mostrar um canino.
- A mim interessa-me. E muito.
A rapariga encolheu os ombros. Não lhes interessavam as mesmas coisas, traduziu aquele gesto. Ou não pela mesma ordem. Corso insistiu:
- Qual é o teu papel nesta história?
- Já disse. Cuidar de ti.
Voltara-se para ele, olhando-o com tanta firmeza como evasiva se mostrava

momentos antes. Movia outra vez a mão sobre o braço do assento, como se tentasse ultrapassar a distância que a separava de Corso. Toda ela estava demasiado próxima, e o caçador de livros retrocedeu por instinto, pouco à-vontade e um tanto desconcertado. No buraco do seu estômago, sobre a marca de Nikon, remexiam-se, inquietas, obscuras sensações esquecidas. A dor regressava suavemente com a sensação de Vazio, enquanto os olhos da rapariga, mudos e sem memória, reflectiam velhos fantasmas que o caçador de livros sentia aflorarem-lhe a pele.

- Quem te manda?

As pestanas baixaram-se sobre as íris líquidas e foi como se tivesse passado uma página sobre elas. Já não havia nada ali; apenas o vácuo. A rapariga franziu o nariz, irritada.

- Aborreces-me, Corso.

Voltou-se para a janela olhando a paisagem. A grande mancha azul salpicada de minúsculos farrapitos brancos parecia quebrar-se ao longe numa linha amarela e ocre. Terra à vista. França. Próxima estação: Paris. Próximo capítulo: continua no número seguinte. Final de espada ao alto, com mistério incluído; um recurso de folhetim romântico. Pensou na Quinta da Solidão: a água brotando da fonte, o lago, o corpo de Fargas entre as plantas aquáticas e as folhas caídas. Aquilo provocou-lhe tanto calor que se remexeu no assento, incomodado. Sentia-se, com toda a razão, um homem em fuga. Absurdo, afinal; mais do que fugir por sua própria vontade, estava a ser obrigado a fazê-lo.

Olhou a rapariga antes de tentar observar-se a si mesmo com a frieza necessária. Talvez não fugisse de, mas sim para. Ou fugia de um mistério escondido na sua própria bagagem. O Vinho de Anjou. As Nove Portas. Irene Adler. A hospedeira disse qualquer coisa ao passar a seu lado com um sorriso estúpido e profissional e Corso olhou-a sem a ver, mergulhado nas suas cogitações. Quem lhe dera saber se o fim da história estava escrito em qualquer lado ou se era ele próprio que a ia redigindo, capítulo a capítulo.

Naquele dia não voltou a trocar uma palavra com a jovem. Ao chegar a Orly desligara da sua presença, embora a sentisse seguir atrás dele pelos corredores do aeroporto. No controle de emigração, depois de mostrar o Bilhete de Identidade, teve a ideia de se voltar ligeiramente Para descobrir qual o documento que ela utilizava, mas não o conseguiu ver. Apenas distinguiu um passaporte forrado de pele preta, sem quaisquer marcas exteriores; com certeza que era europeu, pois tinha Passado pela mesma entrada que ele, reservada aos cidadãos da Comunidade. Ao saírem para a rua, quando Corso subira para um táxi e dera a direcção habitual do Louvre Concorde, a rapariga instalara-se no assento a seu lado. Seguiram em silêncio até ao hotel e ela adiantou-se saindo do

carro enquanto o deixava a pagar o trajecto. O taxista não tinha troco, e isso demorou Corso algum tempo. Quando finalmente pôde atravessar o vestíbulo, ela já se registara e afastava-se precedida por um paquete que lhe transportava a mochila. Ainda lhe disse adeus com a mão antes de entrar no elevador.
- É um estabelecimento muito bonito. Livraria Replinger. Autógrafos e documentos históricos. E está aberto.
Fizera um gesto negativo ao empregado do café e inclinava-se um pouco para Corso, por cima da mesa, na esplanada da Rua De Buci. A transparência líquida dos seus olhos reproduzia, como um espelho, as cenas da rua que, por sua vez, se reflectiam na montra do estabelecimento.
- Podíamos ir lá agora.
Tinham-se encontrado outra vez durante o pequeno-almoço, quando Corso lia os jornais perto de uma das janelas que davam para a praça do Palais Royal. Ela deu os bons-dias, sentando-se à mesa para devorar com apetite as torradas e os croissants. Depois, com um círculo de café com leite no lábio superior como uma criança saciada, olhou para Corso.
- Por onde começamos?
E ali estavam, a dois passos da livraria de Achille Replinger, que a rapariga se oferecera para ir tentar localizar enquanto Corso tomava o primeiro gin do dia, pressentindo que não ia ser o último.
- Podíamos ir agora - repetiu ela.
Corso ainda demorou um instante. Tinha sonhado com a sua pele morena nas sombras de um entardecer, levando-a pela mão através de uma planície desolada em cujo horizonte se erguiam colunas de fumo, vulcões prestes a entrar em erupção. Às vezes cruzavam-se com um rosto grave, um soldado coberto de pó que os olhava em silêncio, distante e frio como os rudes troianos do Hades. A planície escurecia no horizonte, as colunas de fumo tornavam-se mais espessas e havia uma advertência na expressão imperturbável, fantasmagórica, dos guerreiros mortos. Corso quis fugir dali. Puxava pela mão da jovem para não a deixar para trás, mas o ar tornava-se denso e quente, irrespirável, sombrio. A corrida terminou numa queda interminável até ao chão, semelhante a uma agonia projectada em câmara lenta. A escuridão queimava como um forno. O único vínculo com o exterior era a mão de Corso agarrada à dela no esforço de avançar. A última coisa que sentiu foi a pressão dessa mão enfraquecendo lentamente até se transformar em cinzas. E à frente dele, nas trevas que se tinham cerrado sobre a planície ardente e sobre a sua consciência, umas manchas brancas, traços fugazes semelhantes a relâmpagos, desenhavam a silhueta fantasmagórica de um crânio nu. Não era agradável de recordar. Para limpar da garganta as cinzas e da retina o horror, Corso engoliu o copo de gin e olhou para

a rapariga. Estava pendente dele, esperando serenamente, colaboradora disciplinada aguardando instruções. Incrivelmente calma, assumindo com naturalidade o seu estranho papel na história. Havia inclusivamente na sua expressão uma lealdade desconcertante, inexplicável.
Quando Corso se levantou, pendurando ao ombro a bolsa de lona, ela imitou-o. Desceram sem pressa até ao Sena. A rapariga seguia do lado de dentro do passeio e, de vez em quando, parava em frente das montras dos estabelecimentos, chamando-lhe a atenção para um quadro, uma gravura, um livro. Olhava tudo com os olhos muito abertos, uma intensa curiosidade e um travo de nostalgia nas comissuras dos lábios, sorrindo pensativa. Parecia procurar vestígios de si própria nos objectos antigos; como se, nalgum rincão da memória, o seu passado convergisse com o daqueles poucos sobreviventes, trazidos até ali à deriva depois de cada inexorável naufrágio da História.
Havia duas livrarias, uma em frente da outra, de um lado e outro da rua. A de Achille Replinger era muito antiga, com o exterior de madeira envernizada e uma elegante montra por baixo do/letreiro: Livres anciens, autographes et documents historiques. Corso disse à rapariga que esperasse cá fora e ela obedeceu sem protestar. Quando avançava para a porta olhou para o vidro da montra e viu-a reflectida nele, por cima do seu ombro, de pé no outro passeio, observando-o.
Soou uma campainha quando empurrou a porta. Havia uma mesa de carvalho, livros antigos nas estantes, balcões com pastas de gravuras e uma dúzia de velhos arquivos de madeira. Todos tinham letras Por ordem alfabética, cuidadosamente caligrafadas nos seus caixilhinhos de latão. Na parede, emoldurado, um texto autógrafo e uma legenda' Fragmento de Tartufo. Molière. E também três boas gravuras: Dumas entre Victor Hugo e Flaubert.
Achille Replinger estava de pé junto da mesa. Era corpulento, de tez avermelhada: uma espécie de Porthos com forte bigode cinzento e gorda papada sobre o colarinho de uma camisa com gravata de malha. Vestia roupa cara descontraidamente: jaquetão inglês deformado pela barriga proeminente e calças de flanela um pouco descaídas, todas amarrotadas.
- Corso... Lucas Corso. - Segurava o cartão de apresentação de Boris Balkan entre os dedos grossos e fortes, franzindo o sobrolho. - Sim, lembro-me do seu telefonema do outro dia. Qualquer coisa sobre Dumas.
Corso poisou a bolsa em cima da mesa e tirou a capa com as quinze folhas manuscritas de O Vinho de Anjou. O livreiro espalhou-as à sua frente, erguendo uma sobrancelha.
- Curioso - disse em voz baixa. - Muito curioso. Resfolegava ao falar, de forma entrecortada e asmática. Tirou do bolso superior do jaquetão uns óculos bifocais

e colocou-os depois de lançar um rápido golpe de vista ao aspecto do seu visitante. A seguir, inclinou-se sobre as folhas. Quando ergueu os olhos sorria, embevecido.
- Extraordinário - comentou. - Compro-lho imediatamente.
- Não está à venda.
O livreiro pareceu surpreendido. Contraía a boca quase formando um bico.
- Julguei compreender...
- Trata-se apenas de uma peritagem. Pagando-lhe o devido preço, naturalmente.
Achille Replinger abanou a cabeça; o dinheiro era o que menos lhe interessava. Parecia confuso e por duas ou três vezes se deteve para observar o outro com desconfiança por cima das armações dos óculos. Inclinava-se de novo sobre o manuscrito.
- É pena - disse por fim, lançando a Corso um olhar curioso. Parecia perguntar a si próprio de que forma lhe teria aquilo chegado às mãos. - Como o conseguiu?
- Herança. Uma velha tia que morreu. Já o tinha visto antes?
Ainda desconfiado, o outro olhou para trás de Corso, para a rua do lado de lá da montra, como se alguém que por ali passasse pudesse explicar-lhe a razão daquela visita. Ou talvez procurasse uma resposta adequada. Por fim, acariciou o bigode como se fosse postiço e tentasse verificar se continuava no seu lugar, e sorriu evasivo.
- Aqui, no Quartier, nunca se sabe quando já vimos alguma coisa ou não... Foi sempre um bairro muito frequentado pelos vendedores de livros e gravuras... As pessoas vêm comprar e vender, e tudo acaba por passar diversas vezes pelas mesmas mãos. - Fez uma pausa para tomar ar: três curtas inspirações antes de dirigir um olhar inquieto a Corso. - ... Creio que não - concluiu. - Que nunca vi antes este original. - Olhou de novo para a rua; o sangue afluía-lhe ao rosto congestionado. - Lembrar-me-ia com certeza.
- Devo depreender que é autêntico? - inquiriu Corso.
- Bem... Realmente, é. - O livreiro resfolegava acariciando as folhas azuis com as pontas dos dedos; dava a impressão que hesitava em tocar-lhes. Por fim, agarrou numa entre o polegar e o indicador. - Letra semi-redonda, de grossura média, sem entrelinhados nem rasuras... Poucos sinais de pontuação, com maiúsculas inesperadas. Sem dúvida alguma que é Dumas em plena maturidade, cerca do meio da sua vida, quando escreveu Os Mosqueteiros... - Fora-se animando pouco a 'pouco. Calou-se bruscamente erguendo um dedo, e Corso pôde vê-lo sorrir por baixo do bigode; parecia ter tomado uma decisão. - Espere um momento.
Dirigiu-se a um dos arquivos marcados com a letra D e tirou umas pastas de cartolina cor de marfim.

- Tudo de Alexandre Dumas, pai. A letra é idêntica.
Havia ali uma dúzia de documentos, alguns sem assinatura ou com as iniciais A.D.; outros apresentavam a assinatura completa. Na sua maior parte eram pequenas notas enviadas a editores, cartas para amigos, convites.
Este é um dos seus autógrafos norte-americanos... - explicou Replinger. - Lincoln pediu-lhe um e ele enviou dez dólares e err> autógrafos, vendidos em Pittsburgh para obras de caridade... - Foi mostrando a Corso os documentos com um orgulho profissional controlado mas evidente. - Veja este outro: um convite de Montecristo para ir jantar a sua casa, a residência que mandou construir em Port-Marly. Às vezes usava apenas as iniciais e outras recorria a pseudónimos... Embora nem todos os autógrafos que circulem por aí sejam autênticos. No jornal O Mosqueteiro, de que foi proprietário, havia um tal Viellot que era capaz de imitar a sua letra e a rubrica. Nos três últimos anos da sua vida, as mãos de Dumas tremiam demasiado e teve de ditar os textos.
- Porquê papel azul?
- Recebia-o de Lille, fabricado expressamente para ele por um impressor que o admirava... Quase sempre dessa cor, sobretudo para os romances. Às vezes era rosa para os artigos, amarelo para a poesia... Escrevia com penas diferentes, conforme o género. E não suportava a tinta azul.
Corso indicou as quatro folhas brancas do manuscrito, as que tinham anotações e rasuras.
- E estas?
Replinger franziu as sobrancelhas.
- Maquet. O seu colaborador August Maquet. São correcções feitas por Dumas à redacção original"'-Passou um dedo pelo bigode antes de se inclinar para ler em voz alta,'em tom teatral: - "Horrível! Horrível! murmurava Athos, enquanto Porthos quebrava as garrafas e Aramis dava ordens um tanto tardias para que fossem procurar um confessor. .." - Com um suspiro, o livreiro deixou a frase no ar abanando a cabeça, satisfeito, antes de lhe mostrar a folha. - Repare: Maquet limitara-se a escrever: "E expirou ante os aterrados amigos de d'Artag-nan". Dumas riscou essa linha e escreveu as outras por cima para ampliar aquela passagem com mais diálogos.
- O que me pode contar de Maquet?
O outro encolheu os fortes ombros, indeciso.
- Pouca coisa. - O tom era de novo evasivo. - Tinha menos dez anos do que Dumas e foi-lhe recomendado por um amigo comum, Gerard de Nerval. Escrevia romances históricos sem êxito. Levou-lhe o original de um deles: O Bom de Buvat, ou a Conspiração de Cellamare. Dumas transformou o manuscrito em O Cavaleiro de Harmental e publicou-o com o seu nome. Em

troca, Maquet recebeu 1200 francos.
- Pode estabelecer a data em que foi escrito O Vinho de Anjou a partir da letra e do tipo de escrita?
- Claro que posso. Coincide com outros documentos de 1844, o no de Os Três Mosqueteiros... As folhas brancas e azuis coincidem com sua forma de trabalhar. Dumas e o seu sócio trabalhavam de empreitada. Do D'Artagnan de Courtilz tiraram os nomes dos seus heróis, a viajem a Paris, a intriga com Milady e a personagem da mulher de um taberneiro, a que Dumas deu as feições da sua amante Belle Krebsamer, para encarnar madame Bonancieux... Das Memórias de La Porte, homem de confiança de Ana de Áustria, saiu o rapto de Constance. E de La Rochefoucauld e de um livro de Roederer, Intrigas Políticas e Galantes da Corte de França, obtiveram a famosa história dos pingentes de diamantes... Nessa época, não só estavam a escrever Os Mosqueteiros como também A Rainha Margarida e O Cavaleiro da Casa Vermelha.
Replinger fez outra pausa para tomar ar. Ia-se entusiasmando à medida que falava, e o sangue voltava a afluir-lhe ao rosto. Fez as últimas citações precipitadamente, atropelando um pouco as palavras. Receava aborrecer o seu interlocutor mas, ao mesmo tempo, desejava fornecer-lhe toda a informação possível.
- Sobre O Cavaleiro da Casa Vermelha - continuou depois de respirar um pouco - há uma história divertida... Quando foi anunciado o 'folhetim com o título original, O Cavaleiro de Rougeville, Dumas recebeu uma carta de protesto assinada por um marquês com o mesmo nome. Isso levou-o a mudar o título, mas dentro de pouco tempo recebeu uma nova carta. "Meu caro senhor", dizia o aristocrata, "dê ao seu romance o título que quiser. Sou o último da família e daqui a uma hora vou dar um tiro nos miolos"... E, com efeito, o marquês de Rougeville suicidou-se por um assunto de saias.
Arquejou outra vez com falta de ar. Sorria, imponente e rubicundo, como se pedisse desculpa. Uma das suas fortes mãos apoiava-se na mesa, ao lado das folhas azuis. Parecia um gigante esgotado, disse Corso Para consigo. Porthos na gruta de Locmaría.
- Boris Balkan não lhe fez justiça; o senhor é um perito em Dumas. Não me admira que sejam amigos.
- Respeitamo-nos. Mas eu apenas faço o meu trabalho. - Replinger inclinava a cabeça, pouco à vontade. - Sou um alsaciano consciencioso que trabalha com documentos e livros anotados ou com dedicatórias autógrafas. Sempre autores do século XIX francês... Seria incapaz de avaliar o que me chega às mãos se não conhecesse bem por quem foi escrito ou em que circunstâncias. Não sei se me compreende.

- Perfeitamente - respondeu Corso. - É a diferença entre um profissional e um vulgar aldrabão.
Replinger dirigiu-lhe um olhar de agradecimento.
- O senhor é do ofício. Salta à vista.
- É verdade. - Contraiu os lábios. - Do ofício mais velho do mundo.
O livreiro riu, terminando noutro estertor asmático. Corso aproveitou a pausa, orientando a conversa para o tema Maquet: - -Conte-me como faziam as coisas - pediu.
- A técnica era complicada. - Replinger apontava com as mãos para a mesa e para as cadeiras como se a cena tivesse ocorrido ali. - Dumas traçava o plano de cada obra e discutia-o com o seu colaborador, que procurava documentação e escrevia um esboço da história, ou uma primeira redacção: as folhas brancas. Depois, Dumas reescrevia nas folhas azuis... Trabalhava em mangas de camisa, de manhã ou à noite; raramente à tarde. Não bebia café nem licores; apenas água de Seltz. Também quase não fumava. Enchia páginas e páginas, sob a pressão dos editores que reclamavam mais e mais. Maquet remetia o material em bruto pelo correio e ele impacientava-se com os atrasos. - - Tirou uma folha da pasta e colocou-a em cima da mesa, diante de Corso. - Aí tem a prova: uma das notas trocadas entre eles durante a redacção de A Rainha Margarida. Como vê, Dumas queixa-se um pouco: "Tudo corre perfeitamente, apesar de seis ou sete páginas de política que teremos de engolir para que o interesse renasça... Se não andamos mais depressa, querido amigo, a culpa é sua: desde ontem às nove que estou com as mãos paradas"... - Fez uma pausa para levar ar aos pulmões e indicou O Vinho de Anjou. - Com certeza que essas quatro folhas brancas com a letra de Maquet e anotações de Dumas foram recebidas por ele com muito pouco tempo, momentos antes de Le Siècle fechar a edição, e teve de conformar-se em reescrever algumas e fazer correcções apressadas pelo seu punho e letra sobre outras, no próprio original.
Voltava a guardar os papéis nas pastas, para os colocar de novo na letra D do arquivo. Corso ainda teve tempo de deitar uma vista de olhos à nota em que Dumas reclamava páginas ao seu colaborador. Além da letra, que correspondia traço por traço, o papel era idêntico - azul e com uma fina quadrícula - ao utilizado no manuscrito de O Vinho de Anjou. Um fólio cortado a meio; notava-se ainda o lado inferior mais irregular do que os outros três. Talvez todas aquelas folhas estivessem juntas sobre a mesa do romancista, na mesma resma.
- Quem escreveu realmente Os Três Mosqueteiros? - Replinger, ocupado em fechar o arquivo, demorou a responder:
- Não sei responder-lhe a isso. A pergunta é demasiado taxativa. Maquet era um homem de recursos, conhecia a História, leu muito... Mas faltava-lhe o génio do

mestre.
- Creio que acabaram zangados.
- Tem razão. Uma pena. Sabe que viajaram juntos até Espanha por altura da boda de Isabel II?... Dumas publicou inclusivamente um folhetim, De Madrid a Cádis, sob a forma de cartas... Quanto a Maquet, veio mais tarde a exigir perante os tribunais ser declarado autor de dezoito dos romances de Dumas, mas os juizes decidiram que o seu trabalho fora apenas preparatório. Hoje é considerado um escritor medíocre, que aproveitou a fama do outro para ganhar dinheiro. Embora também não falte quem o veja como uma vítima explorada: o negro do gigante...
- E o senhor?
Replinger olhou furtivamente o retrato de Dumas que havia sobre a porta.
- Já lhe disse que não sou um especialista como o meu amigo Senhor Balkan... Sou apenas um comerciante, um livreiro. - Pareceu meditar, avaliando o grau de compromisso entre a sua profissão e os seus gostos pessoais. - Mas chamarei a sua atenção para um facto: entre 1870 e 1894 venderam-se em França três milhões de volumes e oito milhões de folhetins em fascículos, todos com o nome Alexandre Dumas na capa. Romances escritos antes, durante e depois de Maquet. Imagino que isso significa qualquer coisa.
- Pelo menos, a fama em vida - sugeriu Corso.
- Indiscutivelmente. Durante meio século, a Europa só o via a ele. As duas Américas enviavam barcos com a exclusiva finalidade de transportar os seus romances, que eram lidos no Cairo, Moscovo, Istambul e Chandernagor... Dumas saboreou a existência, o prazer e a popularidade até ao limite. Viveu e gozou, esteve nas barricadas, bateu-se em duelos, teve processos, fretou navios, distribuiu pensões do seu bolso amou, comeu, dançou, ganhou dez milhões e desbaratou vinte, e morreu docemente, como uma criança adormecida... - Replinger apontava as correcções nas folhas brancas de Maquet. - Tudo isso se pode chamar de muitas maneiras: talento, génio... Mas, seja o que for, não se improvisa nem se rouba a outrem. - Bateu no peito à maneira de Porthos. - Tem-se aqui. Nenhum outro escritor vivo conheceu tamanha glória. Do nada, Dumas obteve tudo, como se tivesse feito um pacto com Deus.
- É verdade - disse Corso. - Ou com o Diabo.
Atravessou a rua na direcção da livraria da frente. A porta, protegidos por um toldo, empilhavam-se montes de livros colocados sobre tábuas apoiadas em cavaletes. A rapariga continuava ali, bisbilhotando por entre os volumes e os maços de estampas e de bilhetes-postais antigos. Estava em contraluz, com o sol por trás dos ombros, dourando-lhe o cabelo na nuca e nas têmporas. Não interrompeu o que estava a fazer com a chegada dele.
- Qual escolherias? - perguntou. Hesitava entre um postal sépia em que Tristão e

Isolda se abraçavam e outro com O Buscador de Estampas de Daumier: segurava-os à sua frente com ar indeciso.
- Leva os dois - sugeriu Corso, vendo pelo canto do olho que outro cliente se detinha em frente do tabuleiro e estendia a mão para um grosso maço de postais presos com um elástico. Disparou o braço com reflexo de caçador para quase lho arrebatar das mãos. Pôs-se a revistar o seu saque enquanto o outro se afastava, resmungando, e encontrou várias estampas de tema napoleónico: Maria Luísa, imperatriz, a família Bonaparte, a morte do imperador e a última vitória: um lanceiro polaco e dois hussardos a cavalo em frente da Catedral de Reims, durante a campanha de França de 1814, agitando bandeiras roubadas ao inimigo. Depois de hesitar um instante, juntou ainda o marechal Ney em uniforme de gala e um Wellington idoso, posando para a História. Feliz e velho cabrão!
A jovem escolheu mais alguns postais. As suas mãos longas e morenas moviam-se com segurança entre as cartolinas e o deteriorado papel impresso: retratos de Robespierre e Saint-Just e uma elegante efígie de Richelieu com hábito de cardeal, tendo ao pescoço o cordão com a Ordem do Espírito Santo.
- Muito oportuno - comentou Corso, ácido.
Ela não respondeu. Dirigia-se para uma pilha de livros, e o sol deslizava sobre os seus ombros, envolvendo Corso numa névoa dourada. Semicerrou os olhos, deslumbrado, e quando os abriu de novo a rapariga mostrava-lhe um grosso volume in-quatro que pusera de parte.
- Que achas?
Deu-lhe uma vista de olhos: Os Três Mosqueteiros com as ilustrações originais de Leloir, encadernado em tela e pele, em bom estado. Quando a fitou outra vez verificou que sorria com um canto da boca, os olhos fixos nele, esperando.
- Bonita edição - limitou-se a dizer. - Tens tensões de ler isso?
- Claro que sim. Por favor não me contes o fim. Corso riu baixinho, sem vontade.
- Irso queria eu - disse enquanto arrumava de novo os maços de postais. - Poder contar-te o final.
- Tenho uma prenda para ti - disse a rapariga. / Deambulavam pela margem esquerda, junto dos expositores dos alfarrabistas, por entre gravuras penduradas com capas de plástico e celofane e livros em segunda mão, alinhados sobre o peitoril da margem do rio. Um bateau-mouche seguia devagar corrente acima, quase a afundar-se com o peso de uns cinco mil japoneses, calculou Corso, e outras tantas câmaras de vídeo Sony. Do outro lado da rua, por trás das montras dos seus requintados escaparates com autocolantes Visa e American Express, engravatados antiquários perscrutavam dissimulada-mente o horizonte à espera de um kuwaitiano, um candongueiro russo ou um ministro equato-guineense a

quem impingir o bidé - porcelana decorada de Sèvres - de Eugenia Grandet. Pronunciando, como é óbvio, todos os oes com rigoroso acento nasalado.
- Não gosto de prendas - murmurou Corso, carrancudo. - Uma vez uns fulanos aceitaram um certo cavalo de madeira. Artesanato aqueu, dizia na etiqueta. Cretinos.
- Não houve dissidentes?
- Um, com os filhos. Mas saíram diversos animais do mar, formando com eles um maravilhoso grupo escultórico. Helenístico, se bem me lembro. Escola de Rodes. Naquele tempo os deuses eram demasiado parciais.
- Sempre foram. - A rapariga olhava a água turva do rio como se esta lhe trouxesse recordações. Corso viu-a sorrir, meditativa e ausente. - Nunca conheci um deus imparcial. Nem um diabo. - Voltou-se para ele de forma inesperada; os seus anteriores pensamentos pareciam ter ido pela corrente abaixo. - Acreditas no Diabo, Corso?
Fitou-a com atenção, mas o rio tinha arrastado também as imagens que segundos antes povoavam os seus olhos. Já só ali havia verde líquido e luz.
- Creio na estupidez e na ignorância. - Sorriu à jovem com ar cansado. - E acredito que a melhor navalhada é a que se dá aqui, vês? - e apontava a sua própria virilha. - Na femoral. Quando nos estão a abraçar.
- Que receias, Corso? Que te abrace?... Que o céu te caia em cima da cabeça?
- Receio os cavalos de madeira, o gin barato e as raparigas bonitas. Sobretudo quando trazem prendas. E quando usam o nome da mulher que derrotou Sherlock Holmes.
Tinham continuado a andar sobre as pranchas de madeira da Pont des Arts. A jovem deteve-se, apoiando-se na balaustrada metálica, junto de um pintor de rua que expunha minúsculas aguarelas.
- Gosto desta ponte - disse. - Não passam carros. Só há pares de namorados, velhinhas de chapéu, gente ociosa. É uma ponte com absoluta ausência de sentido prático.
Corso não respondeu. Observava as barcaças que, com os mastros tombados, passavam entre os pilares que sustinham a estrutura de ferro. Noutros tempos, os passos de Nikon ressoaram naquela ponte junto aos seus. Lembrava-se dela detendo-se também junto de um vendedor de aguarelas, talvez o mesmo, com o nariz franzido porque o fotómetro não estava a funcionar devidamente com a luz diagonal, excessiva, que incidia sobre a água e as torres de Notre-Dame. Tinham comprado foie-gras e uma garrafa de Borgonha que mais tarde fora o seu jantar no quarto do hotel, na cama e à luz do ecrã do televisor onde se desenrolava um desses debates com muito público e muitas palavras de que os Franceses tanto gostam. Antes disso, na ponte, Nikon tirou-lhe uma fotografia às escondidas;

confessou-lho enquanto mastigava uma fatia de pão barrada de foie-gras, com os lábios húmidos de Borgonha e acariciando-lhe as costas com o pé descalço. Sei que não gostas, Lucas Corso, que te aborrece, tu de perfil na ponte, olhando as barcaças que passavam em baixo, quase te consegui pôr bonito desta vez, meu grande filho da puta. Nikon era judia, de olhos grandes, asquenazim, com pai número 77 843 de Treblinka, salvo pela campainha no último round; e quando na televisão apareciam soldados israelitas invadindo qualquer coisa em cima de tanques enormes, ela saltava da cama, nua, para dar beijos no ecrã com os olhos húmidos de lágrimas, sussurrando "Sha-lom, Shalom" com um tom de carícia, o mesmo que usava ao pronunciar o nome de baptismo de Corso até que um dia deixou de o fazer. Nikon. Nunca chegou a ver aquela foto debruçado na Pont des Arts, olhando as barcaças a navegar por baixo dos arcos, de perfil, quase bonito desta vez, grande filho da puta.

Quando ergueu os olhos, Nikon tinha desaparecido. A seu lado estava outra rapariga. Alta, de pele tisnada, cabelo de rapaz e uns olhos cor de uva recém-lavada, quase transparentes. Pestanejou por segundos, confuso, deixando que as coisas recuperassem os seus limites. O presente traçou uma linha nítida como um corte de bisturi, e Corso de perfil, a preto e branco - Nikon trabalhava sempre a preto e branco - -, caiu ondulando no rio e foi pela corrente abaixo, por entre as folhas das árvores e a merda que largavam as barcaças e os esgotos. Agora, a rapariga que já não era Nikon tinha nas mãos um livrinho encadernado em pele e oferecia-lho.

- Espero que gostes.

O Diabo Apaixonado, de Jacques Cazotte, impressão de 1878. Ao abri-lo, Corso reconheceu as gravuras da primeira edição em apêndice fac-similado: Álvaro no círculo mágico perante o Diabo que pergunta "Che vuoif", Biondetta que ajeita a cabeleira com os dedos, o formoso pajem no teclado do cravo... Deteve-se numa página ao acaso:

... O homem saiu de um punhado de barro e água. Porque não havia uma mulher de ser feita de orvalho, vapores terrestres e raios de luz, dos condensados restos de um arco-íris? Onde reside o possível?... E o impossível?

Fechou o livro e ergueu os olhos, encontrando os da jovem que sorriam. Lá em baixo, na água, a luz reverberava na esteira de uma embarcação e traços luminosos dançavam sobre a pele dela como reflexos das faces de um diamante.

- Restos do arco-íris - citou Corso. - Que sabes tu disso?

A rapariga passou uma mão pelo cabelo e ergueu o rosto para o sol, semicerrando as pálpebras sob o seu fulgor. Tudo nela era luz: o reflexo do rio, a claridade da manhã, as duas fendas verdes entre as pestanas escuras.

- Sei o que me contaram há muito tempo... O arco-íris é a ponte que vai da terra

ao céu. Far-se-á em pedaços no fim do mundo, depois de o Diabo o percorrer a cavalo.
- Nada mal. Contou-te a tua avó?
Negou com a cabeça. Agora fitava Corso novamente, absorta e grave.
- Ouvi-o contar a Bileto, um amigo. - Ao pronunciar o nome deteve-se um instante para franzir a testa, com uma ternura de criança que revelasse um segredo. - Gosta de cavalos e de vinho e é o tipo mais optimista que conheço... Ainda espera voltar ao céu!
Acabaram de atravessar a ponte. Corso sentia-se estranhamente vigiado de longe pelas gárgulas de Notre-Dame. Claro que eram falsas, como tantas outras coisas. Não estavam ali com as suas caretas infernais, os cornos e as melancólicas barbas de chibo quando os honrados mestres construtores beberam um copo de aguardente e olharam para o alto, suados e satisfeitos. Nem quando Quasiímodo ruminava pelos campanários o seu desgraçado amor pela cigana Esmeralda. Mas depois de ter visto Charles Laughton ligado a elas pela sua fealdade de celulóide, ou Gina Lollobrigida - segunda versão, technicolor, teria assinalado Nikon - executada à sua sombra na praça, era difícil considerar aquilo sem tão sinistras sentinelas neomedievais. Corso imaginou a perspectiva em visão de pássaro: a Pont Neuf e mais adiante, estreita e escura na manhã luminosa, a Pont des Arts sobre a fita verde-cinza do rio, com duas minúsculas figurinhas que se moviam de forma perceptível na direcção da margem direita. Pontes e arco-íris com negras barcaças de Caronte navegando lentamente, sob os pilares e abóbadas de pedra. O mundo está cheio de margens e de rios que correm entre uma e outra, de homens e mulheres que atravessam pontes ou vaus sem se preocuparem com as consequências desse acto, sem olharem para trás ou para debaixo dos seus pés, sem terem dinheiro trocado para o barqueiro.
Saíram em frente do Louvre, detendo-se num semáforo antes de atravessar. Corso ajeitou a alça da bolsa de lona no ombro enquanto olhava distraidamente para a esquerda e para a direita. O tráfego era intenso e, por acaso, reparou num dos automóveis que passavam naquele momento. Ficou tão de pedra como as gárgulas da catedral.
- O que se passa? - perguntou a rapariga quando o semáforo mudou para verde e viu que Corso não se mexia. - Parece que viste um fantasma!
Tinha visto. Não um, mas dois. Iam na parte de trás de um táxi que já se afastava, ocupados numa animada conversa, e não chegaram a reparar em Corso. A mulher era loura e muito atraente; reconheceu-a imediatamente apesar do chapéu com meio véu que lhe cobria os olhos: Liana Taillefer. A seu lado, passando-lhe o braço em torno dos ombros, oferecendo o seu melhor perfil enquanto acariciava com um dedo vaidoso a barba encaracolada, ia Flavio La

Ponte.

X.

O NÚMERO TRÊS

Suspeitavam que ele não tinha coração.
(R. Sabatini. Scaramouche)

Corso era um daqueles indivíduos que possuem a rara virtude de serem capazes de arranjar, num abrir e fechar de olhos, aliados incondicionais em troca de uma gorjeta ou de um simples sorriso. Já antes vimos que havia algo nele - a sua falta de jeito semicalculada, a expressão ressentida mas simpática de coelho, o ar ausente e desamparado que não correspondia de maneira nenhuma à realidade - que punha o interlocutor do seu lado. Foi o caso de alguns de nós quando o conhecemos. E foi também o de Gríiber, recepcionista do Louvre Concorde, que Corso conhecia há já quinze anos. Gríiber era seco e imperturbável, com a nuca rapada e uma permanente expressão de jogador de póquer nas comissuras dos lábios. Durante a retirada de 1944, quando era um voluntário croata de dezasseis anos na 18º Panzergrenadierdivi-sion Horst Wessel, uma bala russa ferira-o na coluna, deixando-lhe uma cruz de ferro de segunda classe e três vértebras imobilizadas para toda a vida. Era por isso que se deslocava por trás do balcão da recepção rígido e teso, como se tivesse as costas/presas num colete de aço.
- Preciso de um favor, Gríiber.
- Às suas ordens.
Quase ouviu o bater dos calcanhares quando o recepcionista se perfilhou. A impecável jaqueta bordéus com chaves douradas nas lapelas acentuava o ar militar do velho exilado, muito apreciado pelos clientes Centro-europeus que, depois do derrube do comunismo e da divisão das hordas eslavas, chegavam a Paris olhando de soslaio os Campos Elíseos e sonhando com o Quarto Reich.
- La Ponte, Flavio. Nacionalidade espanhola. E também Herrero, Liana; embora possa registar-se como Taillefer ou De Taillefer... Quero saber se estão em algum hotel da cidade.
Escreveu os nomes num cartão de visita e quando o entregou a Grúber juntou-lhe quinhentos francos. Corso dava sempre gorjetas ou subornava as pessoas com uma espécie de encolher de ombros, qualquer coisa do género hoje por ti amanhã por mim, que transformava o seu gesto numa forma de intercâmbio amistoso, quase cúmplice sendo difícil definir quem fazia o favor a quem. Grúber, que perante os espanhóis da Eurocolor Ibéria, os italianos de gravatas indescritíveis e os norte-americanos com saco da TWA e boné de beisebol,

murmurava um cortês merci m'sieu ao receber dez miseráveis francos, meteu a nota no bolso sem pestanejar nem agradecer, com um elegante movimento semicircular da mão e a sua característica gravidade de croupier impassível, reservada aos poucos que, como Corso, ainda conheciam as regras do jogo. Para ele, que aprendera o seu ofício quando bastava a um cliente erguer uma sobrancelha para ser imediatamente atendido pelos empregados, a querida e velha Europa dos hotéis internacionais começava a reduzir-se a uns escassos iniciados.

- O senhor e a senhora estão alojados juntos?

- Não sei. - Corso fez uma careta. Imaginava La Ponte saindo do quarto de banho de roupão bordado e a viúva Taillefer recostada na colcha, em camisa de seda. - Mas também esse pormenor me interessa.

Grúber inclinou-se apenas uns milímetros:

- Demorará algumas horas, Senhor Corso.

- Eu sei. - Olhou para o corredor que ligava o vestíbulo ao restaurante; a rapariga estava ali, com a canadiana debaixo do braço e as mãos nos bolsos dos jeans, olhando uma montra com perfumes e lenços de seda. - Quanto a ela...

O recepcionista tirou uma ficha de baixo do balcão.

- Irene Adler - leu. - Passaporte britânico passado há dois meses. Dezanove anos. Residente em 223b de Baker Street, Londres.

- Não goze comigo, Grúber.

- Nunca tomaria essa liberdade, Senhor Corso. É isto o que diz o passaporte.

Havia um vislumbre de sorriso, uma levíssima insinuação quase inde-tectável na boca do velho waffen SS. Corso só o tinha visto sorrir realmente uma vez: no dia em que caiu o Muro de Berlim. Observou o cabelo branco cortado em escova, o pescoço rígido, as mãos simetricamente apoiadas sobre o balcão mesmo na borda, pelos pulsos. A antiga Europa, ou o que dela restava. Demasiado velho para arriscar-se a regressar a casa e verificar que já nada era como recordava: nem o campanário de Zagreb, nem as camponesas louras e afáveis, cheirando a pão fresco, nem as planícies verdes com rios e pontes que vira voar por duas vezes: na sua juventude, quando retirava à frente dos guerrilheiros de Ti to, e pela televisão, no Outono de 1991, no nariz dos chet-niks sérvios. Imaginou-o no seu quarto, tirando a jaqueta bordéus com chavezinhas douradas nas lapelas como se tirasse o blusão do uniforme austro-húngaro, em frente de um retrato do imperador Francisco José, colocado na parede e já roído pelas traças. Com certeza que punha no gira-discos a marcha de Radetzky, brindava com um bom montenegrino de Vranac e se masturbava vendo vídeos da Sissi.

A rapariga tinha deixado de olhar a montra e observava Corso. 223b de Baker Street, repetiu ele mentalmente, com uma quase incontível vontade de rir. Não

ficaria nada surpreendido se naquele momento surgisse um paquete com um convite de Milady de Winter para tomar chá no Castelo de If, ou no Palácio da Ruritânia com Richelieu, o professor Moriarty e Rupert de Hentzau. Já que de literatura se tratava, aquilo podia ser a coisa mais natural do mundo.
Pediu uma lista telefónica para procurar o número da baronesa Ungern. Depois, ignorando o olhar da jovem, foi à cabina do vestíbulo e combinou um encontro para o dia seguinte. Discou também outro número de telefone, o de Varo Borja, em Toledo, mas não obteve resposta.
No televisor passava um filme sem som: Gregory Peck, no meio de focas, luta na sala de baile de um hotel, duas escunas navegando com as bordas quase encostadas, todas as velas soltas e a água saltando por sobre a amurada, rumo ao Norte, para a verdadeira liberdade que apenas começa a dez milhas da costa mais próxima. Ao lado do ecrã do televisor, sobre a mesa-de-cabeceira, uma garrafa de Bois, com o nível abaixo da linha de flutuação, estava de guarda como um velho e alcoólico granadeiro em vésperas de árdua batalha, entre As Nove Portas e a capa do manuscrito Dumas.
Lucas Corso tirou os óculos para esfregar os olhos avermelhados pelo fumo do tabaco e pelo gin. Em cima da cama, ordenados com esmero arqueológico, estavam os fragmentos do Número Dois recuperados da lareira em casa de Victor Fargas. Não era grande coisa: as capas, protegidas pela pele da encadernação, tinham-se queimado menos do que o resto, do qual restavam pouco mais do que bordas chamuscadas com alguns parágrafos quase ilegíveis. Pegou numa delas, amarelada e quebradiça por acção do fogo: ... si non obig.nem me. ips.s fecere, f.r q.qe die, tib. do vitam m.m sicut t.m... Pertencia ao canto inferior de uma folha e, assim, depois de a ter estudado durante um momento, procurou no Exemplar Um a página gémea. Era a 89 e os parágrafos idênticos correspondiam um ao outro. Tentou o mesmo com todos os fragmentos que pôde identificar, conseguindo-o com dezasseis. Havia outros vinte e dois impossíveis de situar, demasiado pequenos ou estragados e mais onze eram fragmentos de margens em branco, dos quais apenas um, graças a um 7 torcido no terceiro e único algarismo legível do número da página, identificou como sendo da 107.
A beata do cigarro queimava-lhe os lábios, e Corso esmagou-o no cinzeiro. Depois, estendendo a mão, aproximou a garrafa para beber directamente pelo gargalo um longo trago. Estava em mangas de camisa, uma velha camisa de algodão cor de caqui com grandes bolsos, de mangas enroladas acima dos cotovelos e com a gravata feita num trapo. Na televisão, o homem de Boston abraçava uma princesa russa encostado à roda do leme e ambos moviam os lábios sem palavras, felizes por se amarem sob um céu em technicolor. O único

som do quarto era o ligeiro trepidar dos vidros da janela, devido ao tráfego que, dois andares abaixo, passava na direcção do Louvre.
Finais felizes. Noutros tempos, Nikon também gostara daquele género de coisas. Corso lembrava-se dela capaz de se emocionar como uma garotinha sentimental ante o beijo com fundo de nuvens e violinos, quando as palavras The End surgiam sobre as imagens. Às vezes, na poltrona de um cinema ou sentada em frente do televisor com a boca cheia de aperitivos de queijo, apoiava-se no ombro de Corso e este sentia-a chorar longa e suavemente, em silêncio, sem afastar os olhos do ecrã. Podia ser Paul Henreid cantando A Marselhesa no café de Rick; Rutger Hauer com a cabeça inclinada, moribundo, nos últimos planos de Blade Runner; John Wayne com Maureen Chara em frente da lareira em Innisfree; Custer com Arthur Kennedy na véspera de Little Big Horn; OToole-Jim enganado por Brown; Henry Fonda a caminho do O.K. Corral; ou Mastroianni mergulhado até à cintura no lago do balneário para recuperar um chapéu de mulher, cumprimentando para a direita e para a esquerda, elegante, imperturbável e apaixonado por uns olhos negros. Nikon era feliz por entre as lágrimas que tudo aquilo lhe provocava e orgulhava-se delas. É sinal que estou viva, dizia depois, rindo, com os olhos ainda húmidos. Porque faço parte do resto do mundo e gosto que assim seja. O cinema é uma coisa de muita gente: colectivo generoso, com os garotos a aplaudirem quando chega o Sétimo de Cavalaria. Até é melhor pela televisão: as películas vêem-se a dois, comentam-se. Em contrapartida, os teus livros são egoístas. Solitários. Alguns nem sequer se podem ler e estragam-se se os abrirmos. Quem só se interessa por livros não precisa de ninguém e isso assusta-me. - Nikon mastigava o último salgadinho e ficava a olhar para ele, atenta, com os lábios entreabertos, procurando no seu rosto os sintomas de uma doença que não tardaria a manifestar-se. - Às vezes fazes-me medo.
Finais felizes. Corso apoiou um dedo sobre o comando a distância e a imagem desapareceu no ecrã. Agora ele estava em Paris, e Nikon fotografava crianças de olhos tristes em algum lugar de África ou dos Balcãs. Uma vez, bebendo um copo num bar julgou entrevê-la na imagem confusa de um telejornal: de pé, em pleno bombardeamento, entre refugiados que corriam espavoridos, com o cabelo preso numa trança, as máquinas ao pescoço e um 35 mm encostado à cara, a silhueta recortada sobre um fundo de fumo e chamas. Nikon. De todas as mentiras universais que ela sempre assumiu sem questionar os seus fundamentos, a dos finais felizes era a mais absurda. Comeram perdizes e amaram-se para sempre, e parecia que o resultado da equação era indiscutível, definitivo. Nada de perguntas sobre quanto dura o amor, a felicidade, num sempre fraccionável em vidas, anos, meses. Mesmo dias.

Até ao final inevitável deles os dois, Nikon sempre se negou a admitir que talvez o herói se tenha afundado com o seu barco duas semanas mais tarde, ao chocar com um escolho nas Hébridas do Sul. Ou que a heroína foi atropelada por um automóvel três meses mais tarde Ou que talvez tudo tivesse acontecido de outra forma, de mil formas diferentes: alguém teve o primeiro amante, alguém sentiu rancor ou aborrecimento, alguém desejou voltar atrás. Quantas noites de lágrimas de silêncios, de solidão, se sucederam àquele beijo? Que cancro o matou a ele antes de completar os quarenta? De que viveu ela antes de morrer num asilo, aos noventa? Em que despojo arruinado se tornou o garboso oficial, com as feridas gloriosas transformadas em horríveis cicatrizes e esquecidas as batalhas que já não interessavam a ninguém? Que dramas viveram já idosos, indefesos, sem forças para lutar ou para se defenderem, arrastados de um lado para outro pelo vendaval do mundo, a estupidez, a crueldade, a miserável condição humana? Às vezes fazes-me medo, Lucas Corso.

Cinco minutos antes das onze da noite resolvera o mistério do fogão de sala de Victor Fargas, embora isso estivesse longe de esclarecer as coisas. Olhou o relógio, espreguiçando-se com um bocejo. Depois, a seguir a uma nova vista de olhos aos fragmentos espalhados em cima da colcha, encontrou o seu olhar no espelho, junto ao velho postal dos hussardos em frente da Catedral de Reims na sua moldura de madeira. Observou o seu próprio aspecto: despenteado, com a barba a azular-lhe a cara, os óculos tortos encavalitados no nariz, e começou a rir baixinho. Um desses seus risos de lobo, atravessados e maldosos, que reservava para as ocasiões especiais. Porque aquela era uma delas. Todos os fragmentos de As Nove Portas que conseguira identificar correspondiam a páginas com texto. Das nove estampas e do frontispício da página com o título não havia vestígios. Isso reduzia a duas as possibilidades: arderam na lareira ou, o que era mais provável - aquelas capas desencadernadas - alguém as tirou antes de lançar os restos ao fogo. Esse alguém, fosse quem fosse, julgava-se certamente muito esperto. Ou muito esperta. Embora, depois da inesperada visão de La Ponte e Liana Taillefer junto do semáforo, talvez fosse conveniente ir-se habituando à terceira pessoa do plural: espertos. A questão residia em saber se as pistas que Corso farejava eram falhas do adversário ou armadilhas. De qualquer forma, muito bem elaboradas.

E por falar de armadilhas. A rapariga estava no umbral quando Corso abriu a porta, depois de ouvir a campainha, tendo apenas um momento para enfiar debaixo da colcha, por prudência, o número Um e o manuscrito Dumas. Vinha descalça, vestida com os habituais jeans e uma T-shirt branca.

- Olá, Corso. Espero que não tenhas tenções de sair esta noite. Permanecia no corredor, sem entrar, com os polegares enfiados nos bolsos das calças, justas na

cintura e nas longas pernas. Franzia o sobrolho, esperando más notícias.
- Podes abandonar a guarda - tranquilizou-a. Agora sorria, aliviada.
- Estou a cair de sono.
Corso virou-lhe as costas e dirigiu-se para a mesa-de-cabeceira e para a garrafa, que já estava vazia; pôs-se depois a vasculhar no móvel-bar até se erguer, triunfante, com uma garrafinha de gin na mão. Despejou-a num copo e molhou os lábios. A jovem continuava na porta.
- Levaram as gravuras todas. As nove. - Corso apontava para os fragmentos do Número Dois com a mão que (segurava o copo. - Queimaram o resto para que não se notasse; foi por isso que não ardeu tudo. Tiveram o cuidado de deixar bocados intactos... Assim, o livro seria considerado como oficialmente destruído.
Ela inclinou a cabeça de lado, olhando-o fixamente.
- És esperto.
- Claro que sou. Por isso me meteram nisto.
A rapariga avançou uns passos dentro do quarto. Corso observou-lhe os pés nus sobre a alcatifa, ao lado da cama. Analisava com atenção os bocados de papel chamuscado.
- Não foi Fargas que queimou o seu livro - acrescentou ele. - Era incapaz de uma coisa dessas... O que lhe terão preparado? Um suicídio, como a Enrique Taillefer?
Não respondeu logo. Pegara num bocado de papel e estudava as Palavras impressas.
- Responde às tuas próprias perguntas - disse, sem o olhar. - Foi para isso que te meteram nisto.
- E tu?
Lia em silêncio, movendo os lábios como se o texto lhe fosse familiar. Quando o poisou outra vez em cima da colcha, insinuava-se-lhe num canto da boca um sorriso evocador, nostálgico, pouco adequado à juventude do seu rosto.
- Já sabes. Estou aqui para cuidar de ti. Precisas de mim.
- O que preciso é de mais gin.
Praguejou entredentes enquanto bebia o último gole para dissimular a sua impaciência ou a sua perturbação. Maldito fosse aquilo tudo. Verde-esmeralda, branco de neve ou de luz, os olhos e o sorriso sobre a pele do rosto, o pescoço esbelto e nu, sugerindo uma tépida palpitação. Vai-te foder, Corso! Nesta altura, com tudo o que tens em cima, e apanhado pelos braços morenos, pelos pulsos delgados, pelas mãos de dedos compridos! Apanhado por coisas como aquelas! Reparou que a T-shirt da rapariga moldava uns seios magníficos, que até então não tinha ainda tido ocasião de observar. Adivinhou-os morenos e pesados, pele escura sob o algodão branco, carne de luz e de sombra. Surpreendeu-se outra vez

com a sua estatura. Era tão alta como ele. Talvez mais.
- Quem és?
- O Diabo - disse ela. - O Diabo apaixonado.
E desatou a rir. O livro de Cazotte estava em cima da cómoda, junto do Memorial de Santa Helena e outros papéis. A jovem contemplou-o sem lhe tocar. Depois poisou-lhe um dedo em cima, fitando Corso.
- Acreditas no Diabo?
- Pagam-me para acreditar. Pelo menos, enquanto durar este trabalho.
Viu-a concordar lentamente com a cabeça, como se já conhecesse a resposta. Observava Corso com curiosidade, de lábios entreabertos, à espreita de um sinal ou de um gesto que só ela podia interpretar. - Sabes porque gosto deste livro, Corso?
- Não. Diz lá.
- Porque o protagonista é sincero. O seu amor não é um simples estratagema para condenar uma alma. Biondetta é terna e fiel; admira em Álvaro as mesmas coisas que o Diabo ama no homem: a sua coragem, a sua independência... - As pestanas velaram por momentos as íris claras. - O seu desejo de conhecimento e a sua lucidez.
- Vejo que estás muito informada. Que sabes tu disso?
- Muito mais do que imaginas.
- Eu não imagino nada. As minhas referências sobre aquilo que o Diabo ama ou despreza são exclusivamente literárias: O Paraíso Perdido, A Divina Comédia, passando por Fausto e Os Irmãos Karamazov... - Fez um gesto ambíguo, evasivo. - O meu Lúcifer é um Lúcifer em segunda mão.
Agora contemplava-o com ar trocista.
- E qual deles preferes? O de Dante?
- De maneira nenhuma. É demasiado terrível. Excessivamente medieval para o meu gosto.
- Mefistófeles?
- Também não. É um fulano enfatuado, com espertezas de legista. Uma espécie de advogado cheio de astúcia... Além disso, nunca me fio em quem sorri demasiado.
- E o que aparece em Os Karamazov?
Corso fez uma careta de quem cheira couve azeda. - Mesquinho. Vulgar como um funcionário com unhas sujas. - Parou um pouco a meditar. - Suponho que prefiro o anjo caído de Milton. - Fitou-a, interessado. - Era isso que querias que eu dissesse.
Sorria, enigmática. Os polegares continuavam pendurados nos bolsos dos jeans justos nas ancas: nunca vira ninguém que os usasse assim. Eram precisas aquelas

pernas compridas, evidentemente: as de uma jovenzinha fazendo auto-stop na berma da estrada, com a mochila na valeta e toda a luz do mundo nos malditos olhos verdes.
- Como imaginas Lúcifer? - perguntou a rapariga.
- Não faço ideia. - O caçador de livros reflectiu antes de concluir com uma expressão de indiferença: - Taciturno e silencioso, suponho. Aborrecido. - A expressão ia-se tornando ácida. - No trono de um salão deserto, no centro de um reino desolado e frio, monótono, onde nunca acontece nada.
Ficou a olhá-lo em silêncio.
- Surpreendes-me, Corso - disse por fim. Parecia admirada. ."
- Não vejo porquê. Qualquer pessoa pode ler Milton. Inclusivamente eu.
Viu-a mover-se lentamente em redor da cama, em semicírculo, mantendo sempre a mesma distância, até se interpor entre ele e o candeeiro que iluminava o quarto. Casual ou premeditado, o movimento colocou-a de forma a que a sua sombra se projectasse sobre os fragmentos de As Nove Portas espalhados sobre a colcha.
- Acabas de mencionar o preço. - Tinha o rosto na penumbra recortado pela auréola de luz. - Orgulho, liberdade... Conhecimento. É sempre preciso pagar por tudo, no princípio ou no fim. Inclusivamente pela coragem, não acreditas?... Não te parece necessária muita coragem para enfrentar Deus?
As suas palavras soavam docemente, um sussurro no silêncio que invadia o quarto infiltrando-se por baixo da porta e pelas frinchas da janela; inclusivamente o ruído do tráfego pareceu apagar-se lá fora, na rua. Corso olhava alternadamente as duas silhuetas: uma de sombra, estilizada sobre a colcha e os fragmentos do livro; a outra de pé, penumbra corpórea diante da fonte de luz. E, naquele momento, perguntou a si mesmo qual das duas era mais real.
- Com todos aqueles arcanjos - acrescentou ela, ou a sua sombra. Havia desdém e rancor na frase, até mesmo no som do ar a ser expulso dos pulmões num suspiro de despeito e derrota. - Belos, perfeitos, disciplinados como nazis.
Naquele momento não parecia tão jovem como era. Carregava consigo um cansaço velho de séculos, obscura herança, culpas alheias que ele, surpreendido e confuso, não era capaz de identificar. Afinal, disse para consigo, talvez nenhuma das duas fosse real: nem a sombra na colcha nem a silhueta que a luz do candeeiro delineava.
- Há um quadro no Prado, lembras-te, Corso?... Homens com navalhas em frente de ginetes que os atacam com sabres. Sempre tive uma certeza: o anjo caído, ao revoltar-se, tinha o mesmo olhar, idênticos olhos enlouquecidos como os daqueles infelizes das navalhas. A coragem do desespero.
Movera-se um pouco enquanto falava. Foram apenas uns centímetros, mas, ao

fazê-lo, a sua sombra avançou, aproximando-se da de Corso como se tivesse vontade própria.
- Que sabes tu disso? - perguntou ele.
- Mais do que quereria.
A sombra cobria todos os fragmentos do livro e quase tocava na de Corso- Este retrocedeu instintivamente, deixando uma zona de luz entre ambas, sobre a cama.
- Imagina-o - disse ela, com o mesmo tom absorto. - Solitário no seu palácio vazio, o mais formoso dos anjos caídos urde as suas armadilhas... Esmera-se, consciencioso, numa rotina que despreza mas que, pelo menos, lhe permite dissimular o seu desconsolo. O setf fracasso. - O riso da jovem soou mansamente, sem alegria, como se viesse de muito longe. - Tem saudades do céu.
As sombras já estavam juntas, quase fundidas por entre os fragmentos trazidos da lareira da Quinta da Solidão. A rapariga e Corso ali, sobre a colcha, entre As Nove Portas do reino de outras sombras, ou talvez das mesmas. Papel chamuscado, cifras incompletas, mistério várias vezes velado: pelo impressor, pelo tempo e pelo fogo. Enrique Taillefer girava, com os pés no vácuo, na extremidade do cordão de seda do seu roupão; Victor Fargas flutuava de barriga para baixo nas sujas águas do lago. Aristide Torchia ardia em Campi del Fiori gritando o nome do pai sem olhar para o céu mas sim para a terra por baixo dos seus pés. E o velho Dumas escrevia, sentado ,no topo do mundo, enquanto ali mesmo, em Paris, muito perto de onde Corso se encontrava naquele momento, outra sombra, a de um cardeal cuja biblioteca continha demasiados volumes sobre o Diabo, atava os laços do mistério pelo avesso da intriga.
A rapariga, ou a sua silhueta recortada em contraluz, aproximou-se do caçador de livros. Só um pouco, um passo; o suficiente para que a sombra dele desaparecesse por completo debaixo da sua.
- Pior foi o caso dos que o seguiram. - Corso demorou a compreender a quem se referia ela. - Os que arrastou na sua queda: soldados, mensageiros, servidores por ofício e vocação. Às vezes mercenários, como tu próprio... Muitos nem sequer pensaram que se tratava de optar entre a submissão ou a liberdade, entre o bando do Criador e o bando dos homens: por rotina, pela absurda lealdade dos soldados fieis, seguiram o seu chefe na revolta e na derrota.
- Como os Dez Mil de Xenofonte - troçou Corso.
Ela ficou em silêncio por instantes. Parecia surpreendida pela exactidão do que acabava de ouvir.
- Talvez - murmurou por fim - dispersos pelo mundo, solitários, esperem ainda que o seu chefe os faça regressar a casa.

O caçador de livros inclinou-se, procurando um cigarro, e quando o fez recuperou a sua sombra. Acendeu então a luz de outro candeeiro da mesa-de-cabeceira, e a silhueta escura da jovem desvaneceu-se quando as suas feições se iluminaram. Os olhos claros estavam fixos nele. Parecia outra vez muito jovem.
- Comovedor - disse Corso. - Todos esses velhos soldados procurando o mar...
Viu-a pestanejar como se agora, com o rosto iluminado, não compreendesse bem de que estava ele a falar. Também já não havia sombra na cama: os fragmentos do livro eram simples bocados de papel chamuscado; bastaria abrir a janela para que a corrente de ar os arrastasse desordenadamente.
Ela sorria. Irene Adler, 223b de Baker Street. O café de Madrid, o comboio, aquela manhã em Sintra... A batalha perdida, a anábase das legiões vencidas: eram muito poucos anos para recordar tantas coisas. Sorria como uma garotinha simultaneamente maliciosa e inocente, com ligeiras marcas de fadiga sob os olhos. Sonolenta e terna.
Corso engoliu saliva. Uma parte de si mesmo aproximava-se dela para arrancar a T-shirt branca que cobria a pele morena, deslizar até baixo o fecho dos jeans e deitá-la na cama, entre os despojos do livro que evocava as sombras. Para mergulhar naquela carne macia e ajustar contas com Deus e com Lúcifer, com o tempo inexorável, com os seus próprios fantasmas, com a morte e com a vida. Mas limitou-se a acender o cigarro e a expelir o fumo em silêncio. Ela ficou a olhá-lo durante muito tempo, esperando qualquer coisa: um gesto, uma palavra. Depois, deu boa-noite e dirigiu-se para a porta. Então, exactamente no umbral, viu-a voltar-se para ele e erguer lentamente uma mão, com a palma voltada para dentro e dois dedos, o indicador e o médio, unidos em direcção ao alto. E o seu sorriso abriu-se, simultaneamente terno e cúmplice, ingénuo e sábio. Como um anjo perdido que apontasse o céu com nostalgia.
A baronesa Frida Ungern fazia duas simpáticas covinhas nas faces ao sorrir. Na realidade, parecia ter sorrido sem interrupção durante os últimos setenta anos, tendo esse gesto deixado nos seus olhos e na sua boca uma expressão de permanente benevolência. Corso, que foi um leitor precoce, sabia desde pequeno que havia vários tipos de bruxa: madrastas fadas más, rainhas belas e perversas, e até velhas malvadas com verrugas no nariz. Mas, apesar das inúmeras referências obtidas em relação à velha baronesa, a verdade é que não a conseguia enquadrar em nenhum dos tipos habituais. Poderia ser uma dessas septuagenárias que vivem à margem da vida real, como que acolchoadas num sonho, sem que os aspectos desagradáveis da existência se interponham no seu caminho, se a profundidade dos seus olhos inteligentes, rápidos e desconfiados, não contradissesse aquela primeira impressão. E se a manga direita do seu casaco de malha não pendesse de um dos lados, vazia, com o braço amputado

por cima do cotovelo. Quanto ao resto, era gorducha, pequena, com aspecto de professora de Francês num internato de meninas. Do tempo em que havia meninas. Esse foi pelo menos o pensamento de Corso enquanto observava o seu cabelo grisalho preso na nuca com ganchos e os sapatos quase masculinos com meias (curtas, brancas.

- Corso, não é verdade?... Fico satisfeita por conhécê-lo, meu caro senhor. Estendia a única mão, pequena como o resto, com inusitada energia, tornando mais fundas as covinhas na cara. Tinha um ligeiro sotaque, mais alemão do que francês. Um certo Von Ungern, lembrava-se Corso de ter lido algures, tornara-se famoso na Manchúria, ou na Mongólia, nos inícios dos anos 20: uma espécie de senhor da guerra, o último a lutar contra o Exército Vermelho à frente de um bando andrajoso de russos brancos, cossacos, chineses, desertores e bandidos. Tudo isso com comboios blindados, saques, massacres e coisas do género, incluindo um epílogo ao amanhecer, em frente de um pelotão de fuzilamento. Talvez tivesse algo a ver com ela.

- Foi um tio-avô do meu marido. A família era russa, tendo emigrado para França com algum dinheiro antes da revolução. - Não havia nostalgia nem orgulho na recordação. Eram outros tempos, outras gentes, outro sangue, dizia a expressão da anciã. Estrangeiros desaparecidos antes de ela existir. - Eu nasci na Alemanha; a minha família perdeu tudo com os nazis. Casei aqui, em França, depois da guerra. - Retirou com cuidado uma folha seca de um vaso junto da janela e sorriu ligeiramente. - Nunca suportei o cheiro a naftalina da minha família por afinidade: as saudades de Sampetersburgo, o aniversário do czar... Era a mesma coisa que velar cadáveres.

Corso olhou para a mesa de trabalho coberta de livros e para as estantes cheias. Calculou um milhar, só naquele compartimento, onde pareciam estar os exemplares mais raros e valiosos, desde edições modernas a outras antigas, encadernadas em pele.

- E isto?

- É uma coisa diferente: matéria de estudo, não de culto. Trabalho com eles.

Maus tempos, meditava Corso, quando as bruxas, ou sejam lá o que forem, falam da família por afinidade e substituem o panelão dos esconjuros por bibliotecas, ficheiros e um lugar na secção de best-sellers dos grandes jornais. Através da porta aberta podia ver mais livros nos outros compartimentos e no corredor. Livros e plantas. Havia vasos por todos os lados: junto das janelas, no chão, em cima das estantes de madeira. O andar era muito grande e muito caro, com vista para os cais do Sena e demasiado longe, no tempo, das fogueiras da Inquisição. Várias mesas de leitura eram ocupadas por jovens com aspecto de estudantes e todas as paredes estavam cobertas de livros. Por entre folhas verdes

brilhavam os dourados de velhas encadernações; a Fundação Ungern tinha a mais importante biblioteca europeia especializada em ciências ocultas. Corso deu uma vista de olhos aos volumes que estavam mais próximos: Daemonolatriae Libri, de Nicolás Remy; Compendiam Maleficarum, Francesco Maria Guazzo; De Daemonialitate et Incubas et Sucubas, Ludovico Sinistrari... Além de um dos melhores catálogos sobre demonologia e da fundação que tinha o nome do defunto barão, seu marido, a baronesa Ungern possuía um sólido prestígio como autora de livros sobre magia e bruxaria. A sua última obra, Ísis: a Virgem Nua, estava há três anos na lista dos mais vendidos; o próprio Vaticano tinha feito disparar as vendas ao condenar publicamente o texto, que estabelecia inquietantes paralelismos entre a divindade pagã e a mãe de Cristo-oito edições em França, doze em Espanha, dezassete na católica Itália.

- Em que está agora a trabalhar?

- O Diabo: História e Lenda. Uma espécie de biografia popular que estará pronta no princípio do ano.

Corso detivera-se em frente de uma fila de livros, tendo atraído a sua atenção o Disquisitionum magicarum, de Martin dei Rio, os três volumes da edição príncipe de Lovaina, 1599-1600: um clássico sobre magia demoníaca.

- Onde o arranjou?

Frida Ungern demorou um pouco a responder, calculando a oportunidade da informação:

- No leilão de 89, em Madrid. Deu-me muito trabalho arrancá-lo ao seu compatriota Varo Borja. - Suspirou como se ainda estivesse esgotada pelo esforço. - E muito dinheiro. Nunca o teria conseguido sem a colaboração de Paco Montegrifo, conhece? Um homem encantador.

Corso sorriu de través. Não só conhecia Montegrifo, director da sucursal de Claymore em Espanha, como muitas vezes se associava a ele em operações heterodoxas e muito rentáveis, como a venda a determinado coleccionador suíço de uma Cosmographia de Ptolomeu, manuscrito gótico de 1456, recente e misteriosamente desaparecido da Universidade de Salamanca. Montegrifo vira-se com ele entre mãos, recorrendo a Corso como intermediário, e tudo se resolveu com discreção e limpeza, depois de uma breve passagem pela oficina dos irmãos Ceniza para eliminar um carimbo excessivamente comprometedor. O próprio Corso serviu de correio, indo com o livro até Lausana. Tudo incluído numa comissão de 30 por cento.

- Conheço o personagem. - Passou os dedos pelas nervuras que ornavam a lombada dos volumes do Disquisitionum magicarum, perguntando a si mesmo quanto teria cobrado Montegrifo à baronesa para manobrar o leilão a seu favor. - Quanto a este Martín del Rio, apenas vi um antes, na biblioteca dos jesuítas de

Bilbau... Encadernado numa só peça, em pele. Mas é a mesma edição.
Enquanto falava, deslocou a mão para a esquerda, ao longo da fila de livros, tocando noutros: havia exemplares interessantes, com boas encadernações em vitela, chagrém, pergaminho. Muitos eram medíocres, e em mau estado de conservação, e notava-se serem muito usados.
Quase todos tinham marcas, sinais entre as páginas feitos com tiras de cartolina branca cheias de uma caligrafia pequena e aguda, apertada, a lápis. Material de trabalho. Parou ao chegar a um volume que lhe era familiar: preto, sem título, cinco nervuras na lombada. O Número Três.
- Desde quando o tem?
Corso era um tipo controlado, é um facto. Ainda mais naquela altura da história. Mas tinha passado a noite trabalhando com as cinzas do Número Dois e não conseguiu evitar que a baronesa detectasse um tom especial na sua voz. Viu que o olhava desconfiada, apesar das carinhosas covinhas de velhinha jovem.
- As Nove Portas?... Não sei. Há muito tempo. - Movia a mão esquerda com segurança e rapidez. Sem qualquer esforço, tirou o livro da estante e, segurando a lombada na palma da mão, abriu-o com os dedos na primeira página ornamentada com diversos ex-líbris, alguns muito antigos. O último era um arabesco com o apelido Von Ungern. A data estava escrita em cima, a tinta, e ao vê-la abanou a cabeça com um gesto afirmativo, evocador. - Uma oferta do meu marido. Casei muito nova e ele tinha o dobro da minha idade... O livro foi comprado em 1949.
Era esse o mal das bruxas modernas, comentou mentalmente Corso: nem sequer tinham segredos. Estava tudo à vista em qualquer Quem É Quem ou revista de sociedade. Por muito baronesas que fossem, tinham-se tornado previsíveis. Vulgares. Torquemada teria enlouquecido de aborrecimento com tudo aquilo.
- O seu marido partilhava o seu interesse por estes temas?
- De maneira nenhuma. Nunca leu um livro. Limitava-se a satisfazer os meus desejos como o génio da lâmpada maravilhosa. O braço amputado pareceu estremecer por momentos na manga vazia do casaco.
- Tanto lhe fazia um livro caro como um colar de pérolas perfeitas...
- Deteve-se um instante, sorrindo com suave melancolia. - Mas foi um homem divertido, capaz de seduzir as esposas dos seus melhores amigos. E preparava excelentes coqueteis de champanhe.
Ficou calada um momento, olhando em redor como se o marido tivesse deixado um copo usado em qualquer lado.
- Tudo isto - continuou, abarcando a biblioteca com um gesto - fui eu que reuni. Cada título, um a um. Até escolhi As Nove Portas, ao descobri-lo no catálogo de um velho pétainista arruinado. O meu marido limitou-se a assinar o cheque.

- Porquê o Diabo?
- Vi-o um dia. Tinha quinze anos e vi-o como o estou a ver a si. Tinha colarinho duro, chapéu e bastão. Era muito belo; parecia-se com John Barrymore no papel de barão Gaigern em Grande Hotel. E apaixonei-me como uma idiota. - Ficou outra vez pensativa, com a única mão no bolso do casaco; a expressão da boca evocava algo distante e familiar. - Suponho que, por isso, nunca lamentei nada as infidelidades do meu marido.
Corso olhou em volta como se não estivessem sós no compartimento, antes de se inclinar, confidencial.
- Há apenas três séculos, tê-la-iam queimado por contar isso. Ela emitiu um som gutural e satisfeito, sufocando um risinho, e quase se pôs nas pontas dos pés para lhe sussurrar no mesmo tom:
- Há três séculos não teria contado a ninguém - confessou. - Mas conheço muitos que de boa vontade me levariam para a fogueira. - As covinhas acompanharam outro sorriso. Aquela mulher estava sempre a sorrir, constatou Corso, mas os seus olhos risonhos e lúcidos permaneciam atentos, estudando o seu interlocutor.
- Mesmo agora, em pleno século XX.
Entregou-lhe As Nove Portas e ficou a olhá-lo enquanto ele folheava o livro devagar, embora contendo dificilmente a impaciência para verificar possíveis alterações nas nove estampas que, com um íntimo suspiro de alívio, encontrou intactas. Portanto, a Bibliografia de Mateu tinha um erro: em nenhum exemplar faltava a última gravura. O Número Três estava mais deteriorado do que o de Varo Borja e também do que o de Victor Fargas antes de passar pela lareira. A parte inferior estivera exposta à humidade e quase todas as páginas tinham manchas, também a encadernação precisava de uma limpeza a fundo, mas o exemplar parecia completo.
- Quer beber qualquer coisa? - perguntou a baronesa. - Posso oferecer-lhe café ou chá.
Nada de filtros ou ervas mágicas, resignou-se Corso. Nem sequer tisana. Café.
O dia estava soalheiro e o céu era azul sobre as torres próximas de Notre-Dame. Corso dirigiu-se a uma das janelas e afastou a cortina para estudar o livro com melhor luz. Dois andares abaixo, entre as árvores sem folhas da margem do Sena, estava a rapariga, sentada num banco de pedra, com a canadiana vestida e lendo um livro. Sabia que era Os Três Mosqueteiros porque o vira em cima da mesa quando se encontraram ao pequeno-almoço. Depois, o caçador de livros avançara pela Rua Rivoli, sabendo que a jovem o seguia quinze ou vinte passos atrás. Decidiu deliberadamente ignorá-la, e ela manteve-se à distância. Agora viu-a erguer os olhos. Devia vê-lo bem lá de baixo, à janela e com As Nove Portas na mão, mas não fez qualquer gesto de reconhecimento. Limitou-se a

continuar a observá-lo, inexpressiva e imóvel, até ele se retirar para o interior. Quando se aproximou outra vez da janela, a jovem lia de novo, com a cabeça inclinada sobre o romance.
Havia uma secretária, uma mulher de meia-idade e óculos grossos que se movia por entre as mesas e os livros, mas Frida Ungern trouxe pessoalmente o café, duas chávenas numa bandeja de prata que segurava descontraidamente. Um olhar seu foi o suficiente para o dissuadir de oferecer ajuda e sentaram-se à mesa do escritório com a bandeja entre os livros, vasos, papéis e fichas com anotações.
- Como lhe surgiu a ideia desta fundação?
- Desagravamento em matéria de impostos. E também aparecem pessoas, conheço gente... - Esboçou um sorriso melancólico. - Sou a última bruxa e sentia-me sozinha.
- Não parece nada uma bruxa. - Corso exibiu a expressão adequada: coelho espontâneo e simpático. - Li o seu Isis.
Ela segurava a chávena de café com a mão e ergueu um pouco o coto do outro braço, ao mesmo tempo que inclinava a cabeça como se fosse arranjar o cabelo na nuca. Um gesto não consumado, antigo como o mundo e sem idade, de inconsciente garridice.
- E gostou?
Fitou-a nos olhos, por sobre a chávena fumegante que naquele momento levava aos lábios.
- Muito.
- Nem todos são da mesma opinião. Sabe o que disse U Osservatore Romano?... Que lamentava a supressão do índex do Santo Ofício. E o senhor tem razão. - Apontou com o queixo As Nove Portas que Corso colocara a seu lado em cima da mesa. - Noutros tempos ter-me-iam queimado viva, como ao desgraçado que escreveu esse Evangelho segundo Satanás.
- Acredita realmente no Diabo, baronesa?
- Não me chame baronesa. É ridículo.
- Como prefere que a chame?
- Não sei. Senhora Ungern. Ou Frida.
- Acredita no Diabo, Senhora Ungern?
- Pelo menos o suficiente para lhe dedicar a minha vida, a minha biblioteca, esta fundação, muitos anos de trabalho e as quinhentas páginas do novo livro... - Estudou-o com interesse. Corso tinha tirado os óculos para os limpar; o sorriso desamparado completava o efeito. - E o senhor?
- Toda a gente me pergunta isso ultimamente.
- É óbvio. Anda a fazer perguntas sobre um livro cuja leitura exige uma certa espécie de fé.

- A minha fé costuma ser escassa. - Corso arriscou um pouco de sinceridade; o género de franqueza que costumava ser rentável. - Na realidade, trabalho por dinheiro.
Acentuaram-se novamente as covinhas. Devia ter sido muito bonita meio século antes, pensou Corso, quando fazia esconjuros, ou fosse lá o que fosse, com os dois braços intactos, pequena e viva. Ainda restava nela um pouco dessa beleza.
- É pena - comentou Frida Ungern. - Outros, que trabalhavam de graça, acreditaram a pés juntos na existência do protagonista desse livro... Alberto Magno, Raimundo Lúlio, Roger Bacon, não discutiram nunca a existência do Diabo mas apenas a natureza dos seus atributos.
Corso ajeitou os óculos, doseando um pouco o sorriso céptico.
- Eram outros tempos.
- Mas não é preciso ir tão longe. "O Demónio existe, não apenas como símbolo do mal, mas como realidade física..." Agrada-lhe? Pois foi escrito por um papa, Paulo VI, em 1974.
- Era um profissional - concedeu Corso, equânime. - Lá teria as suas razões.
- Na realidade, não fez mais do que confirmar um dogma: a existência do Diabo foi estabelecida pelo Quarto Concílio de Latrão. Estou a falar de 1215... - Deteve-se, olhando-o hesitante. - Interessam-lhe os dados eruditos? Se me dá para aí, consigo ser insuportavelmente doutoral... - As covinhas acentuaram-se. - Sempre quis ser a primeira da aula. A ratinha sábia.
- E era-o, com certeza. Davam-lhe a faixa?
- Claro. E as outras pequenas odiavam-me.
Riram ambos, e o caçador de livros teve a certeza que Frida Ungern estava agora do seu lado. Portanto, tirou dois cigarros do sobretudo e ofereceu-lhe um que ela recusou, não sem antes o fitar com certo receio. Ignorando a expressão, Corso acendeu o cigarro.
- Dois séculos mais tarde - continuou a baronesa enquanto Corso ainda estava inclinado sobre o fósforo aceso - a bula papal de Inocêncio VIII Summis Desiderantes Affectibus confirmou que a Europa Ocidental estava enxameada de demónios e de bruxas. Então, os frades dominicanos Kramer e Sprenger redigiram o Malleus Malleficarum: um manual para inquisidores...
Corso levantou o dedo indicador.
- Lião, 1519. Gótico em oitavo, sem nome de autor. Pelo menos o exemplar que conheço.
- Nada mal. - Olhava-o, surpreendida. - Eu tenho outro posterior. - Apontou uma estante. - Pode vê-lo ali. Também Lião, publicado em 1669. Mas a primeira edição é de 1486... - Fez uma expressão de desagrado, semicerrando os olhos. - Kramer e Sprenger eram fanáticos e estúpidos; o seu Malleus é um perfeito

disparate. Até podia parecer divertido, se milhares de infelizes não tivessem sido torturados e queimados em seu nome.
- Como Aristide Torchia.
- Por exemplo. Embora esse não tivesse nada de inocente.
- O que sabe dele?
A baronesa abanou a cabeça, bebendo o que restava do café, e repetiu o gesto.
- Os Torchia eram uma família veneziana de comerciantes bem instalados, que importavam papel de tina espanhol e francês... O jovem cedo viajou para a Holanda, onde aprendeu o ofício com os Elzevir, correspondentes do pai. Ficou ali algum tempo e depois foi para Praga.
- Não sabia isso.
- Pois fica a saber. Praga: capital da magia e do saber oculto europeu, como quatro séculos antes fora Toledo... Está a ligar as coisas? Torchia escolheu para viver Santa Maria de Las Nieves, o bairro da magia, perto da Praça Jungmannovo onde se encontra a estátua de Juan Huss... Lembra-se de Huss junto da fogueira?
- Das minhas cinzas nascerá um cisne que não podereis queimar...?
- Exacto. É fácil conversar consigo. Suponho que o sabe, e isso é bom para o seu trabalho... - A baronesa aspirou involuntariamente um pouco de fumo do cigarro de Corso e fitou-o com ligeira reprovação, mas este manteve-se imperturbável. - Onde tínhamos deixado o nosso impressor?... Ah, sim. Praga, segundo acto: Torchia muda-se agora para uma casa da judiaria, não longe dali, perto da sinagoga. Um bairro onde há janelas acesas toda a noite; onde os cabalistas procuram a fórmula mágica do Golem. Depois de uma temporada, muda novamente de casa; desta vez, para o bairro da Mala Strana... - Dirigiu-lhe um sorriso cúmplice. - A que lhe soa isto?
- A peregrinação. Ou a viagem de estudo, como diríamos hoje.
- Também é a minha opinião - concordou a baronesa, satisfeita. Corso, plenamente adoptado, progredia com rapidez no seu quadro de honra particular. - Não pode ser mero acaso que Aristide Torchia percorra os três pontos onde se concentra todo o saber hermético da época. E isso numa Praga cujas ruas conservam o eco dos passos de Agripa e Paracelso, onde se encontram os últimos manuscritos conservados da magia caldeia, as chaves pitagóricas perdidas ou dispersas desde o massacre de Metaponto... - Inclinou-se um pouco ao mesmo tempo que baixava o tom de voz, quase confidencial: Miss Marple prestes a confiar à sua melhor amiga que descobrira cianeto nos bolinhos do chá.
- Nessa Praga, Senhor Corso, em gabinetes sombrios, há homens que conhecem a carmina, a arte das palavras mágicas; a necromância, a arte de comunicar com os mortos - fez uma pausa, contendo a respiração, antes de sussurrar - e a

goecia...
- ... A arte de comunicar com o Diabo.
- Isso mesmo! - A baronesa recostava-se no cadeirão, deliciosamente excitada com tudo aquilo. Brilhavam-lhe os olhos; estava no seu elemento, com uma certa precipitação na voz como se houvesse muito para contar e não tivessem tempo. - Nessa época, Torchia vive no local onde se escondem as páginas e as gravuras sobreviventes de guerras, incêndios e perseguições... Os restos do livro mágico que abre as portas do conhecimento e do poder: o Delomelanicon, a palavra que convoca as Trevas.
Disse-o com um tom secreto e quase teatral, mas acompanhado de um sorriso. Era como se ela própria não levasse aquilo demasiado a sério, ou recomendasse a Corso para conservar uma saudável distanciação.
- Concluída a sua aprendizagem - prosseguiu - , Torchia regressa a Veneza... Repare bem, porque é importante: apesar dos perigos que corre em Itália, o impressor abandona a relativa segurança de Praga para voltar à sua cidade, publicando ali uma série de livros comprometidos que acabarão por levá-lo à fogueira. Estranho, não é verdade? < - Parece que tinha uma missão a cumprir.
- Tem razão. Mas, encomendada por quem?... - A baronesa abriu As Nove Portas na página de título. - Este com privilégio e autorização dos superiores dá que pensar, não lhe parece? E muito provável que, em Praga, Torchia se tivesse filiado numa sociedade secreta que o encarregasse da difusão de uma mensagem; uma espécie de apostolado.
- Já o disse antes: o Evangelho segundo Satanás.
- Talvez. O caso é que Torchia publicou As Nove Portas no pior momento. Entre 1550 e 1666, o neoplatonismo humanista e os movimentos hermético-cabalísticos perdiam a batalha entre nuvens de rumores demoníacos... Os Giordano Bruno e os John Dee eram queimados ou morriam perseguidos e na miséria. Com o triunfo da Contra-Reforma, a Inquisição cresceu até à hipertrofia: criada para combater a heresia, especializou-se em bruxas, magos e sortilégios para justificar a sua sinistra existência. E agora surgia-lhe um impressor com ligações diabólicas... Também devemos convir que Torchia facilitou as coisas. Ora oiça: - passou várias páginas do livro, ao acaso - Pot. m.vere im.go... - Olhou para Corso. - Tenho muitas passagens traduzidas; a chave não é muito difícil. Poderei animar imagens de cera-, diz o texto. E enlouquecer a lua e devolver a carne aos corpos mortos... O que acha?
- Infantil. Parece estúpido deixar-se queimar por causa disso.
- Talvez. Nunca se sabe... Gosta de Shakespeare?
- Às vezes.
- Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que aquelas que imagina a tua

filosofia...
- Hamlet. Um rapaz inseguro.
- Nem toda a gente merece, nem pode, ter acesso a essas coisas ocultas, Senhor Corso. Segundo o velho princípio, há que saber e guardar segredo.
- E Torchia não guardou.
- O senhor sabe que, segundo a Cabala, Deus possui um nome terrível e secreto...
- O Tetragrammaton.
- Isso mesmo. Nas suas quatro letras se apoiam a harmonia e o equilíbrio do Universo... O Arcanjo Gabriel avisou Maomé: Deus está oculto por setenta mil véus de luz e de treva. E se esses véus se erguessem, até eu seria aniquilado... Mas Deus não é o único a ter um nome assim. Também o Diabo tem o seu: uma combinação de letras espantosa, maléfica, que ao serem pronunciadas o convocam e desencadeiam terríveis consequências.
- Isso não é novidade. Muito antes do cristianismo e do judaísmo já tinha um nome: a caixa de Pandora.
Olhou-o satisfeita, pronta para lhe conceder o diploma de aluno distinto.
- Muito bem, Senhor Corso. De facto, passamos a vida, e os séculos, falando das mesmas coisas com diferentes nomes: ísis e a Virgem Maria, Mitra e Jesus Cristo, o 25 de Dezembro como Natal ou como resto do solstício de Inverno, aniversário do Sol invicto... Lembre-se de Gregório Magno, que já no século VII recomendava aos missionários para utilizarem as festas pagãs, cristianizando-as.
Instinto comercial. No fundo, tratava-se de uma operação de mercado: atrair clientela alheia... Mas diga-me o que sabe de caixas de pandora e derivados, incluindo pactos diabólicos.
- A arte de encerrar diabos em garrafas e em livros é muito antiga... Gervásio de Tilbury e Gerson mencionavam-na já nos sécuOs XIII e XIV. E quanto aos pactos com o Demónio, a tradição é ainda mais antiga: desde o livro de Enoch até S. Jerónimo, passando pela Cabala e pelos padres da Igreja. Sem esquecer o bispo Teófilo, casualmente amante da sabedoria, o Fausto histórico e Roger Bacon... Ou o papa Silvestre II, de quem se diz que roubou aos Sarracenos um livro que continha tudo o que há para saber.
- Trata-se, então, de alcançar o conhecimento.
- Claro. Ninguém vai sofrer tantos contratempos e passear à beira do abismo só para passar tempo. A demonologia erudita identifica Lúcifer com a sabedoria. No Génesis, o Diabo em forma de serpente consegue que o homem deixe de ser um alienado estúpido e adquira consciência e livre arbítrio, lucidez... Com a dor e a incerteza que esse conhecimento e essa liberdade implicam.
O tom diabólico da conversa estava a avançar demasiado e era inevitável que

Corso pensasse na rapariga. Pegou em As Nove Portas e, com o pretexto de lhe dar outra vista de olhos com melhor luz, aproximou-se da janela; já lá não estava. Surpreendido, olhou para um lado e para outro da rua, para a margem do rio e para os bancos de pedra sob as árvores sem a encontrar. Aquilo intrigou-o, mas não tinha tempo para pensar no caso. Frida Ungern falava de novo:
- Gosta dos jogos de adivinhação? Dos problemas com chaves ocultas? De certo modo, esse livro que tem nas mãos é isso mesmo. O Diabo, como todos os seres inteligentes, gosta de jogos, de enigmas. Das corridas de obstáculos nas quais ficam para trás os fracos e incapazes e só triunfam os espíritos superiores, os iniciados. - Corso tinha-se aproximado da mesa, colocando em cima dela o livro aberto na página do frontispício, a serpente urobora enroscada na árvore. - Quem apenas vê uma serpente na figura que devora a própria cauda não merece ir mais longe.
- Para que serve este livro? - perguntou Corso.
A baronesa levou um dedo aos lábios, como o cavaleiro da primeira gravura. Sorria.
- Juan de Patmos diz que sob o reinado da Segunda Besta, antes da batalha final e decisiva de Armagedeão, ninguém poderá comprar ou vender senão o que tiver a marca, o nome da Besta ou o número do seu nome... Esperando que chegue a hora, conta-nos Lucas (IV, 13)" no fim do seu relato sobre as tentações, o Diabo, três vezes repudiado, retirou-se até ao tempo oportuno. Mas deixou diversas vias de acesso para os impacientes, incluindo a forma de chegar até ele, de pactuar com ele.
- Vender-lhe a alma.
Frida Ungern deu uma risadinha contida, confidencial. Miss Marple em plena tertúlia, entretida com mexericos diabólicos- Não sabes a última de Satanás. E mais isto e mais aquilo. É como te estou a contar, querida Peggy.
- O Diabo escarmentou-se - disse. - Era jovem e ingénuo e cometia erros: algumas almas escapavam-lhe à última hora Por entre os dedos, pela porta falsa, salvando-se à custa do amor, da misericórdia divina e de outros estratagemas semelhantes. Portanto, acabou por incluir uma cláusula de entrega não negociável do corpo e da alma uma vez ultrapassado o prazo, sem reserva de nenhum dieito para a redenção nem futuro recurso à misericórdia divina... Essa cláusula, com certeza, figura neste livro.
- Mundo cão! - disse. - Até Lúcifer tem de recorrer às letras pequenas.
- Compreenda-o. O Diabo é vigarizado com tudo, até com a alma. Os seus clientes escapulem-se e não cumprem as cláusulas do contrato. O Diabo está farto e com razão.
- O que mais contém o livro? Que significam as nove gravuras?

- Em princípio, são hieróglifos que devem ser decifrados, e a sua combinação com o texto proporciona o poder. É a fórmula para construir o nome mágico que faz Satanás aparecer.
- E funciona?
- Não. É falso.
- A senhora mesma o experimentou? Frida Ungern mostrou-se escandalizada.
- Vê-me realmente num círculo mágico, nesta idade, invocando Belzebu?... Por favor! Por muito que há meio século se parecesse com John Barrymore, os galãs também envelhecem. Imagina uma decepção com a minha idade? Prefiro ser fiel às recordações de jovem.
Corso arvorou uma expressão de astuta surpresa.
- Julguei que o Diabo e a senhora... Os seus leitores consideram-na como uma espécie de bruxa entusiasta.
- Pois enganam-se. O que eu procuro no Diabo é dinheiro, não emoções. - Olhou em volta, na direcção da janela. - Gastei a fortuna do meu marido a formar esta biblioteca e vivo dos meus direitos de autor.
- Que não são certamente nada para desdenhar. É a rainha das secções de livraria nos grandes armazéns...
- Mas a vida é cara, Senhor Corso. Muito cara, sobretudo quando para conseguir estes exemplares raros desejados, temos de entender-nos com gente como o nosso amigo Senhor Montegrifo... Satanás é uma boa fonte de lucro nos tempos que correm e é tudo. Com setenta anos já feitos não disponho de tempo para o dedicar a fantasias gratuitas e estúpidas, de clube de solteironas... Faço-me compreender?
Desta vez foi Corso quem sorriu.
- Perfeitamente.
- Se lhe afirmo que este livro é falso - prosseguiu a baronesa - é porque o estudei a fundo. Há qualquer coisa nele que não funciona: possui lacunas, espaços em branco. Falo em sentido figurado, pois a edição está completa... O meu exemplar pertenceu a madame de Montespan, amante de Luís XIV, suma sacerdotisa satânica que conseguiu integrar o ritual da missa negra nos hábitos do palácio... Há uma carta da Montespan para madame De Peyrolles, sua amiga e confidente, onde se queixa da ineficácia de um livro que, sublinha: "tem tudo o necessário que os sábios citam e, no entanto, há nele algo de inexacto, como um jogo de palavras que nunca fosse possível colocar na sequência correcta".
- Que outras pessoas o possuíram?
- O conde de Saint Germain, que o vendeu a Cazotte.
- Jacques Cazotte?
- O próprio. Autor de O Diabo Apaixonado, executado na guilhotina em 1792.

Conhece o livro?
Corso fez um gesto afirmativo e prudente. As relações eram tão óbvias que se tornava impossível ignorá-las.
- Li-o uma vez.
Num local qualquer da casa soava um telefone e ouviram-se os passos da secretária no corredor. Depois o som parou.
- Quanto a As Nove Portas - prosseguiu a baronesa - , o seu rasto desaparece aqui em Paris, nos dias do Terror revolucionário. Há algumas referências posteriores, mas muito imprecisas: Gérard de Nerval menciona-o por alto num dos seus artigos, garantindo tê-lo visto em casa de um amigo...
Corso pestanejou imperceptivelmente por trás das lentes dos óculos.
- Dumas foi amigo dele - disse, atento.
- Tem razão. Mas Nerval não precisa em casa de quem. A verdade é que nunca mais ninguém volta a ver o livro até à venda do pétainista, quando me veio parar às mãos...
Corso deixou de prestar atenção. Segundo a lenda, Gérard de Nerval tinha morrido enforcado com o cordão de um corpete de madame de Montespan. Ou seria da Maintenon?... Fosse como fosse, era impossível não estabelecer inquietantes associações com o cordão do robe de Enrique Taillefer.
A secretária interrompeu a sua reflexão ao aparecer à porta. Alguém chamava Corso ao telefone. Este pediu desculpa e atravessou por entre as mesas de leitores para se dirigir ao corredor, entre mais livros e vasos. Numa mesinha de canto de nogueira havia um telefone de modelo muito antigo, de metal, com o auscultador fora do descanso.
- Está?...
- Corso? Sou Irene Adler.
- Já percebi. - Olhou para o corredor deserto atrás de si; a secretária desaparecera. - Estava admirado por não continuares de sentinela... De onde estás a telefonar?
- Do bar-tabacaria da esquina. Há um homem de vigia à casa. Foi por isso que vim aqui.
Por instantes, Corso susteve a respiração. Depois procurou com os dentes uma pele na unha do polegar e puxou-a. Tinha que acontecer mais tarde ou mais cedo, disse para si mesmo com íntima resignação: fazia parte da paisagem, da decoração. Depois pronunciou uma palavra que sabia desnecessária:
- Descreve-o.
- Moreno, com bigode e uma grande cicatriz na cara. - A voz da rapariga soava serenamente, sem vestígios de emoção ou de consciência do perigo. - Está num BMW cinzento estacionado do outro lado da rua.

- Viu-te?
- Não sei, mas eu vejo-o a ele. Está há uma hora dentro do carro e já saiu duas vezes: uma para olhar os nomes nas campainhas da porta e a outra para comprar jornais.
Corso cuspiu a minúscula pele que tinha na boca e chupou o polegar. Ficara a doer.
- Ouve. Não sei o que pretende esse indivíduo, nem sequer se vocês dois fazem parte do mesmo esquema, mas não gosto de o saber perto de ti. Não gosto nada. Portanto, vai para o hotel.
- Não sejas imbecil, Corso, Vou para onde tiver de ir.
Ainda acrescentou: "Cumprimentos a Treville" antes de desligar o telefone. Corso fez um gesto entre a exasperação e o sarcasmo, porque pensava o mesmo e não lhe agradava a coincidência. Por isso permaneceu um momento olhando para o auscultador antes de voltar a pendurá-lo no descanso. É claro que ela estava a ler Os Três Mosqueteiros; inclusivamente tinha o livro aberto quando a viu da janela. No terceiro capítulo, recém-chegado a Paris e no meio da audiência com o Senhor de Treville, chefe dos mosqueteiros do rei, d'Artagnan vê Rochefort pela janela e, precipitando-se pela escada abaixo à sua procura, esbarra com o ombro de Athos, o boldrié de Porthos e o lenço de Aramis. Cumprimentos a Treville. Como brincadeira, a ser espontânea, era engenhosa. Mas Corso não achava graça nenhuma.
Depois de desligar o telefone, ficou parado na penumbra do corredor, reflectindo. Talvez esperassem dele precisamente isso: uma correria pelas escadas abaixo, de espada na mão, atrás do chamariz de Rochefort. Até o telefonema da rapariga podia fazer parte do plano; ou talvez, dispostos a dar uma reviravolta completa, fosse um aviso contra esse mesmo plano, se é que ele existia. E isto no caso de ela - Corso tinha demasiada experiência para pôr a mão no fogo por alguém - estar a fazer jogo limpo.
Maus tempos, disse de novo para si mesmo. Tempos absurdos. Depois de tantos livros, filmes e televisão, depois de tantos níveis de leitura possíveis, era difícil saber se nos defrontávamos com o original ou com a cópia; quando é que o jogo de espelhos devolvia a imagem real, a virtual ou a soma das duas e quais eram as intenções do autor. Era tão fácil não saber que dizer como fazer-se esperto. Mais um motivo para invejar o tetravô Corso, os seus bigodes de granadeiro e o cheiro a pólvora por sobre a lama da Flandres. Nessa altura, uma bandeira ainda era uma bandeira, o imperador era o imperador, uma rosa era uma rosa. De qualquer forma, naquele momento, em Paris e para Corso, uma coisa continuava clara: inclusivamente como leitor de segundo nível, estava disposto a manter o jogo apenas até determinados limites. E não tinha idade, nem inocência, nem vontade

de correr a bater-se em terreno escolhido pelos adversários, três duelos combinados em dez minutos, nos Carmelitas Descalços ou fosse lá onde fosse. Quando chegasse à altura de dizer olá, como está? aproximar-se-ia de Rochefort com todas as vantagens a seu favor, se possível por trás e com uma barra de ferro na mão. Devia-lho desde aquela viela estreita em Toledo, sem esquecer os juros acumulados em Sintra. Corso era dos que saldavam sempre as suas dívidas a frio. Sem pressas.

XI.

OS MOLHES DO SENA

> Considera-se insolúvel este mistério pelas mesmas razões que deveriam levar a considerá-lo solucionável.
> (E. A. Poe. Os Crimes da Rua Morgue)

- A " chave é elementar - disse Frida Ungern - , abreviaturas semelhantes às utilizadas nos antigos manuscritos latinos. Talvez porque Aristide Torchia retirou literalmente a maior parte do texto de outro manuscrito; talvez do lendário Delomelanicon. Na primeira gravura, o sentido é evidente para quem conhecer um pouco a linguagem hermética: NEM. PERV.T QUI N.N LEG. CERT.RIT é claro que significa NE MO PERVENIT QUI NON LEGITIME CERTAVERIT.
- Ninguém que não tenha combatido segundo as regras o consegue. Iam na terceira chávena de café e saltava à vista que, pelo menos formalmente, Corso tinha sido adoptado. Viu a baronesa concordar, satisfeita.
- Muito bem. Pode interpretar algum elemento dessa estampa?
- Não - mentiu Corso com sangue frio. Acabava de descobrir que, naquele exemplar, as torres da cidade rodeada de muralhas para onde se dirigia o cavaleiro, não eram quatro mas três... - Excepto o gesto do personagem, que parece eloquente.
- E é: voltado para o adepto, com um dedo sobre a boca, aconselhando silêncio... É o tacere dos filósofos das artes ocultas. Ao fundo, a cidade muralhada rodeia as torres, o segredo. Repare que a porta está fechada. É necessário abri-la.

Tenso, muito alerta, Corso passou mais páginas até chegar à segunda estampa: o eremita em frente de outra porta, com as chaves na mão direita. A legenda era CLAUS. PAT.T.

- CLAUSAE PATENT - decifrou sem dificuldade a baronesa - Abrem o fechado, as portas fechadas... O eremita significa conhecimento, estudo, sabedoria. A seu lado, repare, o mesmo cão preto que, segundo a lenda, acompanhava Agripa. O cão fiel... De Plutarco a Bram Stoker e ao seu Drácula, sem esquecer o Fausto de Goethe, o cão preto é um dos animais preferidos pelo Diabo para encarnar... Quanto à lanterna, pertence ao filósofo Diógenes, que tanto desprezava os poderes temporais e a única coisa que pedia ao poderoso Alexandre era que não lhe fizesse sombra, que se afastasse porque lhe estava a tapar o sol, a luz.
- E a letra Teth?
- Não tenho a certeza. - Bateu levemente na estampa. - O Eremita do Tarot,

muito parecido com este, é muitas vezes acompanhado por uma serpente, ou pelo bastão que a simboliza. Na filosofia ocul-tista, a serpente e o dragão são guardiães do recinto maravilhoso, jardim ou Velo, e dormem com os olhos abertos. São o Espelho da Arte.
- Ars diavoli - disse Corso ao acaso, e a baronesa esboçou um leve sorriso, concordando, misteriosa. Mas ele sabia, por intermédio de Fulcanelli e de outras antigas leituras, que o termo Espelho da Arte não se enquadrava na demonologia mas sim na alquimia. Perguntou a si própria intimamente que dose de charlatanice conteria a erudição com que o brindava a sua interlocutora e suspirou para dentro, sentindo-se como um pesquisador de ouro metido num rio até à cintura e com a peneira nas mãos. Afinal, concluiu, as quinhentas páginas de um best-seller tinham de ser preenchidas com qualquer coisa.
Mas Frida Ungern passava já à terceira estampa:
- O lema é VERB. D.SUM C.S.TARCAN. Quer dizer: VERBUM DIMISSUM CUSTODIAT ARCANUM. Podemos traduzir como: A palavra perdida guarda o segredo. E a gravura é significativa: uma ponte, a ligação entre a margem clara e a margem escura. Da mitologia clássica ao jogo da Glória, o sentido é evidente. Pode unir a terra com o Céu ou com o Inferno, tal como o arco-íris... Como é natural, para a atravessar é preciso antes abrir as portas fortificadas que a fecham.
- E o arqueiro escondido na nuvem?
Desta vez, quase se lhe alterou a voz ao formular a pergunta. Nos exemplares Um e Dois, pendia do ombro do arqueiro uma aljava vazia.
Mas no Número Três, a aljava tinha uma flecha. Frida Ungern apoiava um dedo em cima dela.
- O arco é a arma de Apoio e de Diana, a luz do poder supremo. A ira do deus, ou de Deus. É o inimigo que espreita quem atravessa a ponte. - Inclinou-se, murmurante e confidencial. - Aqui significa uma terrível advertência. Não é recomendável brincar com estas coisas.
Corso concordava, passando à quarta estampa. Sentia que na sua mente se iam rasgando véus; as portas começavam a abrir-se com rangidos demasiados sinistros. Agora tinha à sua frente o bobo e o seu labirinto de pedra, sob o lema: FOR. N.N O MN. A.QUE. Frida Ungern traduziu-o como FORTUNA NON OMNIBUS AEQUE: A sorte não é igual para todos.
- O personagem equivale ao louco do Tarot - esclareceu. - O louco de Deus do islão. Claro que também tem o seu bastão ou serpente simbólica) na mão... E o bobo medieval, o Joker do baralho, o coringa. Simboliza o Destino, o acaso, o fim de tudo, a conclusão esperada ou inesperada: observe os dados. Na época medieval, os bobos eram seres privilegiados; permitiam-lhes coisas proibidas aos

outros, tendo como missão recordar aos senhores a sua condição mortal e que o seu fim era tão inevitável como o dos restantes homens...
- Aqui diz o contrário - objectou Corso. - A sorte não é igual para todos.
- Claro! Quem se rebela, quem faz uso da sua liberdade e arrisca, pode conquistar um destino muito diferente. É disso que este livro trata, e daí o bobo, paradigma da liberdade. O único homem realmente livre e também o mais sábio. Na filosofia ocultista, o bobo identifica-se com o mercúrio dos alquimistas... Emissário dos deuses, conduz as almas através do reino das sombras.
- O labirinto.
- Sim, ele aí está. - Apontou a gravura. - E, como vê, a porta que lhe dá acesso está fechada.
A de saída também, observou Corso com um estremecimento involuntário, antes de passar mais páginas em busca da estampa seguinte.
- Esta legenda é mais simples - disse. - FR.ST.A. É a única que me atrevo a arriscar. Diria que faltam um u e um r: FRUSTRA. O que significa Em vão.
- Muito bem. É exactamente isso que diz, e a alegoria coincide com o lema. O avarento conta o seu ouro, alheio à Morte que segura nas mãos dois símbolos definitivos: a ampulheta e uma forquilha de camponês.
- Porquê uma forquilha e não um gadanho?
- Porque a morte ceifa, mas o Diabo faz a colheita.
Pararam na sexta gravura, o homem pendurado da ameia por um pé. Frida Ungern fez um gesto de aborrecimento com as mãos e a boca como se fosse demasiado óbvio.
- DIT.SCO M.R. é DITESCO MO RI: Enriqueço-me com a morte, frase que o Diabo pode pronunciar de cabeça levantada, não lhe parece?
- Creio que sim. Afinal, é o seu ofício. - Corso passou um dedo pela estampa. - O que simboliza o enforcado?
- Em primeiro lugar, o arcano número doze do Tarot. Mas há outras interpretações. Inclino-me para aquela que anuncia a mudança por intermédio do sacrifício. Conhece a Saga de Ódin?

Ferido, pendi de um cadafalso
varrido pelos ventos,
durante nove longas noites...

- .. Já que estamos a fazer associações - continuou a baronesa - Lúcifer, paladino da liberdade, sofre por amor aos homens. E proporciona-lhes o conhecimento por intermédio do sacrifício, condenando-se a si próprio.
- O que pode dizer-me da sétima estampa?

- DIS.S P.TI.R MAG. não é muito explícito, em princípio; mas interpreto como uma frase tradicional, muito apreciada pelos filósofos herméticos: DISCIPULUS POTIOR MAGISTRO.
- O discípulo supera o mestre?
- Pouco mais ou menos. O rei e o mendigo jogam xadrez nesse estranho tabuleiro onde todas as casas têm a mesma cor, enquanto o cão preto e o cão branco, o Mal e o Bem, lutam enraivecidos. Na janela aguarda a Lua, que é ao mesmo tempo a escuridão e a mãe. Lembre-se da crença mítica de que, depois da morte, as almas se refugiam na Lua. O senhor leu a minha Ísis, não é verdade? O preto é a cor simbólica das trevas e das sombras cimérias, o sabre da heráldica, terra, noite, morte... O preto de Isis é correspondente à cor da Virgem, que veste de azul e poisa sobre a Lua... Ao morrer regressamos a ela, à obscuridade de onde viemos, ambivalente por ser protectora e perigosa... Os cães e a Lua têm também outra interpretação: a deusa caçadora Ártemis, a Diana dos Romanos, era conhecida pela forma como se vingava dos que se apaixonavam por ela ou tentavam aproveitar-se da sua feminilidade... Suponho que sabe a que me refiro.
Corso, que pensava em Irene Adler, assentiu lentamente.
- Sei. Largava os seus cães aos admiradores, depois de os transformar em veados... - Engoliu em seco, sem querer. Os dois cães da gravura, travando uma luta/mortal, pareciam-lhe agora extraordinariamente sinistros. Ele e Rochefort? - ... para que fossem despedaçados.
A baronesa dirigiu-lhe um olhar neutro. Era Corso quem inventava subentendidos, não ela.
- Quanto à oitava estampa - continuou - não é muito difícil a sua interpretação básica: VIC. I.T VIR. corresponde a um bonito lema, VICTA IACET VIRTUS. O que significa: A Virtude jaz vencida. A Virtude é a donzela prestes a ser degolada por esse formoso jovem com espada e armadura, enquanto ao fundo gira a roda inexorável da Sorte ou do Destino, que avança lentamente mas dá sempre a volta completa. As três figuras que nela há simbolizam os três estádios que se representavam na Idade Média sob as palavras regno (reino), regnavi (reinei) e regnabo (reinarei).
- Falta-nos uma gravura.
- É verdade. A última e também a alegoria mais significativa. N.NC SCO TEN.BR. LUX é, sem dúvida, NUNC SCI O TENEBRIS LUX: Agora sei que das trevas vem a luz... Na realidade, estamos perante uma cena do Apocalipse de S. João. Quebrado o último selo, a cidade secreta em chamas, chegado o seu tempo e depois de ter sido pronunciado o nome terrível ou o número da Besta, a Cortesã de Babilónia cavalga, triunfante, sobre o dragão de sete cabeças...
- Não parece valer muito a pena - disse Corso - ter tanto trabalho para deparar

com este horror.
- Não se trata disso. Todas as alegorias são uma espécie de composições em código, de hieróglifos... Tal como numa página de passatempos o número 1, o sol e um dado podem formar a expressão um soldado, as estampas e as respectivas legendas, combinadas, permitem estabelecer com o texto do livro uma sequência, um ritual. A fórmula que proporciona a palavra mágica. O verbum dimissum, ou seja lá o que for.
- E o Diabo faz acto de presença.
- Teoricamente.
- Em que língua é o esconjuro? Latim, hebreu ou grego?
- Não sei.
- E onde reside a falha de que falava madame de Montespan?
- Já lhe disse que também não sei. Apenas consegui ficar a saber que o oficiante deve construir um território mágico para colocar as palavras obtidas, depois de as ordenar numa sequência cuja ordem desconheço, mas que poderia ser determinada com o texto das páginas 158 e 159 de As Nove Portas. Repare.
Mostrou-lhe o texto em latim abreviado. A página estava marcada com uma ficha de cartolina cheia de notas a lápis com a letra pequena e pontiaguda da baronesa.
- Conseguiu decifrá-lo? - perguntou Corso.
- Consegui. Ou pelo menos creio que sim. - Estendeu-lhe a ficha com anotações.
- Aí tem.
Corso leu:

E o animal uroboro que rodeia o labirinto
onde atravessarás oito portas antes do dragão
que obedece ao enigma da palavra.
Cada porta tem duas chaves:
a primeira é ar e a segunda matéria,
mas são ambas a mesma coisa.
Situarás a matéria na pele da serpente
no sentido da luz do levante,
e no seu ventre o selo de Saturno.
Abrirás o selo nove vezes,
e quando o espelho reflectir o caminho
alcançarás a palavra perdida
que traz a luz das trevas.

- O que acha? - perguntou a baronesa.

- Inquietante, parece-me. Mas não entendo uma palavra... E a senhora?
- Já lhe disse que não muito. - Passou as páginas do livro, preocupada. - Trata-se de um método, uma fórmula. Mas há qualquer coisa que não está como devia. E eu precisava de saber o que é.
Corso acendeu outro cigarro sem fazer comentários. Ele já conhecia a resposta a essa pergunta: as chaves do eremita, a ampulheta, a saída do labirinto, o tabuleiro de xadrez, a auréola... E mais coisas. Enquanto Frida Ungern explicava o sentido das alegorias, ele descobrira novas variações ,que confirmavam a sua hipótese: os três exemplares eram todos diferentes uns dos outros. Continuava o jogo dos erros e precisava de começar a trabalhar com urgência, mas não assim. Não com a baronesa pegada a ele.
- Gostaria de dar uma vista de olhos com calma a tudo isto - disse.
- Naturalmente. Disponho de muito tempo; vou gostar muito de ver como executa o seu trabalho.
Corso tossicou, pouco à-vontade. Estavam a chegar ao momento que receava: a parte aborrecida do assunto. - Trabalho melhor sozinho.
Aquilo caiu mal. Uma nuvem obscureceu o rosto de Frida Ungern.
- Receio não compreender. - Olhou a bolsa de lona de Corso com um interesse desconfiado. - Está a insinuar que o deixe sozinho?
- Peço-lhe. - Corso engolia saliva, tentando sustentar-lhe o olhar o máximo de tempo possível. - O que estou a fazer é confidencial.
A baronesa pestanejou ligeiramente. A nuvem estava carregada de tempestade, o caçador de livros teve a certeza que podia ir tudo por água abaixo de um momento para outro.
- O senhor é muito convencido, realmente. - O tom de Frida Ungern parecia capaz de gelar os vasos da sala. - Mas este livro é meu e esta casa é minha.
Chegado àquele ponto, qualquer um teria apresentado as suas desculpas antes de bater em retirada, mas Corso não procedeu assim. Permaneceu sentado, fumando sem desviar os olhos da baronesa. Por fim, sorriu cautelosamente: um coelho jogando ao sete-e-meio e pronto para pedir outra carta.
- Creio que me expliquei mal. - O seu sorriso não se definira por completo quando tirou da bolsa de lona um objecto muito bem embrulhado. - Apenas preciso de estar aqui um bocado com o livro e as minhas notas. - Bateu levemente com uma das mãos na bolsa, enquanto a outra mão oferecia o embrulho. - Verá como trago tudo o que é necessário.
A baronesa desfez o pacote e contemplou em silêncio o seu conteúdo. Tratava-se de uma edição em língua alemã - Berlim, Setembro de 1943 - um grosso folheto encadernado com o título Iden, publicação mensal do grupo Idus, círculo de adeptos da magia e da astrologia muito próximo dos jerarcas da Alemanha nazi.

Um cartão de Corso marcava uma página ilustrada. Nela, Frida Ungern, jovem e muito bonita, sorria para o fotógrafo. Cada um dos seus braços - ainda tinha os dois - estava enfiado no de um homem: o da sua direita vestia à paisana e a legenda da foto identificava-o como astrólogo particular do Führer. Ela era referida como sua ajudante, distinta menina Frida Wender. Quanto ao indivíduo da esquerda, usava lentes com aros de aço e tinha um aspecto tímido. Vestia o uniforme negro das SS e não era preciso ler a legenda da foto para reconhecer o Reichsführer Heinrich Himmler.

Quando Frida Ungern, Wender em solteira, levantou os olhos e o seu olhar se cruzou com o de Corso, já não parecia uma doce avozinha. Mas foi apenas um momento. Depois, concordou lentamente, enquanto arrancava cuidadosamente a página ilustrada para a rasgar em minúsculos bocados. E Corso pensou que as bruxas, as baronesas e as velhinhas que trabalham entre livros e vasos também têm o seu preço, como toda a gente. Victa iacet Virtus. E não via porque haveria de ser de outra forma.

Quando ficou só, tirou o dossier da bolsa e começou a trabalhar. Havia uma mesa junto da janela e foi instalar-se nela com As Nove Portas aberto na página de frontispício. Antes de começar, ergueu um pouco a cortina para dar uma vista de olhos. Do outro lado da rua havia um BMW cinzento estacionado; o tenaz Rochefort montava guarda. Corso olhou também para o bar-tabacaria da esquina, mas não viu a rapariga.

Dedicou-se ao livro: tipo de papel, pressão das gravuras, imperfeições e erratas. Agora sabia que os três exemplares apenas formalmente eram idênticos: encadernação em pele preta sem inscrição exterior, cinco nervuras, pentáculo na capa, número de páginas, a mesma disposição das estampas... Com suma paciência, folha por folha, foi completando os quadros comparativos iniciados com o Número Um. Na página 81, junto ao verso em branco da quinta gravura, descobriu outra ficha da baronesa. Era a tradução de um parágrafo dessa mesma página, decifrado:

Aceitarás o pacto de aliança que te ofereço, entregando-me a ti. E prometer-me-ás o amor das mulheres e a flor das donzelas, a honra das freiras, as dignidades, os prazeres e as riquezas dos poderosos, príncipes e eclesiásticos. Fornicarei de três em três dias e a embriaguez ser-me-á deleitosa. Uma vez por ano prestar-te-ei homenagem de confirmação deste contrato assinado com o meu sangue. Calcarei aos pés os sacramentos da Igreja e dirigir-te-ei orações. Não recearei a corda nem o ferro nem o veneno. Passarei por entre doentes de peste e leprosos sem macular a minha carne. Mas, acima de tudo, possuirei o Conhecimento, pelo qual os meus primeiros pais renunciaram ao Paraíso. Em virtude deste pacto, apagar-me-ás do livro da vida para me inscreveres no livro negro da morte. E a

partir de agora viverei vinte anos feliz na terra dos homens. E depois irei contigo para o teu Reino para maldizer a Deus.
Havia uma segunda anotação no verso da ficha, correspondente a um parágrafo decifrado de outra página:
Reconhecerei os teus servos, meus irmãos, pelo sinal impresso em qualquer parte do corpo, aqui ou além, cicatriz ou marca tua...
Corso praguejou em voz baixa e convicta, como se estivesse a murmurar uma oração. Depois olhou em seu redor os livros nas paredes, as lombadas escuras e gastas, e pareceu-lhe que um estranho e longínquo rumor chegava até ele vindo do interior deles. Cada um daqueles volumes fechados era uma porta por trás da qual se agitavam sombras, vozes, sons, abrindo caminho até ele vindos de um lugar profundo e escuro.
Então sentiu a pele arrepiada, como um vulgar crente.
Era já noite quando saiu para a rua. Deteve-se um instante no umbral olhando para a direita e para a esquerda e não viu nada que o inquietasse; o BMW cinzento tinha desaparecido. Subia do Sena uma névoa rastejante que ultrapassava o parapeito de pedra, deslizando sobre os paralelepípedos húmidos da calçada. As luzes amareladas dos candeeiros que iluminavam de longe em longe os cais do rio reflectiam-se no chão, iluminando o banco vazio onde a jovem estivera sentada.
Foi até ao bar-tabacaria sem a encontrar; procurou inutilmente o seu rosto entre as pessoas encostadas ao balcão ou nas estreitas mesas do fundo. Adivinhava em todo o passatempo uma peça mal colocada; qualquer coisa que, desde a chamada de aviso sobre a nova aparição de Rochefort, emitia no seu cérebro intermitentes sinais de alarme. Corso, cujo instinto se aguçara muito com os últimos acontecimentos, pressentiu o perigo na rua deserta, no nevoeiro húmido que subia do rio arrastando-se até à porta do local onde se encontrava. Sacudiu os ombros, numa tentativa para se libertar de tão incómoda sensação, comprou um maço de Gauloises e meteu no corpo dois gins sem pestanejar, um a seguir ao outro, até que as fossas nasais se dilataram e, lentamente, tudo ocupou o seu lugar correcto no universo, como o ajustar de uma lente em busca do foco. O sinal de alarme transformou-se num som longínquo, pouco audível, e os ecos do mundo exterior chegavam agora filtrados de maneira conveniente. Com um terceiro gin na mão, foi sentar-se numa mesa livre, junto do vidro um pouco embaciado da montra, para poder olhar a rua, a margem do rio e a névoa que ultrapassava o parapeito antes de reptar sobre os paralelepípedos, agitando-se em remoinhos quando era atravessada pelas rodas de um automóvel. Permaneceu assim um quarto de hora à espreita de qualquer indício estranho, com a bolsa de lona no chão, entre os pés. Continha boa parte das respostas ao mistério de Varo

Borja; o bibliófilo não gastara o seu dinheiro em vão.
Para começar, Corso tinha resolvido o problema das diferenças entre oito das nove gravuras. O exemplar Número Três ocultava alterações em relação aos outros dois nas estampas I, III e VI. Na primeira, a cidade muralhada para onde se dirigia o cavaleiro tinha três torres em vez de quatro. Quanto à terceira gravura, incluía uma flecha na aljava do arqueiro, enquanto que nos exemplares de Toledo e Sintra a aljava estava vazia. E, na sexta estampa, o enforcado pendia do pé direito, mas os seus gémeos dos exemplares Um e Dois pendiam do pé esquerdo. Assim, o quadro comparativo iniciado em Sintra podia ser completado da seguinte forma:

UM
I quatro torres
II mão esq.
III sem flecha
IIII sem saída
V areia baixo
VI pé esq.
VII tab. Branco
VIII sem aura
VIIII sem difer.

DOIS
I quatro torres
II mão dir.
III sem flecha
IIII com saída
V areia cima
VI pé esq.
VII tab. Preto
VIII com aura
VIIII sem difer.

TRÊS
I três torres
II mão dir.
III com flecha
IIII sem saída
V areia cima

VI pé dir.
VII tab. Branco
VIII sem aura
VIIII sem difer.

À laia de conclusão, aquilo significava que, apesar das estampas aparentemente serem gémeas, havia sempre uma diferente, excepto no caso da VIIII. E essas diferenças estavam distribuídas pelos três exemplares. Aquele aparente capricho ganhava sentido quando se estudavam, paralelamente, as diferenças entre as marcas do gravador que correspondiam às assinaturas do inventor, criador original das gravuras, e o sculptor, artista executor das xilografias: A.T. e LR:

UM
I AT(s) AT(i)
II AT(s) LF(i)
III AT(s) AT(i)
IIII AT(s) AT(i)
V AT(s) LF(i)
VI AT(s) AT(i)
VII AT(s) AT(i)
VIII AT(s) AT(i)
VIIII AT(s) AT(i)

DOIS
I AT(s) AT(i)
II AT(s) AT(i)
III AT(s) AT(i)
IIII AT(s) LF(i)
V AT(s) AT(i)
VI AT(s) AT(i)
VII AT(s) LF(i)
VIII AT(s) LF(i)
VIIII AT(s) AT(i)

TRÊS
I AT(s) LF(i)
II AT(s) AT(s)
III AT(s) LF(i)
IIII AT(s) AT(i)

V AT(s) AT(i)
VI AT(s) LF(i)
VII AT(s) AT(s)
VIII AT(s) AT(s)
VIIII AT(s) AT(s)

NEM. PERV.T QVI N.N LEG. CERT.RIT

CLAVS. PAT.T

VERB. D.SVM C.S.T ARCAN.

FOR. N.N OMN. A.QVE

FR.ST.A

DIT.SCO M.R.

DIS.S P.TI.R M.

VIC. I.T VIR.

N.NC SCO TEN.BR. LVX

Cruzando os dois quadros, verificava-se uma coincidência: em cada uma das estampas que tinham alterações em relação às suas duas outras supostas gémeas, havia também uma alteração nas iniciais correspondentes ao invenit. Isso significava que Aristide Torchia, actuando como sculptor, tinha executado em madeira todas as xilo-grafias com as quais foram tiradas as gravuras do livro. Mas como inventor do desenho ou da composição original, apenas figurava em dezanove das vinte e sete estampas que formavam o total. As outras oito, espalhadas pelos três exemplares, em número de duas no Um, três no Dois e outras tantas no Três, tinham um autor diferente, a quem correspondiam/as iniciais L.F. Foneticamente, muito próximas de um nome: Lúcifer.
Torres. Mão. Flecha. Saída do labirinto. Areia. Pé do enforcado. Tabuleiro. Aura: eram esses os erros. Oito diferenças, oito estampas correctas, sem dúvida copiadas do obscuro Delomelanicon original, e dezanove alteradas, inúteis, espalhadas nas páginas de três exemplares apenas idênticos no texto e na aparência. Por isso nenhum dos três era falso, mas também não era

completamente autêntico. Aristide Torchia confessara a verdade aos seus carrascos, mas não a verdade completa. Ficava um livro, com efeito. Oculto e tão a salvo da fogueira como vedado a mãos indignas. E as gravuras eram a chave. Ficava um livro escondido em três, sendo necessário reconstruí-lo de acordo com as chaves, as normas da Arte, se o discípulo superasse o mestre:

UM
I quatro torres
>II mão esq.
III sem flecha
IIII sem saída
>V areia baixo
VI pé esq.
VII tab. Branco
VIII sem aura
VIIII sem difer.

DOIS
I quatro torres
II mão dir.
III sem flecha
>IIII com saída
V areia cima
VI pé esq.
>VII tab. Preto
>VIII com aura
VIIII sem difer.

TRÊS
>I três torres
II mão dir.
>III com flecha
IIII sem saída
V areia cima
>VI pé dir.
VII tab. Branco
VIII sem aura
VIIII sem difer.

(Os aqui precedidos pelo sinal > estão no quadro marcados com um círculo e ligados de forma seguida I, II, III, etc. Nota da digitalização)

UM
I AT(s) AT(i)
>II AT(s) LF(i)
III AT(s) AT(i)
IIII AT(s) AT(i)
>V AT(s) LF(i)
VI AT(s) AT(i)
VII AT(s) AT(i)
VIII AT(s) AT(i)
VIIII AT(s) AT(i)

DOIS
I AT(s) AT(i)
II AT(s) AT(i)
III AT(s) AT(i)
>IIII AT(s) LF(i)
V AT(s) AT(i)
VI AT(s) AT(i)
>VII AT(s) LF(i)
>VIII AT(s) LF(i)
VIIII AT(s) AT(i)

TRÊS
>I AT(s) LF(i)
II AT(s) AT(s)
>III AT(s) LF(i)
IIII AT(s) AT(i)
V AT(s) AT(i)
>VI AT(s) LF(i)
VII AT(s) AT(s)
VIII AT(s) AT(s)
VIIII AT(s) AT(s)

(Os aqui precedidos pelo sinal > estão no quadro marcados com um círculo e ligados de forma seguida I, II, III, etc. Nota da digitalização)

Molhou os lábios no gin enquanto olhava a escuridão sobre o Sena, do lado de lá dos candeeiros que iluminavam parte dos cais, deixando densas sombras sob as árvores sem folhas. A verdade é que não sentia euforia pelo triunfo nem sequer a simples satisfação do culminar de um trabalho difícil. Conhecia bem aquele estado de espírito, a calma fria e lúcida quando o livro longamente perseguido chegava por fim às suas mãos; quando conseguia adiantar-se a um competidor, apanhar um exemplar de complicada aquisição ou desenterrar uma pepita de ouro num montão de escória e papel velho. Noutro tempo e lugar recordava Nikon etiquetando cassetes de vídeo em cima da alcatifa, junto ao televisor aceso, oscilando suavemente ao compasso da música - Audrey Hepburn apaixonada por um jornalista, em Roma - sem afastar de Corso os seus olhos grandes e escuros onde a vida parecia imprimir um constante assombro. Era já a época em que por trás daquele olhar assomava a dureza, a censura; presságios da solidão que ia caindo sobre eles como uma espécie de dívida a prazo fixo que não poderiam deixar de pagar. O caçador junto da peça, dissera Nikon em voz baixa, quase assombrada com a sua descoberta, pois talvez naquela noite o tivesse visto assim pela primeira vez: Corso recuperando o fôlego como um lobo pouco sociável que, depois de uma longa perseguição, desdenha a peça capturada. Predador sem fome nem paixão, sem um estremecimento perante a carne ou o sangue. Sem outro objectivo que não seja a caça em si mesma. Lucas Corso, tão morto como as tuas presas. Como esse papel quebradiço e seco que transformaste na tua bandeira. Cadáveres poeirentos que nem sequer amas, nem sequer te pertencem e dos quais não queres saber para nada.

Perguntou a si mesmo, num lampejo, o que diria Nikon daquilo que ele sentia naquele momento: o formigueiro nas virilhas e a boca seca apesar do gin, sentado à estreita mesa do bar-tabacaria, vigiando a rua sem se decidir a sair porque ali, no meio da luz e do calor, com o fundo de fumo de cigarro e o rumor de conversas nas suas costas, estava temporariamente a salvo do obscuro presságio, do perigo sem nome nem forma que intuía caminhar para ele através do colchão amortecedor do gin diluído no seu sangue, com a neblina rasteira, sinistra, que subia do Sena. Tal como naquela planície inglesa a branco e preto; Nikon teria sabido apreciar. Basil Rathbone imóvel, atento, ouvindo uivar à distância o cão dos Baskerville.

Decidiu-se, por fim. Depois de beber o último copo, colocou umas moedas em cima da mesa, pendurou a bolsa ao ombro e saiu para a rua levantando a gola do sobretudo. Antes de atravessar olhou para ambos os lados e ao chegar ao banco de pedra onde a rapariga estivera a ler foi seguindo ao longo do parapeito, pelo cais esquerdo. As luzes amareladas de uma barcaça que navegava no rio iluminaram-no de baixo ao passar junto de uma das pontes, recortando-lhe a

silhueta com um halo de bruma suja.
A margem e os cais do Sena pareciam desertos e apenas passavam alguns automóveis. Perto da estreita passagem da Rua Mazarin fez sinal a um táxi que não parou. Andou um pouco mais, até à Rua Guéné-gaud, disposto a atravessar para o Louvre por Pont Neuf. A neblina e os edifícios escuros davam àquele cenário um aspecto sombrio, sem época. Corso, estranhamente inquieto, lobo que pressente o perigo, farejava o ar à direita e à esquerda. Mudou a bolsa de ombro para deixar a mão direita livre e deteve-se, perplexo, olhando em redor. Precisamente naquele lugar - capítulo XI: A Intriga Adensa-se - d'Artag-nan tinha visto desembocar da Rua Dauphine, também a caminho do Louvre e na direcção da mesma ponte, Constance Bonacieux acompanhada por um cavalheiro que não era outro senão o duque de Buckingham e a quem a aventura nocturna valeu um palmo da espada de d'Artagnan dentro do corpo.
Eu amava-a, Mylord, e estava com ciúmes...
Talvez a sensação de perigo fosse fictícia, uma perversa armadilha criada por demasiadas leituras e o ambiente estranho, mas o telefonema da rapariga e o BMW cinzento à porta não eram produto da sua imaginação. Ouviram-se as badaladas de um relógio distante, e Corso deixou sair o ar dos pulmões. Tudo aquilo era ridículo.
Foi então que Rochefort lhe saltou em cima. Pareceu materializar-se das sombras, surgindo do rio, embora na realidade o tivesse seguido pelo cais, sob o parapeito, a fim de subir depois até ele por uma das escadas de pedra. Da escada soube Corso quando se viu a rebolar por ela. Nunca antes caíra assim e julgou que aquilo demoraria mais, degrau a degrau ou coisa do género, como no cinema; mas aconteceu tudo com muita rapidez. Depois da primeira pancada atrás da orelha direita com o punho fechado, muito profissional, a noite tornou-se turva e as sensações exteriores afastaram-se como se houvesse de permeio uma garrafa de gin. Graças a isso, não sentiu verdadeiramente a dor quando rolou pela escada abaixo, ferindo-se nas arestas de pedra, e chegou ao fundo contuso mas consciente; talvez um pouco surpreendido por não ouvir o splash - onomatopeia conradiana, foi a absurda associação - do seu corpo nas águas do rio. Do chão, com a cabeça nos paralelepípedos molhados do cais e as pernas nos últimos degraus da escada, olhou para cima e viu confusamente que a silhueta negra de Rochefort descia a escada três a três, direita a ele.
Estás fodido, Corso. Foi o único pensamento que conseguiu semi-articular. A seguir, fez duas coisas: primeiro, tentou dar um pontapé ao outro precisamente quando lhe passava por cima; mas o pouco enér- gico movimento perdeu-se no vácuo. Em face disso, só restava o antigo reflexo familiar: formar em quadrado e deixar que o fogo de fuzilaria se fosse desvanecendo no crepúsculo. Envolto na

humidade do rio e nas suas trevas pessoais - além do mais, perdera os óculos durante a refrega - fez um esgar. La Guardiã morre mas, além disso, cai pelas escadas. Portanto, formou em quadrado, enrolando-se sobre si mesmo para defender a bolsa que ainda tinha pendurada, ou enrolada, no ombro. Talvez o tetravô Corso apreciasse o seu gesto da outra margem do Lethes; era mais difícil descobrir se Rochefort também o apreciou.
A verdade é que, tal como Wellington, soube estar à altura da tradicional eficiência britânica: Corso ouviu um longínquo grito de dor - - que suspeitou ser proveniente da sua própria garganta - quando o outro lhe deu um forte e preciso pontapé nos rins.
Tudo aquilo prenunciava pouco futuro e o caçador de livros fechou os olhos, resignado, enquanto esperava que alguém voltasse a página. Sentia muito próxima a respiração de Rochefort inclinado sobre ele, remexendo primeiro na bolsa e dando depois um violento puxão na alça presa ao ombro. Isso fê-lo abrir os olhos outra vez, justamente para distinguir de novo a escada no seu campo de visão. Mas como tinha a cara encostada aos paralelepípedos do cais, via-a horizontal, num plano distorcido e ligeiramente desfocado. Por isso não compreendeu bem, a princípio, se a rapariga subia ou descia; apenas a viu chegar com incrível rapidez, as longas pernas enfiadas nos jeans saltando os degraus da direita para a esquerda e a canadiana azul que acabava de despir voando pelo ar, ou melhor, deslocando-se para um ângulo do ecrã por entre remoinhos de neblina, como a capa do fantasma da Ópera.
Pestanejou, interessado, numa tentativa para focar melhor a vista e deslocou um pouco a cabeça para manter a cena enquadrada. Pôde assim ver pelo canto do olho que Rochefort, invertido na imagem, tinha um sobressalto ao mesmo tempo que a rapariga ultrapassava os últimos degraus de voo para lhe cair em cima com um grito breve, seco, mais duro e cortante do que a aresta de um vidro partido. Ouviu-se um ruído surdo - paf, ou talvez tump - e Rochefort desapareceu do campo de visão de Corso como se o tivessem feito saltar dali com uma mola. Agora, só conseguia ver a escada torcida e deserta e por isso fez girar com esforço a cabeça na direcção do rio, apoiando a face esquerda nos paralelepípedos. A imagem continuava torcida: o chão de um dos lados, o céu escuro do outro, a ponte em baixo e o rio em cima; mas pelo menos Rochefort e a rapariga estavam ali. Por um décimo de segundo Corso pôde vê-la ainda imóvel, recortada no resplendor das luzes brumosas da ponte, com as pernas afastadas e as mãos à frente, como se pedisse um momento de calma para ouvir uma melodia distante cujas notas lhe interessassem particularmente. Na sua frente, com um joelho e uma mão no solo, semelhante a esses boxeurs que não se resolvem a pôr-se em pé enquanto o árbitro conta oito, nove, dez, estava

Rochefort. A luz que vinha da ponte iluminava-lhe a cicatriz e Corso teve tempo de ver a sua expressão de estupor antes de a rapariga emitir de novo aquele grito seco, cortante como uma faca, oscilar sobre uma das pernas e, erguendo a outra, com um movimento semicircular que não pareceu exigir-lhe o mínimo esforço, dar a Rochefort um pontapé incrível de um dos lados da cara.

XII.

BUCKINGHAM E MILADY

Aquele crime fora perpetrado com a cumplicidade de uma mulher.
(E. de Queirós. O Mistério da Estrada de Sintra)

Sentado no último degrau da escada, Corso tentava acender um cigarro. Ainda demasiado aturdido para recuperar a percepção espacial, não conseguia fazer coincidir no mesmo plano o fósforo e a ponta do cigarro. Além disso, um dos vidros dos óculos estava partido e tinha de piscar um olho para ver com o outro. Quando a chama lhe queimou os dedos, deixou cair o fósforo aos pés e manteve o cigarro na boca enquanto a rapariga, que tinha estado a apanhar o conteúdo da bolsa espalhado pelo chão do cais, se aproximava com ela na mão.

- Sentes-te bem?

Era uma pergunta objectiva, desprovida de solicitude ou ansiedade. Estava com certeza aborrecida pela forma estúpida como, apesar da sua advertência telefónica, Corso fora surpreendido como um incauto. Ele assentiu com a cabeça, humilhado e confuso. Consolava-o, apesar de tudo, a expressão de Rochefort antes de se afastar. A rapariga batera com precisão e crueldade, embora sem se encarniçar depois, quando ele ficou de barriga para o ar e a seguir se voltou, dorido, sem dizer água vai nem voltar à carga, afastando-se de rastos enquanto ela se desinteressava e recuperava a bolsa. Se tivesse dependido de Corso, teria ido atrás dele, torcendo-lhe o pescoço sem a mínima contemplação até que dissesse tudo o que sabia daquela história; mas estava demasiado fraco para se pôr em pé e também não era muito seguro que a jovem lho tivesse permitido. Tendo-se desembaraçado de Rochefort, só se preocupava com a bolsa e com Corso.

- Por que o deixaste ir embora?

Podiam ver ao longe a silhueta vacilante, prestes a perder-se na escuridão ao virar de uma das esquinas do cais, emtre barcaças atracadas ao longe que mais pareciam barcos fantasmas sobre a névoa baixa. Corso imaginou o tipo da cicatriz batendo em retirada, com o rabo entre as pernas e a boca feita num bolo, perguntando a si mesmo como raios a rapariga tinha sido capaz daquilo, e sentiu uma vingativa sensação de júbilo interior.

- Podíamos ter interrogado aquele filho da puta - lamentou-se. Ela tinha ido buscar a canadiana. Veio sentar-se a seu lado, no mesmo degrau, sem lhe responder logo. Parecia cansada.

- Há-de tornar a vir ter connosco - disse, observando Corso antes de desviar os olhos na direcção do rio. - Vê se estás mais atento da próxima vez.
Ele tirou da boca o cigarro húmido e começou às voltas com ele, desfazendo-o entre os dedos.
- Julguei que...
- Todos os homens julgam que. Até que lhes partem a cara. Verificou então que ela estava ferida. Não era grande coisa: corria- lhe do nariz para o lábio superior um fio de sangue que seguia depois pela comissura dos lábios até ao queixo.
- Tens o nariz a sangrar - disse, estupidamente.
- Já sei - respondeu ela sem se perturbar; apenas tocou um instante com os dedos, olhando-os quando os retirou sujos de sangue.
- Como te fez isso?
- A culpa foi praticamente minha. - Limpava os dedos às calças. - Logo no princípio caí em cima dele e chocámos.
- Quem te ensinou estas coisas?
- Que coisas?
- Vi-te ali, na margem. - Corso imitou desajeitadamente o gesto com as mãos. - Deste-lhe o que merecia.
Viu-a sorrir ligeiramente ao mesmo tempo que se punha em pé, sacudindo os fundilhos dos jeans.
- Uma vez lutei com um arcanjo. Ele venceu, mas consegui apanhar-lhe o truque.
Agora parecia muito jovem, com aquele fio de sangue na cara. Tinha pendurado a bolsa ao ombro e estendia uma mão, ajudando-o a pôr-se em pé. Surpreendeu-o a firmeza do contacto. Quando conseguiu levantar-se, doíam-lhe os ossos todos.
- Sempre julguei que os arcanjos usavam lanças e espadas.
Ela aspirava o sangue pelo nariz, com a cabeça inclinada para trás de forma a deter a hemorragia. Olhou-o de soslaio, com ar aborrecido.
- Viste muitas gravuras de Dúrer, Corso. É isso que te baralha.
Foram para o hotel pela Pont Neuf e corredor do Louvre sem mais incidentes. Numa zona iluminada observou que a jovem ainda sangrava. Tirou o lenço do bolso, mas quando fez menção de a ajudar ela própria lho arrancou das mãos para o pôr no nariz. Continuava absorta em pensamentos] que Corso era incapaz de adivinhar, mirando-a de soslaio: o pescoço esbelto e nu, o perfil perfeito, a pele mate na brumosa claridade dos candeeiros do Louvre. Ia com a bolsa ao ombro e a cabeça ligeiramente inclinada, gesto que lhe dava uma expressão decidida e teimosa ao mesmo tempo. Às vezes, ao virarem uma esquina em zonas mais escuras, os seus olhos atentos moviam-se para um lado e para outro, e a mão que segurava o lenço encostado ao nariz mantinha-se em baixo, tensa e alerta. Depois, nas arcadas mais iluminadas da Rua Rivoli, pareceu descontrair-

se um pouco. O nariz já não sangrava e devolveu-lhe o lenço manchado de sangue seco. Também o seu humor melhorara; já não lhe parecia tão censurável que Corso se tivesse deixado apanhar como um parvo. Poisou-lhe algumas vezes a mão no ombro enquanto andavam, com um gesto espontâneo, como se fossem dois velhos camaradas regressando de um passeio. Fê-lo de forma muito natural; talvez que, fatigada, também precisasse de apoio. A princípio, aquilo agradou a Corso, a quem a caminhada ia devolvendo a lucidez. Depois, aborreceu-o um pouco. O contacto no seu ombro despertava uma sensação insólita, não completamente desagradável mas inesperada. Fazia-o sentir-se terno por dentro, como os caramelos moles.

Naquela noite Grúber estava de serviço. Permitiu-se um breve olhar mquisitivo ante o aspecto do par - o sobretudo sujo e húmido e os óculos com um vidro partido do caçador de livros e a cara suja de sangue da rapariga - mas não exteriorizou qualquer emoção. Apenas ergueu uma sobrancelha, cortês, com uma muda inclinação de cabeça que o punha à disposição de Corso, até que este o tranquilizou com um gesto. O recepcionista entregou-lhe uma mensagem fechada, juntamente com as duas chaves. Entraram no elevador e dispunha-se a abrir o envelope quando viu que o nariz da jovem começava a sangrar de novo. Meteu a mensagem no bolso do sobretudo ao mesmo tempo que recorria de novo ao lenço. O elevador deteve-se no andar dela e Corso sugeriu que chamasse um médico, mas a rapariga negou com a cabeça, saindo. Após um momento de hesitação, seguiu-a pelo corredor em cuja alcatifa ia ficando um rasto de pequenas gotas de sangue. Uma vez no interior do quarto, fê-la sentar-se na cama, foi ao quarto de banho e molhou uma toalha.

- Põe-a na nuca e deita a cabeça para trás.

Obedeceu sem despegar os lábios. Toda a energia demonstrada na margem do rio parecia ter-se esvaído, talvez por causa da hemorragia. Tirou-lhe a canadiana e as sapatilhas para a deitar na cama, colocando a almofada dobrada por baixo dos ombros; abandonava-se como uma criança exausta. Antes de apagar todas as luzes excepto a do quarto de banho, Corso lançou uma vista de olhos pelo compartimento: à parte a escova de dentes, o tubo de pasta dentífrica e um pequeno frasco de champô por baixo do espelho do lavabo, os únicos pertences visíveis da rapariga eram a sua canadiana, a mochila aberta sobre o cadeirão, os postais comprados na véspera com *Os Três Mosqueteiros*, uma camisola de lã cinzenta, umas T-shirts de algodão e umas calcinhas brancas secando sobre o radiador. Depois da exploração, olhou a jovem, pouco à vontade, indeciso entre a ideia de sentar-se na borda da cama ou em qualquer outro lugar. A sensação experimentada na Rua Rivoli continuava presente, no seu estômago ou fosse lá onde fosse. Mas não podia ir embora sem mais nem menos; não antes de ela

estar melhor. Por fim resolveu permanecer de pé. Tinha as mãos nos bolsos do sobretudo e uma delas tocava no frasco de gin vazio. Lançou um olhar de cobiça ao minibar, ainda com o selo do hotel intacto. Morria por um bom gole.
- Portaste-te muito bem lá em baixo, no rio - disse, para dizer qualquer coisa. - Ainda não te agradeci.
Ela sorriu ligeiramente, sonolenta, mas os seus olhos, com as pupilas dilatadas pela penumbra, tinham seguido todos os gestos de Corso.
- O que está a acontecer? - perguntou ele.
Sustentou-lhe o olhar com um lampejo de ironia, dando a entender que a pergunta era absurda.
- Pelos vistos, querem qualquer coisa que tu tens.
- O manuscrito Dumas?... As Nove Portas?
A jovem suspirou levemente. Talvez nada disso tenha assim tanta importância, parecia sugerir.
- És esperto, Corso - disse por fim. - Devias ter algumas hipóteses.
- Tenho demasiadas. O que me faltam são provas.
- As provas nem sempre são necessárias.
- Isso é só nos romances policiais: basta a Sherlock Holmes ou a Poirot imaginar quem é o assassino e como cometeu o crime. Depois, inventam o resto e contam-no como se fosse verdade. Então Watson ou Hastings, admirados, aplaudem e dizem: "Bravo, mestre, foi exactamente assim." E o idiota do assassino confessa.
- Eu também estou disposta a aplaudir.
Desta vez não houve ironia no comentário. Observava-o fixamente, atenta, esperando uma palavra ou um gesto da parte dele. Mexeu-se, pouco à vontade.
- Já sei - disse. A rapariga continuava a suster-lhe o olhar como se, na realidade, nada tivesse a ocultar. - E pergunto a mim mesmo porquê.
Esteve quase a acrescentar: "Isto não é um romance de polícias e ladrões, mas sim a vida real". Não o fez porque, naquele ponto do enredo, a linha que separava o real do imaginário lhe parecia um tanto difusa. Corso, ser concreto de carne e osso, com Bilhete de Identidade e domicílio conhecido, com uma consciência física de que nesse momento, depois do episódio da escada, eram prova os seus ossos doridos, cedia cada vez mais à tentação de se considerar um personagem real num mundo irreal. Aquilo não tinha graça nenhuma, porque daí a julgar-se também personagem irreal imaginando-se a si mesmo real num mundo irreal só faltava um passo: o que separava estar no seu perfeito juízo de ficar pírulas. E interrogou-se se alguém, um arrevesado romancista ou um bêbado autor de guiões baratos, o estaria imaginando a ele naquele momento como personagem irreal que se imaginava irreal num mundo irreal. Aquilo já estava a passar das marcas.

O raciocínio acabou por secar-lhe a boca por completo. Ali estava, de pé em frente da rapariga, com as mãos nos bolsos do sobretudo e a língua forrada com lixa. Se fosse irreal - pensou, aliviado - ficaria com os cabelos em pé, exclamaria: Que fatalidade! ou o suor perlar-lhe-ia a fronte, mas não teria aquela sede. Bebo, logo existo. Assim, precipitou-se em direcção ao minibar, fez saltar o selo e engoliu uma garrafinha de gin de um gole, sem mais delongas. Quase sorria quando se ergueu, fechando a porta como quem fecha um sacrário. Lentamente, as coisas ocuparam de novo o seu lugar no universo.

Havia pouca luz no quarto. A do quarto de banho, amortecida, iluminava em diagonal parte da cama onde a rapariga permanecia. Observou os seus pés descalços, as pernas modeladas pelos jeans, a T-shirt com gotas de sangue seco. Deteve-se depois no longo e esguio pescoço moreno, nu; na boca entreaberta deixando ver, na penumbra, a extremidade dos incisivos muito brancos ; nos olhos que continuavam presos nele. Tocou na chave do seu quarto dentro do bolso do sobretudo, enquanto engolia em seco. Tinha de se ir embora dali.

- Estás melhor?

Ela assentiu sem responder. Corso consultou o relógio, apesar de não lhe interessarem as horas. Não se lembrava de ter ligado a rádio ao entrar, mas havia música algures. Uma canção melancólica, em francês. A rapariga de um bar, num porto, apaixonada por um marinheiro desconhecido.

- Bem. Tenho de ir embora.

A voz da mulher continuava a entoar a sua canção na rádio. O marinheiro - como se estava mesmo a perceber - tinha partido para sempre e a rapariga do bar contemplava a cadeira vazia e o círculo húmido deixado pelo seu copo sobre a mesa. Corso aproximou-se da mesa-de-cabeceira para recuperar o lenço e utilizou a parte mais limpa para desembaciar a única lente intacta dos óculos. Pôde ver nesse momento que o nariz da rapariga sangrava de novo.

- Outra vez! - exclamou.

O fio de sangue recomeçava a escorrer pelo lábio superior e o canto da boca. Ela levou uma mão à cara e sorriu, estóica, olhando os dedos sujos de sangue.

- Não tem importância.

- Devias ser vista por um médico.

Semicerrou um pouco as pálpebras enquanto negava com a cabeça, docemente. Parecia muito desamparada, assim, na penumbra do quarto, apoiada na almofada onde gotejavam grossos pingos escuros. Ainda com os óculos na mão, sentou-se na borda da cama enquanto lhe aproximava o lenço da cara. E quando se inclinou para ela, a sua sombra, recortada na parede com a claridade diagonal do quarto de banho, pareceu hesitar entre a luz e a escuridão antes de se esfumar num canto.

Então/ a rapariga teve um gesto inesperado, estranho. Não fazendo caso do lenço que lhe oferecia, estendeu para Corso a mão manchada de sangue e tocou-lhe na cara, traçando-lhe com os dedos quatro linhas vermelhas da testa ao queixo. Não retirou a mão depois da singular carícia e deixou-a ficar ali, quente e húmida, enquanto ele sentia as gotas de sangue deslizarem pela quádrupla marca deixada na sua pele. As íris claras reflectiam a luz que vinha da porta entreaberta e Corso estremeceu ao encontrar nelas o duplo reflexo da sua sombra perdida.

Ouvia-se outra canção na rádio, mas ambos deixaram de ouvir. A jovem cheirava a calor e a febre, notando-se uma suave palpitação sob a pele do pescoço nu. O quarto passava de luzes e sombras para claros-escuros onde os objectos perdiam os seus contornos. Ela murmurou qualquer coisa ininteligível com uma voz muito baixa e brilharam momentâneos lampejos no seu olhar quando a mão deslizou para a nuca de Corso, estendendo em torno do pescoço a mancha de sangue tépido. Com o sabor de uma dessas gotas na língua, inclinou-se para ela, até à ternura dos seus lábios entreabertos de onde brotava agora um suave gemido que parecia vir de muito longe, lento e monótono, do fundo dos séculos. Por um breve instante, no pulsar daquela carne, transformaram-se em vida todas as anteriores mortes de Lucas Corso, como se viessem à deriva na corrente de um rio escuro e tranquilo, de águas densas semelhantes a verniz. E lamentou que ela não dispusesse de um nome para tatuar com esse instante na sua mente.

Foi apenas um segundo. Depois, recuperando a expressão lúcida, o caçador de livros viu-se a si próprio sentado na borda da cama, com o sobretudo vestido e fascinado como um perfeito imbecil, enquanto ela se afastava um pouco e, arqueando os rins como um formoso animal jovem, desabotoava o botão dos jeans. Observou-a com uma espécie de benevolente sorriso interior, com essa indulgência entre céptica e fatigada que concedia às vezes a si próprio. Com mais curiosidade do que desejo. Ao fazer correr o fecho, a rapariga pôs a descoberto um triângulo de pele escura em contraste com o algodão branco das calcinhas, arrastadas pelos jeans quando se desembaraçou deles; e as suas pernas longas, bronzeadas, estendidas sobre a cama, deixaram Corso - os dois Corso - sem fôlego, tal como tinham deixado Rochefort sem dentes. Ela ergueu depois os braços para tirar a T-shirt; fê-lo com absoluta naturalidade, sem garridice nem indiferença, mantendo fixos nele os seus olhos tranquilos e doces até que a T-shirt lhe cobriu a cara. Então, o contraste foi maior: mais algodão branco, desta vez deslizando para cima sobre a pele tisnada, a carne firme, cálida, a cintura esbelta, os seios pesados e perfeitos, recortados na penumbra pelo contraluz, o nascimento do pescoço, a boca entreaberta e outra vez os olhos, com toda a luz roubada ao céu. Com a sombra de Corso lá dentro, cativa como uma alma presa no fundo de uma dupla bola de cristal ou de uma esmeralda.

A partir desse momento, soube com absoluta certeza que não ia ser capaz. Foi uma dessas intuições lúgubres que precedem alguns acontecimentos e os marcam, mesmo antes de ocorrerem, com sinais premonitórios do desastre inevitável. Dito de forma mais prosaica: ao mesmo tempo que atirava o resto da sua roupa para que se fosse juntar ao sobretudo caído aos pés da cama, Corso verificou que a erecção inicial provocada pelas circunstâncias se encontrava em franco retrocesso. Há, mas estão verdes. Ou, como teria dito e tetravô bonapartista, La Garde recule. Por completo. Aquilo provocou-lhe uma súbita angústia, embora confiasse em que, de pé como estava no contraluz da porta, o seu estado de inoportuna flacidez passasse desapercebido. Com infinitas precauções, deixou-se cair de barriga para baixo ao lado do corpo quente e moreno que esperava na penumbra, para utilizar aquilo que, na lama da Flandres, o imperador designara por aproximação táctica indirecta: apalpação do terreno de meia distância e ausência de contacto na zona crítica.

Daquela prudente posição tentou conceder a si próprio um pouco de tempo para ver se Grouchy chegava com os reforços, acariciando jovem e beijando-a sem pressas na boca e no pescoço. Mas nada de nada, Grouchy não aparecia de lado nenhum; aquele soprador de vidro anda à caça de prussianos, longe do campo de batalha. E a angústia de Corso transformou-se em pânico quando a rapariga se abraçou a ele meteu uma coxa firme, perfeita e quente entre as suas e pôde apercebèr-se da dimensão do desastre. Viu-a sorrir ligeiramente, um tanto desconcertada, um sorriso de encorajamento do género vamos, campeão, sei que és capaz de o fazer. Depois, beijou-o com extraordinária doçura ao mesmo tempo que estendia uma mão voluntariosa, decidida a resolver o assunto. E precisamente no momento em que sentiu o contacto dessa mão no próprio epicentro do drama, Corso veio-se abaixo por completo Com o Titanic. A pique, sem meias medidas. Com a orquestra tocando na coberta e as mulheres e crianças primeiro. Os vinte minutos seguintes foram de agonia; daqueles em que pagamos tudo o que de mau fizemos na vida. Ataques heróicos que esbarravam contra a imperturbabilidade das formações de fuzileiros escoceses. A infantaria de linha ao assalto apenas vislumbrava uma ligeira possibilidade de vitória. Incursões improvisadas de caçadores e de infantaria ligeira, num inútil desejo de surpreender o inimigo. Escaramuças de hussardos e pesadas cargas de soldados de cavalaria com couraça. Mas todas as tentativas tiveram idêntica sorte: Wellington pavoneava-se na inatingível aldeiazinha belga, enquanto o seu gaiteiro-mor tocava a marcha dos Escoceses Cinzentos mesmo no nariz de Corso, e a Velha Guarda, ou o que dela restava, lançava aflitivos olhares de soslaio, com os dentes cerrados e sufocando a respiração de encontro aos lençóis, ao relógio que, para desgraça sua, conservava no pulso. Da raiz do

cabelo, Corso sentia escorrer pela nuca abaixo gotas de suor do tamanho de punhos. E olhava desvairadamente em redor, por cima do ombro da rapariga, procurando com desespero uma pistola para dar um tiro nos miolos.

Ela dormia. Com infinitas precauções para não a despertar, estendeu uma mão até ao sobretudo, procurando um cigarro. Depois de o acender, soerguido num cotovelo, ficou-se a olhá-la. Estava de barriga para cima, nua, com a cabeça deitada para trás sobre a almofada manchada de sangue já seco, respirando suavemente pela boca entreaberta. Continuava a cheirar a febre e a carne tépida. A luz indirecta do quarto de banho, que a delineava em luz e sombra, Corso admirou o seu corpo imóvel, perfeito. Aquilo, disse para si mesmo, era uma obra-prima da engenharia genética; e interrogou-se sobre que mistura de sangues, ou de enigmas, saliva, pele, carne, sémen e acaso, coincidira no tempo para unir os escalões da cadeia que nela culminavam. Todas as mulheres, todas as fêmeas criadas pelo género humano estavam ali, resumidas naquele corpo de dezoito ou vinte anos. Observou o palpitar do sangue no pescoço, o bater quase imperceptível do coração, a linha curva e suave que ia dos músculos dorsais à cintura e se alargava nas ancas. Aproximou uma mão para acariciar com a ponta dos dedos o pequeno triângulo frisado, ali onde a pele era um pouco mais clara, entre as coxas onde ele fora incapaz de bivacar de forma canónica. A rapariga encarara a situação impecavelmente, sem lhe dar importância de maior e desejando que o caso derivasse para uma brincadeira leve e cúmplice quando por fim compreendeu que, por parte de Corso e naquele assalto, não ia haver mais cera do que aquela que ardia. Isso teve a virtude de descontrair o ambiente; ou, pelo menos, impediu que ele, à falta de uma arma de fogo - não se abatiam os cavalos? - , se atirasse de encontro ao canto da mesa-de-cabeceira, dando cabeçadas até partir a testa, alternativa que chegou a considerar no meio da sua perturbação e que só conseguiu pôr de parte parcialmente dando um disfarçado murro na parede que esteve quase a fracturar-lhe os nós dos dedos. Aquilo fez com que ela, surpreendida pelo brusco movimento e pela repentina tensão do corpo, o fitasse, sobressaltada. A verdade é que a dor e os esforços para não dar um uivo acalmaram um pouco Corso, que conseguiu arranjar a presença de espírito suficiente para esboçar um meio sorriso crispado e dizer à jovem que aquilo costumava acontecer-lhe apenas as trinta primeiras vezes. Tinha desatado a rir, abraçada a ele, beijando-lhe os olhos e a boca, divertida e terna. És um palerma, Corso; não tem importância nenhuma. Mesmo assim, ele fez a única coisa que naquela altura podia fazer: uma faena de diversão minuciosa, com dedos hábeis em local adequado e resultados, se não gloriosos, pelo menos razoáveis. Depois, ao recuperar o fôlego, a jovem olhou-o durante um longo

momento em silêncio antes de o beijar longa e profundamente até que a pressão dos seus lábios foi cedendo e adormeceu.
A brasa do cigarro iluminava os dedos de Corso na penumbra. Reteve o fumo o máximo tempo que pôde nos pulmões e depois expeliu-o de chofre, vendo-o materializar-se no espaço ao atravessar a faixa de luz sobre a cama. Sentiu que a respiração da jovem se interrompia por um instante e fitou-a, atento. Franzia as sobrancelhas gemendo baixinho, como uma criança com um sonho mau. Depois, sempre a dormir, voltou-se parcialmente para ele sobre um dos lados, com o braço por baixo dos seios nus e a mão junto da cara. Quem raio és, interrogou-a uma vez mais sem palavras, mal-humorado, embora se inclinasse depois para beijar o rosto imóvel. Acariciou-lhe o cabelo curto, o contorno da cintura e as ancas delineadas agora de modo perfeito no contraluz do quarto. Havia mais beleza naquela suave linha curva do que numa melodia, numa escultura, num poema ou num quadro. Aproximou-se para cheirar o pescoço morno e, naquele momento, o seu próprio pulso começou a palpitar com mais força, despertando-lhe a carne. Calma, disse. Sangue frio e nada de pânico desta vez. Actuemos. Ignorava durante quanto tempo poderia manter-se aquilo e portanto apagou precipitadamente o cigarro no cinzeiro da mesa-de-cabeceira para se agarrar à rapariga, comprovando que o seu organismo correspondia ao estímulo de forma satisfatória. Então afastou-lhe as coxas e atingiu por fim, aturdido, um paraíso húmido, acolhedor, que parecia feito de nata quente e mel. Verificou que ela se movia, ensonada, e que lhe passava os braços em torno dos ombros, embora não estivesse completamente acordada. Beijou-a no pescoço e na boca, que exalava um queixume longo e infinitamente doce, e verificou que movia as ancas para se unir a ele e compassar o movimento. E quando mergulhou até ao fundo da carne e de si mesmo, abrindo passagem sem esforço até ao local perdido na sua memória de onde, por instinto, procedia, ela tinha já aberto os olhos e fitava-o, surpreendida e feliz, reflexos verdes através das longas pestanas húmidas. Amo-te, Corso. Amoteamoteamoteamote. Amo-te. Depois, em dado momento, ele teve de morder a língua para não dizer idêntica asneira. Observava-se a si mesmo de longe, assombrado e incrédulo, sem quase se reconhecer: atento a ela, pendente das suas palpitações, dos seus gestos, antecipando-se ao desejo à medida que descobria os esconderijos secretos, as chaves íntimas daquele corpo suave e tenso ao mesmo tempo, solidamente enlaçado no seu. Continuaram assim durante mais de uma hora. Depois Corso perguntou à rapariga se estava em período fértil ou não e ela disse-lhe que não se preocupasse, que tinha tudo sob controlo. Então ele penetrou-a até muito fundo, até junto do coração.
Acordou quando começava a amanhecer. A jovem dormia encostada a ele, e Corso permaneceu um bocado imóvel para não a despertar, recusando-se a

reflectir sobre o que tinha acontecido e sobre o que podia vir a acontecer. Fechou os olhos, enquanto se abandonava serenamente, saboreando a agradável indolência do momento. A respiração dela acariciava-lhe a pele. Irene Adler, 223 b de Baker Street. O Diabo apaixonado. A silhueta no meio da bruma, em frente de Rochefort. A canadiana azul caindo lentamente, aberta, sobre o cais do Sena. E a sombra de Corso dentro dos seus olhos. Dormia descontraída e serena, alheia a tudo, e ele não conseguia estabelecer ligações lógicas que pusessem em ordem as imagens dentro da sua memória. Mas, naquele momento, a lógica não lhe apetecia nada; sentia-se perguiçoso e satisfeito. Colocou uma mão entre o calor das coxas dela e deixou-a ali ficar, muito quieta. Pelo menos aquele corpo nu era real.
Mais tarde, ergueu-se com cuidado para ir ao quarto de banho. Verificou em frente do espelho que tinha restos de sangue seco na cara e também - recordações da escaramuça com Rochefort e da escada - uma contusão azulada no ombro esquerdo e outra numa zona das costelas que lhe doeu quando fez pressão com os dedos. Depois de se lavar rapidamente, foi em busca de um cigarro. E ao refundear no sobretudo encontrou a mensagem de Grüber.
Praguejou entredentes por se ter esquecido, mas já não havia remédio. Portanto, abriu o envelope e voltou para a luz do quarto de banho para ler a nota que continha. Não era muito extensa e o seu conteúdo - dois nomes, um número e uma direcção - provocou-lhe um sorriso cruel. Foi olhar-se outra vez ao espelho, com o cabelo despenteado e a barba escurecendo-lhe a cara, pondo os óculos com a lente partida como quem enverga uma armadura de guerra; tinha a expressão de um lobo mau que fareja a caça. Agarrou na sua roupa e na bolsa de lona sem fazer barulho e dirigiu Um último olhar à jovem adormecida. Talvez, afinal, aquele fosse um dia magnífico. O pequeno-almoço de Buckhingam e de Milady ia tornar-se indigesto.
O Hotel Crillon era demasiado caro para ser Flavio La Ponte a entrar com o dinheiro; devia ser a viúva Taillefer que pagava as facturas. Corso reflectiu sobre isso enquanto saía do táxi na Praça Concorde e atravessava em linha recta o vestíbulo de mármore de Siena, em direcção às escadas e ao quarto 206. Havia um cartãozinho de não incomodar" e muito silêncio do outro lado da porta quando bateu forte com os nós dos dedos, três vezes.

Três cortes foram dados na carne pagã e o fio para a baleia branca adquiriu a sua têmpera...

A Irmandade dos Arpoadores de Nantucket parecia prestes a dissolver-se, e Corso não tinha a certeza se o lamentava ou não. Em determinada ocasião, La

Ponte e ele tinham imaginado juntos uma segunda versão de Moby Dick: Ismael escreve a história, introduz o manuscrito no ataúde calafetado e afoga-se com o resto da tripulação do Pequod. Quem sobrevive é Queequeg, o arpoador selvagem e sem pretensões intelectuais. Com o tempo, aprende a ler e um dia mergulha no romance do seu companheiro para descobrir que a versão dele e as suas próprias recordações do que ocorreu nada têm de comum. Decide escrever a sua versão da história. "Chamem-me Queequeg", começa, e dá-lhe como título Uma Baleia. Do ponto de vista profissional do arpoador, Ismael foi um erudito pedante que baralhou tudo: Moby Dick não é culpada, é apenas um cetáceo como qualquer outro e tudo se reduz a um capitão incompetente que põe um ajuste de contas particular - "Que importa quem lhe tinha arrancado a perna" escreve Queequeg - à sua obrigação de encher barris de óleo. Corso lembrava-se da cena à volta da mesa do bar: Makarova, com o seu ar masculino, formal e báltico, ouvindo atentamente La Ponte que explicava a utilidade do calafate para o ataúde do carpinteiro enquanto, do outro lado do balcão, Zizi lhes dirigia ciumentos olhares assassinos. Eram os tempos em que, se Corso discasse o seu próprio número, a voz de Nikon - via-a sempre saindo da câmara escura com as mãos húmidas de líquido fixador - soava do outro lado do telefone. Foi o que fizeram daquela vez, na noite em que foi reescrito Moby Dick, e acabaram todos lá em casa, esvaziando mais garrafas em frente do televisor com o filme de John Huston no vídeo. Brindando pelo velho Melville quando o Raquel, que navega em busca dos filhos perdidos, encontra por fim outro órfão.

Tinha sido assim. No entanto agora, em frente da porta do quarto 206, Corso não conseguia sentir a cólera de quem está prestes a atirar uma traição à cara de outrem; talvez porque, no fundo, partilhava a opinião de que em política, negócios e sexo, atraiçoar é apenas uma questão de datas. Posta de parte a política, ignorava se a presença do amigo em Paris era explicável pelos negócios ou pelo sexo; talvez houvesse uma combinação de factores, pois nem sequer o desconfiado Corso era capaz de o imaginar a meter-se em complicações apenas por dinheiro. Mentalmente, passou Liana Taillefer em revista, de memória, aquando do breve recontro em sua casa, sensual e bonita, as ancas largas, a carne branca, macia, o seu saudável aspecto de Kim Novak em papel de mulher fatal, e ergueu uma sobrancelha - a amizade consistia nesse tipo de pormenores - em compreensiva homenagem aos objectivos do livreiro. Talvez por isso La Ponte não encontrou inimizade na sua expressão quando apareceu à porta, em pijama e descalço, com cara de sono. E teve tempo de abrir a boca, surpreendido, antes de Corso lha fechar com um soco que o atirou, aos tropeções, para o outro extremo do compartimento.

Noutras circunstâncias, Corso teria provavelmente gozado com a cena: suite de

luxo, janela para o obelisco da Concorde, chão com espessa alcatifa e um enorme quarto de banho. La Ponte no chão, esfregando o queixo dorido ao mesmo tempo que tentava fixar o olhar perturbado pela pancada. Uma cama grande, com dois pequenos-almoços numa bandeja. E Liana Taillefer ali sentada, loura e estupefacta, com uma torrada meio comida na mão, um volumoso e branco seio de fora e o outro dentro da decotada camisa de seda. Mamilos de cinco centímetros de diâmetro, observou desapaixonadamente Corso ao fechar a porta atrás das costas. Mais vale tarde do que nunca.

- Bons-dias - disse.

Depois aproximou-se da cama. Liana Taillefer, imóvel, ainda com a torrada na mão, olhou-o enquanto se sentava a seu lado e, depois de pousar a bolsa de lona no chão e dar uma olhadela à bandeja, se servia de uma chávena de café. Durante mais de meio minuto ninguém disse uma palavra. Por fim, Corso bebeu um gole, sorrindo à mulher.

- Creio recordar - o queixo por barbear tornava-lhe as feições mais esguias; sorria como o pode fazer uma lâmina de faca - que da última vez que nos vimos fui um pouco brusco...

Ela não respondeu. Tinha poisado a torrada meio comida na bandeja e acomodado a sua transbordante anatomia dentro da camisa. Olhava: para Corso de forma indefenível, sem medo, sobranceria ou rancor; quase com indiferença. Depois da cena em casa do caçador de livros, este esperava encontrar ódio naqueles olhos. Hão-de matá-lo por causa disto, etcétera. E tinham estado quase a consegui-lo. Mas o azul-aço de Liana Taillefer tinha tanta expressão como dois charcos de água gelada e isso preocupou mais Corso do que uma explosão de ira. Podia imaginá-la perfeitamente olhando impassível o cadáver do marido pendurado no candeeiro do salão. Lembrou-se da fotografia do pobre diabo com o seu avental e o prato levantado, preparado para trinchar o leitãozinho à segoviana. Lindo folhetim tinham escrito entre todos!

- Maldito cabrão - resmungou La Ponte do chão. Parecia ter finalmente conseguido fixar a vista nele. Depois começou a levantar-se, atordoado, procurando o apoio dos móveis. Corso observou-o, interessado.

- Não pareces contente por me ver, Flavio...

- Contente? - O livreiro esfregava o queixo, olhando de vez em quando para a palma da mão como se receasse descobrir nela um bocado de dente. - Enlouqueceste. Completamente.

- Ainda não, mas vocês estão quase a consegui-lo. Tu e os teus sequazes - indicou Liana Taillefer com o polegar. - Incluindo a desconsolada viúva.

La Ponte aproximou-se um pouco, detendo-se a uma prudente distância.

- Importavas-te de me explicar a que te estás a referir?

Corso levantou uma mão em frente da cara do livreiro e começou a contar pelos dedos:
- Estou a falar do manuscrito Dumas e de As Nove Portas. De Victor Fargas afogado em Sintra. De Rochefort, que parece a minha sombra, atacando-me há uma semana em Toledo e ontem à noite aqui, em Paris. - Voltou a apontar Liana Taillefer. - De Milady. E de ti, seja qual for o papel que desempenhes nisto tudo.
La Ponte tinha estado atento aos dedos de Corso enquanto ele contava, pestanejando cinco vezes seguidas, uma por cada dedo. Ao acabar, acariciou a cara de novo e a sua expressão transformara-se de dorida em perplexa. Parecia prestes a responder qualquer coisa, mas pensou melhor. Quando por fim se decidiu, fê-lo dirigindo-se a Liana Taillefer.
- O que temos nós a ver com tudo isso?
Ela encolheu os ombros, desdenhosa. Não estava interessada em eventuais explicações e muito menos disposta a colaborar. Continuava recostada nos almofadões, com a bandeja do pequeno-almoço ao lado; as unhas laçadas de vermelho sangue esmigalhavam uma das torradas e, além desse, o único movimento que nela se podia detectar era o da respiração, fazendo subir e descer o peito no generoso e bem recheado decote. Fora isso, limitava-se a olhar para Corso como quem espera que o outro mostre as cartas, tão afectada por tudo aquilo como o podia estar por um pedaço de carne crua.
La Ponte coçou a cabeça, precisamente onde o cabelo começava a rarear. Tinha um aspecto muito pouco digno, pespegado no meio do quarto, com o pijama de riscas todo amarrotado e a face esquerda inchada junto do queixo por causa do soco. Os olhos desconcertados iam de Corso para a mulher e dela para Corso. Por fim, detiveram-se no amigo.
- Exijo uma explicação - disse.
- Que coincidência! Eu vim pedir-te o mesmo.
La Ponte hesitou, dirigindo outro olhar inseguro a Liana Taillefer. Parecia humilhado e não era caso para menos. Olhou um a seguir ao outro os três botões do pijama e depois os pés descalços. Enfrentar uma crise naquela figura era quase patético. Por fim, apontou o quarto de banho a Corso.
- Vamos ali para dentro. - Tentava dar à voz um tom digno, mas a bochecha inflamada alterava-lhe a pronúncia das consoantes. - Eu e tu.
A mulher continuava inescrutável, imóvel, sem revelar inquietação, olhando-os com o interesse de quem segue um aborrecido concurso pela televisão. Corso pensou que era necessário fazer qualquer coisa em relação a ela, mas de momento não lhe ocorria o quê. Depois de uma breve hesitação, agarrou do chão a bolsa de lona e precedeu La Ponte, que fechou a porta atrás de si.
- Pode saber-se por que me bateste?

Falava em voz baixa, receando que a viúva os ouvisse da cama. Corso poisou/a bolsa em cima do bidé, verificou a brancura das toalhas e remexeu na bandejinha de toucador antes de se voltar para o livreiro com muita calma.
- Porque és um falso e um traidor - respondeu. - Não me disseste que andavas metido nisto. Tens permitido que me enganem, que me sigam e que me espanquem.
- Não estou metido em nada. E aqui o único espancado sou eu. - O livreiro observava a cara ao espelho. - Santo Deus! Olha o que fizeste! Desfiguraste-me.
- E ainda te desfiguro mais se não me contares tudo.
- Contar-te tudo?... - La Ponte apalpava o inchaço, olhando-o de través como se Corso tivesse perdido o juízo. - Não é nenhum segredo; Liana e eu estabelecemos... - Interrompeu-se, procurando um termo que definisse o caso. - Erheem! Já viste...
- Intimidade - sugeriu Corso.
- Isso mesmo.
- Quando?
- No mesmo dia em que partiste para Portugal.
- Qual de vocês se aproximou?
- Eu, praticamente.
- Praticamente?
- Mais ou menos. Fui visitá-la.
- Para quê?
- Para lhe fazer uma oferta pela biblioteca do marido.
- Lembraste-te disso assim, de repente? ;
- Bem, ela telefonou-me antes. Contei-to nessa altura.
- É verdade.
- Queria recuperar o manuscrito de Dumas que o defunto me vendera.
- Deu-te alguma explicação?
- Motivos sentimentais.
- E tu acreditaste?
- Acreditei.
- Ou melhor, era-te indiferente.
- De facto...
- Pois. O que tu querias era saltar-lhe para cima.
- Claro que também.
- E ela caiu-te nos braços?
- Redondinha!
- Pois! E vieram a Paris em lua-de-mel.
- Não precisamente. Ela tinha coisas a fazer aqui.

- ... E convidou-te a acompanhá-la.
- Isso mesmo.
- Por acaso, não é verdade?... Com tudo pago, para continuar o idílio.
- Mais ou menos.
Corso fez uma careta desagradável.
- Como é bonito o amor, Flavio. Quando se ama verdadeiramente...
- Deixa-te de ser cínico. Ela é extraordinária. Não podes imaginar...
- Posso.
- Não podes.
- Afirmo-te que sim, que posso.
- Poder querias tu. Com aquele pedaço de mulher...
- Não nos desviemos, Flavio. Estávamos aqui, em Paris.
- Sim.
- Quais eram os vossos planos em relação a mim?
- Não havia planos. Tínhamos previsto localizar-te hoje ou amanhã para recuperarmos o manuscrito.
- Às boas?...
- Claro, como havia de ser?
- Não esperavam que eu recusasse?
- Liana tinha as suas dúvidas.
- E tu?
- Eu não.
- Tu não, o quê?
- Não via o problema. Afinal, somos amigos e O Vinho de Anjou é meu.
- Estou a ver; eras o seu segundo cartucho.
- Não sei a que te referes. Liana é maravilhosa e adora-me.
- Pois! Estou a vê-la muito apaixonada.
- Achas?
- És um imbecil, Flavio. Gozaram-te como me gozaram a mim. Foi uma intuição aguda como uma sirene de alarme. Corso afastou
La Ponte com repentina brusquidão e precipitou-se no quarto para ir encontrar Liana Taillefer fora da cama, semivestida, metendo roupa numa maleta. Por momentos pôde ver os seus olhos glaciais fixos nele - os olhos de Milady de Winter - e soube que durante todo o tempo, enquanto ele desconversava como um estúpido, ela se limitara a esperar qualquer coisa: um ruído ou um sinal. Tal como uma aranha no centro da sua teia.
- Adeus, Senhor Corso.
Pelo menos ouvia-a dizer três palavras. Ouviu aquilo - lembrava-se bem da sua voz grave, ligeiramente rouca - sem saber o que poderia significar, a não ser que

estava pronta para abalar. Deu mais um passo na sua direcção, ignorando o que ia fazer quando chegasse junto dela, antes de intuir outra presença no quarto: um vulto atrás e à esquerda, encostado à ombreira da porta. Fez menção de se voltar para encarar o perigo, com a certeza de que tinha cometido um novo erro e que era demasiado tarde. Ainda ouviu Liana Taillefer rir como nos filmes com vampes louras e malvadas. Quanto à pancada - a segunda em menos de doze horas - apanhou com ela também atrás da orelha, no mesmo lugar. E teve tempo de ver Rochefort esfumar-se ante os seus olhos turvos.
Já estava inconsciente quando chegou ao chão.

XIII.

COMPLICA-SE O ENREDO

> Neste momento, treme com a situação e a perspectiva da caça. Onde estaria esse tremor se eu fosse exacto como um guia de caminho-de-ferro?
> (A. Conan Doyle. O Vale do Terror)

Primeiro foi uma voz distante, um murmúrio confuso que não conseguia identificar. Fez um esforço, intuindo que falavam com ele. Qualquer coisa sobre o seu aspecto. Corso não tinha a mínima ideia < de qual seria o seu aspecto, mas estava-se marimbando. Era cómodo continuar ali, estivesse onde estivesse, estendido de barriga para o ar; e :
", não lhe apetecia abrir os olhos. Sobretudo, com medo que aumentasse a dor que lhe oprimia as fontes.
Sentiu umas palmadinhas na cara e não teve remédio senão abrir um olho de má vontade. Flavio La Ponte inclinava-se para ele com um ar preocupado. Ainda estava de pijama.
- Pára de me bater na cara - disse Corso, mal-humorado.
O livreiro expeliu com visível alívio o ar que retinha nos pulmões.
- Julguei que estavas morto - confessou. Abrindo o outro olho, Corso fez menção de se levantar. Sentiu nessa altura, o cérebro estremecer dentro do crânio como se fosse gelatina num prato.
- Chegaram-te bem - informou desnecessariamente La Ponte, ajudando-o a pôr-se em pé. Apoiado no seu ombro para manter o equilíbrio, Corso deu uma vista de olhos ao compartimento. Liana Taillefer e Rochefort tinham desaparecido.
- Conseguiste ver o que me bateu?
Claro. Alto e moreno, com uma cicatriz na cara.
- Já o tinhas visto antes?
- Não. - O livreiro franziu as sobrancelhas, despeitado. - Mas ela parecia conhecê-lo bem... Deve ter-lhe aberto a porta enquanto discutíamos no quarto de banho... É verdade, o indivíduo tinha um lábio deitado abaixo. Rachado. Com uns pontos e mercurocromo. - Tocou na face, cujo inchaço começava a diminuir, e deu uma risadinha vingativa. - Pelo que vejo, aqui toda a gente teve a sua conta.
Corso, que procurava os óculos sem os encontrar, dirigiu-lhe um olhar rancoroso.
- O que não compreendo - disse - é por que razão não te chegaram também a ti.

- Tinham essa intenção, mas eu disse-lhes que não era necessário. Que fossem lá à sua vida. Que eu sou apenas um turista acidental.
- Podias ter feito qualquer coisa.
- Eu? Ora bem! Já tinha que bastasse com o soco que me tinhas dado. Fiz com os dedos dois vês assim, estás a ver?... Sinal de paz. Baixei a tampa da sanita e fiquei ali sentado, muito quietinho, até se irem embora.
- Meu herói!
- Mais vale um para o caso de do que um quem havia de dizer. Ah, vê isto. - Estendeu-lhe um papel dobrado em quatro. - Deixaram isto quando se foram embora, por baixo de um cinzeiro com uma beata de Montecristo.
Corso tinha dificuldade em focar as letras. Era uma nota escrita a tinta, com uma bonita letra inglesa e complicados arrebiques nas maiúsculas:
É por ordem minha e para bem do Estado que o portador da presente fez o que fez.
3 de Dezembro de 1627 Richelieu
Apesar da situação, quase desatou a rir. Aquele era o salvo-conduto apresentado no cerco de La Rochelle, quando Milady pediu a cabeça de d'Artagnan. O mesmo que será mais tarde roubado por Athos de pistola em punho - "Morde se podes, víbora" - e serve para justificar perante Richelieu a execução da mulher, no fim da história... Resumindo: de mais para um capítulo só. Cambaleando, Corso foi até ao quarto de banho, abriu a torneira do lavatório e meteu a cabeça debaixo da água fria. Depois observou a cara: olhos inchados, por barbear, escorrendo água, com as têmporas a zumbir como se tivessem dentro um vespeiro. Estou lindo para uma fotografia, pensou. Que raio de maneira de começar o dia!
No espelho, a seu lado, La Ponte estendia-lhe uma toalha e os óculos.
- Como é óbvio - disse - levaram a tua bolsa.
- Filho da puta!
- Olha lá, não sei por que te voltas contra mim. Neste filme todo, a única coisa que fiz foi foder.
Corso estava inquieto. Percorria o vestíbulo do hotel tentando pensar a toda a velocidade, mas a cada minuto eram menores as probabilidades de alcançar os fugitivos. Estava tudo perdido, excepto um elo da cadeia: o Número Três. Ainda era necessário que o descobrissem, e isso proporcionava-lhe pelo menos uma possibilidade de lhes sair ao encontro se conseguisse mover-se com rapidez. Dirigiu-se à cabina e telefonou a Frida Ungern enquanto La Ponte pagava o quarto. Mas o auscultador deu o sinal intermitente de comunicação. Depois de hesitar um momento, ligou para o Louvre Concorde, pedindo o quarto de Irene Adler. Também não estava seguro do estado do caso por esse lado e tranquilizou-

se um pouco quando ouviu a voz da rapariga. Pô-la ao corrente de tudo em poucas palavras, pedindo-lhe que viesse ter com ele à Fundação Ungern. Depois desligou o telefone ao mesmo tempo que La Ponte chegava, muito deprimido, guardando na carteira o seu cartão de crédito.
- Cadela! Ir assim embora sem liquidar a conta!
- É bem feito, para não te armares em esperto.
- Hei-de matá-la com as minhas próprias mãos. Juro!
O hotel era caríssimo e a traição começava a parecer monstruosa ao livreiro; já não se considerava tão à margem como meia hora antes e mostrava-se carrancudo como um Achad vingativo. Apanharam um táxi e Corso deu ao condutor a direcção da baronesa Ungern. Pelo caminho, contou ao outro o resto da história: o comboio, a rapariga, Sintra, Paris, os três exemplares de As Nove Portas, a morte de Fargas, o incidente no cais do Sena... La Ponte ouvia-o abanando a cabeça, a princípio incrédulo e depois angustiado.
- Coabitei com uma víbora - lamentou-se, com um estremecimento.
Corso estava de mau humor e declarou que era muito raro as víboras morderem os cretinos. La Ponte considerou a questão. Não parecia ofendido.
- E, no entanto - disse - , é uma mulher e pêras. Com um corpo impressionante.
Apesar do rancor recém-descoberto depois da dentada no seu cartão de crédito, os olhos brilharam, lúbricos, enquanto acariciava a barba.
- Impressionante - repetiu com um sorrisinho idiota. Corso observava o tráfego pela janela.
- O duque de Buckingham disse a mesma coisa.
- Buckingham?
- Sim. O de Os Três Mosqueteiros. Depois do episódio dos pingentes de diamantes, Richelieu encarrega Milady do assassínio do duque, mas este prende-a quando regressa a Londres. Aí, seduz o seu carcereiro Felton, um idiota como tu, em versão puritana e fanática, e convence-o a ajudá-la a fugir e, já agora, a assassinar Buckingham.
- Não me lembrava desse episódio. E o que acontece a esse Feldon?
- Apunhalou o duque. Depois, foi executado, não sei se por ser assassino se por ser estúpido.
- Pelo menos não o obrigaram a pagar a conta do hotel.
O táxi circulava pelo Quai de Conti, próximo do lugar onde Corso tivera a penúltima escaramuça com Rochefort. Naquele momento, La Ponte lembrou-se de qualquer coisa:
- Ouve lá, Milady não tinha uma marca num ombro?
Corso assentiu. Naquele momento passavam em frente da escada por onde tinha rolado na noite anterior.

- Tinha - respondeu. - Feita pelo carrasco com um ferro em brasa: a marca dos condenados. Já a tinha quando fora casada com Athos... D'Artagnan descobriu-a ao ir para a cama com ela, e o facto por pouco não lhe custou o pescoço.
- É curioso. Sabes que Liana também tem uma marca?
- No ombro?
- Não, numa anca. Uma tatuagem pequena, muito bonita, em forma de flor-de-lis.
- Não me digas!...
- Juro-te.
Corso não se lembrava da tatuagem, pois aquando do breve episódio com Liana Taillefer em sua casa - parecia já terem passado anos depois daquilo - mal tivera tempo para reparar nessa espécie de pormenores. De uma maneira ou de outra, começava tudo a ficar fora de controlo. E já não se tratavam de coincidências folclóricas, mas de um plano estabelecido, demasiado complexo e perigoso para que a actuação da mulher e do seu esbirro da cicatriz fossem consideradas uma simples brincadeira. Aquilo era um complot com todos os ingredientes do género e tinha de haver alguém a mexer os cordelinhos. Melhor dito, uma Eminência Parda. Tocou no bolso onde tinha a carta de Richelieu. Era demasiado exagerado. E, no entanto, a solução tinha de estar precisamente no insólito, no romanesco de tudo aquilo. Lembrava-se de uma coisa lida uma vez em Allan Poe ou em Conan Doyle: "Este mistério parece insolúvel pelas mesmas razões que o tornam solucionável: o excessivo, o outré das suas circunstâncias".
- Ainda não sei se tudo isto é uma monumental partida ou uma autêntica renda de bilros - disse em voz alta, à laia de conclusão.
La Ponte encontrara um buraquinho na pele sintética do banco e alargava-o, remexendo com o dedo, nervoso.
- Seja o que for, deixa-me muito inquieto. - Falava em voz baixa apesar do vidro anti-roubo que os separava do motorista do táxi. - Espero que saibas o que estás a fazer.
- O mal é esse. Não estou seguro do que faço.
- Por que não vamos à polícia?
- E que lhes digo?... Que Milady e Rochefort, agentes do cardeal Richelieu, nos roubaram um capítulo de Os Três Mosqueteiros e um livro para convocar Lúcifer? Que o Diabo se apaixonou por mim, encarnado numa rapariga de vinte anos para se transformar em meu guarda-costas?... Diz-me o que farias se fosses o comissário Maigret e eu te viesse com esta história. - '
- Suponho que te mandaria soprar no balão.
- Ora aí tens.
- E Varo Borja?

- Isso é outra história. - Corso gemeu, aflito. - Nem quero pensar, quando souber que perdi o livro.
O táxi avançava com dificuldade pelo meio do tráfego da manhã e Corso olhava o relógio, impaciente. Chegaram finalmente junto ao bar-tabacaria onde estivera na noite anterior, deparando com grupos de gente amontoados nos passeios e sinais de proibição de passagem junto à esquina. Enquanto saía do táxi, Corso viu também uma carrinha da polícia e um carro de bombeiros. Então cerrou os dentes, berrando uma praga sonora que fez sobressaltar La Ponte. O Número Três também tinha voado.
A rapariga aproximou-se deles pelo meio das pessoas, com a sua pequena mochila às costas e as mãos nos bolsos da canadiana. Ainda se via um rasto de fumo no telhado.
- O andar ardeu às três da madrugada - informou sem olhar para La Ponte, como se ele não existisse. - Os bombeiros ainda estão lá dentro.
- E a baronesa Ungern?
- Também lá está dentro. - Viu-a fazer um gesto ambíguo, não propriamente de indiferença mas resignado, fatalista. Como se aquilo estivesse previsto algures. - O cadáver apareceu carbonizado no seu escritório. Foi ali que o fogo começou. Incêndio fortuito, dizem os vizinhos; uma beata mal apagada.
- A baronesa não fumava - disse Corso.
- Ontem à noite fumou.
O caçador de livros deitou uma vista de olhos por cima das cabeças que se amontoavam junto do cordão policial. Não conseguiu ver quase nada: a extremidade superior de uma escada de socorro apoiada no edifício e os clarões intermitentes de uma ambulância junto à porta. Havia bonés de polícias e capacetes de bombeiros e o ar cheirava a madeira e a plástico queimados. No meio dos curiosos, um par de turistas americanos fotografavam-se um ao outro, posando junto do gendarme que vigiava o cordão. Uma sirene começou a tocar algures e depois interrompeu-se bruscamente. Alguém de entre os curiosos disse que estavam a tirar o cadáver, mas era impossível ver qualquer coisa. Também não devia ter muita coisa para ver, pensou Corso.
Encontrou os olhos da rapariga fixos nele, sem vestígios da noite (anterior. Era um olhar atento, prático: um soldado movimentando-se próximo do campo de batalha.
- O que aconteceu? - perguntou ela.
- Esperava que tu me dissesses.
- Não estou a falar disto. - Pela primeira vez pareceu reparar em La Ponte. - Quem é?
Corso disse-lhe. Depois hesitou um instante, perguntando a si mesmo /se o outro

captaria a nuance:
- A rapariga de que te falei. Chama-se Irene Adler.
La Ponte não captava nada. Limitou-se a olhá-los um tanto desconcertado, primeiro à jovem e depois ao amigo, e estendeu por fim, à laia de cumprimento, uma mão que ela não viu ou fez de conta que não viu. Estava pendente de Corso.
- Não trazes a tua bolsa - disse-lhe.
- Não. Rochefort conseguiu-a por fim. Partiu com Liana Taillefer.
- Quem é Liana Taillefer?
Corso fitou-a com dureza, mas apenas encontrou serenidade nos olhos da rapariga.
- Não conheces a desconsolada viúva?
- Não.
Sustentava-lhe o olhar sem inquietação nem surpresa, imperturbável. Contra a vontade, Corso quase a acreditou.
- Tanto faz - disse por fim. - A questão é que desapareceram.
- Para onde?
- Não faço a menor ideia. - Descobriu o canino numa expressão [agressiva, desconfiada. - Julguei que soubesses qualquer coisa.
- Não sei nada de Rochefort nem dessa mulher. - Afirmou-o com [indiferença, dando a entender que, na realidade, aquilo não era um [assunto que lhe dissesse respeito. Corso sentiu-se mais confuso. Esperava alguma emoção da sua parte; entre outras coisas, porque ela mesma se erigira em paladina dos seus interesses. Pelo menos que o censurasse, qualquer coisa do género: é bem feito para não te fazeres esperto. Mas a jovem não formulou qualquer censura. Olhava em redor como se procurasse um rosto conhecido no meio das pessoas e ele foi incapaz de adivinhar se meditava no ocorrido ou se tinha a cabeça noutro lugar, longe do drama.
- Que podemos fazer? - perguntou sem se dirigir a ninguém em particular, realmente desorientado. A parte as agressões, vira esfumarem-se uns a seguir aos outros os três exemplares de As Nove Portas e o manuscrito Dumas. Deixava três cadáveres no seu rasto, se somasse o suicídio de Enrique Taillefer, e gastara uma enorme quantidade de dinheiro que não era seu mas sim de Varo Borja... Varus, Varus: devolve-me as minhas legiões. Maldita fosse a sua sorte. Naquele momento, quereria ter trinta e cinco anos menos para se desfazer em lágrimas, sentado no passeio.
- Poderíamos beber um café - sugeriu La Ponte.
Disse-o frivolamente, com um sorriso do tipo: ânimo, pessoal, não é caso para tanto, e Corso compreendeu que o pobre diabo nem se apercebia da enorme complicação em que estavam todos metidos. Mas, basicamente, não lhe pareceu

má ideia. Tal como estavam as coisas, não se lembrava de nada melhor.
- Vamos lá a ver se entendi. - La Ponte pingou um pouco de café com leite na barba ao molhar um bocado de croissant na chávena. - Em 1666, Aristide Torchia escondeu um exemplar especial. Uma espécie de cópia de segurança distribuída por três livros... É assim? Com diferenças em oito das suas nove gravuras. E é preciso reunir os originais para que o esconjuro funcione. - Engoliu o bocado de croissant molhado e limpou a boca com um guardanapo de papel. - Estou a ir bem?...
Encontravam-se os três sentados numa esplanada em frente de Saint-Germain-des-Prés. La Ponte desforrava-se do pequeno-almoço interrompido no Crillon, e a jovem, que não tinha abandonado a sua atitude de se manter à margem, bebia uma laranjada por uma palhinha, escutando em silêncio. Tinha Os Três Mosqueteiros aberto em cima da mesa e de vez em quando passava uma página, lendo distraída, para depois erguer de novo a cabeça e continuar a ouvir. Quanto a Corso, os acontecimentos tinham-lhe provocado um nó no estômago: era impossível engolir fosse o que fosse.
- Vais muito bem - respondeu a La Ponte. Recostava-se na cadeira, com as mãos nos bolsos do sobretudo e olhando sem ver o campanário da igreja. - Ainda existe a possibilidade de a edição completa, a que foi queimada pelo Santo Ofício, também constar de três séries de livros com estampas modificadas, de forma a que apenas os verdadeiros estudiosos do assunto, os iniciados, conseguissem combinar três exemplares correctos... - Ergueu as sobrancelhas, enrugando a testa com pesar. - Isso nunca poderemos saber.
- E quem disse que eram apenas três? Pode ter impresso quatro, ou nove séries diferentes.
- Nesse caso, tudo isto não terá servido para nada. Apenas se conhecem três livros.
- Seja como for, alguém quer reconstituir o livro original e, para isso, apodera-se das gravuras autênticas... - La Ponte falava com a boca cheia; continuava a engolir o pequeno-almoço com apetite. - Mas o valor bibliófilo não lhe interessa. Quando tem as gravuras correctas, destrói o resto e assassina os seus proprietários. Victor Fargas, em Sintra. A baronesa Ungern, aqui em Paris. E Varo Borja, em Toledo... - interrompeu-se a meio de mastigar um bocado de croissant e fitou Corso, um pouco decepcionado. - Ouve, isto não bate certo. Varo Borja continua vivo.
- Sou eu que tenho o livro dele e tentaram arrumar-me ontem à noite e hoje de manhã.
La Ponte não pareceu muito convencido.
- Disseste bem: arrumar-te... Porque é que Rochefort não te matou?

- Não sei. - Fez um gesto de ignorância; ele próprio já fizera a si mesmo essa pergunta. - Teve oportunidade por duas vezes, mas não o fez... Quanto a Varo Borja continuar vivo, também não sei o que dizer, pois não responde aos meus telefonemas.
- Isso converte-o em candidato a estar morto. Ou em suspeito.
- Varo Borja é suspeito por definição e dispõe de meios para ter organizado tudo.
- Apontou a rapariga que continuava a ler, aparentemente alheia à conversa. - Tenho a certeza de que ela poderia esclarecer-nos, se quisesse.
- E não quer?
- Não.
- Denuncia-a. Se há pessoas que são assassinadas, isso tem um nome: cúmplice.
- Denunciá-la? Estou metido nisto até ao pescoço, Flavio. Tal como tu.
A jovem interrompera a leitura, sustentando o olhar de ambos, imperturbável, sem abrir a boca a não ser para sorver um pouco de laranjada. Os seus olhos iam de um para o outro, reflectindo-os sucessivamente. Por fim, detiveram-se em Corso.
- Fias-te realmente nela? - perguntou La Ponte.
- Depende de para quê. Ontem à noite lutou para me defender e fê-lo muito bem.
O livreiro fez um ar perplexo, olhando a rapariga. Tentava com certeza imaginá-la actuando como guarda-costas. Também devia interrogar-se até onde teria ido a intimidade dela com Corso, porque este viu-o avaliar com um olhar de perito o que a canadiana deixava à vista, enquanto acariciava a barba. O que parecia evidente era até onde estava disposto a chegar o próprio La Ponte se a rapariga lhe desse uma oportunidade, apesar das muitas suspeitas que lhe despertava. Mesmo em momentos como aquele, o ex-secretário geral da Irmandade dos Arpoadores de Nantucket era daqueles que anseiam sempre por regressar ao útero. A qualquer útero.
- É demasiado bonita. - La Ponte abanava a cabeça à laia de conclusão. - E demasiado jovem. É de mais para ti.
Corso sorriu ao ouvir aquilo.
- Ficarias surpreendido se soubesses como às vezes parece velha. O livreiro fez estalar a língua, céptico.
- Presentes assim não caem do céu.
A rapariga assistira silenciosa ao diálogo. Agora, pela primeira vez naquele dia, viram-na sorrir como se acabasse de ouvir uma piada divertida.
- Falas de mais, Flavio Nãoseiquantos - disse a La Ponte, que pestanejou, inquieto. O sorriso dela tornou-se mais rasgado, semelhante ao de um garoto mau. - De qualquer forma, o que houver entre Corso e eu não te diz respeito.
Era a primeira vez que dirigia a palavra ao livreiro. Depois de uma breve

atrapalhação, este voltou-se para o amigo, desconcertado, numa inútil busca de apoio; mas o caçador de livros limitou-se a sorrir de novo.
- Creio que estou a mais aqui. - La Ponte fez menção de se levantar, indeciso, sem acabar por consumar o gesto. Continuou assim até que Corso lhe bateu no braço com as costas da mão. Uma pancada seca e amistosa.
- Não sejas idiota. Ela está do nosso lado.
La Ponte descontraiu-se um pouco, mas continuava sem se mostrar convencido.
- /Então que o demonstre contando-te aquilo que sabe.
Corso voltou-se para a rapariga, fitando a sua boca entreaberta, o pescoço suave, terno. Perguntou intimamente se ainda cheiraria a calor e a febre, abstraindo-se por momentos na sua recordação. Os dois reflexos verdes, com toda a luz da manhã, sustentavam o seu olhar como de costume, indolentes e tranquilos. E o sorriso, carregado momentos antes de desdém para La Ponte, tornava-se diferente. Era outra vez um sopro apenas perceptível, uma palavra silenciosa, solidária e cúmplice, - Estávamos a falar de Varo Borja - disse Corso. - Conhece-lo?
A expressão desapareceu-lhe dos lábios; regressava outra vez o soldado cansado, indiferente. Mas antes, por segundos, o caçador de livros julgou detectar um lampejo de desdém no seu olhar. Corso apoiava uma das mãos no mármore da mesa.
- Poderia ter estado a usar-me - acrescentou. - E ter-te colocado a ti na minha pista. - De súbito, essa possibilidade parecia absurda. Não imaginava o bibliófilo milionário recorrendo àquela rapariga para lhe armar uma ratoeira. - ... Ou talvez os seus agentes sejam Rochefort e Milady.
Ela não respondeu, tornando a mergulhar na leitura de Os Três Mosqueteiros. Mas o nome de Milady tinha reaberto a ferida no orgulho de La Ponte, que acabou de beber o café da sua chávena ao mesmo que erguia no ar um dedo da outra mão.
- Esta é a parte que menos compreendo - disse. - A conexão Dumas... O que tem a ver o meu Vinho de Anjou com tudo isto?
- O Vinho de Anjou só é teu acidentalmente. - Corso tinha tirado os óculos e olhava-os em contraluz, perguntando a si mesmo se, com tanta agitação, a lente partida se iria aguentar. - Esse é o ponto mais obscuro, mas há várias coincidências interessantes: o cardeal Richelieu o personagem malvado de Os Três Mosqueteiros, apreciava livros de artes ocultas. Os pactos com o Diabo proporcionam poder, e Richelieu foi o homem mais poderoso de França. E para compor a dramatis personae, acontece que, no texto de Dumas, o cardeal tem dois agentes fiéis que executam as suas ordens: o conde de Rochefort e Milady de Winter. Ela é loura e má, com a sua flor-de-lis gravada pelo carrasco. Ele é

moreno, com uma cicatriz na cara... Estás a ver? Ambos têm uma marca. E, se nos pusermos a procurar referências, verificamos que os servidores do Diabo, segundo o Apocalipse, se reconhecem pela marca da Besta.
A rapariga bebeu outro sorvo de laranjada sem levantar a cabeça do livro, mas La Ponte estremeceu como se acabasse de lhe cheirar a esturro, com o pensamento estampado na cara: uma coisa era envolver-se com uma loura imponente, e outra, muito diferente, ter entre pernas um conciliábulo de bruxas. Viram-no apalpar-se, desconfortável.
- Foda-se! Espero que não seja contagioso. Corso dirigiu-lhe um olhar pouco condoído.
- São demasiadas coincidências, não é verdade?... Mas há mais. - Bafejara as lentes e limpava a que estava intacta com um guardanapo de papel. - Em Os Três Mosqueteiros, Milady foi mulher de Athos, o amigo de d'Artagnan. Quando descobre que a esposa foi marcada pelo carrasco, decide executar ele próprio a sentença. Enforca-a e deixa-a como morta, mas ela sobrevive, etcétera... - Ajeitou os óculos no nariz. - Há alguém que se deve estar a divertir muito com tudo isto.
- Compreendo Athos - disse La Ponte de cenho franzido, certamente com a conta por pagar do Hotel Crillon na memória. - Também gostava de lhe deitar a mão. De a enforcar, como esse mosqueteiro fez à mulher.
- Ou Liana Taillefer ao marido. Lamento ferir a tua vaidade, Flavio, mas nunca lhe interessaste nada. Apenas queria recuperar o manuscrito que o morto te vendeu.
- A sacana! - murmurou La Ponte, rancoroso. - Com certeza que foi ela que o levou, ajudada pelo fulano do bigode e corte na cara.
- O que continuo a não compreender - prosseguiu Corso - é a relação entre Os Três Mosqueteiros e As Nove Portas... Apenas me ocorre que Alexandre Dumas também cavalga o mundo. Conhece o êxito e o poder que deseja: a fama, o dinheiro e as mulheres. Tudo lhe correu bem na vida, como se gozasse de um privilégio, de um pacto especial. E quando morre, o seu filho, o outro Dumas, dedica-lhe um epitáfio curioso: "Morreu como viveu: sem se aperceber".
La Ponte dirigiu-lhe um olhar incrédulo:
- Insinuas que Alexandre Dumas tinha vendido a alma ao Diabo?
- Não insinuo nada. Tento decifrar o folhetim que alguém está a escrever nas minhas costas... O que é evidente é que tudo começa quando Enrique Taillefer decide vender o manuscrito Dumas. O mistério começa a partir daí: o seu presumível suicídio, a minha visita à sua viúva, o primeiro encontro com Rochefort... E a encomenda de Varo Borja.
- O que tem esse manuscrito de especial? Por quê e para quem é ele importante?

- Não faço a mínima ideia. - Corso olhou para a rapariga. - A menos que ela nos possa esclarecer.
Viram-na encolher os ombros com ar aborrecido, sem levantar os olhos do livro.
- A história é tua, Corso - disse. - Ao que sei, recebes por isso.
- Tu também estás implicada.
- Até certo ponto. - Fez um gesto ambíguo, daqueles que não querem dizer nada, e passou uma página. - Só até certo ponto.
La Ponte inclinou-se para Corso, picado.
- Já experimentaste dar-lhe umas hóstias?
- Cala-te, Flavio.
- Isso, cala-te - repetiu a rapariga.
- É ridículo - lamentava-se o livreiro. - Fala como se fosse a rainha do mambo e tu, em vez de lhe aplicares o terceiro grau, deixas. Não te conheço, Corso. Por muito bonita que seja a garota, não creio que... - gaguejou, procurando as palavras. - Onde vai ela arranjar aquele topete?
- Uma vez lutou com um arcanjo - esclareceu o caçador de livros. E ontem à noite vi como partia a cara a Rochefort, lembras-te?...
O mesmo que me deu uns abanões esta manhã enquanto tu ficavas de parte, sentado no bidé.
- Na sanita.
- É a mesma coisa - insistiu malicioso, de má-fé. - Com o teu pijama de Príncipe Danilo em Violetas Imperiais... Não sabia que usavas pijama para dormir com as tuas conquistas.
- O que tens tu com isso?... - La Ponte lançava olhares perturbados à rapariga enquanto batia em retirada, de rabo entre as pernas. - Costumo arrefecer durante a noite, se queres saber. Além disso, estávamos a falar de O Vinho de Anjou. - Lançou-se no tema do manuscrito, com evidente vontade de mudar de assunto. - Qual foi o resultado da tua peritagem?
- Sabemos que é autêntico, com dois tipos de escrita: de Dumas e do seu colaborador Auguste Maquet.
- O que averiguaste acerca desse fulano?
- Maquet? Não há grande coisa a averiguar. As coisas entre ele e Dumas acabaram mal, com processos e reclamações de dinheiro. Embora haja um pormenor curioso: Dumas gastou tudo quanto tinha em vida, morrendo sem um tostão; Maquet envelheceu rico, inclusivamente proprietário de um castelo. A ambos correram bem as coisas, cada um à sua maneira.
- E esse capítulo que escreveram a meias?
- Maquet fez a redacção original, uma primeira versão mais simples, e Dumas deu-lhe qualidade e estilo, desenvolvendo-a com notas sobre o original do seu

colaborador. O tema conheces tu: Milady tenta envenenar d'Artagnan.
La Ponte olhava, inquieto, a sua chávena de café vazia.
- Concluindo...
- Eu diria que alguém, que se considera uma espécie de reincarnação de Richelieu, conseguiu reunir todas as gravuras originais do Delomelanicon e o capítulo de Dumas onde, por qualquer razão que desconheço, há a chave daquilo que se está a passar. E talvez neste momento se disponha a invocar Lúcifer. Entretanto, tu ficaste sem manuscrito, Varo Borja sem livro e eu apanhei a minha dose.
Tirou do bolso a carta de Richelieu para lhe deitar outra olhadela. La Ponte parecia de acordo.
- A perda do manuscrito não é grave - comentou. - Não paguei grande coisa a Taillefer. - Emitiu uma risadinha marota. - pelo menos com Liana, recebi em espécies. Mas tu estás metido numa boa encrenca
Corso olhou a rapariga, que continuava a ler em silêncio - Talvez ela pudesse dizer em que género de encrenca estou metido.
Fez uma careta antes de bater na mesa com os nós dos dedos, como um jogador que já não tem cartas na mão, resignado. Mas nem desta vez obteve resposta. Foi La Ponte que emitiu um grunhido de censura.
- Continuo a não compreender porque confias nela.
- Ele já te explicou isso antes - respondeu por fim a jovem, enfastiada. Tinha colocado a palhinha do sumo entre as páginas, à laia de marca. - Olho "por ele.
Corso concordou com ar divertido, embora divertido fosse o que menos estivesse.
- Estás a ouvi-la. É o meu anjo da guarda.
- Realmente? Então podia cuidar melhor de ti. Onde estava ela quando Rochefort te roubou a bolsa? :
- Tu é que lá estavas.
- Isso é diferente. Eu sou um livreiro pusilânime e pacífico Exactamente o contrário de um homem de acção. Se fosse a um concurso de cobardes, de certeza que os juizes me desclassificavam... por ser cobarde de mais.
Corso não seguia o que ele estava a dizer com grande atenção porque acabava de fazer uma descoberta. A sombra do campanário da'igreja vinha projectar-se no chão, perto deles. A silhueta larga e escura fora-se movendo pouco a pouco no sentido oposto ao do Sol. Observou que a cruz cimeira ficava aos pés da rapariga, muito perto dela mas sem nunca lhe tocar. Prudente, a sombra da cruz mantinha-se afastada.
Telefonou para Lisboa de uma estação dos telefones para averiguar como estavam as coisas em relação a Victor Fargas. As notícias não eram

encorajadoras. Pinto tivera acesso ao relatório do médico legista-morte por imersão forçada no tanque. A polícia de Sintra considerara o roubo como possível móbil. Pessoa ou pessoas desconhecidas.
A parte positiva consistia em que, de momento, ninguém relacionava Corso com o caso. O português acrescentou que, pelo sim pelo não, fizera correr a deserção do tipo da cicatriz. Corso disse-lhe que esquecesse Rochefort. O pássaro tinha voado.
Aparentemente, as coisas não podiam estar pior; mas ao meio-dia ainda se complicaram mais. Logo que entrou no átrio do seu hotel com La Ponte e a rapariga, o caçador de livros soube que havia qualquer coisa que não estava bem. Grúber encontrava-se no balcão da recepção e, por trás da sua expressão imperturbável, os olhos transmitiam uma mensagem de alerta. Quando se aproximaram dele, Corso viu que o recepcionista se voltava para olhar com ar casual o cacifo do seu quarto e depois, levando uma mão à lapela da jaqueta, levantava-a ligeiramente, num gesto cuja eloquência era internacional.
- Não parem - disse Corso aos outros.
Quase teve que puxar pelo desconcertado La Ponte, enquanto a rapariga avançava, decidida e serena, pelo estreito corredor que ia dar ao café-restaurante aberto para a Praça do Palais Royal. Com um último golpe de vista ao passar em frente à recepção, Corso viu Grúber poisar uma mão no telefone que havia sobre o balcão.
Estavam outra vez na rua, e La Ponte dirigia nervosos olhares para trás de si.
- O que se passa?
- Polícia - explicou Corso. - No meu quarto.
- Como sabes?
A rapariga não fez perguntas. Limitava-se a olhar Corso, aguardando instruções. Este tirou do bolso o envelope com cabeçalho do hotel entregue pelo recepcionista na noite anterior, tirou a mensagem que o informava do paradeiro de La Ponte e Liana Taillefer e colocou em seu lugar uma nota de quinhentos francos. Fê-lo lentamente, esforçando-se por manter a calma e que os outros não percebessem o tremor que lhe agitava os dedos. Fechou o envelope antes de riscar o seu nome e escrever o de Grúber, e entregou-o à rapariga.
- Dá-o a um dos empregados do café. - Tinha as palmas das mãos húmidas. Enxugou-as ao forro interior dos bolsos, apontando depois uma cabina telefónica do outro lado da praça. - Vem ter ali comigo.
- E eu? - perguntou La Ponte.
Apesar da complicada situação, Corso esteve quase a desatar a rir na cara do amigo. Mas limitou-se a dirigir-lhe um olhar trocista.
- Podes fazer o que quiseres, mas receio muito, Flavio, que acabes de passar à

clandestinidade.
Começou a andar atravessando a praça pelo meio do tráfego em direcção à cabina telefónica, sem se preocupar se o outro o seguia ou não. Quando fechou a porta de vidro e introduziu o cartão na ranhura, viu-o a alguns metros, com um ar desamparado, olhando angustiadamente em redor.
Discou o número do hotel, pedindo para o ligarem à recepção:
- O que se passa, Grúber?
- Apareceram dois polícias, Senhor Corso. - A voz do antigo SS baixara um pouco de tom mas mantinha-se tranquila, controlando a situação. - Continuam lá em cima, no seu quarto.
- Deram alguma explicação?
- Nenhuma. Perguntaram a data da sua entrada e se conhecíamos os seus movimentos por volta das duas da madrugada. Eu disse que não sabia e remeti-os para o meu companheiro desse turno. Também pediram a sua descrição, pois não conhecem o seu aspecto. Combinámos que os avisaria se o senhor chegasse. É justamente o que me preparo para fazer neste momento.
- O que lhes vai dizer?
- A verdade, naturalmente. Que o senhor apareceu por um momento no átrio e saiu logo a seguir, em companhia de um cavalheiro barbudo e desconhecido. Quanto à menina, não se interessaram por ela e portanto não vejo razão para mencionar a sua presença.
- Obrigado, Grúber. - Fez uma pausa e acrescentou, sorrindo para o auscultador.
- Sou inocente.
- Com certeza, Senhor Corso. Todos os clientes do nosso estabelecimento o são.
- Ouviu-se o som de papel a ser rasgado. - Ah, entregaram-me neste momento o seu envelope.
- Ver-nos-emos, Grúber. Conserve-me o quarto por uns dias; espero voltar para ir buscar as minhas coisas. Se houver algum problema, utilize o número do meu cartão de crédito. Pague com ele. E mais uma vez obrigado.
- Às suas ordens.
Corso pendurou o auscultador. A rapariga já estava de regresso, ao lado de La Ponte. Saiu da cabina e foi ter com eles.
- A polícia tem o meu nome. E se o tem é porque alguém lho deu.
- Não olhes para mim - disse La Ponte. - Há muito que esta história me ultrapassa.
Corso reflectiu amargamente para si mesmo que também o ultrapassava a ele. Tinha ficado tudo fora de controlo, leme de barco sem governo, aos bordos.
- Ocorre-te alguma ideia? - perguntou à rapariga. Era a última ponta do enigma que ainda tinha nas mãos; a sua última esperança.

Por cima do ombro de Corso, ela olhou para o tráfego e para os gradeamentos próximos do Palais Royal. Tirara a mochila dos ombros e poisara-a no chão, entre as pernas. Reflectia em silêncio, como era seu hábito, absorta e grave, cavando uma pequena ruga entre as sobrancelhas, com uma cara teimosa de rapazito que resiste a agir como os outros pretendem. Corso sorriu como um lobo fatigado.
- Não sei que hei-de fazer - disse.
Viu que ela concordava lentamente, talvez à maneira de conclusão depois de um secreto raciocínio. Ou talvez apenas se manifestasse de acordo com o facto de, na realidade, ele não saber o que fazer.
- O teu pior inimigo és tu mesmo - disse por fim, distante. Também ela parecia agora cansada, tal como na noite anterior quando chegaram ao hotel. - A tua imaginação. - Tocou na testa com o indicador. - As árvores não te deixam ver o bosque.
La Ponte resmungou:
- Deixem lá a botânica para mais tarde, se não vêem inconveniente. - Estava cada vez mais inquieto, olhando em volta com medo que os gendarmes lhes caíssem em cima de um momento para outro. - Devíamos ir embora daqui. Posso alugar um carro com os meus documentos. Se nos apressarmos, passaremos a fronteira amanhã. Que, por acaso, é o primeiro de Abril.
- Cala o bico, Flavio. - Corso fitava os olhos da rapariga, procurando neles uma resposta. Apenas viu reflexos: a luz da praça, o tráfego que circulava em redor deles, a sua própria imagem deformada, grotesca. O lansquenete vencido. Já não havia derrotas heróicas. Já há muito tempo que as não havia.
A expressão da rapariga tinha-se modificado. Olhava agora para La Ponte como se, pela primeira vez, houvesse nele qualquer coisa que valesse a pena.
- Repete - - disse.
O livreiro gaguejou, surpreendido.
- Aquilo de alugar o carro? - Contemplava-os com a boca aberta. - É elementar. Num avião há listas de passageiros. No comboio podem ver o passaporte...
- Não me referia a isso. Diz lá que data é amanhã.
- Um de Abril. Segunda-feira. - La Ponte ajustou a gravata, perturbado. - É o dia dos meus anos.
Mas a rapariga já não lhe prestava atenção. Inclinara-se sobre a mochila, procurando qualquer coisa lá dentro. Quando se levantou trazia na mão o volume de Os Três Mosqueteiros.
- Andas muito esquecido das tuas leituras - disse a Corso, estendendo-lho. - Primeiro capítulo, primeira linha.
Corso, que não esperava por aquilo, pegou no livro e deu-lhe uma vista de olhos.

Os Três Presentes do Senhor d'Artagnan Pai, intitulava-se o capítulo. E quando leu a primeira linha, soube onde tinham de ir procurar Milady.

XIV.

OS SUBTERRÂNEOS DE MEUNG

Era uma noite lúgubre.
(P. du Terrail. Rocambole)

Era uma noite lúgubre. O Loire corria turbulento e a sua enchente ameaçava ultrapassar os velhos diques da pequena povoação de Meung. A tempestade rugia desde o princípio da tarde e, de vez em quando, um relâmpago recortava na escuridão a mole do castelo, com ziguezagues de luz estralejando como chicotadas sobre o empedrado deserto das velhas ruas medievais molhado pelas bátegas de chuva. Do outro lado do rio, à distância, por entre rajadas de vento, água e folhas arrancadas às árvores, como se o vendaval estabelecesse uma fronteira entre o passado próximo e um distante presente, circulavam as luzes silenciosas dos automóveis que percorriam a auto-estrada de Tours a Orleans.

Na Hospedaria de Saint-Jacques, o único hotel de Meung, havia uma janela iluminada e aberta para uma pequena varanda que tinha acesso a partir da rua. No compartimento, uma mulher loira e alta, atraente, com o cabelo preso na nuca, vestia-se em frente do espelho. Acabava de puxar o fecho Éclair da saia, tapando uma pequena tatuagem em forma de flor-de-lis que tinha na anca. Direita, com as mãos atrás das costas, apertava o fecho do soutien para amparar um busto generoso, de pele branca, que estremecia suavemente com os seus movimentos. Depois, vestiu uma blusa de seda e ao abotoar os botões sorriu ligeiramente, com os olhos fixos na sua imagem. Com certeza que se achava bonita e talvez pensasse num encontro próximo, pois ninguém se veste às onze da noite se não for para ir ao encontro de alguém. Embora talvez o sorriso satisfeito, com uma ponta de crueldade, exibido durante a sua contemplação ao espelho, fosse motivado por uma capa de cabedal, nova, que tinha em cima da cama e da qual assomavam as páginas do manuscrito O Vinho de Anjou, de Alexandre Dumas, pai.

Um relâmpago próximo iluminou a pequena varanda junto da janela. Ali, por baixo de um estreito beiral de onde a chuva pingava, Lucas Corso deu uma última chupada no cigarro húmido que tinha entre os dedos antes de o deixar cair, levantando a gola do sobretudo para se proteger melhor da água e do vento. À luz do clarão seguinte, pôde ver com a intensidade de um gigantesco flash fotográfico, o rosto cadavérico de Flavio La Ponte, num misto de luzes e sombras que lhe davam, com o cabelo e a barba a escorrer, o aspecto de um

monge atormentado ou talvez de um Athos taciturno como o desespero, sombrio como o castigo. Não houve mais relâmpagos durante um bocado, mas Corso adivinhava na terceira sombra, agachada junto deles sob o beiral, a silhueta esbelta de Irene Adler, embrulhada na sua canadiana. E quando, por fim, outro relâmpago rasgou a noite em diagonal e o trovão ribombou por sobre os telhados de ardósia, a luz fez brilhar dois reflexos verdes, gémeos, sob o capuz que ocultava o rosto da rapariga.

Fora uma viagem rápida e tensa até Meung. Um tiro quase às cegas no carro alugado por La Ponte: a auto-estrada de Paris a Orleães e depois mais 16 km em direcção a Tours, com La Ponte no lugar ao lado do condutor, estudando à luz de um isqueiro Bic o mapa Miche-lin comprado numa bomba de gasolina. La Ponte atrapalhado, ainda falta um bocado, acho que vamos bem, tenho a certeza que vamos bem. A rapariga seguia no banco de trás, em silêncio, com os olhos fixos em Corso por intermédio do espelho retrovisor, de cada vez que os faróis de um carro vindo de frente os encandeavam. Claro que La Ponte se enganou. Deixaram para trás o desvio sem verem a tabuleta indicadora, afastando-se a caminho de Blois. Depois, descoberto o erro, foi preciso passar um troço em sentido proibido para sair da auto-estrada, com Corso agarrado ao volante, rogando que a tempestade retivesse os gendarmes nos seus quartéis. Beaugency. La Ponte teimando em atravessar o rio e virar para a esquerda, embora, felizmente, não tivessem feito caso dele. Retrocederam, desta vez já pela Nacional 152 - o mesmo itinerário percorrido por d'Artagnan naquele primeiro capítulo - Por entre rajadas de vento e de chuva, com o Loire correndo à sua direita como uma planície negra e rugidora, o limpa-pára-brisas funcionando constantemente e centenas de pequenos pontos escuros, sombras de chuva, bailando na cara de Corso de cada vez que se cruzavam com outros automóveis. E, por fim, ruas desertas, um bairro antigo com telhados medievais, fachadas com grossas vigas em forma de X ou de cruz: Meung-sur-Loire. Fim do percurso.

- Vai sair - sussurrou La Ponte. Encharcado, a voz tremia de frio. - Porque não entramos já?

Corso espreitou outra vez para dar uma vista de olhos. Liana Taillefer tinha vestido por cima da blusa uma camisola justa que fazia ressaltar a sua anatomia de forma espectacular e agora tirava do armário uma capa escura e comprida, semelhante a um dominó de Carnaval. Viu-a hesitar um instante enquanto olhava em redor, pôr a capa pelos ombros e agarrar de cima da cama a pasta com o manuscrito. Nesse momento reparou na janela aberta, aproximando-se com tenções de a fechar.

Corso estendeu uma mão para o impedir. Houve então um relâmpago quase por

cima da sua cabeça e o clarão iluminou-lhe o rosto molhado pela chuva, a silhueta recortada na janela, a mão estendida à sua frente como se apontasse, acusadora, a mulher paralisada pelo assombro. E Milady soltou um grito selvagem, de terror inaudito, como se tivesse visto o Diabo.
Parou de gritar quando Corso saltou o parapeito e, com as costas da mão, lhe deu uma bofetada que a fez cair em cima da cama, enquanto as folhas manuscritas de O Vinho de Anjou esvoaçavam pelo ar. A mudança de temperatura embaciava os óculos molhados de Corso, que os tirou num gesto brusco, lançando-os para cima da mesa-de-cabeceira antes de se atirar para cima de Liana Taillefer, que tentava chegar à porta e sair para o corredor. Segurou-a primeiro por uma perna e depois pela cintura, em cima da cama, enquanto estrebuchava e esperneava. Era uma mulher forte e perguntou a si mesmo que raio estariam a fazer La Ponte e a rapariga. Enquanto esperava ajuda, tentou imobilizá-la pelos pulsos, afastando a cara onde ela procurava cravar as unhas. Rodaram engalfinhados sobre a colcha, e Corso ficou com uma coxa dela entre as suas, e o nariz enfiado na túrgida abundância de duas mamas enormes que, a curta distância e através da fina camisola de lã, tornaram a parecer-lhe incrivelmente fofas. Sentiu o inequívoco estímulo de uma erecção e praguejou entre dentes, exasperado, enquanto lutava com aquela Milady que tinha ombros de campeã olímpica na modalidade de crawl. Onde estás quando preciso de ti, pensou com amargura. Chegou então La Ponte, sacudindo a água como um cão molhado, disposto a vingar-se da sua vaidade ferida e, sobretudo, da factura do Crillon que lhe queimava a carteira. Aquilo começava a assemelhar-se a um linchamento.
- Suponho que não a vão violar - disse a rapariga.
Estava sentada no parapeito, ainda com o capuz da canadiana enfiado, observando a cena. Liana Taillefer parara de esbracejar, imóvel, com Corso em cima e La Ponte agarrando-a por um braço e uma perna.
- Porcos - disse em voz alta e clara.
- Vagabunda - resmungou La Ponte, sem fôlego por causa da escaramuça.
Depois daquele breve intercâmbio, todos se acalmaram um pouco. Certos de que não podia fugir, deixaram-na sentar-se na cama, ainda aturdida de raiva, esfregando os pulsos enquanto distribuía venenosos olhares por La Ponte e Corso. Este interpôs-se entre ela e a porta. Quanto à rapariga, continuava na janela que fechara atrás de si; deitara para trás o capuz e olhava a viúva Taillefer com um descaramento pleno de curiosidade. La Ponte, depois de enxugar o cabelo e a barba com uma ponta da colcha, começou a apanhar as folhas do manuscrito espalhadas pelo quarto.
- Vamos conversar um pouco - disse Corso. - Como pessoas razoáveis.
Liana Taillefer fulminou-o com o olhar.

- Não temos nada para conversar.
- Engana-se, minha linda senhora. Agora que lhe deitámos a mão, já não me importo de ir à polícia. Ou fala connosco ou explica-se com um gendarme. Escolha.
Viram-na franzir as sobrancelhas, olhando em redor com ar acossado. Parecia um animal que espreitasse a mais ligeira abertura para fugir da armadilha.
- Cuidado! - avisou La Ponte. - Tenho a certeza que está a maquinar qualquer coisa.
Os olhos da mulher eram mortais como agulhas de aço. Corso contraiu a boca, um pouco teatral.
- Liana Taillefer - disse. - Ou talvez devêssemos chamar-lhe Anne de Brieul, condessa de La Fere. Que também usou os nomes de Carlota Backson, baronesa Sheffield e senhora de Winter. Que atraiçoou os seus amigos e os seus amantes. Que foi assassina e envenenadora, além de agente de Richelieu... E mais conhecida pelo seu apelido - fez a pausa conveniente: - Milady.
Interrompeu-se, porque acabava de tropeçar na correia da sua bolsa assomando por baixo da cama. Puxou-a, sem perder de vista nem Liana Taillefer nem a saída para a qual tinha evidente intenção de se lançar logo que lhe dessem oportunidade. Meteu uma mão dentro para verificar o que continha e um suspiro de alívio fez com que todos, inclusivamente a mulher, o olhassem surpreendidos. As Nove Portas, o exemplar de Varo Borja, estava ali, intacto.
- Bingo! - exclamou, mostrando-o aos outros. La Ponte fez uma expressão de triunfo, como se Queequeg tivesse acabado de arpoar a baleia, mas a jovem permaneceu imóvel, sem revelar qualquer emoção, aparentemente uma espectadora indiferente de todo aquele episódio.
Corso devolveu o livro à bolsa. O vento assobiava nas frinchas da janela, onde a rapariga continuava imóvel. De vez em quando, um novo relâmpago recortava-lhe a silhueta. O trovão ribombava logo a seguir, amortecido e surdo, fazendo vibrar os vidros salpicados de chuva.
- Uma noite adequada - disse Corso, olhando a mulher. - Como vê, Milady, não quisemos faltar ao encontro... Vimos dispostos a fazer justiça.
- Em grupo e de noite, como cobardes - replicou ela, cuspindo as palavras com desprezo. - Tal como com a outra. Só falta o carrasco de Lille.
- Cada coisa a seu tempo - declarou La Ponte.
A mulher refizera-se e, pouco a pouco, recuperava segurança. A sua própria alusão ao verdugo não parecia impressioná-la, pois enfrentava os seus olhares, desafiadora.
- Estou a ver - acrescentou - que cada um assumiu bem o seu papel.
- Não deve estranhar isso - respondeu Corso. - Você e os seus cúmplices

revelaram grande esforço e interesse em que assim fosse...
- Curvava a boca num sorriso de lobo cruel, sem humor nem piedade. - E divertimo-nos todos muito.
A mulher comprimiu os lábios. Uma das suas unhas laçadas de vermelho sangue deslizava sobre a colcha. Corso seguiu o movimento, fascinado, como se aquela unha fosse um aguilhão mortal e estremeceu ao pensar que, durante a refrega, lhe passara várias vezes próximo do rosto.
- Não têm direito nenhum - disse ela por fim. - São intrusos.
- Engana-se. Fazemos parte do jogo, como você.
- Um jogo cujas regras ignoram.
- Engana-se outra vez, Milady. A prova é que estamos aqui. - -Corso olhou em redor procurando os óculos, até descobri-los em cima da mesa-de-cabeceira. Pô-los, ajeitando-os com o indicador. - O mais complicado era precisamente isso: aceitar o carácter do jogo; assumir a ficção entrando no enredo e pensar com a mesma lógica que o texto exige, em vez de utilizar a lógica do mundo exterior... Depois é fácil continuar, porque, se, na realidade, há muitas coisas que sucedem por acaso, na ficção quase tudo decorre segundo regras lógicas.
A unha vermelha de Liana Taillefer estava agora imóvel.
- Nos romances também?
- Sobretudo nos romances. Aí, se o protagonista raciocina de acordo com essa lógica interna que é a do criminoso, termina forçosamente por chegar ao mesmo ponto. É por isso que, no fim, acabam sempre por encontrar-se o herói e o traidor, o detective e o assassino.
- Sorriu, satisfeito com o seu raciocínio. - O que acha?
- Óptimo - disse Liana Taillefer com ironia. Também La Ponte fitava Corso com a boca aberta, embora no seu caso a admiração fosse sincera. - Frei William de Baskerville, suponho.
- Não seja superficial, Milady. Esquece Conan Doyle e Allan Poe, por exemplo. E o próprio Dumas... Por momentos julguei-a senhora de leituras mais vastas.
A mulher olhou o caçador de livros fixamente.
- Como vê, está a desperdiçar o seu talento comigo - concluiu, desdenhosa. - Não sou o público adequado.
- Bem sei. Vim precisamente até aqui para que nos leve até ele. - Olhou o relógio de pulso. - Falta pouco mais de uma hora para a primeira segunda-feira de Abril.
- Também gostava de saber como adivinhou isso.
- Não adivinhei. - Voltou-se para a jovem, que comtinuava junto da janela. - Foi ela que me pôs o livro à frente dos olhos... E em matéria de investigação, um livro é melhor do que o mundo exterior: fechado, sem perturbações aborrecidas. Como o laboratório de Sherlock Holmes.

- Pára lá de te exibires, Corso - sugeriu a rapariga com ar enfastiado. - Já a impressionaste o suficiente.
A mulher ergueu uma sobrancelha, olhando-a como se a visse pela primeira vez.
- Quem é?
- Não me diga que não sabe... Nunca a tinha visto antes?
- Nunca. Falaram-me de uma rapariguinha, mas não me disseram de onde tinha saído.
- Quem lhe falou dela?
- Um amigo.
- Alto, moreno, com bigode e uma cicatriz na cara? Com um lábio rebentado?... O bom Rochefort! Gostaria muito de conhecer o seu paradeiro. Não deve estar muito longe... Vocês escolheram dois dignos personagens.
Por qualquer razão, isso alterou a impassibilidade de Liana Taillefer. A unha laçada de vermelho enterrou-se na colcha como se procurasse a carne de Corso e os olhos pareceram descongelar-se com lampejos de raiva.
- Os outros comparsas do romance são, por acaso, melhores?... - Havia desprezo e insultuosa arrogância no modo como Milady ergueu a cabeça para os olhar um a seguir ao outro. - Athos, um bêbado; Porthos, um idiota; Aramis, um hipócrita conspirador...
- É um ponto de vista - admitiu Corso.
- Cale-se. O que sabe dos meus pontos de vista?... - Liana Taillefer fez uma pausa, com o queixo espetado e os olhos cravados em Corso como se agora fosse a vez dele. - Quanto a d'Artagnan - continuou - esse é o pior de todos... Espadachim? Apenas tem quatro duelos em Os Três Mosqueteiros e vence quando Jussac se está a levantar ou quando Bernajoux, num ataque cego, se enfia na sua espada. Na luta com os ingleses, limita-se a desarmar o barão. E precisa de três estocadas para derrubar o conde de Wardes... No que respeita a generosidade - dedicou a La Ponte um depreciativo gesto com o queixo - d'Artagnan ainda é mais tacanho do que este seu amigo. A primeira vez que paga uma rodada geral aos seus amigos é em Inglaterra, depois do caso Monk. Trinta e cinco anos depois.
- Vejo que é uma perita, embora fosse de prever. Todos aqueles folhetins que tanto parecia odiar... Felicito-a. Interpretou na perfeição o seu personagem de viúva farta das extravagâncias do marido.
- Não fingi nada. Era quase tudo papel velho, sem préstimo, medíocre. Tal como o próprio Enrique. O meu marido era um simplório: nunca soube ler entre linhas, separar o ouro da escória... Era um desses parvos que se passeiam pelo mundo, coleccionando fotos de monumentos e sem perceberem nada.
- Não foi o seu caso.

- Claro que não. Sabe quais foram os primeiros livros que li na minha vida? Mulherzinhas e Os Três Mosqueteiros. Ambos me marcaram, à sua maneira.
- Enternece-me.
- Não seja imbecil. Fez perguntas e estou a dar-lhe algumas respostas... Há leitores básicos: o pobre Enrique. E leitores que vão mais longe, que não se resignam ao estereótipo: d'Artagnan valente, Athos cavalheiresco, Porthos bondoso, Aramis fiel... Deixem-me rir! - E o seu riso soou, com efeito, dramático e sinistro como o de Milady. - Não fazem a mínima ideia! Sabe a imagem que conservo de tudo aquilo, a que sempre admirei?... Essa dama loura, leal a si mesma e àquele que escolheu como chefe, lutando sozinha, com os seus próprios recursos, miseravelmente assassinada por quatro heróis de cartão-pedra... E esse filho oculto, órfão, que aparece vinte anos depois! - Inclinou o rosto, sombria, e havia tanto ódio no seu olhar, que Corso esteve quase a retroceder um passo. - Lembro-me da gravura como se a estivesse a ver neste momento: um rio, a noite, os quatro canalhas, ajoelhados mas sem piedade. E, do outro lado, o carrasco que ergue a espada sobre o pescoço nu da mulher...
Um relâmpago iluminou-lhe brutalmente o rosto desfigurado, a carne branca e macia do pescoço, as íris imersas nas trágicas imagens que evocava como se as tivesse alguma vez vivido. Chegou depois a vibração dos vidros, o ribombar do trovão.
- Canalhas! - repetiu em voz baixa, absorta, e Corso ficou sem saber se se referia a ele e aos seus companheiros ou a d'Artagnan e aos seus amigos.
No parapeito, a rapariga remexera na mochila e tinha agora Os Três Mosqueteiros na mão. Procurava uma página com toda a serenidade da sua atitude de espectadora neutral. Quando a encontrou, atirou o livro aberto para cima da cama sem dizer uma palavra. Era a gravura descrita por Liana Taillefer.
- Victa iacet Virtus - murmurou Corso, estremecendo ante a semelhança daquela cena com a oitava gravura de As Nove Portas.
À vista da gravura, a mulher tinha recuperado a calma. Erguia uma sobrancelha, novamente fria, auto-suficiente, irónica.
- É verdade - concordou. - Mas não me vai dizer que é d'Artag-nan que encarna essa virtude. Um gascão oportunista... Para não falar dos seus dotes de sedutor. Em todo o romance, apenas conquista três mulheres, duas delas com mentiras. O seu grande amor é uma pequena burguesa de pés grandes, camareira da rainha. A outra é uma criada inglesa de quem se aproveita miseravelmente. - O riso de Liana Taillefer soou como um insulto. - E o que me diz da sua vida íntima em Vinte Anos depois?... Amancebado com a dona de uma casa de hóspedes para poupar o aluguer... Lindas proezas as do galã, entre criadas, estalajadeiras e serventes!

- Mas d'Artagnan seduz Milady - referiu Corso com malícia.
Um raio de ira quebrou de novo o gelo nos olhos de Liana Taillefer. Se os olhares matassem, o caçador de livros teria caído naquele mesmo instante aniquilado a seus pés.
- Não é ele que o consegue - respondeu a mulher. - Quando o miserável se enfia na sua cama é com mentiras, fazendo-se passar por outro. - Recuperada a frieza, o azul-aço continuava cravado em Corso como uma adaga. - O senhor e ele teriam feito um par perfeito.
La Ponte escutava com profunda atenção; quase podia ouvir-se o ruído do seu cérebro cogitando. De repente, franziu a testa.
- Não me vão dizer que vocês...
Voltou-se para a rapariga em busca de solidariedade; era sempre o último a saber de tudo. Mas ela permanecia impassível, observando-os como se não tivesse nada a ver com tudo aquilo.
- Sou um estúpido - concluiu o livreiro. Dirigiu-se então para a ombreira da janela e começou a dar cabeçadas.
Liana Taillefer olhou-o com desprezo antes de se dirigir a Corso:
- Era indispensável trazê-lo também?
- Sou um estúpido - repetia La Ponte, dando cabeçadas com toda a força.
- Considera-se Athos - explicou Corso à laia de justificação.
- Parece-se mais com Aramis: presumido e enfatuado. Sabiam que faz amor olhando de relance a sombra do seu perfil na parede?
- Não me diga!
- Garanto-lhe.
/La Ponte decidiu-se a deixar em paz a janela. / - Estamos a desviar-nos do assunto - disse, irritado.
- Tens razão - confirmou Corso. - Falávamos da virtude, Milady. Estava a dar-nos lições sobre a matéria em relação a d'Artag-nan e aos amigos.
- E porque não?... Por que hão-de ser mais virtuosos uns ferra-brazes que usam as mulheres, que aceitam dinheiro delas, que apenas pensam em engrandecer-se e fazer fortuna, e não uma Milady que é inteligente e corajosa, que escolhe um chefe, Richelieu, e o serve com lealdade, arriscando a vida por ele?
- E assassina por ele.
- Disse-o ainda há bocado: é a lógica interna da narrativa.
- Interna?... Isso depende do ponto de vista em que nos coloquemos. O seu marido foi morto fora do romance, não dentro. A sua morte foi bem real.
- Está louco, Corso. Ninguém matou o Enrique. Foi ele que se enforcou.
- Victor Fargas também se afogou sozinho?... E ontem à noite, a baronesa Ungern queimou a mão no microondas?

Liana Taillefer voltou-se para La Ponte e depois para a rapariga, esperando que alguém confirmasse o que acabava de ouvir. Pela primeira vez desde que eles entraram pela janela parecia desconcertada.
- De que estão a falar?
- Das nove gravuras correctas - disse Corso. - De As Nove Portas do Reino das Sombras.
Através da janela fechada, por entre o vento e a chuva, chegou o som do relógio de um campanário. Quase ao mesmo tempo, ouviram-se onze badaladas gémeas no interior do edifício, vindas do corredor e escadas.
- Vejo que há mais loucos nesta história - disse Liana Taillefer. Estava pendente da porta. Com a última badalada, ouvira-se ali um ruído e pelos olhos da mulher perpassou um relâmpago de triunfo.
- Cuidado - sussurrou La Ponte sobressaltado, enquanto Corso compreendia por fim o que estava prestes a acontecer. Pelo canto do olho viu a rapariga erguer-se na janela, tensa e alerta, e sentiu o brusco efeito da adrenalina disparando-lhe nas veias.
Todos olharam para a maçaneta da porta. Girava muito lentamente, como nos filmes de mistério.
- Boa-noite - disse Rochefort.
Envergava um impermeável reluzente de chuva, abotoado até ao pescoço, e um chapéu de feltro sob o qual brilhavam os seus olhos escuros e fixos. A cicatriz destacava-se mais clara, em ziguezague, sobre o rosto moreno, cujo aspecto meridional era acentuado pelo farto bigode preto. Permaneceu uns quinze segundos imóvel no umbral da porta aberta, com as mãos nos bolsos do impermeável e um charco de água a formar-se sob os sapatos molhados, sem que ninguém pronunciasse uma palavra.
- Fico contente por te ver - disse por fim Liana Taillefer. O recém-chegado fez um breve gesto afirmativo, sem responder. Ainda sentada na cama, a mulher apontou Corso: - Estavam a tornar-se impertinentes.
- Espero que não exagerassem - respondeu Rochefort. Tinha o mesmo tom educado e sem sotaque definido que Corso recordava da estrada de Sintra. Continuava parado no umbral, os olhos fixos no caçador de livros, como se La Ponte e a rapariga não existissem. O seu lábio inferior ainda estava inchado, com vestígios de mercurocromo e dois pontos de sutura que fechavam a ferida recente. Recordação do cais do Sena, pensou Corso, maldosamente, observando com curiosidade a reacção da jovem. Mas, passado o primeiro momento de surpresa, ela regressava ao seu papel de espectadora só muito vagamente interessada na cena. Sem perder Corso de vista, Rochefort dirigiu-se a Milady.
- Como chegaram até aqui? A mulher fez um gesto vago.

- São uns pequenos espertos. - Depois de passar os olhos sobre La Ponte, deteve-os em Corso. - Pelo menos um deles.
Rochefort concordou de novo com a cabeça. De pálpebras ligeiramente semicerradas, parecia analisar a situação.
- Isto complica as coisas - disse por fim, tirando o chapéu e lançando-o para cima da cama. - Complica-as mesmo muito.
Liana Taillefer estava de acordo. Alisou a saia e, com um profundo suspiro, pôs-se em pé. O movimento fez com que Corso se voltasse um pouco para ela, tenso e indeciso. Então Rochefort tirou uma mão do bolso do impermeável e o caçador de livros deduziu que era canhoto. A descoberta não tinha grande mérito: tratava-se da mão esquerda e segurava um revólver de canhão chato e pequeno, de um azul-pavão escuro, quase negro. Entretanto, Liana Taillefer aproximou-se de La Ponte para lhe tirar o manuscrito Dumas das mãos.
- Repete agora aquilo da vagabunda. - Estava tão próxima dele e olhava-o com tal desprezo que quase lhe cuspiu na cara. - Se tens tomates para isso.
La Ponte não tinha. Era um sobrevivente nato e as suas atitudes de arpoador eram reservadas para momentos de euforia etílica. Portanto, evitou repetir fosse o que fosse.
- Eu ia só a passar por aqui - declarou, conciliador, procurando com os olhos uma bacia para lavar as mãos de tudo aquilo.
- Que faria eu sem ti, Flavio! - exclamou Corso, resignado. O livreiro desculpava-se, com cara de caso:
- Acho que estás a ser injusto. - Franzindo a testa com ar ofendido, foi colocar-se mais perto da rapariga; devia parecer-lhe o local mais seguro do quarto. - Vendo bem, trata-se da tua aventura, Corso... E o que é a morte para um tipo como tu? Nada. Um trâmite. Além disso, pagam-te um balúrdio. E a vida é basicamente desagradável.
Ficou a olhar para o canhão do revólver de Rochefort. Depois, passou : um braço em torno dos ombros da jovem, suspirando, melancólico: - Espero que não te aconteça nada. Mas se acontecer, caber-nos-á a nós a parte mais dura: continuar a viver.
- És um porco. Um traidor. La Ponte olhou-o, magoado.
- Vou fazer de conta que não ouvi isso. Estás muito tenso.
- Claro que estou tenso, meu rato de esgoto!
- Também não vou ouvir isso.
- Filho da puta!
- É como se não te ouvisse, meu velho companheiro. A amizade consiste nestes pequenos pormenores.
- Congratulo-me que mantenham o espírito de equipa - comentou Milady,

cáustica.
Corso reflectia a toda a velocidade, embora reflectir fosse inútil naquele momento. Não havia nenhum exercício mental capaz de arrancar a arma da mão do homem que a empunhava, embora Rochefort não a apontasse para ninguém em especial, arvorando um certo ar de aborrecimento, como se considerasse suficiente mostrá-la para colocar as coisas no seu devido lugar. Por outro lado, se o desejo de ajustar umas contas pendentes com o homem da cicatriz era muito forte, Corso não possuía a violenta destreza técnica exigida para tal. Posto La Ponte de parte, a única esperança de alterar a relação de forças residia na rapariga. Mas, a menos que fosse uma consumadíssima actriz, pouco havia a esperar daquele lado. A esperança extinguiu-se ao primeiro golpe de vista. A suposta Irene Adler sacudira dos ombros o braço de La Ponte para se encostar outra vez à janela, de onde agora os observava com um inexplicável ar distante, absurdamente decidida, na aparência, a manter-se fora do espectáculo.
Liana Taillefer aproximou-se de Rochefort com o manuscrito Dumas nas mãos, muito satisfeita com a sua rápida recuperação. Corso estranhou que não demonstrasse idêntico interesse por As Nove Portas, que continuavam dentro da bolsa de lona, aos pés da cama.
- E agora? - ouviu a mulher perguntar em voz baixa ao outro. Para surpresa de Corso, Rochefort mostrou-se pouco seguro. Movia o revólver de um lado para outro, sem saber para onde apontar. Depois, trocando com Milady um olhar longo e pleno de significados ocultos, tirou a mão direita do bolso e passou-a pela cara, indeciso.
- Não podemos deixá-los aqui - acabou por dizer.
- Nem levá-los - acrescentou ela.
O outro concordou muito lentamente, enquanto o revólver parecia perder a anterior hesitação. Corso verificou que a mão se tornava firme, apontando-lhe o canhão ao estômago. Sentiu crisparem-se-lhe os músculos abdominais ao mesmo tempo que tentava, com sujeito, verbo e predicado, formular um protesto com sintaxe coerente. Apenas emitiu um ruído gutural e ininteligível.
- Não vão matá-lo - exclamou La Ponte, tentando outra vez a sorte para ficar à margem do assunto.
- Flavio - conseguiu articular Corso apesar de ter a boca seca - se me safar desta, juro que te parto a cara. Em mil bocados.
- Só queria ajudar.
- É melhor ajudares a tua mãe a sair da má vida.
- Pronto, pronto! Fecho a boca.
- Pois, feche! - interveio Rochefort, ameaçador. Tinha trocado um último olhar com a Taillefer e, aparentemente, acabava de tomar uma decisão. Fechou a porta

atrás de si sem deixar de seguir Corso com o revólver e guardou a chave no bolso do impermeável. Está tudo perdido, disse para si o caçador de livros, com o sangue batendo nas têmporas e nos pulsos. O tambor de Waterloo ressoava nalgum recanto da sua consciência quando, com a última lucidez que antecede o desespero, se viu a calcular a distância que o separava da pistola e o tempo necessário para a franquear, em que momento soaria o primeiro tiro e em que posição o receberia. As possibilidades de sair com a pele intacta eram mínimas, mas talvez cinco segundos depois se transformassem em inexistentes; e o cornetim tocou a reunir. Última carga com Ney à frente, o bravo entre os bravos, ante os olhos cansados do imperador. Com Rochefort em vez de escoceses cinzentos, mas a verdade é que uma bala era uma bala. Tudo absurdo, disse intimamente no penúltimo segundo antes de passar à acção. E interrogou-se se, naquele contexto, a morte que ia ferir-lhe o peito uma pequena fracção de tempo mais tarde seria real ou irreal e se ia ficar a flutuar no nada ou no Walhalla dos heróis de papel. Oxalá aqueles olhos claros que sentia fixos nas suas costas - o imperador? o Diabo apaixonado? - o estivessem a esperar no crepúsculo para o guiarem até ao outro lado do rio das (sombras.

Então Rochefort fez uma coisa estranha. Ergueu a mão livre pedindo tempo - gesto absurdo naquela altura do caso - enquanto movia o revólver como se fosse guardá-lo no bolso. O gesto durou apenas um instante e a arma voltou de novo à posição anterior, mas o buraco negro do canhão apontava sem grande convicção. E Corso, com o pulso como uma torrente, os músculos tensos e prestes a saltar às cegas, conteve-se, aturdido, ao compreender que não era aquela a hora em que deveria morrer.

Ainda incrédulo, viu Rochefort atravessar o quarto, aproximar-se do telefone e marcar o número da linha exterior antes de discar outro com vários algarismos. Do seu lugar ouvia o som distante da chamada através da linha até que um clique o interrompeu.

- Corso está aqui - disse Rochefort. E ficou calado, aguardando, como se houvesse um silêncio idêntico no outro extremo da linha. O revólver continuava preguiçosamente apontado para um ponto impreciso do espaço. Depois, o homem da cicatriz abanou a cabeça duas vezes, ficou mais um bocado imóvel, ouvindo, e murmurou "está bem" antes de voltar a poisar o auscultador.

- Quer vê-lo - disse a Milady. Voltaram-se ambos para olhar Corso: a mulher, com irritação; Rochefort, preocupado.

- É absurdo - protestou ela.

- Quer vê-lo - repetiu o outro.

Milady encolheu os ombros. Deu uns passos pelo quarto, folheando, irritada, as folhas de O Vinho de Anjou.

- Quanto a nós... - começou a dizer La Ponte.
- O senhor fica aqui - disse Rochefort, apontando-lhe o canhão da arma. Depois, tocou na ferida da boca. - E a rapariga também.
Apesar do lábio rachado, não parecia guardar muita raiva à jovem. Corso julgou notar, inclusivamente, um brilho de curiosidade na forma como a olhava, antes de se voltar para Liana Taillefer e confiar-lhe o revólver.
- Não devem sair daqui.
- Porque não ficas tu?
- Quer que seja eu a levá-lo. É mais seguro.
Milady concordou de má vontade. Saltava à vista que não era aquele o papel que previra desempenhar naquela noite, mas, tal como o seu modelo romanesco, era uma sicária disciplinada. Em troca da arma, entregou a Rochefort o manuscrito Dumas. Depois, observou Corso, inquieta.
- Espero que não te cause problemas.
Rochefort sorriu com tranquilidade, seguro, e tirou do bolso uma navalha automática de grandes dimensões para a fitar, pensativo; parecia que até aquele momento não se tinha lembrado se a tinha ou não consigo. A brancura dos seus dentes contrastava com a pele do rosto sulcado pela cicatriz.
- Não me parece - replicou, guardando a navalha que nem sequer tinha aberto, enquanto dirigia a Corso um gesto simultaneamente amistoso e sinistro. Depois, agarrou no chapéu que estava em cima da cama, fez girar a chave na fechadura e indicou o corredor com uma reverência exagerada, como se agitasse na mão um chapéu emplumado.
- Sua Eminência espera, cavalheiro - disse. E deu uma gargalhada perfeita, breve e seca, de esbirro qualificado.
Antes de sair do quarto, Corso observou a rapariga. Voltara as costas a Milady, que os mantinha a ela e a La Ponte debaixo da mira da pistola, desinteressando-se do que ali se passava. Apoiada à janela, olhava para fora, absorta no vento e na chuva, recortada em contraluz nos relâmpagos que iluminavam a noite.
Saíram para a rua, em plena tempestade. Rochefort metera a capa com o manuscrito Dumas por dentro do impermeável para a proteger da chuva e guiava Corso pelas vielas que conduziam à parte velha da aldeia. Bátegas de água agitavam os ramos das árvores, tamborilando ruidosamente nos charcos e beirais; grossas gotas caíam no cabelo e na cara de Corso. Levantou a gola do sobretudo. A povoação estava às escuras e não se via vivalma; apenas os clarões da tempestade iluminavam as ruas intermitentemente, recortando telhados de edifícios medievais, o perfil sombrio de Rochefort sob a aba gotejante do chapéu, as silhuetas dos dois homens no solo molhado, quebradas em violentos ziguezagues com as descargas eléctricas que ressoavam como trovões diabólicos

ao atingirem, como chicotadas, a agitada corrente do Loire.
- Linda noite - disse Rochefort, voltando-se para Corso de forma a fazer-se ouvir acima do estrondo.
Parecia conhecer bem a povoação. Avançava com segurança, voltando-se um pouco, de vez em quando, para verificar se o companheiro continuava a seu lado. Gesto desnecessário, pois nesse momento Corso tê-lo-ia seguido mesmo até às portas do Inferno, o qual, por outro lado, não punha de forma alguma de parte vir a encontrar no fim de tão funesto percurso. Sucessivamente, os relâmpagos iluminaram um arco medieval, uma ponte sobre um antigo fosso, uma tabuleta de Boulangerie-patisse-rie, uma praça deserta, uma torre cónica e um gradeamento de ferro com uma tabuleta: Chateau de Meung sur Loire. XIIeme-XIeme siècles.
Havia uma janela com luz ao longe, do outro lado do gradeamento, mas Rochefort virou para a direita, e Corso foi atrás dele. Seguiram um troço de muralha coberta de hera até chegarem a determinada portinha semioculta no muro. Então Rochefort puxou de uma chave, uma peça de ferro enorme e antiga, e introduziu-a na fechadura.
- Joana d'Arc utilizou esta porta - disse Rochefort a Corso, enquanto fazia girar a chave e um último relâmpago revelava degraus que desciam para as trevas. No fugaz clarão, Corso pôde ver também o sorriso do outro, os seus olhos escuros brilhando sob a aba do chapéu, a cicatriz lívida na face. Pelo menos, pensou, era um digno adversário: ninguém podia ter nada a reclamar quanto à irrepreensível encenação. Bem contra a vontade, começava a sentir uma confusa simpatia pelo indivíduo, fosse ele quem fosse, capaz de executar com tal aplicação papel tão canalha. Alexandre Dumas ter-se-ia divertido como um garoto com tudo aquilo.
Rochefort empunhava uma pequena lanterna, iluminando a escada comprida e estreita que se perdia em direcção à cave.
- Vá à frente - disse.
Os passos ressoavam nas curvas dos patamares. Passado um instante, Corso estremeceu dentro do sobretudo molhado: um ar frio, com cheiro a fechado e a humidade de séculos, subia até eles. O feixe de luz revelava degraus gastos pelo uso e manchas de água nas abóbadas. A escada terminava num corredor apertado, com grades ferrugentas. Rochefort iluminou por instantes um buraco circular à esquerda.
- Isto são os antigos calaboiços do bispo Thibault d'Aussigny - explicou a Corso.
- Era por aí que atiravam os cadáveres ao Loire. François Villon esteve aqui preso.
E começou a recitar entredentes, em tom zombeteiro:

Ayez pitié, ayez pitié de moi...

Não havia dúvida que era um canalha culto. Com um certo toque didáctico e seguro de si. Corso não foi capaz de decidir se isso melhorava ou piorava a situação, mas havia uma ideia que lhe rondava na cabeça desde que tinham entrado na passagem. Afinal - achou pouca graça à sua própria piada - os perdidos, rio com eles. / O subterrâneo subia agora sob os arcos da abóbada pelos quais escorriam mais regos de humidade. Os olhos brilhantes de uma ratazana materializaram-se no extremo da galeria, desaparecendo depois com um guincho. A lanterna iluminou o desembocar final do Corredor numa sala circular cujo tecto, sustido por arcadas ogivais, se apoiava numa grossa coluna central.
- A cripta - informou Rochefort cada vez mais loquaz, movendo a luz em redor. - Século XII. As mulheres e as crianças refugiavam-se aqui durante os ataques ao castelo.
Muito instrutivo. No entanto, Corso não se encontrava em condições de apreciar a informação do seu extravagante cicerone; estava tenso e alerta, à espreita da ocasião oportuna. Subiam agora por uma escada em caracol, cujas seteiras filtravam estreitos clarões da trovoada que continuava a ribombar do outro lado dos muros.
- Só mais uns metros e chegaremos - comentou Rochefort atrás de si e um pouco mais abaixo; a lanterna iluminava os degraus por entre as pernas de Corso e o tom das suas palavras era conciliador. - E agora que o caso está prestes a acabar - acrescentou - devo dizer-lhe uma coisa: apesar de tudo, o senhor portou-se muito bem. A prova é que chegou até aqui... Espero que não me guarde demasiado rancor pela história do Sena e do Hotel Crillon. São ossos do ofício.
Não precisou de que ofício, mas tanto fazia. É que já Corso se voltava para ele, parando como se fosse responder qualquer coisa ou formular uma pergunta. Era um movimento casual, sem nada de suspeito, ao qual na realidade Rochefort não podia opor qualquer reparo. Talvez por isso não soube reagir quando, no mesmo movimento, Corso se lhe deixou cair em cima, ao mesmo tempo que estendia os braços e as pernas para não ser arrastado pelas escadas abaixo. O caso de Rochefort foi diferente: os degraus eram estreitos, a parede lisa e sem nada a que se agarrar e, além disso, estava longe de esperar o ataque. A lanterna, milagrosamente intacta, iluminou diversos momentos da cena ao cair rolando escada abaixo: Rochefort com os olhos esbugalhados e uma expressão de surpresa na cara, Rochefort de pernas para o ar tentando agarrar-se desesperadamente no vácuo, Rochefort prestes a desaparecer na volta da escada de caracol, o chapéu de Rochefort rolando de degrau em degrau até se deter num deles... E pouco depois, seis ou sete metros mais abaixo, um ruído surdo, uma

espécie de clunc. Ou talvez plaf. A questão é que Corso, que tinha ficado a fazer força com os braços e as pernas abertas de encontro às paredes para não acompanhar o seu adversário em tão incómoda viagem, recuperou de imediato a mobilidade. O coração batia-lhe descompassado enquanto descia os degraus, saltando de três em três. Baixou-se um instante para agarrar a lanterna do chão e chegou finalmente à base da escada onde Rochefort, feito num novelo, começava dolorosamente a mexer-se, sem forças e maltratado.

- Ossos do ofício - precisou Corso, iluminando a sua própria cara com a lanterna para que, do chão, o outro pudesse ver o seu sorriso amistoso. Depois, deu-lhe um pontapé na têmpora, ouvindo a cabeça de Rochefort bater com força de encontro ao primeiro degrau. Levantou o pé para lhe dar outro, para ter a certeza, mas com uma vista de olhos verificou que não era necessário: Rochefort estava com a boca aberta e um fio de sangue saía-lhe por uma orelha. Inclinou-se sobre ele para ver se respirava, comprovou que sim e, depois de lhe abrir o impermeável, começou a revistar-lhe os bolsos, apoderando-se da navalha, de uma carteira com dinheiro, de um Bilhete de Identidade francês e da capa com o manuscrito Dumas, que meteu por baixo do seu sobretudo, entre o cinto e a camisa. Depois, apontou o feixe de luz da lanterna para a escada de caracol e voltou a subir, desta vez até ao fim. Encontrou um patamar com porta de pesadas ferragens e cravos hexagonais, por baixo da qual se filtrava uma réstea de luz, e permaneceu imóvel cerca de meio minuto, tentando recuperar o fôlego e acalmar um pouco o bater do coração. Do outro lado estava a resposta ao enigma e dispôs-se a fazer-lhe frente com os dentes cerrados, numa mão a lanterna e na outra a navalha de Rochefort, que se abriu na palma da sua mão com um ameaçador estalido automático.

E foi assim, de navalha na mão, com o cabelo despenteado e molhado de chuva e os olhos brilhando com uma resolução homicida, que vi Corso entrar na biblioteca.

XV.

CORSO E RICHELIEU

> E eu, que sobre ele forjara um pequeno romance, enganei-me por completo.
> (Souvestre y Allain. Fantomas)

Chegou o momento de localizar o nosso ponto de vista narrativo. Fiel ao velho princípio de que nas histórias de mistério o leitor deve possuir a mesma informação que o protagonista, procurei cingir-me aos factos da óptica de Lucas Corso, excepto em duas ocasiões: o primeiro e o quinto capítulos desta história, onde não tive outro remédio senão fazer a minha própria aparição. Em ambos os casos, como agora me disponho a fazer pela terceira e última vez, recorri à primeira pessoa do pretérito imperfeito por razões de coerência; é absurdo citar-me a mim mesmo como ele, truque publicitário que, embora tenha trazido grandes benefícios de imagem a Caio Júlio César na sua campanha das Gálias, no meu caso teria sido considerado, e com razão, de injustificado pedantismo. Há ainda uma outra causa, talvez relativamente perversa: contar a história à maneira de um Dr. Sheppard face a Poirot parecia-me, mais do que engenhoso - agora já todos fazem essas coisas - , um truque divertido. E, afinal de contas, uma pessoa escreve para se divertir, para viver mais, para gostar de si mesma ou para que os outros gostem. Admito alguns desses propósitos. Citando o velho Eugène Sue, os maus de uma só peça, se me permitem a expressão, são fenómenos muito raros. Isto supondo - e talvez estejamos a supor de mais - que eu seja realmente um malvado.

A questão é que quem isto subscreve, Boris Balkan, estava ali na biblioteca, esperando pelo nosso convidado, e de repente viu entrar Corso de navalha na mão, com um perigoso brilho justiceiro nos olhos. Observei que parecia vir sem escolta e isso inquietou-me um pouco, embora tenha procurado manter a máscara imperturbável estudada para a ocasião. Quanto ao resto, o efeito estava bem planeado: a biblioteca na penumbra, luz de candelabros na mesa em frente da qual me encontrava sentado, um exemplar de Os Três Mosqueteiros nas mãos... Vestia - e era puro acaso no que dizia respeito a Corso, mas encaixava perfeitamente no momento - um jaquetão de veludo vermelho facilmente associável à púrpura cardinalícia.

A minha grande vantagem é que eu esperava o caçador de livros, com ou sem companhia, mas ele não me esperava a mim. Decidi portanto aproveitar o factor surpresa. Aquela navalha na mão, em ameaçadora combinação com a expressão

dos seus olhos, inquietava-me um tanto. Assim, antecipei as palavras aos actos.
- Felicito-o - disse, fechando o livro como se a sua chegada tivesse interrompido a minha leitura. - Foi capaz de seguir o jogo até ao fim.
Ficou a olhar para mim do outro extremo do compartimento, e devo acrescentar que me diverti muito com a incredulidade que lia no seu rosto.
- Jogo? - articulou em voz rouca.
- Sim, jogo. Tensão, dúvida, destreza, habilidade... Acção livre, de acordo com regras obrigatórias, que tem o seu próprio fim em si mesma e é acompanhada por um sentimento de tensão e de alegria de agir de um modo diferente do da vida de todos os dias... - Aquilo não era meu, mas Corso não precisava de saber.
- Parece-lhe uma definição adequada?... Já diz o segundo livro de Samuel: "Que venham as crianças e brinquem perante nós..." As crianças são jogadores e leitores perfeitos: fazem tudo com a maior seriedade. No fundo, o jogo é a única actividade universalmente séria, onde o cepticismo não tem cabimento, não acha?... Por muito incrédula e desprovida de fé que uma pessoa seja, se quer participar não tem outra opção a não ser respeitar as regras. Só quem respeita essas regras, ou pelo menos as conhece e utiliza, pode vencer... Acontece o mesmo quando lemos um livro: é preciso assumir a intriga e os personagens para saborear a história. - Parei, supondo que a avalancha de palavras tivesse tido sobre ele um adequado efeito calmante. - Com certeza que o senhor não veio só. Onde está o outro?
- Rochefort?... - Corso contraía a boca de forma muito pouco simpática. - Teve um acidente.
- Chama-lhe Rochefort?... Tem piada e é adequado. Vejo que é dos que se adaptam às regras naturalmente. Não tenho, aliás, razão para me surpreender.
Corso brindou-o com uma risadinha pouco tranquilizadora.
- Pois olhe que ele parecia surpreendido da última vez que o vi.
- Está a alarmar-me - sorri, cínico; mas a verdade é que estava mesmo alarmado.
- Espero que não tenha acontecido nada de grave.
- Caiu pela escada abaixo.
- O que me diz?!
- O que está a ouvir. Mas tranquilize-se. Quando o deixei, o seu esbirro ainda respirava.
- Ainda bem. - Tentei recompor o sorriso, procurando dissimular a minha preocupação; tudo ultrapassava excessivamente os limites previstos. - Com que então fez um bocadinho de batota?... Muito bem - abri as mãos, magnânimo. - Não se preocupe.
- Eu não me preocupo. Quem se deveria preocupar era o senhor. Fingi não o ter ouvido.

- O importante é chegar - continuei, embora perdendo por instantes o fio à meada. - Em matéria de batota, há ilustres precedentes... Teseu saiu do labirinto devido ao fio de Ariadne, Jasão roubou o velo de ouro graças a Medeia... Os Kauraba ganharam com subterfúgios o jogo de dados do Maabarata, e os aqueus deram xeque-mate aos troianos deslocando um cavalo de madeira... A sua consciência pode ficar descansada.
- Obrigado, mas a minha consciência só a mim diz respeito. Retirou do bolso, dobrada em quatro, a carta de Milady e atirou-a para cima da mesa. Reconheci facilmente a minha própria letra, sempre um tanto rebuscada nas 'maiúsculas. É por ordem minha e por razões de Estado que o portador da presente, etcétera.
- Espero - disse, aproximando o papel da chama de um dos candelabros - que o jogo fosse, no mínimo, divertido.
- Às vezes.
- Ainda bem. - Ambos vimos a carta arder no cinzeiro onde eu a tinha posto. - Quando há literatura pelo meio, o leitor inteligente pode até deliciar-se com a estratégia que o transforma em vítima. E eu sou dos que acreditam que a diversão é um excelente móbil para o jogo, assim como para ler uma história ou para a escrever.
Ergui-me com Os Três Mosqueteiros na mão e dei uns passos pelo compartimento, olhando disfarçadamente o relógio de parede; faltavam ainda vinte longos minutos para as doze. Os dourados das lombadas das antigas encadernações brilhavam, alinhados nas estantes. Contemplei-os por momentos, aparentando ter esquecido Corso, e depois voltei-me para ele.
- Aí os tem. - Fiz um gesto que abarcava toda a biblioteca. - Dir-se-iam quietos e silenciosos mas falam entre si, embora pareçam ignorar-se uns aos outros... Utilizam os autores para comunicar entre eles, tal como o ovo recorre à galinha para produzir outro ovo.
Devolvi Os Três Mosqueteiros à sua estante. Dumas estava em boa companhia: entre Les Pardaillans, de Zevaco e O Cavaleiro do Gibão Amarelo, de Lucus de René. Como era preciso passar tempo, abri este último na primeira página e comecei a ler em voz alta:
Ao baterem as doze da noite em Saint Germain L'Auxerrois, desciam pela Rua de Astruces três cavaleiros embuçados em espessas capas, aparentemente tão seguros de si como o trote dos seus cavalos...
- Primeiras linhas - exclamei. - Sempre essas extraordinárias primeiras linhas... Lembra-se da nossa conversa em relação a Scaramouche?: "Nasceu com o dom do riso..." Há frases iniciais que às vezes marcam uma vida inteira, não acha?... "Canto às armas e ao herói", por exemplo. Nunca praticou esse jogo com alguém da sua confiança?... "Um modesto jovem dirigia-se em pleno Verão...", ou aquela

outra: "Andei durante muito tempo a deitar-me cedo..." E, claro: "A 15 de Maio de 1796, o general Bonaparte fez a sua entrada em Milão".
Corso fez uma careta.
- Está a esquecer-se da que me trouxe até aqui: "Na primeira segunda-feira do mês de Abril de 1625, o burgo de Meung, onde nasceu o autor do Romance da Rosa, parecia estar em tão completa revolução.
- Primeiro capítulo, com efeito - confirmei. - Portou-se muitíssimo bem.
- Foi o que disse Rochefort antes de cair pela escada abaixo.
Fez-se um silêncio, quebrado pelas badaladas do relógio marcando as onze e três quartos. Corso apontou o mostrador:
- Faltam quinze minutos, Balkan.
- Tem razão - assenti; aquele fulano tinha uma intuição diabólica. - Quinze minutos para a primeira segunda-feira de Abril.
Coloquei O Cavaleiro do Gibão Amarelo na respectiva estante e dei uns passos pelo quarto. Corso continuava a observar-me, imóvel, ainda com a navalha na mão.
- Podia guardar isso - sugeri.
Hesitou um segundo antes de fechar a lâmina, guardando-a no bolso sem deixar de me olhar. Esbocei um sorriso de aprovação ao mesmo tempo que voltava a apontar a biblioteca.
- Nunca se está só com um livro por perto, não acha?... - disse, para não estar calado. - Cada página nos lembra um dia passado, revive as/ emoções que o preencheram. Horas felizes assinaladas com giz, sombrias com carvão... Onde estava eu nessa altura? Que príncipe me chamou seu amigo, que mendigo seu irmão?... - Hesitei um pouco, procurando novos termos para engalanar a retórica do tema.
- Que filho da puta seu compadre? - sugeriu Corso.
Fitei-o com olhar de censura. Aquele desmancha-prazeres empenhava-se em estragar o tom elevado que eu pretendia dar à questão.
- Não tem necessidade de ser desagradável.
- Sou como muito bem me apetece, Eminência.
- Detecto uma certa ironia nesse Eminência - respondi, sinceramente picado. - Deduzo que se deixa dominar pelos seus preconceitos... Foi Dumas que transformou Richelieu no malvado que não era, falseando a realidade por razões romanescas... Creio ter-lho explicado a quando do nosso último encontro no café de Madrid.
- Um truque sujo - replicou Corso, sem especificar se falava de Dumas ou de mim.
Ergui um enérgico dedo indicador, disposto a esclarecer as coisas.

- Foi um recurso legítimo - objectei - inspirado pela astúcia e pelo génio do maior romancista que jamais existiu. E, no entanto... - Sorri amargamente, com uma tristeza sincera. - Saint Beuve respeitava-o mas não o aceitava como literato. Victor Hugo, seu amigo, limitava-se a gabar a capacidade revelada por Dumas para a acção dramática, mas nada mais. Era abundante e prolixo, diziam. Com pouco estilo. Acusavam-no de não mergulhar nas angústias do ser humano, de ter falta de subtileza... Falta de subtileza! - Toquei nos volumes de Os Mosqueteiros alinhados na estante. - Concordo com o bom padre Stevenson: não há mais longo, acidentado e belo hino à amizade do que este. Em Vinte Anos depois, os protagonistas reaparecem a princípio um tanto distanciados; são homens maduros, egoístas, com as pequenas mesquinhezas que a vida impõe, militando, inclusivamente, em grupos opostos... Aramis e d'Artagnan mentem e fingem, Porthos receia que lhe peçam dinheiro... Ao marcar encontro na Praça Real, vêm armados, estão dispostos a bater-se. E em Inglaterra, quando a imprudência de Athos os põe a todos em perigo, d'Artagnan recusa-se a apertar-lhe a mão... Em O Visconde de Bragelonne, com a intriga da máscara de ferro, são Aramis e Porthos que enfrentam os seus velhos camaradas... Isso acontece porque estão vivos, porque são personagens contraditórios e humanos. Mas sempre, no momento supremo, a amizade torna a vencer. Grande coisa, a amizade!... Tem amigos, Corso?
- É uma boa pergunta.
- Para mim, a amizade sempre foi encarnada por Porthos na gruta de Locmaria: o gigante prestes a sucumbir sob o rochedo para salvar os companheiros... Lembra-se das suas últimas palavras?
- É demasiado peso.
- Exactamente!
Confesso que quase me emocionei. A maneira daquele jovem descrito por entre o fumo do cachimbo pelo capitão Marlow, Corso era um dos nossos. Mas era também um indivíduo teimoso e rancoroso, que se obstinava em permanecer insensível.
- Você é amante de Liana Taillefer - disse.
- É verdade - admiti, esquecendo com esforço o bom Porthos. - Maravilhosa mulher, não acha? Com as suas manias muito especiais... Formosa e leal como a Milady da história. É curioso! Na literatura existem personagens de ficção com identidade independente, familiares inclusivamente a milhões de pessoas que não leram os livros onde aparecem. Em Inglaterra há três: Sherlock Holmes, Romeu e Robinson. Em Espanha, dois: D. Quixote e D. João. Em França, um D'Artagnan. Mas repare que eu...
- Deixe-se lá de começar outra vez a desconversar, Balkan.

- Não desconverso. Estava até capaz de juntar o nome de Milady ao de d'Artagnan. Uma mulher extraordinária; como Liana, à sua maneira. O marido nunca esteve à sua altura.
- Refere-se a Athos?
- Refiro-me ao pobre Enrique Taillefer.
- Foi por isso que o assassinaram?
Suponho que o meu espanto pareceu sincero. Na realidade, era sincero.
- Enrique assassinado?... Não diga disparates. Enforcou-se. Foi um suicídio. Imagino que, vendo o mundo como via, considerou aquilo uma heróica decisão. Lamentável!
- Não acredito.
/ - É consigo. Mas a sua morte foi a origem de toda esta história e a causa indirecta de você se encontrar aqui.
- Ora conte-me lá isso. Em pormenor.
É um facto que o merecia. Já disse antes que Corso era um dos nossos, embora ele não tivesse consciência do facto. Além disso - olhei o relógio - estavam quase a soar as doze badaladas.
- Tem O Vinho de Anjou?
Fitou-me desconfiado, procurando averiguar as minhas intenções, até que o vi dar-se por vencido. Sem entusiasmo, tirou um pouco da capa de dentro do sobretudo, antes de voltar a escondê-la.
- Excelente - disse. - Agora, siga-me.
Com certeza esperava qualquer passagem dissimulada na biblioteca, com uma armadilha diabólica. Vi-o introduzir a mão no bolso, em busca da navalha.
- Não vai precisar disso - tranquilizei-o.
Mostrou-se pouco convencido, embora não fizesse comentários. Segurei um dos candelabros bem erguido e percorremos o corredor estilo Luís XIII, onde de uma das paredes pendia uma magnífica tapeçaria: Ulisses, com o arco na mão, recém-chegado a Ítaca, Penélope e o cão felizes ao reconhecê-lo, a tertúlia de pretendentes do trono ao fundo, bebendo vinho, sem imaginar o que os espera.
- O castelo é antiquíssimo e cheio de história - expliquei. - Foi saqueado por ingleses, huguenotes, revolucionários... Inclusivamente os Alemães estabeleceram aqui um posto de comando durante a guerra. Estava muito estragado quando foi adquirido pelo seu actual proprietário, um milionário britânico, homem encantador e perfeito cavalheiro, que se encarregou do seu restauro e de mobilá-lo com um gosto extraordinário. Acedeu mesmo a abri-lo ao turismo.
- Então o que faz você aqui? Não são horas de visita.
Deitei uma vista de olhos ao passar junto de uma janela trancada. A tempestade

afastava-se finalmente, mal se distinguindo já os clarões dos relâmpagos para além do Loire, na direcção do Norte.
- Um dia por ano é aberta uma excepção - esclareci. - Afinal, Meung é um lugar especial. Não é em qualquer lugar do mundo que começa um romance como Os Três Mosqueteiros. /
O soalho de madeira rangia sob os nossos passos. Havia uma armadura num ângulo do corredor, uma autêntica armadura do século XVI, e a luz do candelabro arrancava reflexos mates às polidas peças da couraça. Corso passou olhando-a de través, como se houvesse alguém escondido lá dentro.
- O que lhe vou contar é uma longa história, que começou há dez anos - disse. - Em Paris, no leilão de um lote de documentos por catalogar... Eu estava a preparar um livro sobre o romance popular francês do século XIX e caíram-me nas mãos, por acaso, aqueles pacotes poeirentos. Ao revistá-los verifiquei que provinham dos velhos arquivos de Le Siècle. Eram quase tudo provas tipográficas de pouco valor, mas um maço de folhas azuis e brancas atraiu-me a atenção: o texto original, manuscrito por Dumas e Maquet, de Os Três Mosqueteiros. Os sessenta e sete capítulos tal como foram enviados para a imprensa. Alguém, talvez Baudry, o editor do jornal, tinha-os guardado depois das provas compostas, esquecendo-os a seguir...
Abrandei o passo, até parar a meio do corredor. Corso estava muito quieto, e a luz do candelabro que eu segurava na mão iluminava-lhe o rosto de cima para baixo, fazendo bailar sombras escuras nas concavidades das órbitas. Parecia absorto no meu relato, alheio a qualquer outra coisa que pudesse acontecer; desvendar o enigma que o levara até ali era a única coisa que lhe interessava. Mas mantinha a mão direita no bolso da navalha.
- A minha descoberta era de extraordinária importância - continuei, fingindo não reparar naquela mão. - Conhecíamos alguns fragmentos da redacção original graças às notas e aos papéis de Dumas e Maquet, mas não a existência do manuscrito completo... A princípio, pensei tornar pública a descoberta sob a forma de edição fac-similada e anotada, mas deparei com um grave obstáculo moral.
As luzes e as sombras na cara de Corso deslocaram-se um pouco e uma linha escura atravessou-lhe a boca: sorria.
- Não me diga! Obstáculo moral, nesta altura!
Movi o candelabro para apagar-lhe do rosto o sorriso incréduo, mas não consegui.
- Estou a falar muito a sério - protestei, ao mesmo tempo que recomeçava a andar. - Do estudo do manuscrito deduzi que o verdadeiro criador da história era Auguste Maquet... Fora ele a fazer o trabalho de documentação, desenhando o

enredo em grandes traços, e depois Dumas, com o seu génio enorme e o seu talento, insuflara vida naquela matéria-prima, transformando-a numa obra fundamental. Mas isso, que era evidente para mim, podia não o ser tanto para os detractores do autor e da sua obra. - Fiz um gesto com a mão livre para os afastar a todos. Não ia ser eu a atirar pedras contra o meu santuário, e muito menos nestes tempos de mediocridade e falta de imaginação... Tempos em que ninguém admira os prodígios como dantes fazia o público dos folhetins e do teatro, quando assobiava os traidores e aclamava os cavaleiros sem medo e sem mácula.
- Abanei a cabeça, melancólico. - Aplausos que, por infelicidade, já se não fazem ouvir em lugar nenhum, transformados em património exclusivo dos pobres de espírito e das crianças.
Corso ouvia com ar insolente e trocista. Ignoro se partilhava o meu ponto de vista, mas era um fulano rancoroso e negava-se a conceder as minhas explicações o carácter de álibi moral.
- Resumindo - disse - decidiu destruir o manuscrito. Sorri, sobranceiro. Estava a fazer-se esperto.
- Não diga disparates. Decidi uma coisa muito melhor: dar forma a um sonho.
Detiveramo-nos ante a porta fechada do salão. Através dela, chegava até nós um som abafado de música e vozes. Poisei o candelabro sobre uma consola enquanto Corso me observava, novamente desconfiado, perguntando sem dúvida para si mesmo que nova trapaça se esconderia em tudo aquilo. Compreendi que não se apercebia de que estávamos realmente no fim do mistério.
- Permita-me que lhe apresente - disse, abrindo a porta - os membros do Clube Dumas. !
Tinham chegado já quase todos. Os atrasados entravam pelas portas-janelas, abertas para a esplanada do castelo,um salão cheio de gente, fumo de cigarros e rumor de conversas com um fundo de música suave. Em cima da mesa central, coberta com uma toalha de linho branco, encontrava-se disposta uma ceia fria: garrafas de vinho de Anjou, salsichas e presunto de Amiens, ostras de La Rochelle, caixas de charutos Montecristo. Formando grupos, os convidados bebiam ou conversavam em diversos idiomas. Eram quase meia centena, entre homens e mulheres, e verifiquei que Corso tocava nos óculos como se desconfiasse de os ter postos. Alguns dos rostos que via eram sobejamente conhecidos através da imprensa, do cinema e da televisão.
- Surpreendido? - perguntei, espreitando o efeito no seu rosto. Abanou a cabeça em sinal afirmativo, carrancudo e desconcertado.
Vários convidados vieram cumprimentar-me e portanto fui apertando mãos e trocando saudações e piadas. A atmosfera era agradável e cordial. A meu lado, Corso ia avançando com a expressão de quem está prestes a cair da cama e

despertar e isso divertia-me imenso. Inclusivamente, apresentei-o a algumas pessoas com perversa satisfação, vendo-o ter de cumprimentar contra a vontade, pouco seguro do terreno em que se movimentava. O seu aprumo habitual estava em frangalhos e essa era a minha pequena vingança. Afinal, foi ele que veio ter comigo pela primeira vez com O Vinho de Anjou debaixo do braço, empenhado em complicar as coisas.

- Deixem-me apresentar-lhes o Senhor Corso... Bruno Lostia, antiquário milanês. Dê-me licença. Sim, com efeito. Thomas Harvey, conhece?, Harvey Joalheiros: Nova Iorque-Londres-Paris-Roma... E o conde Von Schlossberg: a mais famosa colecção particular de pintura da Europa. Temos de tudo um pouco, como pode ver: um Prémio Nobel venezuelano, um ex-presidente argentino, o príncipe herdeiro de Marrocos... Sabia que o pai dele é um leitor apaixonado de Alexandre Dumas? Olhe quem acaba de chegar. Conhece-o, não é verdade?... Professor de Semiótica em Bolonha... A senhora loura que conversa com ele é Petra Neustadt, a crítica literária mais influente da Europa Central. Naquele grupo, junto da duquesa de Alba, pode ver o financeiro Rudolf Villefoz e o escritor britânico Harold Burgess. Amaya Euskal, do grupo Alpha Press, com o editor mais poderoso dos Estados Unidos, Johan Cross, de O&O Papers, Nova Iorque... E suponho que se lembra de Achille Replinger, livreiro de Paris.

Aquele foi o golpe de misericórdia. Saboreei o seu efeito no rosto transtornado do meu interlocutor, quase chegando a ter pena dele. Replinger tinha na mão um copo vazio e, sob o bigode de mosqueteiro, um sorriso amigável, tal como quando identificava o manuscrito Dumas no seu estabelecimento da Rua Bonaparte. Cumprimentou-me com um forte abraço de urso, antes de bater afectuosamente nas costas do convidado e ir à procura de outro copo, resfolegando como um Porthos rubicundo e jovial.

- Maldição! - sussurrou Corso, inclinando-se para mim num aparte. - O que se passa aqui?

- Já lhe disse que é uma longa história.

- Pois veja se a conta de uma vez!

Tínhamo-nos aproximado da mesa. Servi dois copos de vinho, mas ele recusou o que lhe estendia com um movimento de cabeça.

- Gin - murmurou. - Não há gin?

Indiquei-lhe um móvel-bar no outro extremo do salão e dirigimo-nos para lá, parando três ou quatro vezes pelo caminho para trocar novos cumprimentos: um conhecido realizador de cinema, um milionário libanês, um ministro espanhol do Interior... Corso apoderou-se de uma garrafa de Beefeater e encheu um copo até à borda, engolindo metade de um só trago. Estremeceu ligeiramente e os seus olhos brilharam por trás das lentes - uma partida e a outra intacta - dos óculos.

Segurava a garrafa de encontro ao peito, com medo de a perder.
- Ia contar-me qualquer coisa - disse.
Sugeri a varanda, do lado de fora da porta envidraçada, onde podíamos conversar sem sermos interrompidos, e Corso encheu de novo o copo até cima antes de me seguir. A tempestade tinha parado; sobre a nossa cabeça começavam a despontar as estrelas.
- Sou todo ouvidos - afirmou, bebendo outro grande gole. Apoiei-me na balaustrada ainda húmida da chuva, enquanto molhava os lábios no meu copo de vinho de Anjou.
- A posse do manuscrito de Os Três Mosqueteiros deu-me a ideia - comecei: - Porque não criar uma sociedade literária, uma espécie de clube de admiradores incondicionais dos romances de Alexandre Dumas e dos folhetins clássicos e de aventuras?... Por razões de trabalho, estava já relacionado com diversos candidatos idóneos... - Apontei o salão iluminado. Através das grandes portas envidraçadas viam-se os convidados andar de um lado para outro, conversando animadamente. Um êxito. Aquilo era a prova de que estava certo e não dissimulei o orgulho de autor. - Uma sociedade consagrada a estudar esse tipo de relatos, que recupera autores e obras esquecidas, fomentando a sua reedição e difusão sob uma chancela editorial que talvez lhe seja familiar: Dumas & Co.
- Conheço - confirmou Corso. - Editam em Paris e acabam de publicar Ponson du Terrail completo. O ano passado foi Fantomas... Ignorava que você estivesse metido nisso.
Sorri, satisfeito.
- É a regra: nada de nomes, nada de protagonismos... Como pode ver, o tema é bastante erudito e um pouco infantil ao mesmo tempo; um jogo literário e nostálgico que recupera algumas velhas leituras e nos devolve a nós próprios tal como éramos, com a nossa inocência original. Depois amadurecemos, transformamo-nos em flaubertianos ou stendhalianos, defendemos Faulkner, Lampedusa, Garcia Márquez, Durrell ou Kafka... Tornamo-nos diferentes uns dos outros, muitas vezes até adversários. Mas temos todos um piscar de olho de cumplicidade quando nos referimos a certos autores e livros mágicos que nos fizeram descobrir a literatura sem nos prenderem a dogmas nem nos ensinarem lições erradas. É essa a nossa autêntica pátria comum: relatos fiéis não ao que os homens vêem, mas ao que os homens sonham.
Deixei aquelas palavras no ar e fiz uma pausa, esperando o efeito. Mas Corso limitou-se a erguer o copo de gin para o observar em contraluz. A sua pátria estava ali dentro.
- Isso era dantes - replicou. - Agora, as crianças e os jovens e o raio das pessoas todas são apátridas que vêem televisão.

Neguei com a cabeça, seguro de mim. Tinha precisamente escrito uma coisa a esse respeito no suplemento literário do Abe umas semanas antes.
- Não se convença disso. Mesmo aí, sem saber, avançam seguindo as velhas pegadas. O cinema na televisão, por exemplo, mantém o vínculo com os velhos filmes. Até Indiana Jones é herdeiro de tudo aquilo.
Corso fez um gesto com a cabeça em direcção às portas de vidro iluminadas.
- É possível. Mas estava a falar-me dessas pessoas. Gostava de saber como as... recrutou.
- Não é segredo nenhum - respondi. - Há dez anos que me ocupo de coordenar esta sociedade selecta, o Clube Dumas, que realiza em Meung a sua reunião anual. Pode ver que os membros comparecem com pontualidade ao seu encontro vindos de todos os cantos do planeta. Até o último deles é um leitor de primeira classe...
- De folhetins? Não me faça rir.
- Não tenho a mínima intenção de o fazer rir, Corso. Porque faz essa cara?... Sabe que um romance ou um filme nascidos para o simples consumo se pode transformar numa obra extraordinária: desde Pickwick a Casablanca ou a Goldfinger... Descrições cheias de arquétipos que o público procura para se divertir, consciente ou inconscientemente, com a estratégia das repetições de argumento e as suas pequenas variações; mais com a dispositio do que com a elocutio... Daí que o folhetim ou mesmo a série televisiva mais vulgar se possam transformar em objecto de culto tanto para um público ingénuo como para outro mais exigente. Há quem procure a emoção em Sherlock Holmes arriscando a vida, e outros que preferem o cachimbo, a lupa e esse elementar, meu caro Watson que, imagine, Conan Doyle nunca escreveu. O truque dos esquemas, as suas variações e repetições, é tão velho que até Aristóteles se refere a ele na sua Poética. E, na realidade, o que é uma série televisiva senão uma modalidade actualizada da tragédia clássica, do grande drama romântico ou do romance alexandrino?... Daí que um leitor inteligente possa gozar muito com tudo isso, de uma forma extraordinária. Também há excepções feitas à base de regras.
Julguei que Corso me ouvia interessado, mas vi-o abanar a cabeça como um gladiador que se nega a aceitar o terreno perigoso que um adversário lhe oferece.
- Deixe-se de magistério literário e volte ao seu Clube Dumas - sugeriu, impaciente. - A esse capítulo que andava perdido por aí... Onde está o resto?
- Ali dentro - respondi, olhando para o salão. - Utilizei os sessenta e sete capítulos do manuscrito para organizar a sociedade: um máximo de sessenta e sete membros, cada um com um capítulo como se fosse uma acção nominal. A adjudicação é realizada de acordo com uma rigorosa lista de candidatos e as mudanças na titularidade exigem a aprovação do Conselho Directivo, a que eu

presido... O nome de cada aspirante é rigorosamente discutido antes de ser aprovada a sua admissão.
- Como são transmitidas as acções?
- Não se transmitem de maneira nenhuma. Por falecimento de um dos membros do Clube, ou quando alguém abandona a sociedade, o capítulo correspondente deve regressar ao seio desta. É o Conselho que o adjudica a um novo candidato. Um sócio nunca pode dispor livremente do seu capítulo.
- Foi o que Enrique Taillefer tentou fazer?
- De certa forma. Em princípio, era um candidato ideal. E foi membro exemplar do Clube Dumas até ter infringido as normas.
Corso bebia o resto do gin. Deixou o copo na balaustrada coberta de musgo e ficou durante um bocado calado, com os olhos fixos nas luzes do salão. Por fim, declarou, incrédulo:
- Não é razão para assassinar ninguém - disse em voz baixa; parecia dirigir-se a si mesmo. - E não posso acreditar que toda essa gente. •• - Fitou-me, teimoso. - São conhecidos e respeitáveis, em princípio. Nunca se misturariam com nada desse género.
Reprimi outro gesto de impaciência.
- Creio que você complica extraordinariamente as coisas... Enrique e eu éramos amigos há algum tempo. Unia-nos a fascinação comum por este tipo de textos, embora o seu gosto literário não estivesse à altura do seu entusiasmo... O caso é que o êxito como editor de best-sellers gastronómicos permitia-lhe investir nisso tempo e dinheiro. E, para ser justo, se alguém merecia fazer parte da nossa sociedade era ele. Por isso recomendei a sua admissão. Confesso-lhe que partilhávamos, se não o gosto, pelo menos o interesse.
- Creio lembrar-me que partilhavam mais coisas. Corso recuperara o sorriso sarcástico e isso irritou-me.
- Podia responder que isso não é assunto que lhe diga respeito - repliquei, aborrecido. - Mas quero explicar-lhe tudo... Liana sempre foi uma mulher especial, além de ser muito bonita. E também uma leitora precoce... Sabe que aos dezasseis anos mandou tatuar uma flor-de-lis na anca?... Não o fez no ombro, como Milady de Winter, o seu ídolo, para que nem a família nem as freiras do internato notassem... O que lhe parece?
- Comovedor.
- Não parece muito comovido. Mas garanto-lhe que ela é uma pessoa admirável... A questão é que, bem... tornámo-nos íntimos. Mencionei antes a pátria que, para todo o ser humano, constitui o paraíso perdido da infância, lembra-se?... Pois a pátria de Liana são Os Três Mosqueteiros. Apaixonada pelo mundo descoberto nessas páginas, decidiu casar com Enrique, que conheceu por

acaso numa festa em que passaram a noite trocando frases do romance. Além disso, ele era já um editor riquíssimo nessa época.
- Ou seja: amor à primeira vista - comentou Corso.
- Não sei porque o diz nesse tom. Foi um matrimónio baseado na sinceridade. O que sucede é que, com o correr do tempo, inclusivamente para alguém com a boa disposição da mulher, Enrique era capaz de se transformar num verdadeiro trambolho... Por outro lado, éramos bons amigos e eu visitava-os com frequência. Liana... - Deixei o meu copo junto do seu copo vazio, sobre a balaustrada. - Enfim... É fácil imaginar."
- Claro. Posso imaginar perfeitamente.
- Não me referia a isso. Transformou-se numa excelente colaboradora, até chegar ao ponto de eu apadrinhar o seu ingresso na sociedade, faz agora quatro anos. Tem o capítulo 37, intitulado O Segredo de Milady. Foi ela que o escolheu pessoalmente.
- Porque a pôs no meu encalço?
- Vamos por partes. Nos últimos tempos, Enrique transformara-se numa fonte de problemas. Em vez de se limitar ao rentável negócio das edições gastronómicas, metera-se-lhe na cabeça ser autor de um folhetim. Mas, além do mais, o texto era horroroso. Verdadeiramente infame, acredite. Plagiara com o maior descaramento todos os tópicos do género. Intitulava-se...
- A Mão do Morto.
- Isso mesmo. Nem sequer o título era dele. E, o que é pior, tinha a pretensão inaudita de que Dumas & Co. lho publicasse. É óbvio que me neguei. Aquele aborto nunca teria obtido a aprovação do Conselho. Além disso, Enrique tinha dinheiro de sobra para se editar a si mesmo e foi o que lhe disse.
- Suponho que o aceitou mal. Vi a biblioteca dele.
- Mal?... Isso é um eufemismo. A discussão ocorreu no seu escritório. Ainda o estou a ver erguido nas pontas dos pés, pequeno e rechonchudo, quase a sofrer uma apoplexia e fitando-me com olhos de louco. Foi tudo muito desagradável. Porque tinha consagrado a sua vida a isto. Porque quem era eu para julgar a sua obra. Porque isso competia à posteridade. Porque eu era um crítico parcial e um pedante insuportável. E porque, além disso, andava metido com a mulher... Fiquei estupefacto: ignorava que soubesse. Mas, segundo consta, Liana fala a dormir e, entre insultos e pragas a d'Artagnan e aos seus amigos, a quem com certeza odeia como se realmente os tivesse conhecido, tinha estado a contar a história ao marido... Imagina a minha situação?
- Bem difícil!
- Dificílima! Mas o pior ainda estava para vir. Enrique estava lançado. Disse que, se ele era um escritor medíocre, Dumas também não era grande coisa; sempre se

havia de ver o que teria feito sem Auguste Maquet, a quem explorara miseravelmente; a prova estava nas folhas brancas e azuis de O Vinho de Anjou, guardadas no seu cofre... A nossa discussão subiu de tom. Chamou-me adúltero como insulto, como nos velhos dramas, e eu classifiquei-o como analfabeto, acrescentando comentários mal-intencionados sobre os seus últimos êxitos gastronómico-editoriais. Para terminar, comparei-o com o pasteleiro de Cyrano... "Hei-de vingar-me!", proclamou imitando o tom e o ar do conde de Montecristo. "Vou dar publicidade a toda a fraude montada pelo teu admirado Dumas para dar o seu nome a romances alheios. Vou mostrar o manuscrito e verão como aquele farsante fabricava folhetins. Já agora, vou pôr em causa os estatutos da sociedade, porque o capítulo é meu e vendê-lo-ei a quem muito bem me apetecer. Portanto, põe-te a pau, Boris"...
- Deu-lhe forte!
- Nem sabe de que forma nem até onde chega o despeito de um autor desprezado. De nada valeram os meus protestos; pôs-me na rua. Soube depois por Liana que tinha chamado esse livreiro, La Ponte, para lhe oferecer o manuscrito; deve ter-se considerado astuto e sinuoso como Edmundo Dantes. O que pretendia era desencadear um escândalo sem ser envolvido directamente e mantendo a salvo a sua própria imagem. E foi assim que você entrou na história. Deve compreender o meu sobressalto quando o vi aparecer com O Vinho de Anjou.
- Dissimulou muito bem.
- Tinha razões de sobra. Com Enrique morto, Liana e eu considerávamos o manuscrito perdido.
Observei que Corso procurava no interior do sobretudo até encontrar um cigarro amarrotado. Pendurou-o na boca e deu uns passos pela varanda sem fazer menção de o acender.
- A sua história é absurda - concluiu. - Nenhum Edmundo Dantes se suicidaria antes de saborear a vingança.
Concordei, embora nesse momento me voltasse as costas e não pudesse ver o meu gesto.
- Mas é que ainda se passaram mais coisas - disse. - No dia seguinte ao da nossa conversa, Enrique foi a minha casa numa última tentativa para me convencer... Eu estava farto e não tolero que façam chantagem comigo; portanto, sem ter a consciência exacta do que fazia, desferi-lhe o golpe mortal. O seu folhetim, para além de ser muito mau, deixara-me uma certa sensação familiar quando o lera. Então, quando Enrique me fez a segunda cena, fui à minha biblioteca e procurei um velhíssimo volume de O Romance Popular e Ilustrado, publicação pouco conhecida dos finais do século passado, e abri-o na primeira página do texto

assinado por um tal Amaury de Verona, pode imaginar o tema, intitulado Angelina de Gravaillac, ou a Honra Imaculada.
Quando li em voz alta o primeiro parágrafo, vi Enrique empalidecer como se o espectro da tal Angelina se tivesse erguido da tumba. E era mais ou menos isso. Confiando em que ninguém se lembrasse daquele texto, tinha-o plagiado, copiando-o quase à letra, excepto um capítulo integralmente roubado a> Fernández y González que, no fundo, era o melhor da história... Lamentei não ter a minha máquina fotográfica à mão para lhe tirar uma fotografia quando levou uma mão à testa a fim de exclamar: "Maldição!", mas não o ouvi articular qualquer palavra; apenas uma espécie de resfolegar asmático, como se se estivesse a afogar. Acto contínuo, deu meia-volta, foi para casa e pendurou-se do candeeiro.
Corso voltara-se para mim. Continuava com o cigarro esquecido na boca, sem o acender.
- Depois, as coisas complicaram-se - continuei, convencido que agora começava a acreditar-me. - Você já tinha o manuscrito e o seu amigo La Ponte não estava disposto, em princípio, a desfazer-se dele. Eu não podia andar pessoalmente a fazer de Arsène Lupin; tenho uma reputação a manter. Foi por isso que encarreguei Liana da missão de recuperar o capítulo; aproximava-se a data da reunião anual e era preciso designar um novo membro em substituição de Enrique. Liana, por seu lado, cometeu alguns erros. Primeiro, foi visitá-lo. - Nessa altura tossiquei, pouco à vontade, para não entrar em pormenores. - Depois, quis conquistar as boas graças de La Ponte para que ele recuperasse O Vinho de Anjou, mas ignorava como você pode ser teimoso... O pior é que ela sempre tinha sonhado com uma aventura de acção que a aproximasse da sua heroína; qualquer coisa com muitas armadilhas, amores e perseguições. E este episódio, feito com a matéria dos seus sonhos, proporcionava-lhe a grande oportunidade. Pôs-se portanto em acção, seguindo-lhe o rasto com entusiasmo. "Hei-de trazer-te o manuscrito encadernado na pele desse Corso", prometeu-me... Respondi-lhe que também não devia exagerar, embora reconheça que o erro foi meu: alimentei a sua fantasia, dando rédea solta à Milady que palpitava nela desde que lera Os Mosqueteiros.
- Podia ter lido outra coisa! E Tudo o Vento Levou, por exemplo. Identificando-se com Scarlett O'Hara, andaria a aborrecer o Clark Gable e não eu.
- Devo admitir que se excedeu um pouco. Foi uma pena que levasse o caso tanto a sério.
Corso esfregou a nuca atrás da orelha. Era fácil adivinhar no que estava a pensar: quem tinha levado as coisas realmente a sério fora o outro, o tipo da cicatriz.
- Quem é Rochefort?

- Chama-se Laszlo Nicolavic. É um actor especializado em papéis secundários... Interpretou Rochefort na série que Andreas Frey realizou para a televisão britânica há alguns anos. Na realidade, interpretou quase todos os vilões espadachins conhecidos: Gonzaga em Lagardère, Levasseur em O Capitão Blood, La Tour d'Azyr em Scaramouche, Rupert de Hentzau em O Prisioneiro de Tenda... É um apaixonado pelo género e aspirante a ingressar no Clube Dumas. Liana entusiasmou-se com ele e insistiu em ter a sua colaboração neste caso.
- Pois esse Laszlo também interpretou o seu personagem com muita convicção...
- Receio que sim. E suspeito que pretende acumular méritos para acelerar a sua entrada... Também suspeito que funciona como amante ocasional. - Esbocei um sorriso de homem do mundo, esperando parecer convincente. - Liana é jovem, bonita e apaixonada. Digamos que eu cultivo o seu lado erudito com serenas efusões românticas e Laszlo Nicolavic se ocupa, possivelmente, dos aspectos mais prosaicos da sua impetuosa natureza.
- E o resto?
- Não há muito mais. Nicolavic-Rochefort encarregou-se de descobrir a ocasião propícia para lhe tirar o manuscrito Dumas. Foi por isso que o seguiu de Madrid a Toledo e a Sintra, enquanto Liana se dirigia a Paris, levando La Ponte à laia de recurso para o caso de o outro falhar e você não ser razoável. O resto já sabe: não deixou que lhe tirassem o manuscrito, Milady e Rochefort excederam-se, e isso trouxe-o até aqui. - Reflecti acerca dos factos. - Sabe uma coisa? Pergunto a mim mesmo se, em lugar de Laszlo Nicolavic, não devia propô-lo a si para membro do Clube.
Nem sequer me perguntou se estava a ironizar ou se falava a sério. Tinha tirado os desconjuntados óculos e limpava-os maquinalmente, a milhares de quilómetros dali.
- É tudo? - ouvi-o finalmente perguntar.
- Claro. - Apontei para o salão. - Aí tem a prova. Colocou de novo os óculos e respirou fundo. Não me agradava mesmo nada a expressão do seu rosto.
- E o Delomelanicon?... E a relação de Richelieu com As Nove Portas do Reino das Sombras?... - Aproximou-se mais, espetando-me o dedo no peitilho da camisa até eu me ver obrigado a retroceder um passo. - Considera-me estúpido? Não me vai dizer que ignora a relação entre Dumas e esse livro, o pacto com o Diabo e tudo o resto: o assassínio de Victor Fargas, em Sintra, e o incêndio no andar da baronesa Ungern, em Paris. Foi você pessoalmente quem me denunciou à polícia? E o que me diz do livro oculto em três? Ou das nove estampas gravadas por Lúcifer, reimpressas por Aristide Torchia no seu regresso de Praga com privilégio e autorização dos superiores, e todo esse maldito embróglio...
Deixou sair tudo aquilo como se fosse uma torrente, esticando o queixo com ar

agressivo, o olhar perfurando-me duramente. Retrocedi um pouco mais e fiquei a olhar para ele de boca aberta.
- Enlouqueceu! - protestei, indignado. - Pode explicar-me de que é que está a falar?
Pegara numa caixa de fósforos e acendia o cigarro protegendo a chama no côncavo da mão sem deixar de me observar através do brilho que se reflectia nas lentes. A seguir, contou-me a sua versão do assunto.

Quando acabou de falar ficámos ambos em silêncio. Estávamos encostados na balaustrada húmida, um ao lado do outro, olhando as luzes do salão. O relato de Corso tinha demorado o mesmo tempo que o seu cigarro, cuja beata esmagava no chão com a ponta do sapato.
- Suponho - disse eu - que agora deveria confessar "sim, é verdade" e estender as mãos para que me colocasse as algemas... Espera realmente isso?
Demorou a responder. Ter-se ouvido a si próprio em voz alta não parecia ter reforçado a fé nas suas conclusões.
- No entanto - murmurou - a relação existe.
Observei a sua sombra esguia e escura no chão da varanda. Os rectângulos de luz provenientes do salão recortavam-na nos ladrilhos de mármore, alongando-a para além dos degraus até à escuridão do jardim.
- Receio - concluí - que a sua imaginação lhe tenha pregado uma má partida.
Negou com um lento gesto de cabeça.
- Não imaginei Victor Fargas afogado no lago, nem a baronesa Ungern carbonizada com os seus livros... São coisas que aconteceram. Factos reais. As duas histórias misturam-se uma com a outra.
- Diz muito bem: duas histórias. Talvez só a sua própria íntertex-tualidade as ligue.
- Deixe-se de tecnicismos. Foi esse capítulo de Alexandre Dumas que desencadeou tudo. - Fitou-me, ressentido. - O seu malfadado Clube. Os seus joguinhos.
- Não atire as culpas para cima de mim. Jogar é legítimo. Se em vez de uma história real, isto fosse uma ficção, você, como leitor, seria o principal responsável.
- Não seja absurdo.
- Não estou a ser. Do que acaba de me contar deduzo que, jogando também com os factos e com as suas referências literárias pessoais, elaborou uma teoria e extraiu conclusões erradas... Mas os factos são objectivos e não pode descarregar neles os seus erros pessoais. A história de O Vinho de Anjou e a desse livro misterioso, As Nove Portas, nada têm a ver uma com a outra.

- Vocês fizeram-me crer...
- Nós, e refiro-me a Liana Taillefer, Laszlo Nicolavic e eu próprio, não lhe fizemos crer nada. Foi você que, por sua conta, preencheu os espaços em branco, como se isto fosse um romance construído à base de enganos, e Lucas Corso um leitor que se considerasse esperto... Ninguém lhe disse, em nenhum momento, que as coisas se passavam como você julgava. Por isso, a responsabilidade é toda sua, meu amigo... O verdadeiro culpado é o seu excesso de intertextualidade, de ligação entre demasiadas referências literárias.
- E o que é que eu podia fazer?... Para me movimentar era necessária uma estratégia e não podia ficar quieto, à espera. Em qualquer estratégia, acabamos por elaborar um modelo de adversário que condiciona os passos seguintes... Wellington faz isso pensando que Napoleão pensa que fará isso. E Napoleão...
- Também Napoleão comete o erro de confundir Blucher com Grouchy, porque a estratégia militar implica tantos riscos como a literária... Oiça, Corso: já não há leitores inocentes. Perante um texto, cada um põe em jogo a sua própria perversidade. Um leitor é aquilo que leu antes, mais o cinema e a televisão que viu. A informação fornecida pelo autor acrescentará sempre a sua própria informação. E o perigo reside aí: o excesso de referências pode tê-lo levado a fabricar um adversário errado ou irreal.
- A informação era falsa.
- Não teime. A informação proporcionada por um livro tem de ser objectiva. Talvez possa estar planificada por um autor perverso para o induzir em erro, mas nunca é falsa. É você que faz uma leitura falsa.
Pareceu reflectir, concentrado. Tinha-se deslocado um pouco, apoiando outra vez os cotovelos na balaustrada e voltando o rosto para o jardim mergulhado na sombra.
- Então há outro autor - disse entredentes e em voz muito baixa. Assim permaneceu, imóvel. Passado um bocado, vi que tirava a capa com O Vinho de Anjou de dentro do sobretudo para a colocar ao lado, sobre a pedra coberta de musgo.
- Esta história tem dois autores - insistiu.
- É possível - comentei, ao mesmo tempo que recuperava o manuscrito de Dumas. - E talvez um seja mais perverso do que o outro... Mas o que me diz respeito é o folhetim. Você tem que procurar o romance policial noutro lado.

XVI.

UM RECURSO DE ROMANCE GÓTICO

> Isto é o aborrecido do caso - disse Porthos. - Antigamente não tínhamos de explicar nada. Batíamo-nos porque nos batíamos.
> (A. Dumas. O Visconde de Bragelonne)

Com a nuca apoiada no assento do condutor, Lucas Corso olhou a paisagem. O automóvel estava parado num pequeno desvio junto à estrada, no ponto em que esta descrevia a última curva antes de descer em direcção à cidade. Rodeado por velhas muralhas, o aglomerado de casas flutuava na neblina do rio, suspenso no ar como uma ilhota azulada e fantasmagórica. Era um mundo entre dois mundos, sem luzes nem sombras; um desses amanheceres castelhanos frios e mal definidos, com a primeira claridade do dia recortando telhados, chaminés e campanários para os lados do Nascente.

Quis dar uma vista de olhos ao relógio, mas entrara-lhe água durante o aguaceiro de Meung e tinha o mostrador ilegível e o vidro embaciado. Corso encontrou no retrovisor os seus próprios olhos cansados. Meung-sur-Loire, véspera da primeira segunda-feira de Abril: estavam muito longe e era terça-feira. Tinha sido uma longa viagem de regresso, a ponto de parecerem ter ficado todos para trás no caminho: Balkan, o Clube Dumas, Rochefort, Milady, La Ponte. Sombras de uma história encerrada ao voltar a página; quando o autor deu, ou bateu teclado Qwerty, segunda abaixo, à direita - , um último toque no ponto final. Devolvendo-lhe, com aquele acto arbitrário, a sua simples natureza de linhas escritas em folhas dactilografadas: papel inerte, estranho. Vidas subitamente alheias.

Naquele amanhecer tão semelhante ao despertar de um sonho, com os olhos avermelhados, sujo e com barba de três dias, apenas restava ao caçador de livros a sua velha bolsa com o último exemplar de Nove Portas dentro. E a rapariga. Era o que a ressaca tinha deixado na praia. Ouviu-a gemer ligeiramente a seu lado e voltou-se para a observar. Dormia no assento do lado, com a canadiana por cima e a cabeça no ombro direito de Corso. Respirava suavemente, os lábios entreabertos, agitada por pequenos estremecimentos que de vez em quando a sobressaltavam. Gemia então de novo, muito baixinho, com uma pequena ruga vertical entre as sobrancelhas que lhe dava uma expressão de miúda amuada. Uma mão, descoberta pelo tecido azul, estava voltada para cima, com os dedos semiabertos como se qualquer coisa acabasse de fugir deles ou como se estivesse

à espera.
Corso voltou a pensar em Meung e na viagem. Em Boris Balkan duas noites antes, ao seu lado naquela varanda húmida da chuva recente. Com as páginas de O Vinho de Anjou nas mãos, Richelieu sorrira como um antigo adversário, simultaneamente admirado e compadecido: "Você é um tipo muito especial, meu amigo"... A frase era um último cumprimento, à laia de consolo ou despedida; as únicas palavras com significado, pois o resto consistira numa sugestão para se juntar aos convidados formulada com pouca convicção. Não porque Balkan não quisesse a sua companhia - até se mostrava contrariado ao separar-se dele - mas porque previa de antemão que Corso se recusaria a fazê-lo, permanecendo na varanda como fez, com os cotovelos na balaustrada, só e imóvel durante muito tempo, atento ao som da sua própria derrota. Depois, voltou a si lentamente, olhando em volta para situar o lugar exacto em que se encontrava, antes de se afastar das portas envidraçadas transbordantes de luz e regressar ao hotel sem pressa, caminhando ao acaso pelas ruas escuras. Não voltou a encontrar Rochefort e na hospedaria de Saint Jacques soube que Milady também tinha partido. Saíam ambos da sua vida para regressar às regiões imaginárias de onde tinham emergido, recuperado o seu carácter fictício, tão irresponsáveis como peças de xadrez. Quanto a La Ponte e à rapariga, encontrou-os sem dificuldade. La Ponte não lhe interessava nada, mas tranquilizou-se ao verificar que ela continuava ali; esperara - temera - perdê-la com os outros personagens da história. Agarrou-lhe apressadamente na mão, antes que se esfumasse também no meio do pó da biblioteca do Castelo de Meung, e levou-a até ao carro para grande surpresa de La Ponte, que deixaram para trás no retrovisor, desamparado, invocando inutilmente a sua velha e maltratada amizade; sem entender nada nem se atrever sequer a perguntar, arpoador desacreditado e inútil, pouco fiável, que se abandona à deriva com pão e água para três dias: tente chegar a Batávia, Senhor Blight. Apesar de tudo, no fim da rua, Corso travou o carro e ficou imóvel, com as mãos sobre o volante, olhando o asfalto em frente dos faróis, com os olhos inquisitivos da rapariga fixos no seu perfil. La Ponte também não era um personagem real e, portanto, com um suspiro, fez marcha atrás para recolher o livreiro, que permaneceu sem abrir a boca durante todo o dia e a noite seguintes, até que o deixaram junto de um semáforo numa rua de Madrid. Nem sequer protestou quando Corso lhe comunicou que se despedisse para sempre do manuscrito Dumas. Também não havia muito que dizer.
Olhou para a bolsa de lona entre as pernas da jovem adormecida. É claro que lhe doía aquele sentimento de derrota, incómodo como uma facada na consciência. A certeza de ter jogado de acordo com as regras, legitime certaverit, mas na direcção errada. Com a satisfação do triunfo esfumando-se precisamente no

momento em que este se verificava, incorrecto e parcial. Fictício. Era o mesmo que vencer fantasmas inexistentes, lutar à espadeirada contra o vento ou gritar para o silêncio. Talvez por isso Corso olhasse já há um bocado, desconfiado, a cidade suspensa na neblina, esperando que assentasse os alicerces em terra firme antes de entrar nela.

Sentia no seu ombro a respiração da rapariga, ritmada e suave. Contemplou o pescoço nu por entre as dobras da canadiana; depois, aproximou a mão esquerda até sentir o calor da carne tépida pulsar-lhe nos dedos. Cheirava, como sempre, a pele jovem e a febre. Era fácil percorrer com a imaginação e a memória as linhas alongadas, esbeltas e ondulantes do seu corpo até aos pés descalços, junto das sapatilhas de ténis brancas e da bolsa. Irene Adler. Continuava, inclusivamente, a ignorar como referir-se a ela, mas recordou-a nua na penumbra, a curva das ancas desenhada em contraluz, a boca entreaberta. Incrivelmente bela e silenciosa, absorta na sua própria juventude e, ao mesmo tempo, serena como águas tranquilas, com uma sabedoria de séculos. E dentro daqueles olhos claros que o observavam fixamente da sombra, o reflexo, a imagem escura do próprio Corso no meio de toda a luz roubada ao céu.

Os olhos observavam-no de novo, íris esmeralda entre longas pestanas. A rapariga tinha acordado, mexendo-se sonolenta ao mesmo tempo que se esfregava de encontro ao seu ombro, soerguendo-se por fim, já desperta, olhando em redor até reparar nele.

- Olá, Corso. - A canadiana escorregou-lhe até aos pés. A T-shirt de algodão branco modelava o torso perfeito, flexível, de belíssimo animal jovem. - O que estamos aqui a fazer?

- Esperar. - Apontou a cidade que parecia flutuar na bruma do rio. - Até que seja real.

Ela olhou na mesma direcção, a princípio sem compreender. Depois sorriu lentamente.

- Talvez nunca o venha a ser - disse.

- Então ficaremos aqui. Afinal, não é muito mau lugar... Aqui em cima, com esse estranho mundo irreal a nossos pés. - Voltou-se para a jovem e ficou um bocado calado, antes de continuar: - Tudo te darei se, prostrando-te, me adorares... Não me vais oferecer nada disso?

O sorriso da jovem era cheio de ternura. Inclinou a cabeça, pensativa, e depois ergueu os olhos para sustentar o olhar de Corso:

- Não. Eu sou pobre.

- Sim, eu sei. - Era verdade. Corso sabia sem necessidade de ler na claridade dos seus olhos. - A tua bagagem e aquela carruagem do comboio... É curioso. Sempre acreditei que lá, no fim do arco-íris, possuiriam recursos ilimitados. -

Sorriu como o fio da navalha que conservava no bolso. - O saco de ouro de Peter Schlehmil e tudo o mais.
- Pois enganas-te. - Agora apertava os lábios, obstinada. - Apenas me tenho a mim mesma.
Também era verdade e também Corso o soube desde o princípio. Ela nunca mentiu. Inocente e sábia .ao mesmo tempo, leal e apaixonada rapariguinha à caça de uma sombra.
- Estou a ver. - Fez com a mão um gesto no ar, imitando uma caneta imaginária. - E não me dás nenhum documento para assinar?
- Um documento?
- Sim. Um pacto, como se dizia antigamente. Agora deve ser um contrato com muitas coisas em letra minúscula, não é? Em caso de litígio, as partes deverão submeter-se à jurisdição dos tribunais de... Olha, tem graça: gostava de saber a que tribunal corresponde tudo isto.
- Não sejas absurdo.
- Porque me escolheste a mim?
- Sou livre. - Suspirou com melancolia, como se já tivesse pago pelo seu direito a afirmar aquilo. - E posso escolher. Qualquer pessoa o pode fazer.
Corso procurou nos bolsos do sobretudo até tocar no seu amachucado maço de cigarros. Já só tinha um dentro; tirou-o, ficando a olhá-lo indeciso, sem se decidir a levá-lo à boca e acabando por devolvê-lo ao seu lugar. Talvez precisasse de fumar mais tarde. Tinha quase a certeza.
- Tu sabias tudo desde o princípio - disse. - Eram duas histórias sem qualquer relação; por isso nunca te interessou a variante Dumas... Milady, Rochefort, Richelieu, não passavam para ti de comparsas. Agora compreendo a tua desconcertante passividade; devias aborrecer-te terrivelmente. Ias passando as páginas dos teus Mosqueteiros, deixando-me jogar nas casas erradas...
Ela olhava a cidade velada de bruma azul através do pára-brisas. Iniciou o gesto de erguer a mão para afirmar uma opinião, mas optou por deixá-la cair, como se aquilo que tivesse estado prestes a dizer fosse inútil.
- Não podia fazer mais nada senão acompanhar-te - acabou por responder. - Cada um deve percorrer só determinados caminhos. Nunca ouviste falar de livre arbítrio?... - O seu sorriso era triste. - Alguns pagam um preço muito alto por ele.
- Mas nem sempre te mantiveste à margem. Naquela noite, no cais do Sena... Por que me ajudaste contra Rochefort?
Viu-a tocar na bolsa de lona com o pé nu.
- Pretendia roubar o manuscrito Dumas, mas As Nove Portas também lá estavam dentro. Quis evitar interferências estúpidas. - Encolheu os ombros. - Além disso, não gostei que te batesse.

- E em Sintra? Avisaste-me do que acontecera ao Fargas.
- Claro. O livro estava de permeio.
- E a chave do encontro de Meung...
- Não sabia de nada daquilo; limitei-me a deduzir, partindo do romance.
Corso fez uma expressão desagradável.
- Julgava-vos omniscientes.
- Enganas-te. - Olhava-o agora irritada. - Também não sei porque te diriges a mim no plural. Estou só há muito tempo.
Séculos, teve Corso a certeza. Séculos de solidão; não era possível enganar-se a esse respeito. Tinha-a abraçado nua, perdendo-se na claridade dos seus olhos. Esteve dentro daquele corpo, saboreou a sua pele, sentiu nos lábios a pulsação suave do seu pescoço, ouviu-a gemer docemente, criança assustada ou anjo caído e solitário em busca de calor. E vira-a dormir com os punhos apertados, angustiada por pesadelos de arcanjos louros e reluzentes nas suas armaduras, implacáveis, dogmáticos como o próprio Deus que os fazia marchar a passo de ganso.
Agora, por intermédio dela e demasiado tarde, compreendia bem Nikon, os seus fantasmas e a ânsia desesperada com que tentava agarrar-se à vida. O seu medo, as suas fotos a preto e branco, a tentativa vã para esconjurar as recordações transmitidas pelos genes que tinham sobrevivido a Auschwitz, ao número tatuado na pele da mãe, à Ordem Negra que nunca foi nova mas sim velha como o espírito e a maldição do homem. Porque Deus e o Diabo podiam ser a mesma coisa e cada pessoa a interpretava à sua maneira.
No entanto, tal como no tempo de Nikon, Corso continuou a ser cruel. Era demasiado peso para os seus ombros e não tinha o nobre coração de Porthos.
- Foi essa a tua missão? - perguntou à rapariga. - Proteger As Nove Portas?... Acho que não te vão dar uma medalha.
- És injusto, Corso.
Quase as mesmas palavras. Outra vez Nikon perdida à deriva, pequena e frágil. A quem se agarraria agora de noite para fugir aos pesadelos?
Olhou a jovem. Talvez a lembrança de Nikon fosse a sua condenação particular, mas não estava disposto a assumi-la com resignação. Viu-se de relance no retrovisor: um ricto desanimado e amargo.
- Injusto? Perdemos dois dos três livros. E essas mortes absurdas: Fargas e a baronesa. - Interessavam-lhe pouco, mas carregou ainda mais a expressão. - Podias tê-las evitado.
Negava com a cabeça, muito séria, sem afastar os olhos dos seus.
- Há coisas que não se podem evitar, Corso. Há castelos que devem arder e homens que é preciso enforcar; cães destinados a despedaçarem-se entre si,

virtudes a serem decapitadas, portas que se têm de abrir para que outros passem por elas... - Franziu as sobrancelhas, inclinando a cabeça. - A minha missão, como tu dizes, era assegurar-me de que percorrias o caminho a salvo.
- Pois olha que foi um longo caminho, para acabar no ponto de partida. - Corso apontou para a cidade suspensa na neblina. - E agora devo entrar ali.
- Não deves. Ninguém te obriga. Podes esquecer tudo isto e ir-te embora.
- Sem saber a resposta?
- Sem enfrentar a prova. A resposta está em ti mesmo.
- Que frase tão bonita! Manda pô-la na minha lápide quando eu estiver a arder nos Infernos.
Ela deu-lhe uma pancada no joelho, sem violência, quase amistosa.
- Não sejas idiota, Corso. Mais frequentemente do que julgamos, as coisas são o que queremos que sejam. Incluso o Diabo, que pode adoptar diversas aparências ou essências.
- O remorso, por exemplo.
- É verdade. Mas também o conhecimento e a beleza. - Viu-a olhar de novo para a cidade, preocupada. - Ou o poder e a fortuna.
- De qualquer forma, o resultado final é o mesmo: a condenação. - Repetiu o gesto de assinar no ar um contrato imaginário. - Paga-se com a inocência da alma.
Ela suspirou outra vez.
- Tu já pagaste há algum tempo. Ainda continuas a pagar. É curioso esse hábito de adiar tudo para o fim, à maneira do último acto numa tragédia... Cada um arrasta a sua própria condenação desde o princípio. Quanto ao Diabo, não passa da dor de Deus; a cólera de um ditador apanhado na sua própria armadilha. A história contada do lado dos vencedores.
- Quando foi?
- Há mais tempo do que podes imaginar. E foi muito duro. Lutei cem dias e cem noites sem quartel nem esperança... - Um sorriso suave, apenas perceptível, aflorou-lhe num canto da boca. - Esse é o meu único orgulho, Corso: ter lutado até ao fim. Retrocedi sem voltar as costas, entre outros que também caíam do alto, rouca de gritar a minha coragem, o medo e a fadiga... Vi-me por fim, depois da batalha, caminhando por uma planície desolada, tão só como fria é a eternidade... As vezes ainda encontro uma marca do combate, ou um antigo companheiro que se cruza comigo sem se atrever a levantar os olhos.
- Porquê eu, então? Porque não procuraste no outro grupo, entre os que vencem?... Eu só ganho batalhas à escala de 1:5000.
A jovem voltou-se para o longe, para a distância. O Sol despontava nesse instante e o primeiro raio de luz horizontal cortou a manhã como um traço fino e

avermelhado que incidia directamente no seu olhar. Quando se voltou de novo para Corso, este sentiu uma vertigem ao encarar toda aquela luz reflectida nos olhos verdes.
- Porque a lucidez nunca vence. E nunca valeu a pena seduzir um imbecil.
Aproximou então os lábios e beijou-o muito lentamente, com infinita doçura. Como se tivesse esperado uma eternidade para fazer aquilo.

A neblina começou a dissipar-se lentamente. Dir-se-ia que, finalmente, a cidade suspensa no ar decidira poisar os alicerces em terra. O amanhecer recortava já a ocre e cinzento a mole do alcazar, o campanário da catedral, a ponte de pedra com os pilares mergulhados na água escura do rio, semelhante a uma mão suspeita que se estendesse entre as duas margens.
Corso fez girar a chave na ignição e o automóvel pôs-se em movimento. Deixou-o depois deslizar encosta abaixo pela estrada deserta. A medida que desciam, a luz do Sol nascente ia ficando para trás, lá em cima, retida atrás deles. A cidade aproximava-se pouco a pouco à medida que penetravam, lentamente, no mundo de tons frios e imensa solidão que persistia por entre os últimos vestígios de bruma azulada.
Hesitou um momento antes de atravessar a ponte, parando o automóvel sob o arco de pedra que emoldurava a entrada, com as mãos sobre o volante, a cabeça um pouco inclinada e o queixo inquisitivo: perfil de caçador tenso e alerta. Tirou os óculos e limpou-os desnecessariamente, sem pressa, com os olhos fixos na ponte que agora se transformava num vago caminho de contornos imprecisos, inquietantes. Não quis olhar para a rapariga, embora a sentisse atenta ao mínimo dos seus gestos. Pôs os óculos, ajeitando-os no nariz com o indicador, e a paisagem recuperou contornos mas não ficou com um aspecto mais tranquilizador. Dali, a outra margem parecia distante e sombria; a corrente escura sob os pilares recordava as águas negras do tempo e do Lete. A sensação de perigo era concreta, fina como uma agulha de aço enterrada nos restos daquela noite que se recusava a morrer. Corso sentiu o palpitar do sangue no seu pulso quando colocou a mão direita sobre o manípulo das mudanças. Ainda estás a tempo de dar meia volta, disse para si mesmo. Assim, nada daquilo que aconteceu terá acontecido nunca, e nada do que vai suceder sucederá jamais. Quanto às virtudes práticas do Nunc scio, do Agora sei impresso por Deus ou pelo Diabo, eram muito discutíveis. Contraiu a boca num trejeito. Fosse como fosse, tudo aquilo não passava de conversa. Sabia que daí a alguns minutos se encontraria do outro lado da ponte e do rio. Verbum dimissum custodiai arcanum. Ainda ergueu os olhos para o céu, procurando um arqueiro com ou sem flechas na aljava, antes de engatar a primeira e carregar suavemente no

acelerador.
Fora do carro estava frio e levantou a gola do sobretudo. Sentia os olhos da jovem fixos nas suas costas ao atravessar a rua sem olhar para trás, afastando-se com As Nove Portas debaixo do braço. Ela não se oferecera para o acompanhar e, por qualquer obscura razão, soube que era melhor assim. A casa ocupava quase todo o quarteirão e a sua mole de pedra cinzenta dominava uma estreita praça entre edifícios medievais, a que as janelas e portas fechadas davam a aparência de imóveis comparsas, cegos e mudos. A fachada era de pedra cinzenta, com quatro gárgulas no beiral: um macho caprino, um crocodilo, uma górgona e uma serpente. Havia também uma estrela de David no arco de estilo árabe da entrada, sobre o portão de ferro que dava acesso ao pátio interior e aos dois leões venezianos de mármore junto ao poço com tampa de ferro. Tudo aquilo era familiar ao caçador de livros, mas nunca, até agora, franqueara os seus limites com a apreensão que nesse momento sentia. Veio-lhe à memória uma velha citação: "Talvez os homens que foram acariciados por muitas mulheres atravessem o vale das sombras com a consciência menos inquieta, ou com menos medo"... Era qualquer coisa daquele género, mas talvez ele não tivesse sido suficientemente acariciado: sentia a boca seca e teria vendido a alma por meia garrafa de Bois. Quanto a As Nove Portas, pesava como se em vez de nove gravuras tivesse nove folhas de chumbo.
Quando empurrou o portão, o silêncio permanecia absoluto. Nem sequer as solas dos seus sapatos fizeram o mínimo ruído ao avançarem sobre as lousas de pedra que cobriam o chão do pátio, gastas por passos mortos e chuva de séculos. A escada começava dali, estreita e íngreme, sob uma abóbada de meio ponto no fim da qual se via a porta, pesada e com grossos cravos, escura e fechada: a última porta. Por instantes, Corso piscou o olho ao vazio, a si mesmo, descobrindo o canino de lobo sarcástico, simultaneamente autor involuntário e vítima da sua própria brincadeira ou do seu próprio erro. Um erro cuidadosamente planificado por mão sem escrúpulos, com todas aquelas piruetas de falsa solicitude de cooperação que o instavam a fazer previsões logo refutadas para, no fim, vê-las serem confirmadas pelo próprio texto, como se aquilo fosse um malfadado romance, o que não era o caso. Ou seria?... O certo é que foi a sua imagem real que viu pela última vez na placa de metal polido aparafusada na porta; reflexo deformado englobando um nome e um apelido além de um vulto, o seu, imóvel e recortado na claridade que deixava para trás das costas, no lanço de escadas que descia até ao pátio interior e à rua. Na última paragem de tão estranha viagem para o lado de lá das sombras.
Tocou. Uma, duas, três vezes; sem resposta. A campainha de latão permanecia inerte, sem eco interior quando carregava. Uma das suas mãos, no bolso, tocava

no maço amarrotado com o último cigarro; mas uma vez mais afastou a tentação de levá-lo à boca. Carregou na campainha uma quarta vez. E uma quinta. Depois, fechou o punho para bater com força: duas pancadas, uma a seguir à outra. Então a porta abriu-se. Não com um chiado sinistro, mas silenciosamente, sobre gonzos bem oleados. E, sem golpes espectaculares, da forma mais natural do mundo, Varo Borja estava no umbral.

- Olá, Corso.

Não pareceu surpreendido por vê-lo. Tinha gotas de suor no crânio e na testa e estava por barbear, sem casaco, com as mangas da camisa enroladas até aos cotovelos e o colete desabotoado. A sua expressão era de fadiga, com círculos escuros sob as pálpebras, como se tivesse passado a noite em claro; mas os olhos brilhavam de uma forma especial, febris e intensos. Não perguntou ao seu visitante o que fazia ali àquela hora e quase não mostrou interesse pelo livro que trazia debaixo do braço. Permaneceu um instante imóvel, com o aspecto de quem acaba de ser interrompido num trabalho minucioso ou num sonho e apenas deseja voltar ao que estava a fazer.

Era aquele o homem, e Corso confirmou-o interiormente, vendo materializar-se a sua própria estupidez. Varo Borja, naturalmente: milionário, livreiro internacional, prestigiado bibliófilo e metódico assassino. Com uma curiosidade quase científica, o caçador de livros dedicou-se a analisar o rosto que tinha de novo à sua frente. Tentava agora detectar os traços, os indícios que deviam tê-lo alertado muito antes. Marcas que passaram desapercebidas, traços de loucura, de horror ou de sombra naquela fisionomia vulgar que noutros tempos julgara conhecer. Mas não conseguiu descobrir nada, excepto um olhar febril, isento de curiosidade ou de paixão, perdido em imagens que nada tinham a ver com a inoportuna presença do homem que batia à porta. E, no entanto, Corso trazia debaixo do braço o seu exemplar do livro maldito. E foi ele, Varo Borja, quem à sombra desse mesmo livro, colado aos seus calcanhares como uma serpente criminosa, matou Victor Fargas e a baronesa Ungern. Não apenas para reunir as vinte e sete estampas e combinar as nove correctas, mas também para destruir as pistas, tornando impossível que qualquer outra pessoa resolvesse o enigma criado pelo impressor Torchia. No meio de toda aquela trama, Corso fora o instrumento para confirmar uma hipótese que se revelou correcta: a do livro dividido por três. E também, ao mesmo tempo, o personagem previsto para assumir as consequências policiais da questão. Agora, com perversa homenagem ao seu próprio instinto, lembrou-se da estranha sensação sob as pinturas do tecto na Quinta da Solidão; o sacrifício de Abraão sem vítima alternativa: o bode expiatório era ele.

E é óbvio que era Varo Borja o livreiro que, de seis em seis meses, ia a casa de

Victor Fargas para adquirir um dos seus tesouros. Naquele dia, enquanto Corso visitava o bibliófilo, o outro mantinha-se já à espreita em Sintra, ultimando os pormenores do plano, aguardando a confirmação da sua teoria sobre a necessidade dos três exemplares para resolver o enigma do impressor Torchia. Era a ele que se destinava o recibo inacabado. Por isso Corso não conseguiu localizá-lo ao telefonar para a sua casa de Toledo. Mas mais tarde, naquela mesma noite, antes de ir ao seu último encontro com Fargas, Varo Borja telefonou a Corso para o hotel, simulando uma ligação internacional. O caçador de livros não só tinha confirmado as suas suspeitas como a própria chave do mistério, condenando assim Fargas e a baronesa Ungern. Com amarga certeza, Corso viu encaixarem-se as peças do enigma. Excepto nos aspectos casuais do assunto - as falsas conexões com a história do Clube Dumas - , Varo Borja era a chave que ligava todos os factos inexplicáveis do fio da outra história: a faceta diabólica do problema. Era caso para desatar a rir às gargalhadas se, no fundo, todo aquele enredo tivesse alguma graça.

- Trago o seu livro - disse, mostrando ao outro As Nove Portas. Varo Borja assentiu vagamente, ao mesmo tempo que agarrava no volume sem sequer o olhar. Voltava um pouco a cabeça para um lado, atento a qualquer som que pudesse soar nas suas costas, no interior da casa. Passados uns instantes, fixou Corso novamente e este viu-o pestanejar, admirado por vê-lo ainda ali. i - Já me deu o livro... Que mais quer?

- Receber pelo meu trabalho.

Varo Borja ficou a olhá-lo sem compreender. Era evidente que os seus pensamentos estavam muito longe. Por fim, encolheu os ombros, dando a entender que Corso não era problema seu e dirigiu-se para o interior da casa, deixando-lhe a decisão de fechar a porta, continuar ali ou voltar por onde tinha vindo.

Corso seguiu-o até ao compartimento que comunicava com o corredor e o vestíbulo por uma porta de segurança. As persianas das janelas estavam fechadas para que não entrasse luz de fora e os móveis tinham sido empurrados para o fundo, deixando livre a parte central do chão de mármore negro. Algumas vitrinas de livros estavam abertas. Iluminavam o compartimento centenas de velas quase consumidas. A cera escorria por todos os lados: sobre a mísula da lareira apagada, no chão, em cima dos móveis e dos objectos do quarto. A sua luz era um resplendor avermelhado e trémulo que se agitava a cada corrente de ar ou a cada movimento. Pairava na atmosfera um odor de igreja ou de cripta.

Sempre alheado da presença de Corso, Varo Borja deteve-se no centro do compartimento. Ali, a seus pés, desenhado com giz, havia um círculo aproximadamente de um metro de diâmetro, com um quadrado inscrito e

dividido, por sua vez, em nove quadrados. Rodeavam-no números romanos e estranhos objectos: um bocado de corda, uma clepsidra, uma faca enferrujada, um bracelete de prata em forma de dragão, um anel de ouro, um carvão aceso numa pequena braseira de metal, uma âmpola de vidro, um montinho de terra e uma pedra. Mas havia mais coisas pelo chão, e Corso esboçou uma expressão de desagrado. Muitos dos livros que dias antes admirara alinhados nas vitrinas estavam ali sujos, rasgados, com folhas cobertas de desenhos e sublinhadas, cheias de sinais estranhos, arrancadas e ao abandono. Ardiam velas em cima de vários volumes, deixando cair sobre as capas ou páginas abertas grossos pingos de cera e algumas tinham-se consumido até chamuscar o papel. Entre aqueles restos reconheceu as gravuras de As Nove Portas pertencentes aos exemplares de Victor Fargas e da baronesa Ungern. Estavam misturadas no chão com as outras, também com manchas de cera e enigmáticas anotações.

Corso baixou-se para estudar de perto os despojos, sem querer dar crédito à amplitude do desastre. Uma estampa de As Nove Portas, a número VI, com o enforcado pendurado pelo pé direito em vez do esquerdo, estava meia queimada pela chama agonizante de uma vela. Dois exemplares da VII, um com tabuleiro de xadrez branco e outro com tabuleiro preto estavam junto dos restos desencadernados de um Theatrum diabolicum de 1512. Outra gravura, a I, aparecia por entre as páginas de um De magna imperfectaque opera de Valerio Lorena, incu-nábulo raríssimo que o livreiro exibira dias antes a Corso, mal lhe permitindo tocar-lhe, e que agora estava no chão, deformado e maltratado.

- Não toque em nada - ouviu Varo Borja dizer. Permanecia em frente do círculo, folheando o seu exemplar de As Nove Portas, absorto, com ar de quem não via as páginas mas sim qualquer coisa mais além, no quadrado e no círculo desenhados, ou ainda mais longe: nas profundezas da terra.

Por instantes, Corso permaneceu imóvel, olhando-o como se o visse pela primeira vez. Depois, pôs-se em pé lentamente e, quando o fez, a chama das velas oscilou em seu redor.

- Tanto faz que toque ou não - disse, indicando os livros e papéis espalhados pelo chão. - Depois daquilo que fez...

- Você não sabe nada, Corso. Julga saber, mas não sabe. É ignorante e muito estúpido. É daqueles que atribuem ao caos um carácter casual e ignoram a existência de uma ordem oculta.

- Não me venha com histórias. Deu cabo disto tudo e não tinha o direito de o fazer. Ninguém tem.

- Engana-se. Em primeiro lugar, são os meus livros. E, o que é mais importante, tinham um carácter utilitário. Um valor mais prático do que artístico ou estético... À medida que progredimos no caminho, devemos assegurar-nos de

que ninguém faz o mesmo percurso. Estes livros já cumpriram a sua missão.
- Maldito louco! Enganou-me desde o princípio.
Varo Borja parecia não o ouvir. Estava imóvel, com o último exemplar de As Nove Portas nas mãos, analisando a página correspondente à gravura número I.
- Enganei?... - Quando falou, fê-lo sem afastar os olhos do livro, com um desprezo acentuado pelo facto de nem sequer se dignar olhar para Corso. - Está a conceder a si próprio honra de mais. Aluguei os seus serviços sem lhe confiar as minhas razões nem os meus planos; um servo não tem nada que participar nas decisões de quem lhe paga... Você ia levantar as peças de caça que eu queria apanhar e, ao mesmo tempo, arcar com as consequências técnicas de certos actos inevitáveis. Imagino que, neste momento, tenha as polícias de Portugal e de França no seu rasto.
- E você?
- Eu estou muito longe, a salvo de tudo isso. Dentro em pouco, tudo deixará de ter importância.
Dito o que, perante um Corso estupefacto, arrancou de As Nove Portas a folha com a gravura.
- O que está a fazer?
Varo Borja ia arrancando mais páginas, imperturbável.
- Queimo os meus navios, destruindo as pontes que ficam para trás. E penetro na terra incógnita... - Tinha arrancado as gravuras do livro, uma a uma, até reunir as nove, e olhava-as atentamente. - É uma pena que você não me possa seguir para onde vou... Como reza a quarta estampa, a sorte não é a mesma para todos.
- Onde julga que vai?
O livreiro deixou cair o volume mutilado no meio dos restos que juncavam o chão. Observava as nove gravuras e o círculo, verificando misteriosas correspondências entre este e aquelas.
- Ao encontro de alguém - respondeu, enigmático. - Procurar a pedra que o Grande Arquitecto desprezou e que é a pedra mestra do ângulo, a base da obra filosófica. Do poder. O Diabo, Corso, gosta das metamorfoses: desde o cão preto que acompanhava Fausto até ao falso anjo da luz que tentou vencer a resistência de Santo António. Mas, sobretudo, aborrece-o a estupidez e detesta a monotonia... Se tivesse tempo e paciência, convidá-lo-ia a deitar uma vista de olhos a alguns desses livros que tem a seus pés. Vários citam uma antiga tradição: o advento do Anticristo verificar-se-á na Península Ibérica, numa cidade de três culturas sobrepostas, nas margens de um rio profundo como o talhe de um machado, que é o Tejo.
- É isso que pretende fazer?
- É o que estou prestes a conseguir. O irmão Torchia mostrou-me o caminho:

Tenebris Lux.
Tinha-se inclinado sobre o círculo traçado no chão, dispondo em redor algumas estampas e afastando outras, que atirava para longe, amarfanhadas ou rasgadas. A luz das velas iluminava-lhe o rosto de baixo, dando-lhe um ar espectral, com profundas cavidades negras no lugar das órbitas.
- Espero que tudo se ajuste - murmurou passado um momento; a sua boca era um simples traço de sombra escura. - Os velhos mestres da arte negra, com quem o impressor Torchia aprendeu os arcanos mais terríveis e valiosos, conheciam o percurso para o reino da noite... É o animal uroboro que rodeia o lugar. Compreende? O ouro-boros dos alquimistas gregos: a serpente do frontispício, o círculo mágico, a fonte da sabedoria. O círculo onde tudo se inscreve.
- Quero o meu dinheiro.
Varo Borja parecia não ter ouvido as palavras de Corso.
- Nunca teve curiosidade por estas coisas? - prosseguiu, fitando-o com aquelas fundas órbitas escuras. - Investigar, por exemplo, a constante Diabo-serpente-dragão que, estranhamente, se repete em todos os textos que, desde a Antiguidade, se referem a este assunto?...
Tinha pegado num recipiente de vidro que estava perto do círculo, uma taça cujas asas eram duas serpentes enlaçadas, e levou-o aos lábios para beber uns goles. Corso verificou que o líquido era escuro, quase negro, com o aspecto de um chá muito forte.
- Serpens aut draco qui caudam devorava. - Varo Borja sorriu para o vácuo, limpando a boca com as costas da mão; um rasto escuro ficou nesta e na sua face esquerda. - Custodiam os tesouros: árvore da sabedoria no Paraíso, maçãs das Hespérides, Velo de Ouro... - Falava alheado, ausente, descrevendo um sonho em que estava mergulhado. - São essas serpentes ou dragões que os antigos Egípcios pintavam formando círculo, mordendo a cauda para indicar que provinham de uma mesma coisa e se bastavam a si próprias... Guardiães insones, orgulhosos e sábios; dragões herméticos que matam o indigno e apenas se deixam seduzir por quem lutou de acordo com as regras. Guardiães da palavra perdida: a fórmula mágica que abre os olhos e permite ser igual a Deus.
Corso esticou o queixo. Estava em pé, imóvel e magro dentro do sobretudo, com a luz das velas cavando-lhe as faces por barbear e bailando-lhe por entre as pálpebras semicerradas. Tinha as mãos nos bolsos, uma tocando num maço de tabaco com um único cigarro e a outra segurando uma navalha fechada, ao lado do frasco de gin.
- Já disse que me desse o meu dinheiro. Quero ir-me embora. Havia um tom de ameaça na sua voz, mas era difícil averiguar se
Varo Borja se apercebia disso. Corso viu-o voltar lentamente a si, incomodado.

- Dinheiro?... - Olhava-o com redobrado desprezo. - De que me vem falar, Corso? Não compreende o que está prestes a acontecer?... Tem perante os seus olhos o mistério que milhares de homens sonharam durante séculos... Sabe quantos se deixaram queimar, torturar, despedaçar, por apenas se aproximarem daquilo que está prestes a ver?... Claro que não me pode acompanhar. Limitar-se-á a ficar quieto e a olhar. Mas até o mais vil dos sicários comunga com o triunfo do seu amo.
- Pague-me e vá para o Diabo!
Varo Borja nem sequer lhe dirigiu um olhar. Deslocava-se em redor do círculo, tocando em alguns dos objectos dispostos junto dos números.
- É muito oportuno isso de me mandar para o Diabo. Muito no seu estilo grosseiro. Dedicar-lhe-ia mesmo um sorriso se não estivesse ocupado. Embora você seja ignorante e careça de precisão: será o Diabo que virá ter comigo. - Deteve-se, voltando a cabeça para um dos lados como se já escutasse passos distantes. - E oiço-o chegar.
Falava entredentes, misturando os comentários com estranhas jaculatórias guturais; palavras que às vezes pareciam dirigir-se a Corso e outras a uma terceira presença obscura que estivesse perto deles, nas sombras do compartimento.
- Atravessarás oito portas antes do dragão... Compreende? Oito portas precedem a besta que guarda a palavra, a número nove, que possui o segredo final... O dragão dorme com os olhos abertos e é o Espelho do Conhecimento... Oito estampas mais uma. Ou uma mais oito. Que coincide, e não por acaso, com o número que Juan de Patmos atribui à Besta: o 666.
Corso viu-o ajoelhar-se e escrever números com um bocado de giz sobre o mármore do chão:

666

6 + 6 + 6 = 18

1 - 8

1 + 8 = 9

Depois levantou-se, triunfante. Por um momento, as velas iluminaram-lhe os olhos. Tinha as pupilas muito dilatadas: ingerira com certeza qualquer espécie de droga com o líquido escuro. O preto ocupava a totalidade da íris, fazendo desaparecer a cor, e o branco da córnea tingia-se com a luz avermelhada do

quarto.
- Nove estampas ou nove portas. - De novo a sombra o cobriu como uma máscara. - Que não se podem abrir para qualquer um... Cada porta tem duas chaves, cada estampa fornece um número, um elemento mágico e uma palavra chave, se tudo for estudado à luz da razão, da cabala, da arte oculta, da verdadeira filosofia... Do latim e das suas combinações com o grego e o hebreu.
- Mostrou a Corso uma folha de papel cheia de signos e estranhas correspondências. - Dê uma vista de olhos, se quiser. Você nunca entenderia isto:

Aleph Eis I ONMA Ar
Beth Duo II CIS Terra
Gimel Treis III EM Água
Daleth Tessares IIII EM Ouro
He Pente V OEXE Corda
Vau Es VI CIS Prata
Zayin Epta VII CIS Pedra
Cheth Octo VIII EM Ferro
Teth Ennea VIIII ODED Fogo

Gotas de suor perlavam-lhe a testa e acumulavam-se em redor da boca, como se a chama das velas lhe ardesse também dentro do corpo. Começou a dar a volta ao círculo, atento e com lentidão. Por uma ou duas vezes se deteve, curvando-se para rectificar a posição de qualquer coisa: a faca de ferro enferrujada, o bracelete de prata em forma de dragão.
- Situarás os elementos na pele da serpente... - recitou sem olhar para Corso. Ia seguindo o círculo com o dedo sem contudo lhe tocar. - Os nove elementos colocam-se em redor, no sentido da luz do Levante: da direita para a esquerda.
Corso deu um passo na sua direcção.
- Repito: dê-me o meu dinheiro.
Varo Borja não se perturbou. Virava-lhe as costas, apontando o quadrado inscrito no círculo:
- Engolirá a serpente o selo de Saturno... O selo de Saturno é o mais simples e antigo dos quadrados mágicos: os nove primeiros números colocados dentro de nove casas, numa disposição tal que cada fila, vertical, transversal ou diagonal, dê sempre o mesmo valor ao ser somada.
Baixou-se para escrever com giz nove números dentro do quadrado:

4 9 2

3 5 7

8 1 6

Corso avançou mais um passo. Ao fazê-lo, pisou um papel coberto de algarismos:

412

4 + 9 + 2 = 15
3 + 5 + 7 = 15
8 + 1 + 6 = 15
4 + 3 + 8 = 15
9 + 5 + 1 = 15
2 + 7 + 6 = 15
4 + 5 + 6 = 15
2 + 5 + 8 = 15

Uma vela apagou-se crepitando, consumida sobre o frontispício chamuscado de um De occulta Philosophia de Cornélio Agripa. Varo Borja continuava pendente do círculo e do quadrado. Observava-os com atenção, mantendo os braços cruzados sobre o peito e o queixo inclinado, como um jogador que estudasse o próximo movimento num estranho tabuleiro.
- Há um pormenor - disse, mas já não para Corso e sim para si mesmo; parecia que ouvir-se em voz alta o ajudava a pensar. Algo não previsto pelos Antigos, pelo menos de forma expressa... Somado em qualquer direcção, de cima para baixo, de baixo para cima, da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda, o resultado é 15, mas aplicando as chaves cabalísticas transforma-se também em 1 e 5, números que somados dão 6... E isso encerra cada lado do quadrado mágico na serpente, no dragão ou na Besta, como lhe quisermos chamar.
Corso nem sequer teve necessidade de confirmar a veracidade do cálculo. A prova estava no chão, noutra folha cheia de algarismos e sinais:

411

6 6 6

6 4 9 2 6

6 3 5 7 6

6 8 1 6 6

6 6 6

Varo Borja tinha-se ajoelhado diante do círculo, com o rosto inclinado em cujas gotas de suor se reflectia a luz das velas ardendo em redor. Com outro papel na mão, ia seguindo a ordem das estranhas palavras ali anotadas:
- Abrirás o solo nove vezes, diz o texto de Torchia... Isso pressupõe situar as palavras-chave obtidas em cada casa correspondente ao seu número. Assim, a combinação deve estabelecer-se nesta sequência:

1 ONMAD
2 CIS
3 EM
4 EM
5 OEXE
6 CIS
7 CIS
8 EM
9 ODED

- ...E inscrito na serpente, ou no dragão - apagou os números nas casas do quadrado, substituindo-os pelas palavras correspondentes - fica assim, para vergonha de Deus:

EM ODED CIS
EM OEXE CIS
EM ONMAD CIS

- Tudo está consumado - murmurou Varo Borja ao escrever as últimas letras. Tremia-lhe a mão e uma das gotas de suor escorregou-lhe pela testa até ao nariz, caindo no chão sobre os riscos de giz.
- Basta, segundo o texto de Torchia, que o espelho reflicta o caminho para pronunciar a palavra perdida que traz a luz das trevas... Essas frases estão em latim. Por si sós nada significam, mas contêm no seu interior a essência exacta do Verbum dimissum, a fórmula que faz Satanás aparecer: o nosso antecessor, o

nosso espelho e o nosso cúmplice.
Estava de joelhos no centro do círculo, rodeado pelos sinais, os objectos e as palavras inscritas no quadrado. Tremiam-lhe tanto as mãos que prendeu uma na outra, entrelaçando os dedos sujos de giz e manchados de tinta e cera. Começou a rir como um louco, por entredentes, soberbo e seguro de si. Mas Corso já sabia que não estava louco. Olhou em volta, consciente de que o seu tempo estava a terminar, e fez menção de vencer a distância que o separava do livreiro. Mas não se decidia a atravessar a linha e a juntar-se a ele dentro do círculo.
Varo Borja dirigiu-lhe um olhar maligno, percebendo os seus receios.
- Vamos, Corso. Não quer ler comigo? Tem medo ou já esqueceu o latim?... - As luzes e as sombras alternavam no seu rosto com a maior rapidez, como se o quarto começasse a girar em seu redor; mas o quarto estava quieto. - Não sente curiosidade em saber o que encerram essas palavras?... Nas costas dessa estampa, que aparece por entre as páginas do Valério Lorena, encontrará a tradução. Aplique-lhes o espelho, como ordenam os mestres da arte. Saiba, pelo menos, para que morreram Fargas e a baronesa Ungern.
Corso olhou para o livro, um incunábulo com capas de pergaminho, muito velho e estragado. Depois, baixou-se cautelosamente, como se as páginas encerrassem alguma armadilha mortal, até retirar com a ponta dos dedos a gravura que aparecia do meio delas. Era o I do número Três, o exemplar da baronesa Ungern: três torres em vez de quatro. Nas costas, Varo Borja tinha escrito nove palavras:

OGERTNE EM MISSA
OTREBIL EM MISSA
ONEDNOC EM MISSA

(trata-se da tradução das palavras latinas; a fórmula corresponde à leitura destas palavras ao contrário, por isso o uso do espelho.
Nota da digitalização)

- Coragem, Corso - insistiu, ácida e desagradável, a voz do livreiro. - Você não tem nada a perder... Utilize o espelho.

Com efeito, havia um espelho muito próximo, no chão, no meio da cera derretida de umas velas prestes a apagarem-se. Era uma peça antiga e barroca, de prata, com o punho trabalhado e manchas de velhice na face interna do espelhado. Estava voltado para cima, e Corso reflectia-se nele, muito distante e numa perspectiva estranha, ao fundo de um longo corredor de luz avermelhada e trémula. Imagem e duplo, o herói e o seu infinito cansaço, Bonaparte agonizando

agrilhoado ao seu rochedo de Santa Helena. Nada a perder, dissera Varo Borja. Um mundo desolado e frio, onde os granadeiros de Waterloo eram esqueletos solitários que estavam de guarda em caminhos escuros, esquecidos. Viu-se a si mesmo perante a última porta: tinha a chave na mão, como o eremita da segunda estampa, e a letra Teth enroscava-se-lhe no ombro como uma serpente.

O vidro estalou sob a sola do sapato quando lhe pôs o pé em cima. Fê-lo lentamente, sem violência, e o espelho ao quebrar-se soou com um crepitar. Os fragmentos multiplicavam agora a imagem de Corso em inúmeros pequenos corredores de sombras em cujo final outras tantas réplicas suas permaneciam imóveis, demasiado distantes e irreconhecíveis para que a sua sorte o inquietasse.

- Negra é a escola da noite - ouviu Varo Borja dizer. Continuava ajoelhado no centro do círculo e voltava-lhe as costas, abandonando-o à sua sorte. Corso inclinou-se até uma das velas para aproximar a chama da ponta da folha com a gravura I e as nove palavras invertidas escritas no seu reverso. Depois deixou arder, segurando com os dedos, as torres do castelo, a montada, o rosto do cavaleiro que, voltado para o espectador, aconselhava silêncio. Por fim, deixou cair o último fragmento, transformado em cinzas um segundo mais tarde, vendo-o afastar-se e subir no ar aquecido pelas velas acesas em todo o compartimento. Então penetrou no círculo, aproximando-se de Varo Borja.

- Quero o meu dinheiro. Agora!

O outro ignorava-o, perdido nas sombras que pareciam possuí-lo cada vez mais. De repente, inquieto, preocupado por qualquer coisa, como se a disposição dos objectos no chão não fosse a esperada, inclinou-se para rectificar a posição de alguns deles. Depois, após uma breve hesitação, começou a encadear palavras numa sinistra litania:

- Admai, Aday, Eloy, Agia...

Corso agarrou-o pelo ombro, abanando-o com violência, mas Varo Borja não demonstrou emoção nem receio. Também não tentava defender-se. Continuava a mexer os lábios como um sonâmbulo, ou um mártir que rezasse, alheio ao rugir dos leões ou ao ferro do carrasco.

- Pela última vez: o meu dinheiro!

Era inútil. Apenas encontrou à sua frente uns olhos vazios, poços de escuridão que atravessavam a sua imagem sem a verem, inexpressivos e fixos nos abismos do reino das sombras.

- Zatel, Gebel, Elimi...

Corso, estupefacto, compreendeu que ele invocava os demónios. Imobilizado no meio do seu círculo, alheio a tudo, à sua presença ali e inclusivamente às suas ameaças, aquele indivíduo estava a invocar os diabos pelo seu nome próprio

como se os conhecesse.
- Gamael, Bilet...
Só se interrompeu à primeira pancada: uma bofetada com as costas da mão, projectando-lhe o rosto de encontro ao ombro esquerdo. Os olhos mergulhados em sombras vaguearam para se deterem, por fim, num lugar impreciso do espaço.
- Zaquel, Astarot...
Quando recebeu a segunda pancada, brotava-lhe já um fio de sangue de um dos cantos da boca. Corso retirou com repugnância a mão manchada de vermelho. Era o mesmo que bater em qualquer coisa viscosa e húmida. Respirou fundo duas vezes e entreteve-se a contar dez pulsações do seu coração antes de apertar os dentes, depois os punhos, e bater de novo. Uma golfada de sangue brotou agora da boca desfigurada do livreiro. Continuava a murmurar a sua oração, com um sorriso alucinado, absurdo, de estranho prazer, fixo nos lábios tumefactos. Corso agarrou-o pela gola da camisa para o arrastar brutalmente para fora do círculo, antes de lhe bater de novo. Só então Varo Borja exalou um gemido animal de angústia e dor e, esperneando, escapou-lhe com inesperada energia, arrastando-se de gatas para o círculo. Três vezes foi puxado para fora e três vezes regressou, teimosamente, para o interior. A terceira, um rasto de gotas de sangue caía sobre os sinais e as letras inscritas no selo de Saturno.
- Sic dedo me...
Qualquer coisa não estava bem. A oscilante luz das velas, Corso viu-o deter-se, inseguro, e verificar com um olhar perplexo a disposição de objectos no círculo mágico. Mas a clepsidra deixava cair as suas últimas gotas, e o prazo de que Varo Borja dispunha era, aparentemente, limitado. Voltou a repetir as últimas palavras com mais convicção, tocando em três das nove casas:
- Sic dedo me...
Com um gosto acre na boca, Corso olhou em volta sem esperança, ao mesmo tempo que limpava a mão manchada de vermelho nos lados do sobretudo. Apagaram-se mais velas consumidas por entre cintilações, e o fumo dos pavios calcinados serpenteava em espirais na penumbra avermelhada. Fumo uroboro, pensou com amarga ironia. Depois, dirigiu-se à secretária encostada a um canto juntamente com os outros móveis, afastou os objectos atirando-os ao chão e procurou nas gavetas. Não havia dinheiro, nem sequer um livro de cheques. Nada.
- Sic exeo me...
O livreiro continuava a litania. Lançou um último olhar na sua direcção, fitando o círculo mágico. De joelhos no interior, com o rosto desfigurado e devoto inclinado para o chão, Varo Borja abria a última das nove portas com um sorriso

de deslumbrada felicidade, linha escura e diabólica que lhe atravessava a cara, a boca sangrenta, como o corte desferido por uma faca de noite e sombras.
- Filho da puta - exclamou Corso. E com aquilo deu por rescindido o seu contrato.
Desceu pelas escadas até ao arco de claridade cinzenta recortado no fim dos degraus, sob a abóbada que conduzia ao pátio. Ali, junto da tampa do poço e dos leões de mármore, em frente do portão gradeado que dava para a rua, deteve-se e respirou fundo, saboreando o ar fresco e límpido da manhã. Depois, procurou no sobretudo até encontrar o maço amarrotado e o último cigarro, que meteu na boca sem acender. Ficou assim um bocado, imóvel, enquanto o primeiro raio do Sol nascente, vermelho e horizontal, que deixara para trás ao entrar na cidade, o alcançava deslizando por entre as fachadas de pedra cinzenta da praça para desenhar o ferro forjado do portão sobre o seu rosto, fazendo-o semicerrar os olhos inundados de insónia e fadiga. Depois, o raio de luz aumentou, movendo-se lentamente até invadir o pátio em torno dos leões venezianos, que inclinaram as jubas talhadas em mármore como se recebessem uma carícia, aceitando-a. A mesma claridade, primeiro avermelhada e depois luminosa como uma suspensão de pó de ouro, envolveu Corso. E nesse momento, no topo da escada que deixara para trás, do outro lado da última porta do reino das sombras, lá onde nunca chegaria a luz daquele amanhecer sereno, ressoou um grito. Um uivo desgarrado, inumano, de horror e desespero, no qual dificilmente conseguiu reconhecer a voz de Varo Borja.
Sem se voltar, Corso empurrou o portão e saiu para a rua. Cada passo parecia afastá-lo muito do que ficava para trás das costas, como se desfizesse, no sentido inverso e apenas em segundos, um longo caminho que demorara demasiado tempo a percorrer.
Deteve-se no meio da praça, deslumbrado, envolto na atmosfera luminosa daquele sol que o cegava. A rapariga continuava dentro do carro, e o caçador de livros estremeceu com uma alegria egoísta, profunda, ao verificar que não se desvanecera com o findar da noite. Então viu-a sorrir cheia de ternura, incrivelmente jovem e bela, com o cabelo de rapazinho, a pele tisnada, os olhos tranquilos fixos nele, aguardando. E toda a claridade dourada, perfeita, reflectida pelo verde líquido dos seus olhos, a luz ante a qual retrocediam os recantos escuros da cidade antiga, as silhuetas dos campanários e os arcos ogivais da praça, parecia irradiar daquele sorriso quando Corso avançou ao seu encontro. Fê-lo com os olhos no chão, resignado, disposto a despedir-se da sua própria sombra. Mas não tinha sombra sob os pés.
Lá atrás, na casa custodiada por quatro gárgulas no beiral, Varo Borja já não gritava. Ou talvez o fizesse nalgum lugar escuro, demasiado distante para que o

som chegasse até à rua. Nunc scio: agora sei. Corso perguntou intimamente se os irmãos Ceniza teriam usado resina ou madeira para infiltrar a ilustração perdida - o capricho de uma criança, a barbárie de um coleccionador - no número Um. Embora, ao recordar as suas mãos pálidas e hábeis, se inclinasse mais para a segunda hipótese: gravada em madeira, reproduzida com certeza a partir da Bibliografia de Mateu. Por isso as contas não batiam certas a Varo Borja: nos três exemplares, a última gravura era falsa. Ceniza sculpsit. Por amor à arte.

Ria por entre dentes, como um lobo cruel, quando inclinou a cabeça para acender o último cigarro. Os livros podem pregar esse género de partidas, pensou. E cada qual tem o Diabo que merece.

La Navata. Abril de 1993.

[1] Ceniza - cinza (N. T.).

Table of Contents

I.
II.
III.
IV.
V.
VI.
VII.
VIII.
IX.
X.
XI.
XII.
XIII.
XIV.
XV.
XVI.

Table of Contents

I.
II.
III.
IV.
V.
VI.
VII.
VIII.
IX.
X.
XI.
XII.
XIII.
XIV.
XV.
XVI.